O ORIENTE.

Jozé Coelho del. — J. V. Praz sculp.

JOZE AGOSTINHO DE MACEDO

O ORIENTE

POEMA EPICO

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

1827.

O ORIENTE

POEMA EPICO

DE

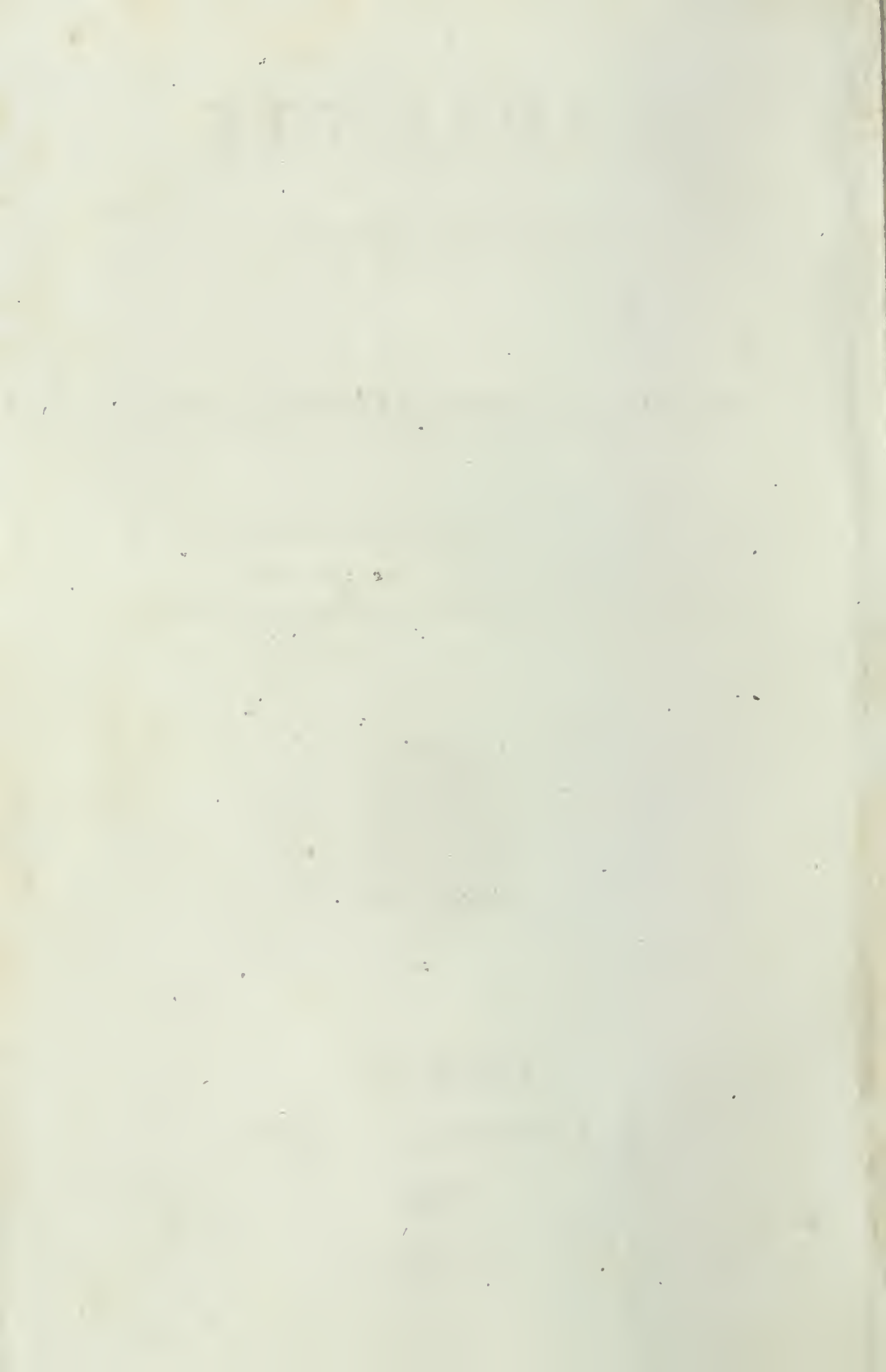
JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

Plus ultra.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

1827.

Com Licença.

OS EDITORES.

Hum Poema Epico de acabada perfeição, he a producção mais difficultosa do engenho humano. Apontão-se defeitos na Illiada, na Odissêa, na Eneida: apontárão-se na Jerusalem, quando passou pelo rigoroso exame da Academia da Crusca. Os Discursos de Adisson não salvão da Censura o Paraiso Perdido. Todos os empenhos do Partido Filosofante não podérão defender a Henriade da severa, e illustrada Critica de Freron, e Beaumelle. Os auctores destes entre todos mais distinctos Poemas são grandes homens; mas são homens: e querer a extrema perfeição em suas obras, he querer o que se não compadece com a natureza humana.

Se o Oriente depois das longas fadigas, applicaçoens, e cuidados de seu auctor, continuados por muitos annos, se julgar ainda distante do que se chama = Bello ideal = seu auctor era homem. Ligou-se nelle a Natureza, e Arte; e posto que amigavelmente se conjurem, nem assim mesmo bastão, pa-

ra que todos os defeitos se evitem. Offender-se com poucas manchas, onde se descobrem, e derramão muitas luzes, talvez seja mais refinada malignidade, que luminosa Censura.

PREFACIO.

Busca-se o Egypto no mesmo Egypto, e não se encontra: entre dispersas ruinas apenas se divisão debeis vestigios de sua grandeza, e esvaecida gloria. Turcos indoutos, e ferozes; Arabes vagabundos, e crueis, occupão, e pizão o domicilio das Artes, o berço das Sciencias; mas contra o ferreo Imperio dos seculos, e barbaridade dos homens, levanta ainda a maior Pyramide a soberba cuspide, pela mais alta região dos ares, e nos faz acreditar verdadeiro, o que na Historia nos parece fabuloso. A immensa Thebas com cem portas, em seus levantados muros: Memphis, ou hum grande Reino, em huma só Cidade: o receptaculo artificial do Nilo, ou o Lago Meris, com quarenta legoas de circumferencia: o Templo de Sérapis com o ambito, e magestade de Palmira: a Pyramide, que existe ainda, nos diz, que tudo isto verdadeiramente existira.

Onde está Portugal? Onde só existe o Egypto, nas ruinas, e na Historia. A acção

de Vasco da Gama eternizada, como a maior Pyramide, neste Canto, que deixarão intacto as azas dos seculos, que sobre elle voarem, conservará como presentes aquelles prodigios, aquella grandeza, aquella espantosa magnificencia, aquelle desmedido imperio, aquella poderosa magestade, que não tem exemplo, ou parece huma Fabula nos Annaes do Mundo.

Á NAÇÃO PORTUGUEZA
DEDICATORIA
FEITA POR
JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO
NO POEMA ORIENTE,
IMPRESSO EM O ANNO DE 1814.

Se as armas, e se as letras forão as bases solidas, e seguras, sobre que se alevantou a gloria, e o nome desses Imperios, que o tempo escondêo, e encobrio a nossos olhos debaixo das sombrias, e pezadas azas dos seculos; sobre estes alicerces, ó Grande, e Illustre Nação, tambem se alevanta o teu nome, e se dilata em giro eterno o vôo da tua merecida, e sustentada fama. Vive ainda a memoria d'Athenas; e quem a salva do pélago do esquecimento, a que o Destino condemna as obras dos mortaes, são os monumentos, que á Immortalidade alevantárão Themistocles, e Focião com suas armas; Sócrates, e Aristides com suas virtudes; Platão, Aristoteles, Epicuro com seus estudos; Eschines, e Demósthenes com sua

Eloquencia; Thucidides, e Herodoto com seus Annaes; com seu universal saber, e doutrina o Grande Plutarco; e com seus harmoniosos cantos Homero, Euripides, Pindaro, e Anacreonte. Vai como segura da Immortalidade sobre a grã roda dos seculos ainda a Augusta Roma, e lhe asseguräo estes Fados immortaes Scipião, Cezar, Pompeo, e Mario com sua militar pericia, e esforçado animo, que parece não ter cabido nos confins da Terra conhecida; Tito Livio com sua Historia, verdadeira rival da grandeza Romana; Marco Tullio com sua sublime Filosofia, doutrina, e fulminante Eloquencia; Tacito com sua Politica, e Filosofia, que, se outras provas não houverão da grandeza do engenho humano, bastarião seus Annaes, e Historias para conhecermos a elevação, e nobreza de nosso Ser; e com suas harmoniosas canções, vencedoras das Harpas, e Trombetas Gregas, Estacio, Virgilio, Horacio, Lucrecio, e o facundissimo Ovidio, assim como com sua pura Moral Lucio Aneo Seneca, e Marco Aurelio. Ninguem se lembraria agora de Grecia, ou de Roma, se não existíra o nome de tão

grandes Varões com seus illustres feitos, e seus polidissimos, e eloquentissimos escriptos. E porque não direi eu que sobre estes fundamentos se deve erguer immortal, e perenne a tua memoria, ó grande, ó respeitavel Nação Portugueza? Nasceste, e cresceste por armas, e conquistas; dilataste com tua espada os confins de teu desmedido Imperio, e com ella te foste lavrar a corôa de finissimo ouro, que ainda até hoje sem se debotar te cinge a frente na Europa, na Azia, na Africa, e na America, e t'a cingiria n'outros Mundos, se mais houvera onde levasses, como levaste ao conhecido, a fama de teu nome, e a victoriosa marcha das tuas armas. Não adiantou tanto suas conquistas a Macedonia, não sahirão do Mediterraneo as navegações d'Athenas, nem podérão voar além dos Tropicos as tuas orgulhosas, e devastadoras Aguias, ó soberba Roma. Teu Scipião conquistou Carthago, teu Mario os Cimbros, teu Cezar as Gallias, teu Pompeo o Egypto, teu Crasso não passou da Persia, e teu Germanico não chegou ás ribeiras do Elba: e tu, grande Nação, chegaste aos limites, e confins da Ter-

ra. Onde se aperta o Erithreo, onde se empola, e se arrebata o Indo, onde se esconde o Nilo, onde se espraia o Ganges, onde se precipita o Mécon, onde espuma, e sôa o Comboja, onde se dilata o Amazonas, onde se accende o Equador, onde se congela o Antartico, onde se tempéra, e amacia o Cancro, onde se fertiliza o Indostão, onde se embalsama Ceilão, onde ardem os Volcões de Ternate, onde arranca os diamantes Visapur, onde os Andes sobem ás nuvens, onde referve o Congo, onde em ouro se coalhão os campos de Sofala, ahi vive o teu nome, e se temem (se ainda se lhes escuta o estrepito) as tuas armas. Tanta grandeza, tão vasta dominação, tão espantoso circulo de Imperio, tu o deves ao esforço, e militares virtudes daquelles verdadeiros Heroes, que entre os mais afamados invejára, e cobiçára Roma para seus filhos, e que em quanto no Mundo se der preço á virtude, serão nelle estimados, e nomeados, conservando na memoria, e na tradição dos seculos o pedestal firmissimo da estatua da tua fama.

Se muito te illustrão teus Generaes, e

teus Guerreiros, de similhante luz te banhão, e te inundão teus sabios. Acabarião as memorias de Pachecos, d'Almeidas, e d'Albuquerques, se ellas não fossem immortalisadas pelos escriptos, que põem no Templo da Fama a par dos de Thucidides, e Livio os bustos dos Barros, e dos Osorios; e não teria tanto alento a trombeta da mesma Fama, que publíca pelo Mundo teus feitos d'armas, se Camões não embocasse a de Caliope; e ter-se-hia na Estatua de Affonso V apagado o nome de Africano, se tão divinamente não soasse nos melodiosos Cantos de Vasco Mousinho de Quevedo. Acho, e admiro em ti, prodigiosa Nação, os mesmos motivos de grandeza, que tanto exaltárão Athenas por sua sciencia, como Roma por seus trofeos, e gigantesco, e colossal Imperio. Não se fechou dentro em teus naturaes limites o brado, que derão teus Sabios; soou na Europa, e assombrou o Mundo: e quando a Italia começava de ufanarse de ser o berço dos Policianos, dos Bembos, e dos Saduletos, já em seu seio acolhia com aplauso hum Achilles Estaço, e hum Aires Barbosa. Se a mesma Roma vio

assentado na Cadeira da Latina Eloquencia hum Marco Antonio Mureto, sendo delle devedora á França, na mesma Cadeira vio logo assentado hum André Baião, que Portugal lhe envia para penhorar com a mesma divida a Capital do Mundo. París na aurora da sua literatura já escutava como Oraculos, e como Mestres hum Antonio, e hum Marçal de Gouvêa; e antes que o Grão Tasso fizesse remontar ás estrellas a terrestre Jerusalem, já pelas margens não só do Tejo, mas do orgulhoso Tibre resoavão as sobrehumanas vozes de Luiz de Camões; e fallava Sá de Miranda a linguagem da razão, e da virtude, como hum Antonio Ferreira a do gôsto, e a do sentimento. E se a montanha de Pausilipo em Napoles escutou os dulcissimos sons da flauta de Sannazáro, as ribeiras do Mondego, e do Liz não repetião menos harmoniosos échos com as endeixas de Lobo. Não conhecia ainda a renascente, literaria Europa o Imperio da Natureza pelos dominios de Flora, porque nem das margens do Sena tinha sahido hum Tournefort, nem das do Mincio hum Zinani, nem hum Pinçon tinha corrido os seios do Mar

Pacifico, nem dos rochedos da Escandinavia tinha surgido hum Linnêo, e já pelas margens do Ganges mandava á assombrada Europa hum Garcia da Horta as riquezas de peregrinas plantas. E se o nome de Newton vai tão longe pela terra, e pelos mares, como vão as invenciveis náos dos seus Drakes, e de seus Cookes, porque ousou entrar no Imperio da luz, e conhece-lo; primeiro, e muito antes, o grande Pedro Nunes tinha encarado, sem se deslumbrar, com seu brilhante clarão. Nem depois de tantas viagens, e tantos giros he mais exacto Cosmografo hum Varennio, ou hum Danville, do que o havião sido, quasi dous seculos antes, hum Barros, e hum Couto; nem he maior Topógrafo da America hum Gaspar Barleo, do que o havia sido muito antes hum Pedro de Magalhães. Antes que a Hollanda (hoje renascida entre as Nações do Globo) mandasse girar por elle seu Vandiemen, e o seu Kolby, já tinha posto a intransgredivel baliza em o nubeloso Austro o portentoso Pedro Fernandes de Queiroz. Se a Europa não tem que oppôr a Fernando de Magalhães, cujo nome durará tanto co-

mo a terra, que delle se chama, e se a Grande Bretanha te quizer mostrar no seu Anson hum Heroe, que vence, e hum Sabio, que descreve o que conquista, e passa, como Cezar, as victorias, que alcança, e os povos, que subjuga, tu lhe dirás que o grande Castro, fazendo soar suas bombardas terriveis pelos reconditos seios da Arabia, e da Persia, sem depôr das mãos, em que sustinha a espada, e enfeixava as Palmas (que não pouco nellas se ennobrecêo), primeiro, e muito antes nos descreve o roteiro de suas viagens, e victorias pelo Mar Rôxo: e se tanto se exalta a Grande Bretanha com os infatigaveis passos do seu Bruce, e Mongo-Park, lá fòrão achar, onde primeiro lhas assignalára hum Telles, as fontes, e as urnas do caudaloso Nilo. Se, finalmente, a Italia julga que fòrão os primeiros descobridores da America os seus Vespuzios, Colombos, Cadamostos, Emos, Cabotes, e Veruzzanes, e quantos o seu Ramusio guarda em seus escriptos, tu lhe dirás que já em 1486 tinha tocado esta escondida ametade do Glóbo o afortunado, e intrépido piloto Affonso Sanches, que, se

teve o berço humilde, e desconhecido em Cascaes, devia ter ou huma estatua no Capitolio da sua Roma, ou hum mausoleo, que, mais que o de Adriano, assombrasse as margens do seu Tibre; mas viva immortal na tua memoria o que na terra não alcançou as honras de hum sepulchro.

Nunca deixarás de ser o que sempre foste, e o que ainda és, ó Grande Nação; e se alpestres raizes dos Pyreneos, e suas escarpadas cimas estão mostrando no dia de hoje que as mesmas mãos, que abrazárão Dabul, demolírão Ormuz, defendêrão gloriosamente Dio, escalárão Maláca, e se assenhoreárão duas vezes da Imperial Goa, quebrão as barras da opinião, que a cobardia tinha posto nas portas do imperio da oppressão, e tyrannia; e se os Britannos Heroes, a quem abriste o passo para o que possuem na Asia, de que são senhores, vêm em teus filhos outros tantos generosos émulos de seu valôr, e militar disciplina, eu desejára, ó Illustre Nação, que fosses conhecida, e admirada, como deves ser, pelas fadigas, e doutissimos suores de teus Sabios. Se a Europa te considera livre pela

força de tuas armas, assombre-se de te vêr grande pelos difficeis monumentos das Sciencias, e das Artes. Hum novo Miguel Angelo immortalisou no marmore, e no bronze a effigie de hum dos teus maiores Monarchas no seculo, em que a Italia julga que existe só o seu Canóva. Se a modestia dos vivos me veda dizer, que pelo imperio das Sciencias exactas tens que oppôr aos La-Landes, e la Places; se á gravidade Filosofica dos versos de hum Conti, e de hum Delille tens que oppôr Poemas na especie dos Filosoficos de mais vastos horisontes, tambem eu, Illustre Nação, me atrevo a consagrar-te o que talvez mantenha na Posteridade a tua gloria, a tua representação, o teu nome, hum Poema Epico, em que tornes a vêr o teu Gama, como diz o teu primeiro Cantôr, =Abrindo a porta ao vasto mar patente.=Não imagines que eu intente profanar, ou inquietar as cinzas, e menos offuscar a gloria de Luiz de Camões, nem arrancar-lhe das mãos aquella Palma, que o merito, e os seculos nella tem firmado; deve-te aprazer hum filho, que se atreve a lutar contra a mais agra de todas as

difficuldades literarias, qual he huma Epopéa, cuja acção he grande em si, e muito maior em suas consequencias, qual foi o descobrimento do Indostão pelo Oceano, mas por certo destituido daquellas circumstancias, com que se fertiliza hum Poema Epico, a não querer lançar mão do monstruoso, e do estravagante, e que muito mais difficil se torna depois de haver sido tratada por Luiz de Camões. Quasi he preciso hum milagre de engenho para vencer tanto obstaculo, que muito mais cresce, e se adianta com a consideração do tempo, em que existimos. O Mundo ajunta ao furor do novo, e do grande hum absoluto indifferentismo literario; e poderei destrui-lo, e despertar o gôsto, e a estima das boas artes? Tentar ao menos isto he alguma cousa.

Tem a Fundação de Lisboa dous Cantores, Gabriel Pereira de Castro, e Antonio de Sousa de Macedo: o Oriente descoberto he muito mais levantado objecto, e merece mais de hum Cantor. A navegação de Colombo mereceo muitos na Italia, e na França; a de Vasco da Gama he muito mais gloriosa, porque he muito mais difficil. De-

pois de Virgilio tambem Estacio cantou. O desejo de engrandecer a Patria sempre he hum merito, ainda que o talento não iguale a grandeza da materia. Lê-se a Eneida, he verdade, mas tambem se lê a Farsalia, e a Thebaida. Admirão-se os Lusiades, talvez se leia tambem o Oriente. Vasco da Gama achou hum caminho para a India, e Fernando de Magalhães outro; aquelle intentou o não sabido, este emprehendeo o novo, e o mais difficil, e ambos se eternizárão: a navegação de Vasco da Gama admira, a de Fernando de Magalhães espanta; a primeira he mais prudente, a segunda mais arrojada: Vasco da Gama valeo-se de outros, Fernando de Magalhães só de si; hum correo huma parte do Globo, o outro todo. Institua-se este parallelo entre hum, e outro Poema, e decida a Justiça, e não a prevenção. Rafael era hum Pintor, Corréggio tambem era outro Pintor; se dura a Transfiguração do primeiro, tambem dura, e tem seu preço a Noite do segundo. E porque duvidarei eu dizer-te, ó Grande Nação, que o seculo de quinhentos fòra hum seculo servil? Trasladarão-se os antigos, mas

não se igualarão, nem se excedêrão. O homem de genio não tem seculo, faz o seculo: nem eu, fazendo-te huma offerta, me atreveria a dar-te o que outros imaginarão, e disserão. Nenhum Livro: eis-aqui a minha divisa; a Natureza; eis-aqui o meu estudo, e elle basta para compôr originalmente. Não me atreveria, ó Grande Nação, a fallar-te desta maneira sem conhecer-te, e conhecer-me. Tu mereces o que he grande, porque o sabes prezar; eu resolvi-me a compôr, porque a consciencia das proprias forças me clamava, que podia satisfazer o desejo, que sempre me possuio de engrandecer teu nome, e de acrescentar mais hum écho aos brados immortaes da tua fama. São tão grandes as tuas acções, tão illustres, tão nobres os padrões que levantaste á Immortalidade, que nunca deve cessar em seu louvor nem a Lyra harmoniosa dos Poetas, nem a penna eloquente dos Historiadores. Os seculos que vão correndo devem ir transmittindo aos que se lhes seguirem, tanto o deposito de tua antiga gloria, como o testemunho de sua perenne admiração. Tempo ainda virá em que os homens espantados,

mas livres da dependencia, e da inveja, isentos da emulação, desenterrem, ou do desprezo, ou do esquecimento, teus Fastos; e lhes lembrará, como agora nos lembrão a nós as Monarchias dos Gregos, e dos Romanos, teu vasto Imperio; saber-se-ha ainda na mais remota posteridade o nome de teus Capitães no Oriente, como nós agora ainda sabemos, e ainda repetimos o nome de Alexandre, de Cesar, de Pompeo, de Scipião, e de Marcello. Os mesmos futuros sabios, á luz de huma Filosofia pacifica, e tranquilla, comparando entre si as épocas, e acontecimentos que lhes offerecer o grande Quadro da Historia de todas as Nações, marcarão os dias de teus estupendos descobrimentos, e conquistas como hum dos pontos principaes, em que se melhorou, e aperfeiçoou a especie humana, em que a Terra tomou novo semblante; em que as Artes uteis á vida receberão o impulso, que as levou, e com que subirão ao alto cume de formosura, de que se havião descido, ou precipitado no fundo do embrutecimento, que costuma trazer a volta de inevitaveis periodos de barbaridade. Morrerá por certo

a tua lingua, porque tu deves ainda depois de muitos seculos acabar, como acabárão os outros Imperios; mas a sempre intacta perpetuidade de tua fama conservará teus monumentos como ainda temos, e ainda conservamos os dos Romanos, e os dos Gregos, e se darão obra para conhecerem, estudarem, e admirarem com a leitura o que a tradição de todas as gerações lhes irá levando; e já em tanta distancia de tempos, e de lugares as gerações, que então houverem de apparecer, se recordarão com assombro daquelles homens, que em teu seio geraste, e nutriste. Admirarão em Albuquerque o valor, e a militar politica: em Castro a justiça, a sobriedade, e a prudencia: dirão que elle foi pobre, e o Estado rico: dirão que Ataíde fòra magnanimo: chamarão a Magalhães, o maior, ou audacissimo entre os homens. Quando contarem os teus Monarchas contarão outros tantos Heroes; n'huns verão os talentos de Cezar, n'outros a felicidade d'Augusto; nestes as emprezas de Trajano, naquelles a Filosofia de Marco Aurelio, e em alguns a piedade de Theodosio. Os aureos volumes de teus

Fastos terão o mesmo apreço, e a mesma estima, e talvez ainda maior respeito, e acatamento, que nós hoje consagramos aos Livios, e aos Tacitos, porque nestes só se guarda o deposito das superstições, e dos vicios, e se lêm os crimes dos Tyrannos entre os prestigios polidos de hum estilo elegante, e nos teus só descobrirão os milagres do amor da Patria sanctificados pela Religião.

Eu me engolfo, Grande Nação, no espectaculo antecipado deste Quadro maravilhoso, e gózo da Posteridade no momento, em que te fallo, e te engrandeço, como mereces. Nenhum génio se illustra, se não rompe os limites do seu seculo, e se não contempla no que faz a approvação da mais remota Posteridade. Se tu tens obrado o que se deve escrever, eu me lisonjeio de haver escripto o que se deva, e se possa lêr, e por onde os homens conheção que eu existíra na Terra. Que agradavel, e quão lisonjeira he esta esperança! Nella perde a morte sua acerbidade, e seu horror o sepulchro; com ella me parecem tão despresiveis os afagos da Fortuna, como seus acintes, e ultrajes. Deixa, ó Grande Nação,

que com tua memoria, e á tua sombra eu me augure tambem a perpetuidade do nome. Eu juntei do inexhausto thesouro de tua apurada linguagem as riquezas da eloquencia: dei á minha imaginação o que o Poeta deve só vêr, a Natureza. Lembreime, quando compuz, que eu era só no Universo; e só quem se esquece de exemplares pode ser original. Nenhum dos Seres creados existe fora do ambito da Natureza; quando os pinto, busco transplanta-los á minha imaginação, e os reproduzo como os achei, vi, e contemplei em sua natural condição. Os mesmos quadros ideaes não podem ser verosimeis, se não corresponderem a hum archétypo natural. Estas qualidades tornarão digno este Poema de se deterem nelle teus olhos. Será chamado Poema Nacional, não só pelo assumpto, em que se emprega, que he o que mais te enobrece, e exalta entre todas as Nações da Terra, mas pelo amor da Patria, que em todo elle ressumbra como fogo, que se não occulta, e tão generoso, e nobre, que nem de ingratidões se queixa, nem se tem alimentado da mais ligeira esperança de ga-

lardão, e recompensa; e que maior pode haver, que mostrar ao Mundo que és grande, e que nada tens feito até agora, que não seja grande, e que não seja Portuguez?

Inflamma-me hum grande, contínuo, e sincero desejo da tua exaltação, e quizera que nunca despresasses os meios de te elevares ainda mais; e tu não podes conhecer estes meios, senão volvendo os olhos para o Quadro, que te offerece a Historia das Nações, que existírão grandes na Terra. Tu as não verás elevadas ao maior auge de esplendôr, e gloria, senão pela cultura, e pela estima das Sciencias, e das Artes. Todas as Republicas, que mais florecêrão pela guerra, e pelo poder do Imperio, chegárão ao mais subido ponto de elevação quando mais se enobrecêrão pelas letras, o que tu podes conhecer por huma perpetua successão de exemplos. Na Assyria surgírão os Caldeos, os primeiros doutos do Mundo, e logo com a cultura das Sciencias, a que derão principio, se estabelecêo a primeira Monarchia. Quando a Grecia fulgurou mais em saber; e no momento, em que a Poesia, a Filosofia, a Eloquencia, e a Histo-

ria mais se aperfeiçoárão, deixando-nos em tudo isto muito pouco que accrescentar, se levantou Alexandre; e, acabando com a Monarchia da Persia, dêo principio a hum novo Imperio, que tanto florecêo, e se dilatou. Roma estabelecêo o Imperio do Mundo sobre as ruinas de Carthago; mas quando era General Scipião, que soube tanto de Filosofia, de Eloquencia, e de Poesia, quanto o mostrão as inimitaveis Comedias de Terencio, nas quaes elle trabalhou juntamente com seu amigo Lelio; julgando-as indignas de se publicarem debaixo de seu grande nome, as fez sahir com o nome daquelle, de quem vão, que talvez que para ellas muito pouco contribuisse. Certamente a Monarchia Romana se firmou no Reinado de Augusto, em cujo tempo resplendecêo em Roma toda a sapiencia da Grecia com o esplendôr da lingua Romana. O mais luminoso Reino de Italia brilhou nos dias de Theodorico, mas com os conselhos de Cassiodoro, com a Eloquencia de Symmaco, e com a Filosofia de Boecio. Em Carlos Magno resurgio o Imperio Romano na Germania, porque as letras, com effeito mortas nas Reaes Côrtes

do Occidente, começárão a renascer na sua com os Alcuinos. Homero fez Alexandre, que ardia todo em desejo de se conformar em valôr ao exemplo de Aquilles. Julio Cezar se excitou a grandes emprezas com o exemplo do mesmo Alexandre, de maneira que estes dous Capitães, cuja preferencia ninguem ainda se atrevêo a decidir, são escholares, ou discipulos de hum Heroe de Homero. Dous Cardeaes, ambos elles grandes Filosofos, e hum grande Orador, Ximenes, e Richelieu, são como os alicerces de duas grandes Monarchias; Ximenes erguêo a planta do Imperio immenso da Hespanha; Richelieu abrio o passo para o florente Reinado de Luiz XIV. Muito se engrandecêo a Dynastia dos Medicis em Florença; mas no momento, em que mais se admiravão em sua Academia Platonica os Marcilios Ficinos, os Angelos Policianos, e os Christovãos Landinos. Tres Pontificados fizerão grande a Côrte de Roma, o de Nicoláo V, o de Leão X, e o de Clemente XIV: em o primeiro apparecêo Petrarca abrindo as Bibliothecas fechadas pelas mãos dos Barbaros; no segundo escrevia Sadoleto, Bembo, Sa-

nazzaro, Picolomini, e Patrizzi; no terceiro aperfeiçoava Boscovik o que tinha achado Galilêo, estendido Viviani, e aprofundado Manfredi, Zanoti, e Maraldi. E para não sahires de teus limites, ó Grande Nação, tu sabes que nunca o valôr iria descobrir o Oriente, nem hum acaso a America, se em Sagres o homem, a quem mais deve a Humanidade, não tivesse aberto huma eschóla, e cultivado as Sciencias; e tu conheces que o Reino chegára ao maior fastigio de grandeza até ao declinar da idade de D. João III, porque aquella foi tambem a época da sua literatura. Eis-aqui ainda hum exemplo, que deve fazer confundir aquelles barbaros Politicos, que lembrão, como base segura de huma Monarchia, a ignorancia. O Turco fundou hum grande Imperio sobre a barbárie, mas com o conselho de hum Sergio, douto Monge, ainda que ímpio, dando ao estupido Mahomete huma Lei, sobre que o fundasse; e depois que os Gregos, começando na Asia, se sepultárão nas sombras da ignorancia, os Arabes começárão de cultivar a Methafysica, a Astronomia, a Medicina; e com este saber dos dou-

tos, ainda que não da mais culta Humanidade, chegárão a huma extrema gloria as conquistas dos Almansores, ainda que barbaros, e feros, que estendêrão as Sciencias, e depois as armas desde os Areaes de Suez até ás raizes do Atlante, passárão o Mediterraneo, e levantárão o facho da literatura por entre as espessas sombras, que na Italia, e nas Hespanhas tinha deixado a dominação Gothica. Eu te assignalo a estrada para a gloria, a experiencia antiga ta mostra, e tu podes com aceno de benevolencia fazer surgir outros Cantores, que me venção, e te exaltem.

O ORIENTE.

CANTO I.

1.

O magnanimo Heróe, que no Oceano
Primeiro a estrada abrio do ignot' Oriente,
Fazendo ouvir o nome soberano
De Deos a estranho clima, e estranha gente;
Accrescentando ao Sceptro Lusitano
Hum vasto Imperio n'Asia florecente:
Farei, se me fôr dado, em nobre verso,
N'esta Empreza immortal pelo Universo.

2.

Desce dos Ceos, Inspiração Divina,
Sacro fogo, que os Vates alimenta,
Meu remontado espirito illumina,
E seus sublimes extases sustenta:
Os vôos lhe dirige, a estrada ensina,
Por onde aos Astros elevar-se intenta,
E, se he possivel, igualar no Canto,
O que o Mundo escutára a Esmirna, e Manto.

3.

Aos seculos eu mostro o mar vencido,
(Vasto Imperio do vento tormentoso)
Descoberto o Oriente, e nelle erguido
Lusitano Pendão victorioso:
Eu mostro d'Asia o cóllo submettido
Dos Reis de Lysia ao Throno poderoso;
E acclamo neste memorando feito
Unidos Povos mil com laço estreito.

4.

Pois não descubro na presente idade
Quem das Musas aos dons dê preço, e gloria,
Quando fazem viver na Eternidade
Portentosas acçoens, que aponta a Historia:
A ti, somente a ti, Posteridade,
Consagro o Canto: em perennal memoria,
Meu nome em ti s'escute, em ti se veja,
Salvo d'opprobrio, e dos farpoens da Inveja.

5.

Se outra Lyra immortal dêo nome ao Gama,
Não se estanca em seus dons alma Natura,
O seio desabroxa, hoje derrama
Em minh'alma mais fogo, e luz mais pura:
Filosofica luz, e etherea chamma,
Que desterra da mente a sombra escura;
Que imitação servil prostra, e derruba,
E extrahe mais altos sons d'Epica tuba.

6.

Pare a escutar seu écco a turba Aonia,
Surja do escuro túmulo ignorado
Esse, que ao som da Cithara Meónia
Inda enche o Mundo de sonóro brado:
O que os passos lhe segue, honra d'Ausonia,
Ouça do Tejo o Canto sublimado:
Não somente s'eleva, e os Astros piza
Britanno Vate, o timbre do Tamiza.

7.

Eu penetro os umbraes da Eternidade,
Vedado ao vulgo augusto Sanctuario;
Livre do peso da cadente idade,
E dos acintes do Destino vário:
Corro co' o pensamento a immensidade,
Nem deslumbrado vou, nem temerario,
Voz interna me diz que affronte a sorte,
Com sublimes Cançoens vencendo a Morte.

8.

Da praia occidental meu Estro toma
Seu vôo rapidissimo, e elevado,
As portas entra da soberba Roma,
A quem do Mundo o Imperio o Ceo tem dado:
Eis do sepulchro do Grão Tasso assóma
Raio de immensa luz, delle animado
C'huma sentelha só, á etherea esfera
Entre os Vates do Lacio erguer-se espera.

9.

Eis na roda do tempo aponta o dia,
Que o dedo do Immortal assignalára,
Em que a gloria da Lusa Monarchia
Chegue a tudo o que o Sol brilhante aclára:
Que se escute seu nome onde ousadia
Nunca em lenhos undi-vagos chegára,
E que o Pendão da Cruz no acceso Oriente
Chame a si deste Glóbo ultima gente.

10.

De aurea paz no regaço deleitoso
Manoel do Imperio as redeas sustentava;
Impondo o freio ao Mouro bellicoso,
Sobre a Lua Africana o Throno alçava;
Hum novo Cyro mais victorioso
A Providencia eterna preparava,
Guiando os passos seus, qual já n'outr'ora
Do Persa em frente a Babylonia fôra.

11.

Na eterna Estancia alem do Firmamento,
Mais das Estrellas fúlgidas distante,
Que do mesquinho, e terreal assento,
Urano vai no circulo brilhante:
Onde em vôos não chega o pensamento,
Sobre base immortal s'ergue o radiante
Immobil Solio da Divina Essencia,
Immensa Força, immensa Intelligencia.

12.

Eterna Força, Intellecção sentida
Da Creação no quadro portentoso,
Pelos seres sem numero espargida,
Que a Terra, e Ceos contem, e o Mar undoso:
Divina Essencia em sombras envolvida,
Impérvio á vista véo caliginoso;
Que, em quanto em térreo corpo alma se encerra,
Só pode objectos encarar da Terra.

13.

Bem como do purpureo acceso Oriente
O flammigero Sol surge envolvido
N'hum véo de nuvens, que seu disco ardente
Conserva, e traz aos olhos escondido;
Qu' inda assim mesmo rompe, e ao Ceo patente
Envia a luz do Limbo esclarecido,
E presente se mostra, inda que occulto,
Como da inteira Natureza ao culto.

14.

Taes a travez das sombras enroladas,
Em tôrno ao Solio do Immortal resplendem
Da Essencia Eterna as luzes espalhadas,
E pelos fins da creação s'estendem:
Mostrão hum Deos presente, as inclinadas
Frentes os Anjos tem, promptos attendem
A' voz do Eterno Ser, promptos revôão,
Se os seus accentos immortaes resôão.

15.

Do latibulo augusto a voz soava,
Que chama hum Querubim; do Eterno ao brado
O Ceo dos Ceos humilde se acurvava,
Da gloria do Senhor como abalado:
O puro Esp'rito rápido voava,
Do Solio nos degráos ficou parado;
Envolto em luz, que eternamente esplende,
Aos supremos oraculos attende.

16.

Desce, lhe diz o Eterno, ao Luso intima
Que, vadeando o tumido Elemento,
Levante o Lenho triunfal no clima,
Que o Sol aclara co' o primeiro alento.
O Mundo se renova, e se aproxima
Aos dominios da Fé novo incremento;
Fique de assombro, e espanto a Terra absorta,
Vendo do mar impérvio aberta a porta.

17.

Que em meus Decretos escolhido estava,
Como escolhi Moysés, quando as cadeas
Do Povo Eu quiz quebrar, quando mandava
Que fugissem as ondas Erythreas:
Como a Cyro chamei quando marchava
A entrar de Babylonia altas amêas,
Para levar meu Nome aos climas, onde
O Sol girando nasce, e onde s'esconde.

18.

Os esquadroens dos barbaros rompentes
De sua espada fugirão medrosos;
Apartadas Naçoens, e ignotas gentes,
Lhe hão de pagar tributos preciosos;
Dos thálamos d'Aurora os Reis potentes
Em feudo lhe darão Sceptros gloriosos;
Que Eu fama lhe darei, vasta, infinita,
Nunca acabada, nunca circumscripta.

19.

Do espaço ignoto, do Immortal assento
Desce o Anjo batendo as igneas pennas,
Transpondo Sóes, e Sóes, n'hum só momento
Do ether toca as regioens serenas:
Mais tardo desce o raio, ou corre o vento,
A undulação da luz o iguala apenas,
Por onde quer que rompe, e onde descia,
Se derrama hum clarão, que o Sol vencia.

20.

As azas equilibra, e se suspende,
Onde a neve se coalha, e chove, e tôa;
Destes espaços liquidos impende
A' magestosa Imperial Lisboa:
Ao Tejo sobranceira, alto resplende
A luz que espalha da naval corôa,
Com que fadada por eterno arcano
Rainha foi do tormentoso Oceano.

21.

Eis roça quasi a Terra, inerte, e escura:
Traz da espadoa pendente o manto ondeante,
Materia ignota, mas brilhante, e pura,
Qual luz refracta em solido diamante:
Atada ao peito vem, e a traz segura
De aljofrado listão róseo, brilhante;
Quaes fios d'ouro refulgente, e bello,
Cahe-lhe em anneis nos hombros o cabello.

22.

Qual ferida do lume ethéreo brilha
Sobre os Alpes a neve, o alvo, e formoso
Rosto refulge; ou como passa, e trilha
De Ceo nocturno a Estrella o manto umbroso:
Da estranha luz o ar se maravilha;
Pára ao vê-la assombrado o Tejo undoso;
Sabêo perfume, que de si derrama,
A atmosfera diáfana embalçama.

23.

Como de azues safiras matisadas
As azas fulgentissimas estende,
Qual septemplice côr em condensadas
Nuvens de obscuro Ceo, o Iris resplende:
Qual reflexo das ondas prateadas,
Quando a Lua orvalhosa ao mar impende;
E he mais vivo o clarão, que ao longe espalha,
Que o do Sol quando a prumo o espaço talha.

24.

Sentada em carro d'Ebano a sombria
Noite entre os Astros fròxos, e ondeantes,
Já mui declive as redeas sacodia,
Aos escuros cavallos rorejantes:
Vinhão vislumbres do purpureo dia,
Que os Ceos orientaes tornão radiantes,
E as cadentes Estrellas, que se evadem,
O doce somno aos olhos persuadem.

25.

No magestoso thoro repousava
O grão Monarcha da diurna lida,
E o somno lisongeiro então lhe dava,
Aos cuidados dos Reis certa guarida:
N'alma em si mesma immersa se estampava
(Mais do que sonho) a Empreza proseguida
Do mar vencido, do Oriente achado,
Aos esfórços dos seculos negado.

26.

Eis-que vio transformar-se a noite escura
Em tão fulgida luz, que excede o dia,
E de seu seio insólita figura
Ao transportado Rei s'offerecia:
Com tanta magestade, e formosura,
Qual se não finge humana fantasia,
Pois não divisa em toda a Natureza
Tão portentoso exemplo de belleza.

27.

Assim aos olhos se offerece, e vinha
Sentada em throno Imperial, sustido
N'hum soberbo Elefante; este caminha,
Como ufano do peso alto, e sobido:
A matrona Real dos hombros tinha
Pendente hum manto lúcido, cosido
Em accesos Rubins d'engaste d'ouro,
D'ouro o Sceptro nas mãos, na frente hum Louro.

28.

Ao modo Oriental vinhão patentes
Os seios de alabastro, alli brilhavão
Sobre o candôr Pirópos refulgentes,
Que huma luz ardentissima vibravão:
Da côr do Ceo Safiras transparentes
Em fuzís d'ouro os braços lhe abroxavão;
E as Erythreas Pérolas lhe enleão
Finos cabellos, que no cóllo ondeão.

29.

Do excelso Solio magestosa desce
Ante o Grande Manoel como assombrado,
Inclina hum pouco a frente, e lhe offerece
Puro incenso Sabêo, e ouro encendrado:
A corôa, que a testa lhe guarnece,
Lhe dá como em tributo, em mesurado,
E doce tom de voz, que hum Nume indica,
Taes arcanos reconditos publica.

30.

Asia sou, Grão Monarcha, fui da Terra,
E inda existo, a porção mais gloriosa;
Em paz fui grande, e floreci na guerra,
Sempre opulenta, e sempre magestosa:
Dentro em meus vastos terminos s'encerra
O nome eterno, a fama gloriosa
Do collossal poder de Imperios vastos,
Que inda vês illustrar da Historia os Fastos.

31.

Eu theatro já fui maravilhoso
Dos milagres do braço omnipotente;
Quando chamou do Cáhos tenebroso
A Terra, eu berço fui da humana gente:
O Sancto Povo de seus dons mimoso
Entre os meus escolheo: então patente
Se descobrio com magestade tanta,
Que inda o Synai convulso o Mundo espanta.

32.

Se os homens illustrou Sabedoria,
Teve seu Templo em mim base segura;
Se os Ceos devassa a douta Astronomia,
Na Caldéa brilhou com luz mais pura:
Os que Egypto symbolico esculpia,
Signaes envoltos hoje em sombra escura,
De mim levou Sesostris, e o compasso,
Que os fulgurantes Sóes mede no espaço.

33.

Dictou-me Leis Semiramis outr'ora,
Do grande Cyro a espada triunfante
Foi de Reinos em Reinos vencedora,
Té onde corre o Ganges espumante:
Onde assoma primeiro a rôxa Aurora
Correo da Grecia o Joven arrogante,
Mas entre estragos taes, tanto destroço,
Arrojei livre os ferros do pescoço.

34.

Esses do Tibre Heróes conquistadores
Da Persia ao grão poder por fim cedêrão;
E sahem d'Arabia os feros Almansores,
Que quasi em toda Europa o Imperio erguêrão:
Da mesma Europa occidental senhores,
Suas conquistas n'Africa estendêrão,
E da vasta Tartaria aos fins da Terra,
Mil vezes tem sahido a morte, e a guerra.

35.

Finalmente Asia sou, dos caudalosos
Hydaspe, e Indo, e Ganges retalhada,
De ferteis Ilhas, mares procellosos
Desde o seio Erythreo aos Chins banhada:
Inda conservo Imperios gloriosos,
Que aos Ceos elevão frente coroada;
Diverso nome tem, força diversa,
Mas inda existe o Babylonio, o Persa.

36.

Aqui te venho offerecer thesouros,
Que me quiz conceder Motor Divino,
Para cingir-te de celestes louros
Te patentêa o campo crystallino:
Por ti mudado, os seculos vindouros
Deste Glóbo hão de vêr Fado, e Destino,
Pois has de unir em laços permanentes
Reinos, Naçoens, e Povos differentes.

37.

Tanto dilatarás o Imperio ingente,
Qu' inda ha de ser teu nome respeitado,
Onde ultima baliza ao mar fervente,
Tem Natureza, e seculos marcado:
Com gloria tal, que apenas n'Oriente
Tiver a Aurora lúcida assomado,
O Mundo observará com nobre inveja,
Que logo os pés aos Portuguezes beija.

38.

Da Fama irás ao Templo luminoso,
(E se lhe antolha em monte levantado,
Difficil o caminho, alto, e fragoso
Se lhe descobre ao Portico sagrado:)
Alem, tendo vencido o mar bramoso,
E aureo berço do Sol descortinado,
Entre os grandes Heróes soberbo, augusto,
Se ha de gravar teu nome, erguer teu Busto.

39.

Entre os raios de gloria alli florece,
Quanto nobre exaltára ou Grecia, ou Roma,
Co' as doutas mãos a Historia lhe guarnece
De verdes louros, e immortaes a cóma:
Entre todos maior, mais resplendece
Aquelle, que em mais luz, mais clara assóma;
Huma Esfera armilar na mão sustenta,
A vista aos claros Ceos volvendo attenta.

40.

Conhece o grande Henrique illustre filho
Do Salvador da Lusitana terra;
Quebra ao mar os grilhoens, e adquire hum brilho,
Qual conseguírão nunca Heróes em guerra:
Pertinaz proseguindo o incerto trilho,
Qu' inda entre sombras Natureza encerra,
Mostra aos homens no pélago profundo,
Que era maior, que se julgava o Mundo.

41.

Com seu exemplo aprende, ouve os clamores,
Com que inda desde o túmulo te exhorta;
Na empreza mais feliz que teus maiores,
Té agora o mar intacto ovante corta:
Espalma, esquipa os lenhos nadadores,
Vai d'Oriente franquear a porta;
Que até passando a incognito hemisferio,
Terás em novo Mundo hum novo Imperio.

42.

Subitamente a emphatica figura
Co' o sonho, que acabou, se desvanece;
E, já desperto o Rei, só noite escura,
Só circumfusa sombra lhe apparece:
Mas verdadeira luz, mais clara e pura,
Que o Sol, a sombra rasga, e resplendece,
E nos ares se mostra equilibrado
Dos altos Ceos o Espirito mandado.

43.

Hum pouco soçobrado, a augusta frente
De subito suor ficou banhada;
Não soffre a vista enferma auri-luzente
Face de luz celestial ornada:
A voz quiz levantar, e intercadente
Ao peito lhe tornou como assustada;
Entre os braços do assombro, e incerto medo
Absorto fica, irresoluto, e quedo.

44.

Manda-me, diz, ó Rei! do assento ethereo
Da Natureza o Arbitro infinito,
Expòr-te venho o incognito mysterio,
Sempre ao creado espirito interdito:
D'elle enviado fui, mostrando o Imperio
Da Palestina ao Povo hoje proscrito,
Quando do Egypto as barbaras cadeas
Quebra, e repassa as ondas Erythreas.

45.

Quer o Senhor dos Ceos que a escura gente
D'aquem, d'alem do Hydaspe, em vão buscada
De teus maiores pelo mar fervente,
Tu só vás descobrir na incerta estrada:
Teus passos vai guiar, do acceso Oriente
Te abre a porta té agora aos Reis fechada;
Quer que no berço, e que no occaso o dia
Aclare sempre a Lusa Monarchia.

46.

Terás oppostas barbaras falanges
Com viva resistencia, e força dura;
Pelouros, lanças, fúlgidos alfanges
Ha de oppôr a teu Sceptro a turba escura:
Triunfarás de Idolatras, ao Ganges
Será por ti levada a luz mais pura,
Té que do Glóbo á ultima barreira
Vás despregar a triunfal bandeira.

47.

Do rôxo mar no seio aparcelado
A teu nome erguerás troféo glorioso,
De teus raios o Persa amedrontado
Ormuz te deixa em feudo vergonhoso:
E na fonte caudal sempre ignorado
Seus tributos te paga o Nilo undoso;
Em seu deserto o Arabe já vejo
Sujeito ás Leis, que lhe promulga o Tejo.

48.

Tu, desde o mar de Atlante ao mar dos Chinas,
As armas levarás victorioso,
Alevantando as Sacro-sanctas Quinas,
Onde ao Mundo desponta o Sol formoso:
Delle rivaes teus lenhos, as Divinas
Leis alli levarão, e o glorioso
Pendão da Cruz, mostrado n'Oriente,
Irás mostrar n'Occaso a ignota gente.

49.

Não só dos róseos thalamos do dia
Ao Tejo ind' ha de vir thesouro immenso,
Mas o que a Terra Nabatéa cria,
Te hão de vir offertar, cheiroso incenso:
D'Asia hum Nume serás, quantas co' a fria
Limpha as Ilhas circumda o mar extenso
Te hão de adorar em paz, temer em guerra
Emudecendo á tua vista a Terra.

50.

Barbaros Reis, Monarchas poderosos
Teus vassallos serão, e inda pendentes
Has de vêr de teus Porticos fastosos
As Armas, e os Pendoens d'estranhas gentes;
Teus carros pisarão victoriosos
Elmos, Arnezes, Grévas relusentes,
E com tributos a teus pés levados,
Serão do Eterno os Templos levantados.

51.

Adorarão teu nome as apartadas
Opulentas Naçoes, que a Europa ignora;
Pelos guerreiros teus serão domadas
As que a primeira luz sentem d'Aurora:
As que á sombra da morte estão sentadas
Onde o lume da Fé não foi té agora;
Irá teu grande nome encher d'espanto,
Povos envoltos no hyperboreo manto.

52.

Eis se te mostra o singular arcano,
Sempre, sempre envolvido em véo pesado,
Sem que o altivo entendimento humano
O tenha em tantos seculos rasgado:
De todo o procelloso, intacto Oceano
Ha de ser de teus lenhos devassado;
Pois tantos bens o Eterno te reserva,
De teu futuro Imperio o quadro observa.

53.

Os olhos pela escura Africa estende,
Que o mar de espumas, e escarcéos rodêa,
Onde o Sol sempre a prumo abrasa, accende
Dos campos seus a solitaria arêa:
Contempla a Serra dos Leoens, que fende
O ar com a cima immensa; olha o Gambea;
Olha o Zaire, que trôa, e corta ao longo
Os vastos Reinos da Nigricia, e Congo.

54.

Co' a vista vai correndo as ondas frias,
Encapelladas pelo austral Oceano,
Rebentando no Cabo, onde as sombrias
Tempestades põe medo a esforço humano:
Se, dobra-lo já póde em aureos dias
Do Rei perfeito hum forte Lusitano,
Não quiz que elle ultimasse a nobre empreza
O Summo Arquitector da Natureza.

55.

O tempo se aproxima, ávante passa
Nauta, que has de mandar, forte, e ditoso;
Olha o Cabo vencido, olha Mombaça,
Que ao braço ha de ceder victorioso:
Vê Melinde, olha o Rei, que ingenuo abraça
O domador do pélago espumoso,
Daqui, no mar ignoto as vélas solta,
Quasi assim dando ao Glóbo inteira volta.

56.

Olha da cima do Emaús sombria
Como borbulha rápida corrente,
Mais s'engrossa fogindo, ao meio dia,
Entra por bôcas cem no mar fervente:
Da Serra de Alanguer agreste e fria,
Outra rompe buscando o Sol nascente;
Se tamanha extensão co' a vista abranges,
Chama-se aquelle Hydaspe, est' outro o Ganges.

57.

Quantos entre os dous términos fechados
Tu descobres Empórios florecentes,
Que não vírão em seculos passados
Do Capitolio as Aguias insolentes;
Teu jugo hão de arrastrar, serão domados
A' força d'armas por Heróes valentes,
Qu' hum portentoso Imperio alli te fundão,
E o Mundo de temor, de assombro inundão.

58.

O braço do Immortal te abre o caminho,
Tentado em vão de antigos navegantes;
De Tyro, e de Carthago o leve pinho,
Vencer não pôde os mares arrogantes;
Volta inglorio a buscar da Patria o ninho:
Somente o Luso em lenhos triunfantes,
Porque tu mandas, inclito Monarcha,
Todo o mar ha de vêr, que a terra abarca.

59.

Os Lusos irão ser descobridores
Pelo ignoto hemisferio, e immenso, aonde
O Sol vai derramar seus resplendores,
Quando aos Povos da Europa o rosto esconde:
Tu primeiro, e depois teus successores
(Quer o Ceo que a tu' alma abysmos sonde)
Hum Reino aqui terão, que espante a Terra,
Sem levar a seus incolas a guerra.

60.

Vai colhêr n'Oriente eterno hum Louro,
A longa estrada o Ceo te patentêa;
Com grande Imperio, e temporal thesouro
As virtudes dos Reis tambem premêa:
Veja assombrado o seculo vindouro
Em teu dominio a gloria de Ulyssèa,
De tua piedade eterno exemplo,
Veja ao Senhor dos Ceos votado hum Templo.

61.

Mas assim como o Povo, que escolhido
Foi pela mão de Deos, trabalho, e guerra
Dura encontrou no Reino promettido
A Abrão, que deixa a natalicia terra:
Assim tambem no mar embravecido,
Qu' ind'Asia aos olhos teus esconde e encerra,
Trabalhos ha de achar o Heróe perfeito,
Que o Ceo destina ao portentoso feito.

62.

Assim lhe brada o Anjo, e se dissolve
Em subtil nevoa o corpo luminoso;
Eterno arcano assim se desenvolve
Té alli fechado em véo caliginoso:
Atonito o Monarcha os olhos volve
Aqui, e alli suspenso, e duvidoso,
Mas a celeste luz, que a estancia cobre,
A grão mensagem divinal descobre.

63.

Então nos Ceos Orientaes raiava
Já luz purpurea da suave Aurora,
E pouco a pouco o véo se alevantava
Da Natureza á face animadora:
O repouso do thalamo deixava
O Rei, correndo ao Templo a Deos exora
Que desempenhe o oraculo profundo,
Que novo aspecto promettêra ao Mundo.

64.

Depois no throno Imperial se assenta,
Onde ao alto Conselho os seus convoca,
A escolhida Corôa se apresenta
No lugar, que á nobreza, ou gráo lhe toca:
Dos prudentes Baroens a turba attenta
Pende em silencio da facunda bôca,
Lança-lhe a vista o Soberano em vólta,
E assim dos labios a palavra sólta.

65.

Ao Solio quiz chamar-me hum Deos clemente,
Qual out'ora a Judá David foi dado,
O seu Reino illustrou sabio, e valente,
Assim devo illustrar o Imperio herdado:
Elle vencendo incircumcisa gente,
Eu devassando o mar nunca sulcado,
Tocando a méta donde nasce o dia,
N'Asia abolir a torpe Idolatria.

66.

Se he muito incerta, e perigosa a estrada,
Não volve atrás o Lusitano o passo;
Quando a Constancia vem do Ceo mandada,
E a Sancta Providencia estende o braço:
Desde a origem dos seculos fadada
Está Lysia por Deos, e em mutuo laço
O Mundo deve unir, levando ao seio
Da Aurora a eterna Lei, que do Ceo veio.

67.

Mostrou-se-me o mysterio, ao referi-lo
D'assombro em mim trasborda a larga enchente;
Eu fui digno de o vêr, digno d'ouvi-lo
(Era por certo a voz d'Omnipotente:)
Celeste a frase, divinal o estilo,
Qual nos Vates se ouvio da Ebréa gente;
Que do porvir rompendo a sombra escura,
A nossa gloria nos mostrou futura.

68.

Forão já vossos pais nos esquipados
Lenhos, do Cafre aos estuantes lares,
Vencendo a Natureza, e os empolados,
Não vistos d'antes, temerosos mares:
Ide exceder seus feitos sublimados,
Indo no Hydaspe consagrar altares,
O Deos do Ceo vos abençoa, e chama,
Dai dominios á Fé, e ao Tejo fama.

69.

Não póde o Luso denodado peito
Deixar atrás as métas do Thebano?
Julgando a seu valôr circulo estreito,
Quanto tinha corrido o esforço humano?
Não se fez immortal no excelso feito
De ajuntar Ceuta ao Sceptro Lusitano?
Sobre as ruinas d'Agarena Lua
Seu Estandarte em Tangere fluctua.

70.

Levantando troféos n'adusta arêa
Da Costa occidental d'Africa ardente,
Té nas margens do turbido Gambéa
Os foi plantar seu braço armi-potente:
O Cabo austral, que de tufoens se arrêa
Visto, e montado foi de Heróe valente;
Das façanhas mortaes por certo he esta
Entre todas maior, se outra não resta.

71.

Em minh' alma presága hum raio assóma
Desta antevista desejada gloria,
Que entre immortaes acçoens a estrada toma,
Que vai direita ao Templo da memoria:
O Luso esfórço os seculos já dóma,
E quando o Mundo absorto em tarda Historia
Lêr de Alexandre o nome, ou de Trajano,
Dará mór preço ao nome Lusitano.

72.

O Mundo, sim, verá dos Malabares
Sujeita ao Tejo a antiga Monarchia,
Reduzidos a cinza impios altares,
Onde hoje incensos queima a Idolatria:
O Mundo, sim, verá rompendo os mares
Lusos baixeis té onde aponta o dia,
E abastados verá nossos thesouros
Com despojos de Idolatras, e Mouros.

73.

Tanto querem os Ceos! Eu já contemplo
A meu Sceptro humilhada a Arabia adusta:
(Nunca n'antiga Historia achado exemplo)
A Persia soberbissima se assusta!
Com seus tributos alevanto hum Templo
Do Sér supremo á Magestade augusta;
Nelle sempre ha de vêr a Europa absorta
Do mar nunca trilhado aberta a porta.

74.

Pelos seios da Aurora, e Sol nascente
Luso Pendão tremóla, e se desprega,
E, já senhor do mádido Tridente,
Pelo Oceano austral rompe, e navega:
No Mundo novo se fará patente,
Que sem sangue, e sem armas se m'entrega,
E delle escolherei porção tão vasta,
Que a formar alto Imperio ella só basta.

75.

Disse, inspirado o Rei, e hum murmurío
Nos tectos resoou do aureo aposento,
Bem como sôa no vergel sombrio
Em manhã doce o respirar do vento:
Levando o feito glorioso, e pio
Nas azas do louvor ao Firmamento:
E já dos Ceos predestinado o Gama
Com grave tom de voz dest'arte exclama.

76.

Se á vossa gloria hum coração votado
Pode ultimar, Senhor, est'ardua empreza,
Será transposto o termino vedado,
Que até agora aos mortaes pôz Natureza:
O tormentoso Cabo he já passado,
Deo-lhe outro nome audacia Portugueza;
E mostre á Europa Portugal aonde
Seu recatado berço a Aurora esconde.

77.

Sustentando na mão vosso Estandarte,
O irei cravar nos thalamos do dia,
Com elle irei correndo á extrema parte,
Onde o Polo s'envolve em sombra fria:
Não por certo comigo o Ceo reparte
Com mesquinhez esforço e valentia;
E, se a morte me espera em mar fervente,
Acabarei, por vos servir, contente.

78.

Se opposta se mostrar cega ventura,
E me esperarem Fados invejosos,
E se achar, qual vos digo, a sepultura
Nos equoreos abysmos espantosos;
Entrarei nos umbraes da morte escura,
A todos dando exemplos luminosos
Do sancto amor da Patria, que me inflamma.
E a tão sublime feito hoje me chama.

79.

As costas voltarei contente ao Tejo
A' Europa triunfal, e antigo Mundo:
Ha muito na minh'alma arde o desejo
De ir affrontar o pélago iracundo:
Não duvideis, Senhor, preságo o vejo
Debaixo dos baixeis tremer-lhe o fundo,
Descubro ao grão poder do Imperio vosso
A Asia acurvando timida o pescoço.

80.

Mas se a ponto mui alto alma levanto,
Quantos em torno eu vejo abalisados
Nautas affeitos a vencer o espanto
De estranhos climas, mares ignorados!
Envoltos da tormenta em negro manto
O Cabo austral dobrárão denodados,
Podem de novo agora a curva prôa
Seguros pôr na Região Eôa.

81.

Pelos dourados tectos os clamòres
Retumbão em louvor do Heróe valente,
Taes dêo do Mundo outr' ora aos Vencedores
Em seu triunfo o Tibre armi-potente:
Taes os ouvio da gloria entre esplendores
O grande Scipião, quando a fulgente
Espada cinge, e memorando estrago
Fez na rival de Roma alta Carthago.

82.

Robusta Juventude se offerece
Para esquipar a fluctuante Armada,
No semblante de todos apparece
Fausto agouro da empreza consumada:
Ardente amor da Patria os fortalece,
Da gloria o Ceo lhe patentêa a estrada;
E com prodigio insolito assegura
Na grande empreza prospera ventura.

83.

Por tres noites, tres vivos Luminares
Na funda escuridão resplandecêrão,
E desde o espaço liquido dos ares
Pouco a pouco brilhando ás náos descêrão:
Reverbera o clarão na terra, e mares,
E para o clima oriental corrêrão;
Meteóros não são da Natureza,
Mas a voz do Immortal, que approva a empreza.

Fim do Canto I.

O ORIENTE.

CANTO II.

1.

Agora, ó Musa, aos seculos ensina
Nos versos meus o nome glorioso
Dos Heróes, que rompendo a azul campina,
Derão remate ao feito portentoso:
Dando hum ponto mais alto a Arpa divina
Assim segure a gloria ao Tejo undoso,
A cujas leis submisso o vasto Oceano
A Asia juntára ao Sceptro Lusitano.

2.

Vai o grande Argonauta, que nascêra
Onde (arcano dos Ceos) o illustre Infante
O projecto formou, principio déra
A' conquista do mar, vasto, espumante:
Os Ceos medindo, contemplando a esfera,
Alem das bases foi do immenso Atlante:
Nesta terra feliz tem berço o Gama,
Digna, por filho tal, de eterna Fama.

3.

Vão do Gama espantoso em companhia
Heróes, cujas acçoens d'immensa gloria
Impressas ha de vèr a Europa hum dia
Nas indeleveis paginas da Historia:
Seu nome, inda apezar da morte fria,
Ha de viver em posthuma memoria;
Que o feito que comettem sublimado
Quebranta as leis do tempo, as leis do Fado.

4.

Vai Paulo, irmão do Heróe, e que ensaiando
Nos perigos do mar seu peito andava:
Pacheco o Joven vai, que Acaso infando
Em penuria, e despreso inda esperava:
Tristão, valente Nauta, que assolando
Irá depois a Libia inculta, e brava,
Menezes, que no rosto amor descobre,
E he Marte irado, se de ferro o cobre.

5.

O resoluto, intrepido Coelho,
Affeito ao mar irado, e revoltoso,
De sagaz experiencia e de conselho,
Companheiro foi dado ao Heróe famoso:
Nunes robusto, e denodado Velho,
Que já dobrára o Cabo tormentoso,
E Pedro d'Alenquer, cujo renome,
A fama guarda, o tempo não consome.

6.

Este he digno de bronzes, e alabastros
Mais que todos, que o mar tumente abrírão,
Qu' em novos Ceos marcando ignotos Astros,
Não visto Mundo aos homens descobrírão:
Onde Albuquerques, Ataides, Castros
D'alta Gloria aos Alcáçares subírão,
Deixando eterno em duplice Hemisferio
Com seus troféos o Lusitano Imperio.

7.

Nestas Cançoens harmoniosas suba
Teu nome, ó grande Heróe, á Eternidade,
Em quanto a mão dos seculos derruba
Pyramides, que aos Reis alçou vaidade:
Nos levantados sons d'E'pica tuba
Irá sempre transpondo a idade, e idade
Té que dos Tempos na voluvel roda
Se acabe, e gaste a Natureza toda.

8.

Se immortal Magalhães (que he dos humanos
Por certo o mais audaz) n'hum leve pinho
Foi correr, devassar dous Oceanos,
Negando, de affrontado o patrio ninho;
Se após elle correndo Heróes Britannos,
Pizão do Glóbo em torno igual caminho;
Em ti, Grande Alenquer, vejo, e contemplo
A tamanho ardimento aberto o exemplo.

9.

Velloso vai tambem, e o namorado
Leonardo infeliz, que nunca hum gosto
De amor, sublime então, vira vingado;
Cobre-lhe a sombra da tristeza o rosto:
(Ingenua idade! Amor era presado,
Sincero na repulsa era o desgosto)
E traz em aurea lamina esculpido
(Empreza sua) o nadador de Abydo.

10.

Os Heróes estes são, que incertos Fados
Vão contrastar na estrada perigosa;
E já co' os leves pannos envergados
As curvas Náos estão na praia undosa:
Dos frôxos ventos os Pendoens tocados
Varrem desde aurea pôpa onda espumosa,
E aguarda já dos nautas a alegria,
De levar ferro o memorando dia.

11.

Em quanto assim da recurvada prôa
Fixas pendem as ancoras n'arêa,
O ar de espaço a espaço o bronze atrôa,
Quando a sulfurea massa arde, e se atêa;
Como de hum lucto sepulchral Lisboa
Se mostra envolta de pezares chêa;
Correndo o feito vai de bôca em bôca,
A todos interessa, e a todos tòca.

12.

Pelos cumes dos montes empinados,
Ao crystallino Tejo sobranceiros,
Em turmas mudos vão como assombrados
De Lysia os naturaes, e os estrangeiros:
Vão d'olhos turvos, rostos indignados,
A grave passo d'Africa os guerreiros,
E com severo aspeito ás Náos olhando
Táxão de cego o feito memorando.

13.

Em quanto o mar, e as Náos contempla attento
O mixto Povo atonito, enleado,
E os triunfaes Pendoens sacode o vento,
Na prôa o duro ferro a pique alçado:
D'entre tão numeroso ajuntamento
Sob o peso dos annos encurvado
Ergue a voz hum varão, qual viva chamma,
E assim com pasmo universal exclama.

14.

Quando, cega Ambição, nos teus altares
Deixará de espargir-se o sangue humano?
Quando de extinctas victimas milhares
Deixará de abrasar teu fogo insano?
Quantas sorvidas dos ferventes mares
Tem pranteado o Povo Lusitano?
Quanto lhe custa a heroica façanha
De abrir no vasto mar vereda estranha!

15.

Escrito veja nos Annaes da Historia
Esse que julga permanente nome,
Acaba o nome, acaba-se a memoria,
Que a mão do Tempo os marmores consome:
Fantasticos Troféos, Fama illusoria,
Que a famulenta sepultura come;
Tudo se acaba, tudo se esvaéce,
E só virtude eterna permanéce.

16.

Morra a lembrança do primeiro humano,
Que deslumbrado, intrepido, atrevido,
Nas azas d'Ambição foi d'Oceano
Transpôr, voando, o espaço não sabido:
Ousou, levado de ardimento insano,
Ouvir do vento o horrisono bramido,
Deixando o berço natural, a Terra,
Foi declarar á Natureza a guerra.

17.

Sagrada fome d'ouro! e na garganta
Por hum pouco lhe fica a voz pegada;
Mas a magoa, que o peito lhe quebranta,
De novo a fez romper, como indignada:
Em mais terriveis éccos a levanta,
Co' a mão robusta aponta á forte Armada,
Ao Povo os olhos accendidos volta,
E taes accentos formidaveis sólta.

18.

O' mal aconselhados! se o desejo
De dar ao Luso Imperio outro limite,
E tão incertos de tornar ao Tejo,
Assim vos leva aos campos de Amphitrite:
E, se ouvidos dest'arte eu dar-vos vejo
Do nome, e fama ao perfido convite;
Não tendes aqui perto Africa adusta,
A quem a sombra Portugueza assusta?

19.

Quereis buscar pela victoria o Louro,
Desejado brasão de Heróe valente,
Se o tendes certo no vencido Mouro,
Porque dubio o buscais no incert'Oriente?
Em barbaro poder jaz hum thesouro;
Jaz no dominio de Ottomana gente,
O Sepulchro de Christo, e a Palestina,
Inda a estrada da gloria a Heróes ensina.

20.

Ide acossar o Arabe inhumano,
Se não cabeis no Tejo, ao turvo Oronte,
Ou de Bysancio ao Despota Tyranno
No Bósforo humilhai soberba fronte:
De vossa fama o brado soberano
Na Syria aos Ceos de novo se remonte,
Que ás Falanges da Scitia inda põe mêdo
Latinas armas, e o feroz Gofrêdo.

21.

Chorando emmudecêo.... Tenra Donzella
Aos Ceos ergue tambem piedoso brado,
Vendo ondeante a desfraldada véla,
Qu' aos olhos vai roubar-lhe o amante, e amado:
N'alma se finge turbida procella,
Os medonhos tufoens, e o mar irado,
E não descobre nas revoltas aguas
Mais que os preságios de funestas magoas.

22.

Em tanto o grande Rei no pensamento
Volve e medita o feito alto e sobido,
Em que ha de dar de insolito ardimento
Hum novo quadro ao Mundo conhecido:
Presentes, muniçoens, forte armamento,
Era aos baixeis undi-vagos trazido;
Chegada era moção, propicio encejo
De levar ferro do chorado Tejo.

23.

Pela Fé conduzido ao Templo vôa
(Que era pequeno então) machina ingente,
Que inda afama, inda illustra a alta Lisboa,
Qual o que vio Jerusalem potente:
Templo, onde inda se escuta, onde inda sôa
Sempiterno pregão do achado Oriente,
E absortas nelle vêm Naçoens estranhas
Do Luso Imperio as inclitas façanhas.

24.

Do Supremo Senhor o auxilio invóca,
Que ao fim conduza o feito glorioso;
Eis que dos Nautas o esquadrão convóca
O rouco som do bronze estrepitoso:
No ar repercutido altera, e tóca
O Povo alvoroçado, e temeroso
Infia, e se lhe muda a côr do aspeito,
Bate apressado o coração no peito.

25.

Do nautico esquadrão na frente vinha
O Gama, a quem mil bens reserva o Fado;
Na cinta a espada vencedora tinha,
Rege a robusta mão bastão dourado:
Assim Guerreiro, e Capitão caminha
Com ar sereno, alegre, e confiado;
Mui fausto agouro, e manifesto indicio,
Que Deos tão ardua empresa olha propicio.

26.

Sacrificio incruento, alto mysterio
Se offerece ao Senhor Omnipotente,
Em que o Divino Redemptor do ethereo
Assento vem morar co' a humana gente:
De eterno amor sustendo o doce Imperio,
Té que o tempo se acabe. O Rei potente
Junto ao sagrado altar chamando o Gama,
A bandeira lhe entrega, e assim lhe exclama.

27.

Eis o Pendão, que aos ares se desprega
Em tuas mãos, ó forte Lusitano,
Confia no Senhor, e o mar navega,
Que até agora se diz o intacto Oceano:
Vai devassar seus terminos, e chega
Onde jámais chegára esforço humano,
Volta de novo ao Tejo, á Europa absorta
Mostra do acceso Oriente aberta a porta.

28.

Torna-lhe o grande Heróe: em quanto alento
D'aura vital me sustentar na terra,
Este Estandarte fluctuando ao vento,
Iris será da paz, raio na guerra:
Voando irá no tumido Elemento,
Té vêr os Povos que o Oriente encerra;
Co' a mesma gloria, com que agora o vejo,
Vencido o mar, tremolará no Tejo.

29.

Sahe do sagrado Templo; eis de Ullyssêa
Ao fatal lance, concorrendo as gentes,
Vão derramando na miuda arêa
Com passo incerto lagrimas ferventes:
A cupula do Ceo sereno he chêa
De altos brados, de súpplicas ardentes;
Entre hum chôro, que os animos quebranta,
Sacerdote inspirado a voz levanta.

30.

Fulgurou-lhe na frente ethereo lume,
Parece que dos labios lhe rompia
Sonóra, insinuante a voz d'hum Nume,
Que o coração preságo lhe accendia.
Dos Ceos olhando ao luminoso cume,
Ora o rosto lhe córa, ora lhe infia,
Treme-lhe a frente encanecida, e nuta,
E com seus mesmos pensamentos luta.

31.

Bradava em fim profetizando.... A gente,
Que entre as sombras da morte está sentada,
Vê raiar o clarão da tócha ardente,
Qu aos homens foi por Deos do Ceo mandada:
Veje-a romper do Tejo auri-splendente,
Nas Lusitanas mãos brilha arvorada,
Hum Deos pregado n'huma Cruz se adora,
Onde assoma nos Ceos primeiro a Aurora.

32.

Anjos velozes em cavados pinhos
Nas azas rapidissimas do vento
Correm a abrir incognitos caminhos
Ao passo, á vista, a humano entendimento:
Deixão contentes os paternos ninhos,
Novos Astros vão vêr no Firmamento;
A' força de seu braço em vão resistem
Povos, alem dos quaes nenhuns existem.

33.

Nem Tifis eu contemplo, ou fabulosa
Argos levada ao Ceo, mas triunfantes
Heróes, que em alta Náo victoriosa
Assoberbão as ondas espumantes:
Desde as bôcas do Tejo á luminosa
Plaga, que sente os raios coruscantes
Do Sol no berço, rodeando a Terra,
Fazem das trévas ao Tyranno a guerra.

34.

Nem mais levadas, e ligeiras vôão
As nuvens pelo Ceo! no immenso, e fundo
Mar da medonha morte as trompas sôão,
Ora sôa da paz clamor jucundo!
Mais que as Aguias aligeras revoão,
Os Hemisferios dous correm do Mundo!
A Terra Oriental de bens abunda,
Ah! quam sublime Imperio alli se funda!

35.

Já, quasi o Glóbo conquistado, ao Téjo
Vem, Portugal, teus filhos gloriosos;
Cheio de assombro, e dilatado vejo
Teu mesmo coração com dons preciosos!
Segue a victoria os passos do desejo,
Quando acomettes Povos bellicosos;
Corre a ti multidão, que o mar encerra,
E's arbitro na paz, és raio em guerra.

36.

Ide, invictos Heróes, que vos esperão
Ilhas do vasto mar, nunca sulcado;
Onde nunca até agora apparecêrão
Os que derão no Mundo immenso brado:
Mais ávante do Hydaspe não rompêrão
Hostes do Joven Macedonio armado;
Que onde nem fama de seu nome chega
Tudo ao jugo do Tejo o cóllo entrega.

37.

Rasgão-se os véos, que os seculos occultão!
Vejo esquadroens de Idolatras armados,
Em poder, em riqueza, em força avultão,
Os mares coalhão lenhos torreados:
E, confiando na soberba, insultão
Lusos Campioens em número apoucados,
O braço omnipotente hum Deos levanta,
O cégo orgulho barbaro supplanta.

38.

Vejo maior Imperio, e mais sobido,
Qual não vio n'outro tempo a Terra Eôa;
Babylonia vio Cyro engrandecido,
Verá mais armas, e triunfos Gôa:
Soberbo Persa, e Arabe vencido,
Manda de Ormuz tributos a Lisboa;
Taes Lysia aos Thronos dá fataes abalos,
Que aos Reis da India chamará vassallos.

39.

Diu, escudo fortissimo, na frente
Posto da rica, armigera Cambaia,
A soberba Malaca armi-potente,
De Narsinga opulenta a immensa praia,
Do Pegú recatado o Imperio ingente;
Onde primeiro o Sol fulgura, e raia,
Antigos Chins, Japoens, tremendo vejo,
Que as Leis acceitão, que lhes manda o Tejo.

40.

Vejo do Gange as margens verdejantes,
Quantas Palmas vegetão, que algum dia
Sustentadas serão nas mãos triunfantes,
Que fundão n'Asia a Lusa Monarchia!
Lá vejo em fuga as Hostes arrogantes
Da estirpe de Israel soberba, impía;
O Tyranno do Bósforo recúa,
Fica eclipsada de Bysancio a Lua!

41.

Ide, Heróes, sem temor, que o Ceo vos chama,
Pois delle sois visiveis instrumentos;
Luzes, e bençãos sobre vós derrama,
Vós propicios tereis o mar, e os ventos:
Ou rasgue as nuvens a trisulca chamma,
Ou conjurem em guerra os elementos;
Triunfantes ireis na equorea vêa,
Deos á desgraça os impetos refrêa.

42.

Ide, a luz espalhai, que eu vejo as Gentes
Postas em sombras sepulchraes té agora,
Ao clarão de seus raios refulgentes
Erguer a Cruz nas regioens d'Aurora:
Turba immensa de Reis, grandes, potentes,
O Evangelho acredita, a Deos adora,
E deixando de Idólatras o culto,
Vingão os Ceos do prolongado insulto.

43.

Ide, e vereis que se renova o Mundo,
E que se cobre Portugal de gloria,
Combatereis na terra, e mar profundo,
A' vossa frente irá sempre a victoria.
Nunca os Lusos terão lugar segundo
No permanente Alcaçar da Memoria,
He tão raro o valor, que em vós contemplo,
Que não teve, ou terá, na Terra exemplo.

44.

E se o genio do mal as pavorosas
Tormentas excitar, se os Ceos toldados
Forem de nuvens densas, e horrorosas,
Donde desfechem raios abrasados:
Se tocardes nas Syrtes arenosas,
Onde rebentão mares empolados;
Os mares vencereis, o Inferno, e tudo,
D'alta virtude sobraçando o escudo.

45.

Sem custo não se galga ingreme estrada,
Que vai da Fama ao Templo glorioso;
Deixa-a de sangue, e de suor banhada,
O que busca no Mundo hum nome honroso:
Por vós he já vencida, he já passada
No feito que intentais prodigioso;
Que esta façanha concebida chega,
Onde antiga não foi Romana, ou Grega.

46.

Achareis o Indostão, prompto vigia
Hum Anjo sobre vós nos vitreos mares;
Por esses campos sem balisas guia
Vossos baixeis aos Indianos Lares.
Vós ides vêr os thalamos do dia;
Eu vou sobre os thuri-cremos altares
Offertar com respeito a hum Deos propicio
Seu mesmo Filho em sancto sacrificio.

47.

Os eternos oraculos escuta
O' tu, Monarcha invicto, a ti foi dado
Pela que rege os Mundos absoluta
Dextra o Imperio do Oceano irado:
Entre negros tufoens, em guerra, em luta
Por ti visto será, será domado;
Nelle hum dominio universal t'espera,
Farás hum timbre da armilar Esfera.

48.

Teu sceptro, e teu poder pouco avultára
Sem descobrir no berço o Sol nascente;
Indaque a força tua ao jugo atára
Quantos Povos sustenta Africa ardente:
Rompe o dia, que em sombras se occultára,
E nelle quer hum Deos omnipotente,
Que d'Asia toda os inclitos Monarchas
A mão te beijem, com que o Glóbo abarcas.

49.

Tudo o tempo acabou! Medonha e triste
Do grande Cyro a sombra inda vaguêa
Do Eufrates pela marge, ond' inda existe
Hum resto de Babel n'adusta arêa:
Dos seculos ao braço em vão resiste,
A que outr'ora s'ergueo de gloria chêa,
E vê, jazendo a que assustára o Mundo,
Do esquecimento em túmulo profundo.

50.

Lá vai correndo o Paretonio rio,
E ruinas somente inunda, e alaga;
Té que por bôcas sete ao Senhorio
Do vasto, e fundo mar tributos paga:
Pasma, vendo do tempo o véo sombrio,
Como tudo amortece, e tudo apaga;
Onde Thebas s'ergueo não sabe agora,
Té onde Memphis existíra ignora.

51.

O viandante atonito suspira,
Quando as medonhas solidoens divisa,
Onde lhe mostrão que existio Palmira,
Onde só restos de columnas piza:
A grão roda dos seculos, que gira,
Marmores, jaspes, bronzes pulverisa;
Onde fôra Persepolis conhece,
Por hum montão de pedras que apparece.

52.

Essa de Imperios caprichosa sorte,
Que tantos déra ao Joven orgulhoso,
Que desde Macedonia o estrago, e morte
A's margens foi levar do Hydaspe undoso:
A Persia avassallou soberbo, e forte,
Em ferros lança a Poro desditoso;
Mas de tanta ruina, e tanta gloria
Debil vestigio nos conserva a Historia.

53.

Do invicto Julio a imagem luctuosa,
Como escorrendo sangue, inda turvada
Gira, enluctando o ar, pela arenosa
Margem do inglorio Tibre avassallada:
Busca d'antiga Roma a pavorosa
Gloria, no estrago das Naçoens sentada;
Em restos immortaes, que a terra cobre,
A ferrea mão dos seculos descobre.

54.

Eu só descubro na Indiana terra
Vosso Throno em virtude sustentado,
Venha em futuros seculos a guerra
Mudar do acceso Oriente aspecto, e fado:
Nunca de todo d'Asia se desterra
Lusitano esplendor, mas levantado
Contra o furor do tempo eterno fica,
Aos tempos todos o que foi, publica.

55.

Dos altos Ceos decretos não mudados
Mais gloria para vós, mais bens reservão,
Mas são mysterios aos mortaes vedados,
Que de augusto silencio as leis observão:
Que Reis vencidos, Povos debelados
Para timbre de Lysia os Ceos conservão!
Tanto, tanto antevê presága a mente,
Que mais descubro, que o buscado Oriente!

56.

Talvez possais na Syria erguer o Imperio
Vós, conductor das Legioens Latinas:
De Balduino o triste vituperio
Irão vingar as Portuguezas Quinas!
Talvez por vós decrete o assento ethereo
Salvar Jerusalem!... Talvez ruinas
Vós levareis ao Bósforo arrogante,
Pizando aos pés as Luas, e o Turbante!

57.

O' Monarcha feliz! O Omnipotente
Tantos bens para vós já tem guardado!
Abrem-se as portas do escondido Oriente,
Nunca tão grande premio aos Reis foi dado!
Já barreiras não guarda o mar fervente,
Já para trás não torna o Nauta ousado,
E já da Cruz o triunfal madeiro
Do Glóbo chega ao termo derradeiro!

58.

Urdindo de ouro estão dias ao Mundo
Concordes Parcas; divinal portento
De luz, de gloria pelago profundo,
Grande Rei, vós da Fé grande incremento!
Aos homens já se mostra o Ceo jucundo....
Ide, e tornai de tanto apartamento....
Bemdito sejas, Immortal Jeóva,
A Graça desce, a Terra se renova!

59.

Extatico ficou.... Qual transparente
Mimoso orvalho, que das nuvens désce,
Que ao fructo sazonado, á flôr nascente
Solta o aroma, o calice humedéce:
Tal o valôr da Lusitana Gente
Co' a sancta voz profetica recrésce;
Estancadas as lagrimas se avança,
Em ligeiros baixeis as Náos alcança.

60.

Larga-se a branca véla, e a forte Armada
Se retratava na corrente fria,
Nunca em socego tal, tanto espelhada,
O Estio a víra ao despontar do dia!
Trôa o cavado bronze; e a conglobada
Nuvem, que exhala a negra artilheria,
Na superficie s'estendeo dos mares,
Fica o rebombo do trovão nos ares!

61.

Duro ferro arrancado ao fundo algoso
Da cortadora prôa está pendente;
Eis se começa d'encrespar o undoso
Tejo, co'o sôpro do purpureo Oriente:
Fatal momento! Ouvio-se hum mavioso
Grito, que enfrêa ao rio a azul corrente;
Em quanto o Povo permanece absorto,
Arfão as Náos, e se retira o Porto.

62.

As tristes mãis atonitas, errantes
Nas praias vão com rostos macerados;
Ao rouco som das ondas espumantes
Misturão de continuo inuteis brados:
Pulsão co'as mãos os seios palpitantes,
No mar azul os olhos tem pregados;
Esvaécem de todo, e ignorão onde
O confuso horizonte a Armada esconde.

63.

Lá vais da gloria ao termo derradeiro,
O' portentosa audacia Lusitana,
Quantos males, e bens no Mundo inteiro
Farás sentir n'hum tempo á especie humana!
Leva-te amor da Patria, e verdadeiro,
Mas delle ha de abusar cobiça insana;
Tempo, tempo virá que a Europa veja
Quam fatal d'Asia o luxo, e o Sceptro seja!

64.

Somente se vê mar.... de dôr tomado
O Povo torna meditando o feito;
Rompe mais forte da tristeza o brado,
Té alli detido no convulso peito:
O coração mais forte, e denodado
He para dôr tamanha hum campo estreito;
Se ás aguas outra vez seus olhos volve,
Em mais amargo pranto se resolve.

65.

Quasi na foz do Tejo, onde s'erguia
Sobranceiro hum penedo, onde fervendo
Na espumante resáca o mar batia,
Do escuro fundo a arêa revolvendo,
Huma Donzella atonita se via
Rio amargo de lagrimas vertendo;
A vista a julga parte do penedo,
Tal tinha o rosto enregelado, e quedo.

66.

Sôlta a madeixa ondêa ao vento dada
Tão negra como os Ebanos lustrosos,
A vista incerta, languida, e turvada,
Quaes no Ceo vêmos astros nebulosos:
Pálida a tez da face delicada,
Sem viva côr os labios graciosos;
No frio, eburneo seio as mãos se cruzão,
Ao moto usado os membros se recuzão.

67.

Assim do Ponto o Vate enternecido
Nos pinta a Amante do infiel Thesêo,
Quando entre as vagas humidas mettido
Vio ao longe o baixel no mar Egêo:
Assim nos diz que o coração partido
De mágoa, e cruel dôr lhe esmorecêo;
E que, sentada em rigidos escólhos,
Só nella mostrão, que respira, os olhos.

68.

Tal a Donzella está; o amante chora
Surdo a seus ais, seus prantos maviosos;
Co'o silencio somente os Ceos implora,
Com elle accusa os Fados rigorosos:
Pôde no amante a sombra encantadora
Da gloria mais, que os laços amorosos;
Mas do silencio a mágoa se desprende,
E com taes queixas os penhascos fende.

69.

Ou não te vás, ou leva-me a teu lado,
Onde eu comtigo expire, ou viva amante,
Onde o suspiro extremo, o ai magoado
Possa em teus labios exhalar constante:
Tu mesmo, se te apraz, me apressa o Fado;
Derrama de meu seio o sangue ondeante,
Eu não me queixarei da infausta sorte,
Se expirar a teu lado, he doce a morte.

70.

Foi por certo hum amante, e foi perjuro
Quem se atreveo primeiro em leve faia,
A' discrição do vento mal seguro,
No vasto mar perder de vista a praia:
E não se desfechou do seio escuro
Das nuvens raio vingador!... não caia,
Não, na frente do ingrato, exista, e viva,
Sinta o remorso, furia vingativa.

71.

Faltou-lhe a voz então, muda e suspensa
Para o mar debruçou languida frente;
Entra em duéllo a recebida offensa,
Inda grande, ind'armado amor ardente:
Entre contrarios dous de força immensa
Que golpes fulminou Fado inclemente!
No influxo triste da maligna Estrella
A miseranda victima foi ella!

72.

Inda huma vez os olhos alongando
Onde ia o coração, já não descobre
Na cerulea planicie as Náos vogando,
Porque o ar tanto ao longe as fecha, e cobre;
Permitte então seu Fado miserando
Que tanto e tanto a mágoa se redobre,
Que de si mesma barbara homicida,
Prefira a morte á desgraçada vida.

73.

Tal foi da antiga Dido a infausta sorte,
Quando já delirante o ferro abraça,
E voluntaria victima da morte
Seu magoado coração traspassa:
No lance extremo, valorosa e forte,
O laço aborrecido despedaça;
Não quiz deixada, não, nem quiz trahida,
Mais hum momento conservar a vida.

74.

A's ondas se arrojou; como espantadas
Do escavado penedo se afastárão;
Como em montanhas liquidas formadas
A tão triste espectaculo parárão:
Subitamente as nuvens carregadas,
Como em negra tormenta fuzilárão;
Do mar tragado o corpo ao fundo desce,
E da vista dos Ceos desapparece.

75.

Este de insano amor fructo amargoso
Mais d'huma vez se vio n'antiga idade;
A jugo tão pesado, e doloroso,
Parece atada a triste humanidade:
De Mitelene a Musa, este horroroso
Quadro ao Mundo fez ver; inda a saudade,
E os magos sons da resonante Lyra,
O rochedo de Leúcate respira.

76.

Amor, tyranno amor, nos teus altares
Sempre em torrente corre o sangue ondeante,
Nem te abastão de victimas milhares,
A nunca extincta sêde devorante:
São teu sustento lagrimas, pesares,
Mudas em servo vil o Heróe prestante,
E com força fatal, poder superno,
Sabes fazer do Paraiso inferno.

77.

Da Providencia a lei suprema, e justa
Os Mundos separou co' o vasto Oceano;
Mas não se atemoriza, nem se assusta
D'ir transpôr este abysmo esforço humano:
Do ouro, ou do renome a sêde injusta,
Insensivel o faz da morte ao damno;
Contrasta a Natureza; a seus intentos
Não são barreira o mar, barreira os ventos.

78.

Sepulchro he do mortal, e he berço a terra,
Nella a morada tem, nella o sustento,
Mas desdenhoso a engeita, e se desterra,
Té com prazer, do natural assento:
No mar affronta a morte, accende a guerra,
Não lhe bastando o sólido elemento;
Cuida bater a estrada da ventura,
E vai topar co' a eterna sepultura.

79.

Esta victima infausta, e o luctuoso,
Amargo pranto, annuncio he malfadado
Dos males, que em si guarda o mar undoso
Na tarda idade ao Lusitano ousado:
Quantas no cego abysmo, alto, espantoso
Terão da vida hum termo desgraçado,
Quando a cobiça, e sordida avareza
Fôr alvo só da gloriosa empreza!

Fim do Canto II.

O ORIENTE.

CANTO III.

1.

A Armada corta o tumido elemento,
Que em torno do costado espuma, e sôa,
E donde assoma o Sol no Firmamento,
Por entre as vagas tumidas se aprôa:
Das altas gavias o Gageiro attento,
Já não divisa os montes de Lisboa;
Sincera dôr universal se sente,
Quando se avista o Ceo, e o mar somente.

2.

Vigilante Alenquer co' leme duro
Já co' a Libia entestando o mar abria,
E pelos ermos liquidos, seguro
De Leste o rumo cognito seguia:
Se a noite desdobrava o manto escuro,
A vista perspicaz ao Ceo volvia;
Observa o ferro, que se volve ao Polo,
E as Náos esquiva aos impetos de Eólo.

3.

Em quanto assim tranquillo as ondas corta
O Luso explorador do acceso Oriente,
E com seguro aspeito os seus exhorta,
A buscarem da Patria a gloria ingente:
Mal no abrazado carcere supporta
Satãn soberbo a empreza alta, esplendente.
Quando a quéda já proxima antevia
N'Asia da torpe, e cega Idolatria.

4.

Sobre hum Throno medonho, e circumdado
De hum mar immenso de sulfurea flamma,
Está do Inferno o Despota assentado,
Co' a tôrva vista ao longe horror derrama:
Conserva o rosto horrendo assignalado,
Inda dos golpes da trisulca chamma,
Que arremeçada pelo braço eterno
O fez cahir dos Ceos no escuro Inferno.

5.

Inda que a luz celestial, e pura,
Que a frente lhe banhou no Ceo luzente,
De todo esteja immersa em sombra escura,
Sempre hum Arcanjo se divisa, e sente:
Bem como o claro Sol menos fulgura,
Se a Lua se interpoz ao disco ardente,
Nem todo o dia fulgido apparece,
E nem de todo a noite s'enegrece.

6.

Respira estrago, e morte, e a voz levanta
Com força tal, que as infernaes cavernas
Co' o pavoroso estrépito quebranta;
Párão hum pouco as penas sempiternas:
E a negra habitação do horror s'espanta,
Quando a blasfemia ouvio.... Ser, que governas
Os altos Ceos, que a Natureza reges,
Como he possivel que meu Reino invejes?

7.

Decreto ignoto de invencivel Fado
Quiz que da luz no Alcaçar se abatesse
Throno, que igual ao teu, eu tinha alçado,
Que á força Omnipotente em fim cedesse:
Neste abysmo me vi precipitado,
Mandou-me o Odio, que daqui rompesse;
E deste eterno aggravo, eterna affronta,
Fui tirar no mortal vingança prompta.

8.

Venci, formei meu Solio, entre as ardentes
Chammas reinei da lobrega morada,
E desses Ceos, e Imperios eminentes
Eu já não tenho que invejar mais nada:
Anjos trouxe a meu Sceptro obedientes,
E de Anjos tenho minha Séde ornada;
Se não fui semelhante ao Ser eterno,
Sou Soberano, e Déspota no Inferno.

9.

Eu mesmo dei poder, e imperio á morte,
Tirei os homens do innocente estado;
Eu como auctor do mal, potente, e forte
Lhes puz no cóllo o jugo do peccado:
Pelo Inferno troquei dos Ceos a sorte:
No terreo glóbo, quasi avassallado,
Vi que a meu nome, e meu poder immenso
S'erguião Templos, se queimava incenso.

10.

Foi minha a potestade, e minha a gloria
Por sèculos no Mundo, independente
Soberano, a meus pés tive a victoria,
Até posso chamar-me Omnipotente!
Não mais me atormentou triste memoria
Do Imperio, a que aspirei no Ceo luzente;
Sem jámais desistir da eterna guerra,
Ao Ente humano a declarei na Terra.

11.

Era, ó Ser immortal, a imagem tua,
A seu Imperio tudo obedecia;
A Natureza da vontade sua
Em sua marcha, e producçoens pendia:
Por quanto illustra o Sol, e aclara a Lua
O dominante Sceptro elle estendia;
Mas eu d'hum golpe o fiz mesquinho escravo,
Na terra reparei dos Ceos o estrago.

12.

Mas oh! (lembrança turbida, e sombria)
Eu matutina Estrella, eu Sol radioso....
Pôde offuscar-me o filho de Maria....
Abre os fechados Ceos victorioso,
Meu poder quebrantou; mas inda eu via
Meu Sceptro n'Asia dominar glorioso,
E audaz despedaça-lo hoje pertende
(Que injuria!) hum só mortal, que os mares fende!

13.

Da minha eterna pena o eterno fogo
Com ella s'augmentou, e o mal se avança....
Mas embora, que eu tenho o desafogo
Nos raios, que esta mão sopeza, e lança:
Ao leve aceno de meu braço, logo
Irá odio, irá morte, irá vingança;
Inda existo implacavel, iracundo,
Qual já me vio no Paraiso o Mundo.

14.

Esse mortal da culpa triunfante
De meu Imperio a força hoje conheça;
Tema o golpe do raio crepitante,
Que a furia da vingança hoje arremeça:
Deste sulfureo pélago ondeante
Vou levantar a triunfal cabeça,
E já que o Mundo com meu Sceptro abranjo,
Conheça o homem, que se vinga hum Anjo.

15.

Póde acaso evadir-se á abrazadora
Chamma, que me consome, o nauta ousado?
Acaso os climas profanar d'Aurora
Irá n'hum leve pinho ao vento dado?
O vast' Oriente, que meu Nume adora
Irá ser de huma Cruz avassallado?
S' inda ao golpe primeiro oscilla o Mundo,
Mais humilde se acurva hoje ao segundo.

16.

Qual fero Tigre em selva Americana,
Ou qual sente o Leão Zara arenosa,
Se o negro Caçador lhe atiça a insana
Furia co' a seta, ou lança temerosa;
Que vendo o sangue, que do golpe emana,
Ruge de raiva, espuma, e a duvidosa
Vista a seus filhos rebramindo lança,
E só co' a morte do aggressor descança.

17.

De sanha mais atroz enfurecido
O carcere infernal co' os olhos gira,
Solta a voz, que produz alto estampido,
Como se hum raio os ares dividira;
Tremeo na base o Abysmo sacudido,
Maior a noite eterna horror respira;
Té de mais sombra, quando o brado escutão,
As negras furias infernaes se enluctão.

18.

Quaes correm ventos, que as prizões forçárão,
Ou quaes as chammas, que ao Vesuvio o seio
Com medonho trovão despedaçárão,
Lançando ao ar negrume horrendo, e feio:
Taes os rebeldes Serafins voárão,
De que o eterno calabouço he cheio;
Como clarões de fogo as sombras fendem,
Nas azas negras sustentados pendem.

19.

Toda em torno do Solio se apinhava
Chusma rebelde, que dos Ceos cahira;
E da falange em frente se avançava
A morte, envolta em sangue, ardendo em ira:
Na mão, que he sempre vencedora, alçava
Foice, que hum medo universal inspira;
Ao Mundo a trouxe o feio, horrendo crime,
Todo o ser, que he creado, atterra, opprime.

20.

Logo após ella vai da insana guerra
Genio, que os homens ás desgraças chama;
Discordia o segue, que no seio encerra
Fogo voraz, que as dissensoens inflamma:
Vôa a louca ambição, que pela terra
Sangue, luctos, catastrofes derrama;
As azas sacodindo o Inferno atrôa,
Da Tempestade o Espirito, que vôa.

21.

O Impeto parou precipitado
D' impia turba ante o Solio pavoroso;
Lança-lhe a vista o Despota indignado,
Nella se exprime a dôr do peito ancioso:
Tanto acima da chusma alevantado,
Quanto ao nivel do mar monte orgulhoso,
Que se a alta cima as nuvens lhe corôão
Na base as ondas fervidas resôão.

22.

Anjos.... (pára, e suspira!) Anjos no ethéreo
Reino, algum dia Campioens ousados,
Que a mais ditosos Cherubins o Imperio
Disputastes, comigo á frente, armados:
Não vos sirva de affronta, e vituperio,
Ser do Imperio da Gloria despojados,
Que em nosso eterno ser não ha mudança,
Suppra o perdido estado alta vingança.

23.

Se dos excelsos thronos refulgentes
Irresistivel mão vos precipita,
A Terra toda nos temeo potentes,
Grilhoens lhe lança minha dextra invicta:
Temos Imperios, Solios eminentes
Nesta negra extensão vasta, infinita,
Neste Reino do espanto, e do desgosto,
Do mal eu sou principio, aos Ceos opposto.

24.

Assoberbadas as Naçoens té agora
Furtão ao jugo o cóllo rebellado;
Da Cruz o Lenho triunfal se adora
Onde o Glóbo terraqueo he povoado:
Meu Throno cahe nas regioens d'Aurora,
Desde a origem dos seculos alçado;
Lá corta o mar o Luso armi-potente,
Meu culto, e vosso acaba no Oriente.

25.

Não tenha força a Lei, e o laço estale,
Que o mar na molle arêa embrida, e liga,
Toda a terrena machina se abale,
Reine do Cahos a discordia antiga:
Meu odio em novos golpes se assignale
Contra a Nação sacrilega inimiga;
Sepulte, esconda o turbido Oceano,
A mór acção de atrevimento humano.

26.

Dest'arte o mar té agora equilibrado
Desde a azul superficie ao negro fundo,
Pelo poder do Inferno encapelado,
De novo deixará naufrago o Mundo:
Do Luso explorador baixel ousado
Perca os Astros de vista, e o Ceo jocundo;
Veja do golpe espavorida a terra,
Como saiba vingar-se o Inferno em guerra.

27.

Mas esta guerra, e relevante empreza
Com vosco pede, ó Cherubins, meu braço,
A' temeraria gente Portugueza
Irei cortar o resoluto passo:
Deixe-se hum pouco o Reino da tristeza,
Vamos girar da luz no immenso espaço,
Segui-me o vôo, que assignala a estrada
Desde o Bárathro ao Sol, do Sol á Armada.

28.

Disse o blasfemo; e sacudindo a ardente
Abóbada infernal, abre a garganta
Do negro, fundo Abysmo: o abalo ingente
Faz oscillar a terra, e o mar levanta:
N'hum, e n'outro Hemispherio a erguida frente
Dos montes se inclinou, com força tanta
As cadêas rompêo, que parecia,
Que era chegado ao Mundo extremo dia.

29.

Das taciturnas sombras se apartava
O Despota soberbo ao ar turvado,
A's ethereas mansoens seu vôo alçava,
Das Furias infernaes acompanhado:
Pela estellante cúpula voava,
Qual vai Cometa infausto inda ignorado,
O excentrico avançando incerto passo,
Na indefinita solidão do espaço.

30.

Tanto o Inferno perdêo de horror profundo,
Quanto Satân vai longe: em luctuoso
Véo de eclipse total s'involve o Mundo;
Da vista foge o Olimpo luminoso:
A' frente do esquadrão blasfemo immundo
Sacode as negras azas, e orgulhoso
Mais triste noite espalha, e raios vibra,
Por onde quer que passa, ou se equilibra.

31.

Da purissima luz o espaço talha,
Onde se arquêa o vasto Firmamento;
Co' a negra sombra, que voando espalha,
Aos Astros rouba eterno luzimento:
Ao ether desce logo, onde se coalha
A neve n'Atmosfera, e sopra o vento;
Pára hum pouco, despenha-se, e fulgura,
Qual meteóro infausto em noite escura.

32.

Malignos olhos alongando á undosa
Planicie, a observa tremula esplendente
A côr dos ares, qual purpurea rosa,
Que o seio desabroxa ao Sol nascente:
Descobre os Ceos azues, e a venenosa
Inveja o repassou com setta ardente;
A vista torce, e rebramando pára,
Quando co' o negro Inferno os Ceos compara.

33.

A's Náos possantes pelos vitreos mares
Soprava em pòpa lisongeiro vento;
Nem fluctuavão nuvens pelos ares,
Com vivo azul brilhava o Firmamento:
No rumo demandava adustos lares
Do brutal Azenégue, o douto, e attento
Astronomo Alenquer, que com profundo
Saber medita a machina do Mundo.

34.

Brame o feroz Satãn d'odio abrazado,
Ao vèr tranquilla a Armada, que veleja;
E mais de perto ao coração rasgado
Lhe açula as serpes assanhada Inveja:
O veneno sentio, e o vento irado
Ou forma, ou chama á fervida peleja,
Já sem elle hum vapor negro s'estende,
Em cujo obscuro seio o raio accende.

35.

Do Occaso escuro ao tumulo descia
No fulgurante coche o Sol dourado;
E, dando alento derradeiro ao dia,
Tinha debaixo d'horizonte entrado:
Eis de improviso rebramar se ouvia
No mar já turvo o vento amotinado;
E monstruosos peixes, que o talhavão,
Tristes presagios da tormenta davão.

36.

Já sibilão no ar tufoens violentos,
Quaes subitaneos vem no mar da China,
Que no embate, e fragor aos elementos
Mostrão ameaçar fatal ruina:
Como em batalha os esquadroens cruentos
Se baralhão com furia repentina;
As grossas ondas, e da noite o manto
Com mais sombra se estende, e mais espanto.

37.

Por entre as nuvens horridas bramindo,
Dellas derrama turbidas correntes;
E as carregadas azas sacudindo
Redobra a furia aos ventos estridentes:
O raio acceso, subito cahindo,
Deixa espadanas rubidas, e ardentes,
E o sulfureo clarão nos turvos ares
Mostra instantaneo os espumosos mares.

38.

Das electricas nuvens ondeantes
Se desatão chuveiros procellosos;
Ao bramido das ondas espumantes
Se ajunta o bérro dos trovoens ruidosos:
Resoão pelos lenhos fluctuantes
Os silvos dos tufoens caliginosos;
Ao denodado Gama o peito esfria,
Pois mais que as leis da Natureza via.

39.

Qual entre o fogo, e fumo ennovelado,
Que a Cratéra volcanica vomita,
Sobe ao ar hum penhasco esbrazeado,
E no abysmo outra vez se precipita:
Tal o soberbo Espirito indignado
Pela fechada escuridão se agita;
Do mar ás nuvens sobe, o raio accende,
Desce com elle ao mar, e as nuvens fende.

40.

Ouve-se o ronco á vaga, que estalava,
E se redobra universal espanto;
Quasi he continua a luz, que fuzilava,
Despedaçando á noite o escuro manto:
Nos baixeis quasi naufragos soava
Por toda a parte lastimoso pranto,
De todo o duro Nauta desalenta,
Quando escuta, que em rocha o mar rebenta.

41.

Vai correndo sem rumo a forte Armada
Pela espadoa das ondas espumosas;
Ora aos turvados Ceos arremeçada,
Ora tocando as furnas arenosas:
De todo a ethérea abobada toldada
Do Polo esconde as tóchas luminosas;
Muito a agulha sympathica declina,
Nem já tentada róta ás Náos ensina.

42.

Vendo a morte tão perto os marinheiros,
Immoveis ficão de pavor trancidos,
Nem podem vélas amainar ligeiros,
Rasgadas dos tufoens embravecidos:
Aboião já nas ondas os madeiros,
Das entalhadas pôpas divididos,
Bate o fervente mar, vão sem descanço,
Sem rumo as Náos em trémulo balanço.

43.

Sobe a Campa do mar com furia tanta
Na pròa de hum baixel atravessado,
Que impellido da força, que o supplanta,
De hum bordo appareceo quasi alagado:
O Gama aos Ceos olhando, aos Ceos levanta
As mãos, e hum pouco o coração turvado;
Co' as supplicas, que a Fé tanto afervóra,
A Providencia Sempiterna exóra.

44.

Deos immortal, que as humidas arêas
Por limites ao mar constituiste,
Que as procellosas ondas Erythreas
Com braço Omnipotente dividiste:
E ás Tribus d'Israel d'espanto chêas,
Largo caminho milagroso abriste;
Que sobre as azas vens dos soltos ventos,
Tu, cuja voz he lei dos Elementos;

45.

Quererás permittir, que sorvão mares
Os que adorão teu Ser, louvão teu Nome?
Os que abração teu Culto, e teus Altares,
Tão ignorada sepultura os come?
E, sem tornar a ver paternos lares,
Opprimidos do mal, que nos consome,
Não chegaremos a tocar a terra,
Onde se faça aos Idolos a guerra?

46.

Que ha de dizer na Europa a indocil gente,
Que a lei da Igreja universal despreza?
Talvez diga, sacrilega, insolente,
Que he dos homens, não tua, est' ardua empreza!
Que assim se desvanece, assim desmente
Promessa feita á gente Portugueza!
Tu nos salva, Senhor, Tu Grande, e Forte
Amansa a furia ao Mar, desarma a Morte.

47.

Fitos os olhos lagrimosos tinha
Inda o justo Varão no ethéreo assento,
E já dos orbes crystalinos vinha
Descendo hum Anjo, que enfreava o vento:
Por entre as nuvens rapido caminha,
Toca, e se amansa o tumido Elemento;
Dissipa os furacoens, e o raio apaga,
Nem mais s'empola a resonante vaga.

48.

Espavorido Lucifer fugia,
Não supportando o vivido, esplendente
Clarão dos Ceos, que as sombras dividia,
No fundo cahos se occultou tremente:
Raio purpureo do nascente dia
De ouro vinha esmaltando o Ceo d'Oriente,
E, nuncia da manhã serena, e bella,
De Venus surge a rutilante estrella.

49.

Em Zefyro se muda o bravo Eólo,
Nas solidoens do espaço se occultava
O Plaustro immobil no hyperboreo Pólo,
Todo no mar o Ceo se retratava:
Do extremo ponto d'Oceano Apólo
O disco fulgentissimo elevava,
A nevoa se enrolou, que o ar encerra,
Hum nauta brada então da gavea: terra.

50.

De sobresalto chêa, e de alegria
Ao bordo corre a chusma alvoroçada,
E as Náos singrando na planicie fria
Co' a terra intestão n' Horizonte alçada:
Vê que de perto curva apparecia
Angra, d'altos oiteiros assombrada,
Que entre elles muito mais s'erguia hum monte,
Que em nuvem densa encapotava a fronte.

51.

De vivas côres matizadas aves,
Do Ente humano sem receios, fendem
Liquido o ar; mil halitos suaves
Das selvas aromaticas recendem:
Sonda-se o turvo mar com prumos graves,
Ao Sol as vélas humidas se estendem;
A's lizas ondas n'hum baixel se entregão,
E contentes vogando á Terra chegão.

52.

D'hum prazer sobrehumano absorta, e chêa
Nautica turba abraça a Terra ingente,
E toda a praia concava rodèa
Alenquer, que pesava o Sol luzente:
Muito do Gama o espirito s'enlèa,
Quando não vio sinaes d'humana gente,
Tenta ao cume subir do ignoto monte,
Donde ao largo contemple o horizonte.

53.

Por baixo de copados arvoredos
Vai com trabalho abrindo incerta estrada,
Arrojos d'hum volcão soltos penedos,
Tornão mais agra a encosta alcantilada:
Galga-lhe a cima em fim: altos segredos,
Scena co' o véo dos seculos tapada!
A'vista s'offerece huma figura
De fortes membros, válida estatura.

54.

Tinha hum cocar na barbara cabeça,
De peregrinas plumas enlaçado,
Curto sáio de plumas a adereça,
Desde a robusta cinta pendurado:
Hum arco, com que a setta se arremeça,
Na esquerda tinha co' o çarcaz ao lado;
Todo o mais corpo he nú, e a côr sombria,
De antigo bronze á vista apparecia.

55.

Co' a dextra aponta, e mostra os climas, onde
O Sol, deixando hum trilho luminoso,
A clara face n'Oceano esconde,
Dando lugar da noite ao manto umbroso:
Segura vista ao termo corresponde,
A que apontava o braço musculoso;
Os olhos alongando o Gama attento,
Só vasto mar descobre, e o Firmamento.

56.

Ao levantado pedestal attende,
E nota em bronzea lamina gravadas
Letras, que Argivas reconhece, e entende,
Já da roda dos Seculos gastadas:
Se até alli tal mysterio o Ceo defende,
Quer que as sombras em fim sejão rasgadas,
Decretando que o Nauta Lusitano
Mostrasse ao Mundo o portentoso arcano.

57.

Virá, dizião, nos futuros annos
Nauta, que rasgue os seios d'Occidente,
Que a parte, ás tres igual, mostre aos humanos,
Que esconde, e que separa o mar fervente:
Então se hão de contar dous Oceanos,
Devassados serão da extrema gente,
Que tem na Europa occidental o Imperio,
Do Sul buscando o incognito hemispherio.

58.

D'hum Pólo a outro corre, em levantado
Throno alli reina fertil Natureza,
Alli thesouros tem depositado;
De mór pompa se arrea, e mór belleza:
Alli terreno immenso he povoado,
De humano ser em natural fereza,
Tanto segredo o Ceo te manifesta
A Imagem de seus Incolas he esta.

59.

Desde as bôcas do Tejo em Náos possantes
Irão cortando as ondas procellosas,
Em outro rumo ousados navegantes,
D'Asia buscando as regioens ditosas:
Por veredas de mim trilhadas d'antes,
Nas azas de tormentas espantosas,
Co'a prôa irão tocar na immensa terra,
Que hum não rasgado véo té hoje encerra.

60.

Como ao romper-se o luctuoso manto
Da noite, reverbera a luz Febêa,
Que subito ao poder de ignoto encanto
Todo o quadro do Ceo se patentêa:
Assim de assombro, e desusado espanto
Tomada fica a gente de Ullyssêa;
E, na esperança d'encontrar a estranha
Terra, animosa desce da montanha.

61.

Mas, eis brada Alenquer, d'hum Sonho acórdo!
Que estranha luz me inunda a fantasia!
Com quanto assombro vejo, e me recordo
Do que Athenas a hum Sabio outr'ora ouvia!
Com seu profundo Oraculo concordo
Ser esta a Terra, que Timeo dizia,
Que recorrendo o mar com largo giro
Vira primeiro o morador de Tyro.

62.

Ou he por certo a Terra, que tocára,
Ou julgou ter tocado em lenho ovante
Hannon Carthaginez, que atrás deixára
As barreiras de Alcides triunfante:
Que em perduraveis marmores gravára
A memoria do feito alto, e prestante,
Que na crença do arcano, que escutárão,
Indecisos os Seculos ficárão.

63.

Quizera neste instante o invicto Gama
Ir demandar a annunciada Terra;
E dilatar da Patria o nome, e fama,
Tanto, e tanto crescida em paz, e em guerra:
Novo Argonauta illustre á empreza chama
O Ceo, que inda o segredo hum tempo encerra;
Depressa levará no mar profundo
Quem dê Reinos ao Tejo, á Europa hum Mundo.

64.

Em tão grande tormenta combatida
Espalma a gente a fluctuante Armada,
E de novo valôr apercebida,
Tentar espera a perigosa estrada:
Na immensa caça hum pouco divertida,
De que era a Terra incognita abastada,
As Náos provê, de caça se sustenta,
Ao trabalhado Corpo a força augmenta.

65.

Deixar as ermas praias he forçado
O Capitão prudente, Ilha as julgava,
Das muitas, que inda o mar não profanado
Co' as frias ondas resonantes lava:
A que inda o Luso, navegante ousado,
Nem Colonias, nem nome eterno dava;
Pois poucas são nas vagas crystalinas,
Onde não fossem tremolar as Quinas.

66.

Vio que em propicio ensejo hum brando vento
Soprava occidental, que a verdejante
Superficie do liquido elemento
Já se encrespava, e se movia ondeante:
E que já nova força, e novo alento
Tinha o robusto nauta, e marca instante
De ir proseguindo a empreza; o bronze sôa,
E pela vez primeira a Terra atrôa.

67.

Bate da içada antena o solto panno;
Volve-se a curva prôa ao Sol nascente;
E os nunca abertos campos do Oceano
Corta a Armada segura, e diligente:
Fervorosa soou no immenso plano
A voz, que implora auxilio omnipotente;
A terra foge aos olhos, e escondido
Em nuvens vai ficando o monte erguido.

68.

O provídente Astronomo, que attento
As Náos aprôa ao rumo desejado,
Co' a certeza do nautico instrumento,
Pesa, ou mede a distancia ao Sol dourado:
Pasmosa producção, pasmoso invento,
De engenho Lusitano ás Artes dado,
Té na exacta Sciencia, alto, e profundo,
No Seculo da sombra illustra o Mundo.

69.

Vio que o clima ardentissimo, e fervente,
Não longe do Equador cortando andava;
Por onde o Sol a prumo á escura gente
Dias iguaes na duração marcava:
Onde (segredo ignoto á humana mente)
Negra còr Natureza aos homens dava;
He Zona, que julgára a Escóla incerta,
De semoventes animaes deserta.

70.

Sempre acerba fadiga, e desventura
Co' a condição mortal caminha unida;
Muitos no mar encontrão sepultura,
Entre espasmos crueis lhes foge a vida:
A insaciavel foice a morte escura
Por toda a parte estende embravecida;
Huma febre ardentissima corrompe
O sangue, e da existencia os laços rompe.

71.

De balde a fresca viração se espera
No mar, que em calma está como espelhado;
Pausa fatal, que o animo exaspera,
Mais que o rijo tufão do vento irado:
Vivo fogo dardeja a immensa esfera,
Nem de nuvens se mostra o Ceo toldado:
E o ar, que incendiou diurna chama,
Nem nocturno rocio então derrama.

72.

Ou fallece, ou se damna o mantimento,
A agua se turva grossa, e corrompida,
De tanto mal ao peso, e a tal tormento
Cede a força vital enfraquecida:
O nauta mostra aspeito macilento,
Tem dos olhos a luz amortecida;
E apenas com suspiro intercadente
Publíca desta sorte a dôr que sente.

73.

Quanto he mais doce, e gloriosa a morte
Nos Campos de Belona ao combatente!
Com brio, e com denodo affronta a sorte
Se o Mouro acoçar foi na Libia ardente!
Se he vencido acabou, qual morre o forte,
Hum louro perennal lhe enastra a frente;
Não lhe acaba no tumulo a memoria,
Guardão-lhe o nome as paginas da Historia.

74.

Mas que nos ganha a temeraria empreza?
Entre miserias, mortandades, sustos
Oppôr o peito ás leis da Natureza
He de cegos somente, he só de injustos.
Contra a louca ambição, baixa avareza
Se armárão sempre os Ceos; e os Ceos são justos;
Tanta, e tanta ousadia os Ceos offende,
Ella nas ondas os baixeis nos prende.

75.

Acode o Gama invicto, ó Lusitanos,
Nação sempre dos Ceos filha mimosa,
E não sabeis, que a desventura, os damnos
São dos mortaes a herança lastimosa?
E não sabeis, que aos miseros humanos
Inevitavel he morte espantosa?
Que tem baliza, impreterivel termo,
Logo ao nascer chorando hum corpo enfermo?

76.

Se nisto não cuidais, vêde os famosos
Heróes, que a antiga idade exalta e canta;
Subirão por caminhos escabrosos,
Onde o Templo da gloria se levanta:
Triunfárão dos trances duvidosos,
Em que a Fortuna os animos quebranta:
Com denodado heroico ardimento
Cesar s'esquiva ao pó do esquecimento.

77.

O tormentoso Cabo he já passado,
Onde parava espavorido o Mundo;
Pode hum Luso temer, vendo espelhado
Em socegada calma o mar profundo?
Se vence em guerra o Portuguez armado,
He sempre em guerra impavido, iracundo;
Se busca a gloria por trabalho, e lida,
Que muito arrisque neste feito a vida?

78.

N'Africa oriental padroens alçárão,
Os que inda alem do Cabo o mar rompêrão;
E ao Mundo se dirá, que arrecuárão,
Os que ir avante á Patria promettêrão!
Com mingoa de seu nome atraz voltárão!
A nós o nome, e a gloria nos esperão;
O Ceo promette abrir á Lusa gente,
De par em par as portas d'Oriente.

79.

Como ao romper do Sol claro, e brilhante
O mar de noite em ondas levantado,
Mais amainando o vento sibilante,
Na praia escôa manso, e socegado:
Tal dos Lusos o esforço vacillante,
Do mal horrivel quasi supplantado,
Toma co' a voz do Gama alento, e alma,
E o vil furor da sedição se acalma.

80.

D'afflicção, da virtude os brados ouve
Soberano Senhor compadecido,
Acena ás nuvens, de repente chove,
Resôa o mar do vento sacudido,
Levada em pôpa a Frota se commove
Pelo encrespado pélago, e detido
Nas vergas até alli se enfuna o panno,
E a prôa corta os rolos d'Oceano.

81.

As descarnadas mãos lèdo encovando
Enche o sedento nauta d'agua fria,
Que das nuvens s'estava desatando,
E o ar, té alli de fogo, arrefecia:
Hum milagroso refrigerio dando
Ao sangue exhausto, que na febre ardia;
Duros golpes do mal se desvanécem,
E os abatidos animos recrécem.

82.

A bafagem d'Oeste, que assoprava,
Para a Costa de Libia a Armada lança,
O astrolabio Alenquer alevantava,
E a latitude austral já certo alcança:
Astros mais raros pelos Ceos notava,
Marêa o panno em pôpa, e não descança,
Ao matutino alvòr da luz, que raia,
Se vio, não dubia, a dilatada praia.

83.

Terra, exclama hum Gageiro, eis terra á prôa:
Já nos parceis da Costa o mar quebrado,
Alvas espumas levantando, sôa,
Ao bordo corre o Luso alvoroçado:
No ar o bando aquatico revôa
Sinal dos nautas tanto desejado,
Quando á Costa mais proximos corrião,
Palmas nos montes ondeando vião.

84.

Na encosta d'altas serras se descobre
Tranquillo surgidouro, angra espaçosa;
Que as trabalhadas Náos defende, e cobre
Do vento insano, e tempestade irosa:
Desfaz-se a nevoa da manhã, que encobre
A longa terra torrida, arenosa;
Ao fundear das Náos, despida gente,
Da côr da noite, occorre em cópia ingente.

85.

O solto panno os nautas já ferravão,
Eis que á porfia em lenhos escavados
Sem susto os Negros os baixeis buscavão,
Como ao trato do Luso acostumados:
C'hum panno de algodão somente atavão
A crespa grenha, ou pêlos enroscados;
Na dura voz, na estupida fereza
Mostrão, qual fôra, inculta a Natureza.

Fim do Canto III.

O ORIENTE.

CANTO IV.

1.

Prendem no fundo as ancoras; prudente,
E cauteloso o Gama aos seus mandava
A terra conhecer, e a forte gente,
Já de voga arrancada, o mar talhava:
Com ella vai Velloso audaz, contente,
Que aos mais difficeis trances se affoutava;
E apenas fixa os pés na ignota arêa,
Bando de Negros subito o rodêa.

2.

Vão caminhando os duros marinheiros,
Seguidos sem cessar da turba escura;
Transpõe da Costa os ingremes outeiros,
De cuja cima veem vasta espessura:
Nella descobrem quadros lisongeiros,
Quaes os que teve a Natureza pura;
Antes que a voz do = meu = e infausta guerra,
Deixando o Inferno, profanasse a terra.

3.

Com duro, agreste accento a voz erguia
A negra chusma, e saudava os Lusos,
E gente humana apenas parecia,
Tão rudes erão, barbaros, obtusos!
Eis que da bruta multidão rompia
Hum, que os nautas deixou d'horror confusos;
O accento Portuguez lhe escutão lédos,
Elle a voz levantando, os Lusos quedos.

4.

D'espanto vem trancido, e na cabeça
Se lhe eriça o cabello, a voz tomada
Lhe fica, que o prazer faz que emmudeça,
Como em trance imprevisto a alma abalada:
Desaffronta-se hum pouco, e assim começa;
O' gente Lusitana, ó gente amada!
Que ha tanto tempo desterrado chóro,
Neste paiz incognito, onde móro!

5.

Que lanço de Ventura, ou Providencia
Vos vem guiando a climas tão distantes,
Soffrendo a furia, e barbara inclemencia
Das procellosas ondas resonantes?
Depois de tão cruel, tão dura ausencia,
Sobre as azas dos ventos inconstantes,
Vejo erguida a bandeira vencedora,
Entre incultas Nações, que a Europa ignora!

6.

Menos se mostra então sobresaltado,
E correndo-lhe as lagrimas, dizia,
Que desgraçadamente alli deixado
Fòra, quando do Cabo austral volvia:
Que longo tempo alli tinha levado
De Ethiopes buçaes na companhia,
Reconhecendo em natureza rude
Presentimentos de hospital virtude.

7.

E mais lhe diz, que a terra se chamava
O Reino de Ogané, grande, abundoso;
Que ao austro, e pouco longe se estremava
Co' o vasto Congo fervido, arenoso;
Que os dilatados campos lhe cortava
O Zaire, irmão do Nilo, immenso, undoso;
Communs no berço, e na carreira sua,
Alem dos montes aridos da Lua.

8.

Que o clima era ardentissimo, abastada
A terra toda de metaes preciosos;
Que ao pastoril emprego a gente he dada,
Nutrindo o gado em campos ubertosos,
Que era a cobiça sordida ignorada
Dos pacificos Incolas ditosos;
Que, s'houve idade de ouro, a imagem della,
Entre as Nações do Mundo a dava aquella.

9.

Que alli dos rios pelas margens frias
Crescem continuo as arvores copadas;
De não caducas folhas, e sombrias
Vedão do Sol as chammas abrasadas:
Que erão de espaço igual noites, e dias,
De larga chuva as terras abastadas;
Que a abundancia dos gados innocentes
Torna da vida os incolas contentes.

10.

Que o Zaire as frias ondas empolando,
Com que o vasto paiz retalha, e lava,
A larga, e grossa enchente accelerando,
Por foz immensa n'Oceano entrava:
Que hum pouco as praias humidas curvando,
Contra os ventos ás Náos guarida dava:
Que lançar ferro, e descançar podia,
Do longo, e duro afan da equorea via.

11.

Quizera dizer mais; porem tocados
De justo assombro os nautas valorosos,
Do Portuguez contente acompanhados,
Vem demandar as praias pressurosos:
Varrem subito o mar co' os alutados
Remos, buscando os lenhos alterosos,
E fita o Luso nos baixeis com magoa
Avidos olhos, que se arrasão d'agua.

12.

Como succede em Côrte populosa,
Se ignoto peregrino s'offerece,
Que em longo fio a turba curiosa
Em roda delle fervida recresce,
De estranhas novas sempre cubiçosa
Pergunta, que costume, ou lei professe,
Dest' arte a chusma nautica apinhada
Em torno delle está como enlevada.

13.

Attento escuta o cauteloso Gama,
Quanto o encontrado Portuguez dizia;
Por vêr a terra ignota arde, e se inflamma
Toda em desejo a Lusa Companhia:
E mal dos Ceos Orientaes derrama
Clara, e purpurea luz nascendo o dia,
Os ferros suspender próvido manda,
E a larga barra subito demanda.

14.

Vio que fervia o tumido elemento
Todo em cachoens altissimos coalhado,
Que tanto corre tumido, e violento,
Que a grão distancia sente o mar rasgado:
Tanto se torna rouco, e turbulento,
Das impendentes rochas apertado,
Que qual Vesuvio ao rebentar da chamma,
Ou medonho trovão sôa, e rebrama.

15.

Pairando hum pouco aguarda o ésto enchente,
E abicado ficou co' a barra undosa;
Porque o fluxo do mar quebra a corrente,
Ao rio enfrêa a furia estrepitosa:
D'hum lado, e d'outro o vasto Continente
Aos olhos mostra scena deleitosa,
Tudo são campos, em que formão flôres
Vasto painel de matisadas côres.

16.

Chêa d'espessos bosques se mostrava
Do lado oriental curva enseada,
Que abrigo aos lenhos contra os ventos dava,
Se o mar levantão na tormenta irada:
A altura aqui do pélago sondava
Vigilante Alenquer, e a forte Armada
Por fim dá fundo: as ancoras da prôa
O pégo rasgão, que espumando sôa.

17.

Saltava em terra a turba; ao destemido
Forte esquadrão da peregrina gente
O desterrado he guia, hum monte erguido
Eis lhe mostra Pyramide eminente:
Ao perto chegão, grito enternecido
De piedoso jubilo se sente,
Quando de bronze em laminas fundidas
Vírão de Lisia as Quinas esculpidas.

18.

De tão santo espectaculo tocados
Suavissimas lagrimas vertião,
Quando o padrão da Cruz nos apartados
Ferventes areaes d'Africa vião;
Que estranhas regioens, mares vedados
A's futuras idades annuncião;
Que hão de guardar em perennal memoria
Do Lusitano esforço o nome, e gloria.

19.

O Conductor lhes diz, que hum tanto ao Norte
Entre bosques de Cedros s'admirava
Do Africano Monarcha a ingenua Côrte,
Onde a soberba, e luxo se ignorava;
Celeste condição, gostosa sorte,
Que a imagem desses Reis representava,
Que víra a Palestina, e víra o Nilo,
Antes que ás Artes désse, e á guerra asilo.

20.

A Fama, que olhos cem, cem bôcas conta,
Q' inda mais do que a luz corre, e se apressa,
Que apenas nasce, sobe, e se remonta,
E altas nuvens transpondo co' a cabeça,
Vai topetar co' os Ceos, e os Ceos affronta,
Espalhada na Côrte alli começa
De publicar o esforço, e valentia
Da estranha gente, que do mar surgia.

21.

Velloso, e Leonardo os destinados
Mancebos são da Lusa Companhia,
A conduzir presentes estimados,
Que entre Negros buçaes tem mór valia:
Do forte Capitão, como enviados
Lhes vai servindo o Portuguez de guia,
Mostrando quantos dons no seio encerra
Não profanada de Europeos a terra.

22.

Pelos gramineos valles verdejantes
Diversos animaes pastando vião;
De social instincto os Elefantes
Nas floreas veigas socegados ião:
Sacudindo das palmas ondeantes
Nectareos fructos, com que se nutrião;
Notão aves no exotico arvoredo,
Mudas no canto, mas de aspecto lêdo.

23.

O Tigre insocial, nunca domado
Nas fragas veem correr do alpestre monte,
Delle fugindo o timido Veado
As aguas busca da espelhada fonte:
O estupido Avestruz da pluma ornado,
Que aos Reis, e á formosura exorna a fronte,
Mil outros animaes desconhecidos,
Hoje da culta Europa em fim sabidos.

24.

Eis ao longe entre grossas estacadas
A populosa Côrte devisavão;
De toda a parte as arvores copadas
O intenso ardôr do Sol lhe quebrantavão;
Alli não surgem cúpulas douradas,
Nem torres inda ao ar se alevantavão;
Só ha qual teve pompa, e magestade
Em seu berço innocente a Sociedade.

25.

Ao perto os Negros veem, que andão buscando
O mel pelos rochedos saboroso;
Outros em leves barcas mariscando,
Levados d'agua são do rio undoso:
Alguns destros no mato andão caçando
Com leve seta, ou laço insidioso;
Tal quadro tinha de immortal belleza
Em sua aurora agreste a Natureza.

26.

Das tranqueiras atonitos sahião,
E quasi nús, os Negros habitantes,
De susto o incerto passo atraz volvião,
Vendo as armas, e o gesto aos navegantes:
Outros ás altas arvores subião,
Por vêr o porte dos Baroens prestantes;
Té que entrárão n'hum campo, onde sentado
Era o Monarcha em throno alevantado.

27.

Do cóllo aurea cadêa lhe pendia,
Entre os Negros signal de potestade;
E c'hum sendal não barbaro cingia
Da escura fronte a tôrva magestade:
Do cinto aos pés a veste lhe descia
(D'hum Leão era a pelle) em gravidade;
D'ouro no braço esquerdo o escudo raia,
E na dextra sustem ferrea azagaia.

28.

He de aspeito sereno, e magestoso
(Que o Regio portamento a côr não tolhe)
Com repousado termo, e decoroso,
Nos braços com ternura os dous acolhe:
E do mixto concurso numeroso
Os Souvas, que são Principes, escolhe,
Com estes a seu lado attento ouvia,
Quanto o fiel interprete dizia.

29.

Vês em teu Reino, Principe excellente,
(Lhe diz) hum grande Capitão mandado
Abrir as portas do remoto Oriente,
Por mar impervio, e nunca navegado:
Ante o Senhor do Tejo armi-potente
Já dêo teu nome glorioso brado,
E nesse, a prova tens, disto que ouviste,
Padrão, que aos mares sobranceiro existe.

30.

Esta do Imperio teu não dubia fama,
Que tanto sòa em regiões distantes,
Obriga, e move o resoluto Gama
A entrar do Zaire a foz co' as Náos possantes:
Amor da gloria só seu peito inflamma,
Affronta o mar, e ventos inconstantes,
E os lenhos combatidos da tormenta,
Neste porto espalmar tranquillo intenta.

31.

Que os dons presados n'Africa mandava,
Não metal louro, ou pedras luminosas,
Mas o ferreo arcabuz, que vomitava
Fria morte nas pélas pressurosas:
E quaes no Tejo o artifice forjava
De ferreo punho laminas lustrosas;
Rico presente, dadiva prestante
D'hum Reino vasto ao forte Dominante.

32.

Com lédo rosto o Principe Africano
Escuta quanto o Portuguez dizia,
E de tão nobre acatamento ufano,
Com grave tom de voz lhe respondia:
Não he de mim tão longe o trato humano
Q' a tão nobres acções não dê valia;
Quanto em meu Reino tenho, e quanto posso
Com lizo trato vos sujeito, he vosso.

33.

Disse, e quiz ir á poderosa Armada,
E vèr de perto o Capitão valente;
Já na eburnea Cadeira levantada
O conduz sobre a espadua a escrava gente:
Coberta vem de Povo a larga estrada,
Traz o novo espectaculo contente;
E já da velocissima Almadia
O remo accelerado o mar batia.

34.

Apenas d'alta Náo descortinárão
Os ligeiros baixeis, que o Rei trazião
Das éneas bôcas chammas fuzilárão,
E os éccos pelas ondas repetião:
De susto os Negros pela mão largárão
Os remos, com que as vagas dividião;
Que a Natureza simplice se offende,
Vendo hum raio, não seu, que os ares fende.

35.

Com tão novo espectaculo gostoso
O Rei, bronzeos canhoens palpa admirado,
Julga-os rivaes do fogo pavoroso,
Que em setas vai rasgando hum Ceo nublado:
Em polido crystal dá-lhe espumoso
Licor, que exalsa o campo dilatado
Do ameno Tejo, que ávido recebe;
Do proprio effeito ignaro, alegre o bebe.

36.

Co' o Monarcha Africano á terra vinhão
Os Lusos navegantes socegados,
Entre os Negros atonitos caminhão
De verem homens d'aço fino armados:
Alli certa guarida os nautas tinhão,
Alli doces manjares não comprados;
Feliz gente, que o preço ignora ao ouro,
E crê dos fructos público o thesouro.

37.

Sabem que o vasto Reino he tributario
D'outro maior, que alem se dilatava
Dos montes, donde o Zaire immenso, e vario
De fonte á Europa incognita manava:
Que os annuaes tributos, feudatario
A' Oriental Ethyope mandava;
Que deste a Regia investidura tinha,
E que o Sceptro, e poder de lá lhe vinha.

38.

Que hum Souva áquelle Reino o Povo envia,
Depois de ter seu Principe acclamado,
Que a voz apenas ao Monarcha ouvia,
Porque falla entre véos, como encerrado:
Que aurea, e brilhante Cruz dalli trazia,
Brazão d'hum Culto, que dos Ceos foi dado;
Que em Reinante tão alto, e tão subido
Estava Imperio, e Sacerdocio unido.

39.

Ser este o Reino os Lusos conhecêrão,
Que Candáce regeo n'antiga idade,
Que a Cruz alli se vio, que alli rompêrão
Eternas luzes de immortal verdade:
Que inspirados Baroens alli podérão
Alicerces lançar da Christandade,
E que era finalmente o decantado
Reino até alli por Lysia em vão buscado.

40.

Em quanto o Gama excelso, e a gente forte
Taes segredos ouvio, profunda pena
Sente no peito, e lhe offerece a morte,
Triste, qual he seu uso, infausta scena:
De austera Parca repentino corte
A subitaneo túmulo condemna
Do Rei o unico filho, e de indignada
A alma lhe fóge á lobrega morada.

41.

Com tão pesado golpe o povo afflicto
Se desata em signaes de dôr tamanha,
Que até de magoa ao Lusitano invicto
A face hum pranto involuntario banha:
Pavoroso clamor, barbaro grito
Se escuta retumbar na terra estranha,
Quando o mortal despojo aos hombros trazem,
Quando os extremos funeraes lhe fazem.

42.

N'hum dilatado campo se levanta
De troncos de Cypreste altar ingente,
Com quanta pompa, e magestade quanta
Rito sagrado inspira á inculta gente:
Lanção por cima da funérea planta
De ignoto arbusto aroma recendente,
Em tôrno, vezes tres, da excelsa pyra
C'hum facho acceso hum Sacerdote gyra.

43.

Não sem pungente magoa os Lusos vião
Hum tão novo espectaculo tristonho,
Desafinados Anafins tangião
Os Negros á porfia em som medonho:
Em rudes cançoens barbaras carpião
Da humana vida o passageiro sonho;
De nuvens cobre o Ceo pesado manto,
Qu' hum tom mais triste dèo da morte ao canto.

44.

Já sobre a Eça funebre pousava
O corpo enregelado; eis de donzellas
Melancolico terno se amostrava,
Se em negra côr ha formosura, bellas:
Felpuda, e crespa grenha s'enfeitava
De brancas odoriferas capellas,
Duro holocausto são da morte impia,
Que huma cruel superstição pedia.

45.

Superstição cruel! Mais horrorosa
Scena hão de vêr no Malabar os Lusos;
Viuva triste ás chammas animosa
Verão lançar-se, atonitos, confusos:
Em tanta sombra tem caliginosa,
O erro envolto os barbaros illusos,
Que applaudem como acção sublime, e justa,
Golpe, que até não visto o peito assusta!

46.

Do Fanatismo a lei barbara, e dura
Lhes mandava, que victimas cahissem
Miserandos troféos da morte escura,
Que os Reis alem do túmulo servissem:
Que sobre a negra infausta sepultura
Em sacro fogo a cinza as reduzissem;
Pois tanto a Natureza s'encruece,
Se dos Ceos a illustra-la a luz não desce.

47.

De terrivel semblante, e carregado
O Sacerdote arvora o facho ardente,
Ia a pôr fogo ao feretro sagrado,
Que em cima sustentava o corpo algente:
Alvoroça-se a turba ao triste brado
De hum Negro, que pôz medo á inculta gente;
Mal agitando os vacillantes passos,
A' mais bella das seis lançava os braços.

48.

A malfadada victima mostrava
Entre todas mais dôr no afflicto rosto;
Huma sombra maior nelle pousava,
Tinha nos olhos seus amor seu posto:
Mudo alli s'entendia, alli fallava,
Mudo se queixa alli do Fado opposto;
E offendida da barbara fereza,
Tapa a vista de afflicta a Natureza.

49.

O Negro com seu pranto a sorte accusa
Cega, inconstante, caprichosa, e dura,
Maldiz poder tyrannico, que abusa
Da lei mais sancta, que dictou Natura:
A tanto mal sobreviver recusa,
E, abraçado co' a triste formosura,
De dôr trancido, furioso brada,
E pede o mesmo golpe, a mesma espada.

50.

O coração do Luso atormentado
Com scena tão cruel, tão lastimosa
Não pôde vêr fugir-lhe ao desgraçado
Quasi do labio frio a alma queixosa:
Nem n'hum mortal deliquio espedaçado
Da vida o laço á victima formosa;
Não foi Clorinda, não, tão dura, e triste
A scena, que em Sofronia, e Olindo viste.

51.

Gritou Velloso então, ó Rei sublime,
Suspende a lei, que ultraja a humanidade;
As miserandas victimas exime
Do golpe atroz, da barbara impiedade:
Não manche a terra abominavel crime,
Nem provoques o raio á Divindade;
Pois não torna por certo hum Deos propicio
Do sangue humano o torpe sacrificio.

52.

Escuta a Natureza, . . . e murmurava
Já toda a turba Lusitana irada,
Toda n'hum ponto, subito arrancava
Da forte cinta a fulminante espada:
O intrepido Velloso ao lado estava
Da triste Negra em pranto suffocada;
O Rei turvado, e timido resolve,
Todas do golpe miserando absolve.

53.

E manda ao Velho, que a sulfurea téda
Chegue á pyra odorifera, ondeante
Logo estalava a viva labareda,
E o fumo vai toldando o Sol brilhante:
Vapôr ennovelado aos olhos veda
O vasto campo azul do Ceo radiante;
O corpo extincto reduzido a terra
Dentro de hum tosco túmulo s'encerra.

54.

Do quadro melancolico tocados
Vão cheios os Lusiadas de espanto,
E os dous amantes lédos, e abraçados
De ternura, e de amor derramão pranto:
Vírão propicios os mesquinhos Fados,
Desvaneceo-se da tristeza o manto;
Ao leito nupcial das mãos da morte,
Quanto inconstante he tudo! os leva a Sorte.

55.

Emtanto o Luso explorador ordena
Das reparadas Náos prompta a partida;
Dos fructos, que produz a terra amena
Era a undi-vaga frota abastecida:
E já d'aparelhada, e lisa antenna
Se embolça ao vento a véla desferida;
Só d'agua doce, saborosa, e fria
No salso mar a chusma carecia.

56.

Bem como no fecundo ardente Estio
Correm formigas próvidas, lembradas
Das agras privaçoens do Inverno frio,
Dos grãos do louro trigo carregadas:
Que nunca socegado o negro fio
Passa, e repassa as veigas dilatadas,
Taes das vertentes limpidas voltavão
Os Lusos para as Náos, das Náos tornavão.

57.

Em quanto pelos campos espargidos
Na proxima partida andão cuidosos,
E de animaes na caça divertidos
Alguns fatigão montes pedregosos:
Mancebos dous ao desterrado unidos,
Em quanto vagão nos vergeis umbrosos,
Com scena vão topar d'horror profundo,
De que até alli não foi theatro o Mundo.

58.

De huma rocha reconcava, truncados
Ouvem sahir gemidos, que os Hircanos
Tigres deixárão de pezar cortados,
E sem furia os leoens, mansos, e humanos:
Chegão junto á caverna, e de espantados
Voltão atraz o passo os Lusitanos;
E quem ao surdo vento, e ao mar resiste,
He fraco ao divisar scena tão triste.

59.

Estendidos na terra agreste, e dura
Vírão dous corpos sangue espadanando,
São victimas da Sorte injusta, escura,
São dous troféos d'amor, e amor infando:
Já dos olhos a luz com sombra impura
Negras azas da morte ião tapando:
Rompe dos labios ultimo bocejo,
Que absortos deixa os incolas do Tejo.

60.

Entre ambos os cadaveres estava
Hum Negro immobil, taciturno, e quedo,
Ferrea azagaia na direita alçava,
Que ao Luso, indaqu' intrepido, pòz medo:
Os nautas divisando, alto bradava,
Rompendo as sombras do fatal segredo;
Posta no passo extremo a Natureza
Fez eloquente a barbara rudeza.

61.

Venturosos mortaes, se em vossa terra
Do lisongeiro amor se chora, e sente
A momentanea paz, e eterna guerra,
O ferreo jugo, barbaro, insolente:
Vêde o que inda não víra a luz, e encerra
Este horror escondido a humana gente,
O que jámais aos seculos foi dado
Em sangrento duéllo amor, e o fado.

62.

Essa misera victima banhada
No sangue, qu' inda verte aberto peito,
Para meu damno, e seu foi minha amada,
Amor nos quiz unir n'hum laço estreito:
Esse, que he já troféo da morte irada
Ao mesmo jugo (ó Ceos!) viveo sujeito,
Hum mesmo amor a dèo, e amor a tira,
Quando n'alma a dous émulos respira.

63.

Se hum puro affecto a Unhamba me ligava,
Unhamba! (hum nome he só) o amor ordena,
Que o meu rival, qu' a Unhamba se votava,
Sentisse da repulsa injusta pena:
Mas s'elle a mão d'esposo a Unhamba dava
A hum golpe igual meu Fado me condemna,
Amor nos inspirou, e o quiz a Sorte,
Em todos tres a voluntaria morte.

64.

Igual Fado nas mãos me pôz o ferro,
Roubão dous golpes do infeliz a vida,
Esse a morte se dèo, se amor foi erro
Delle nós damos pena merecida:
Eu á luz odiosa os olhos cerro,
Vou nos braços da morte achar guarida,
Por Unhamba vivi, por ella expiro,
Dei-lhe o primeiro, e ultimo suspiro.

65.

Contra victimas tres amor seu braço
Quiz armar vingativo, hum golpe duro
Rompendo á vida o detestado laço,
Em paz nos guarda no sepulchro escuro:
Soube unir-nos a morte, ella abre o passo
A's eternas mansoens d'hum Ceo mais puro;
Onde dos terreos carceres já soltos,
Vivamos, não rivaes, na gloria envoltos.

66.

Co' a pressa do relampago no peito
O duro ferro o deshumano encrava,
Fica menos escuro o turvo aspeito,
Do golpe o quente sangue espadanava;
Da aborrecida vida o laço estreito
Como indignado, então se desatava;
Findou-se assim de amor o imperio, e guerra,
Lança hum suspiro, e s'estendeo na terra.

67.

Sobre elle todo o tenebroso manto
A crua morte lúgubre estendia,
Cerrão-se os olhos, que afogava o pranto,
Nem da gelada fauce hum ai rompia:
Inda incendio d'amor o abraza tanto,
Que no extremo soluço o braço erguia
Para o corpo d'amada, em sangue tinto,
Assim mesmo expirando o abraça extincto.

68.

Qual costuma ficar mudo, assombrado
Mortal, que em noite vio tempestuosa,
Repentina cahir do Ceo rasgado
Ignea seta trisulca, estrepitosa:
Qu' a esta, áquella parte inda turvado
Se agita na extensão caliginosa,
Taes os Lusos estão, que a scena vírão,
E arranco extremo do infeliz ouvírão.

69.

Como a par d'hum rochedo outro rochedo
Insensiveis estão no alpestre monte,
Cada qual delles taciturno, e quedo,
Conserva mutuamente immobil fronte:
Imprime-se em seu rosto a côr do medo,
Antes que o Sol se afunde n'horizonte,
E se desdobre o véo, que a noite enlucta,
Fogem, tremendo, da espantosa gruta.

70.

Não vio por certo a magestosa Athenas
Ao levantar do Tragico Sipario
De sangue, e morte tão funestas scenas,
Que á terra sempre dêo destino vario:
Nem vio Minturno mais atrozes penas,
Quando oppresso da morte observa hum Mario,
Nem da Historia nas paginas eu posso
Quadro, ó tristes, achar, que iguale o vosso.

71.

Tudo abrange a desgraça, a todos chega,
Ao lado vai da humanidade o crime;
Inficionada a Natureza he cega,
Nunca do jugo das paixoens s'exime:
Se ás cadêas de amor seu cóllo entrega
Nunca o mortal seus impetos reprime;
E se ha Tragedias de terror profundo,
As tem dado somente amor ao Mundo.

72.

Entre tantas catastrofes, Carthago,
Roma entre tantas as não vio somente,
Leva amor exterminio, e leva estrago
A barbaros Sertoens, e inculta gente:
Apraz-lhe vêr fumar de sangue hum lago,
Nem com lagrimas mata a sede ardente,
Huma só vez senhor do peito humano
Delle se torna indomito Tyranno.

73.

Emtanto o forte Gama os dons recebe
Do Principe Africano, hum precioso
Carcaz d'ouro batido, onde se embebe
Seta ensopada em succo venenoso;
Nelle nem se divisa, e nem percebe
Douto cinzel d'Artifice engenhoso;
Que alli, como em seu berço a Natureza
Inda ás Artes não dá luxo, e belleza.

74.

Mal os Negros podião (que a amizade
No estado natural tem mór valia)
Dissimular a magoa, e saudade,
Vendo que o Luso nauta em fim partia:
Pinta-se a dôr, co' as côres da verdade,
No rosto, quando veem que o mar fendia
A Armada, e, desfraldando ao vento o panno,
Ia engolfar-se no espantoso Oceano.

75.

Começava do lucido Oriente
A levantar-se a Alampada abrasada,
Quando rompendo o pelago fremente
Ia longe da terra a forte Armada:
Com valôr natural nautica gente,
Erguia ao ar celeuma acostumada,
E á furia exposta do inconstante vento
Os Ceos somente vê, e o salso argento.

FIM DO CANTO IV.

O ORIENTE.

CANTO V.

1.

Arfando vão nas ondas espumantes,
Mas na infernal, e lobrega caverna,
Contra os ousados Lusos navegantes,
Respira Satanaz vingança eterna:
Chama, e lhe acodem monstros discordantes,
Que elle no cahos Despota governa:
Abre a bôca blasfema, a voz iguala
Das nuvens o fragor, se o raio estala.

2.

Não triunfámos no fatal combate
(Lhes diz) oppôz-se imperio, ou lei mais forte;
Mas nunca meu furor cede, e abate,
Seja contraria, ou lisongeira a Sorte:
Meu braço as iras do Immortal rebate,
Se evita o Luso na tormenta a morte,
Perdido o vá fazer o astuto engano
Na vasta solidão do immenso Oceano.

3.

Farei tranquillo o mar tempestuoso,
Desconhecido rumo, e desviado
Irá seguindo o Gama, o pégo undoso
Sulcando irá de sombras abafado:
Terreno fingirei delicioso,
Que mostre grande Imperio, e rico Estado;
Que o Malabar pareça á gente illusa,
Que temeraria, e cega as ondas cruza.

4.

Assim me vingarei; vós sois chamados
A tanta empreza, Serafins ditosos;
Que se fostes dos Ceos precipitados,
Tendes no Inferno thronos poderosos:
Sempre de força, e de rancor armados,
Contra os fataes Destinos invejosos,
Chamai os Anjos, que vos são sujeitos,
Vós Cherubins no ser, e em luz perfeitos.

5.

Quaes transmarinas aves, que apressadas
Desamparão no Estio a Libia ardente,
E vem buscar do Tropico adoçadas
Regioens, que olha obliquo o Sol lusente:
Da occidua Hiberia as praias encurvadas
Cobertas são da turba ali-potente;
Taes em tôrno do Solio se amontoão
Rebeldes genios, que nas sombras voão.

6.

N'hum mar de fogo se ergue o levantado
Throno de Satanaz: a Eternidade
O supplicio lhe mede; e alli sentado
Derrama horror na immensa obscuridade:
Parece o Hecla ao longe contemplado,
Que se ergue aos Ceos do mar na immensidade:
Com turbilhoens de fumo o ar enlucta,
E assusta o Polo, se o fragor lhe escuta.

7.

Anjos (dalli bradou) quiz o Destino
(Ou já vingança do rival Eterno)
Qu' eu dos mares no campo crystallino
Não ganhasse hum troféo. Eu Rei do Inferno,
Ia a punir n'hum Luso o desatino,
Qu' audaz se oppunha a meu poder superno;
Ia, vedando a temeraria empreza,
Vingar meu Culto, oppôr-me á Natureza.

8.

Quiz sepultar no fundo do Oceano
Com tormenta espantosa a indigna Armada;
Eu mesmo dei mais furia ao vento insano,
Ficou do Mundo a machina abalada:
Eu vi suspensa por occulto arcano,
Como em cadêas, a tormenta irada:
Ia vencendo, foge-me a victoria,
Não se me rouba de intenta-la a gloria.

9.

Victoriosa marcha suspendemos,
Que mais nos ia dilatar o Imperio,
Novo golpe mortal descarreguemos,
Que vingue de meu Throno o vituperio:
Da imminente ruina em fim salvemos
Todos (que he nosso) o Indico hemispherio;
O que não pôde hum braço poderoso,
Possa ultimar hum laço insidioso.

10.

Então Blasfemia, espirito arrogante,
Como Satan soberbo, opposto aos Fados,
Qu' inda expulso do Ceo no espaço ondeante,
Vinha insultando os raios abrasados:
Ergue a voz, que soou, qual retumbante
Trovão, que atrôa os ares dilatados;
Quando da nuvem negra o raio estala,
E ao Despota chegando, assim lhe falla.

11.

Se as barreiras do abysmo em fim forçámos,
Té onde brilhão Soes; se em pavoroso
Inferno igual ao nosso o Edem mudámos,
Pizando o cóllo d'hum mortal vaidoso:
Se erguemos tanto, e tanto dilatámos
Na terra, toda nossa, Imperio honroso;
Sou da Blasfemia o Genio, e hum desabono
Julgo firmar n'astucia Imperio, e Throno.

12.

Cruenta guerra ao Ceo! Vento iracundo
Revolva desde o centro o vasto Oceano,
Eu mesmo, eu só, no pelago profundo
Vou sepultar o atrevimento humano:
Eu para sempre acabarei no Mundo
Da Lusa gloria o brado soberano;
E se os mares rompendo o Inferno insulta,
Veja quanto o poder do Inferno avulta.

13.

Retumbou pelo Bárathro horroroso
A voz, qual o trovão no ardente Estio,
Quando subito véo caliginoso
Deixa soturno o ar negro, e sombrio:
Ou qual da catadupa o pavoroso
Estrondo, que produz do Egypto o rio:
Responde ao écco com louvor profano
A turba condemnada a eterno damno.

14.

Não, puro Cherubim, Satan dizia,
Não te lembres, que he só mesquinha gente,
Quem se me oppôz no mar com força impia,
Sou no Inferno, e na Terra omnipotente:
Porem meu braço em vão levantaria
Em tempestade o pelago fervente,
Qu' o Luso audaz em contrasta-lo insiste
Da força armado, que no Eterno existe.

15.

Sirva hum ardil, esconda-se meu braço,
Malogremos a empreza começada,
Lisongeiro fantasma, occulto laço
Converta em cinza a temeraria Armada:
Corra sem rumo pelo equoreo espaço,
Irá tocar em terra erma, e deixada;
Vós a ireis povoar na forma humana,
Qual he, qual surge a fertil Taprobana:

16.

Assim se engane o Luso; a turba immensa
Já vai sahindo da morada escura,
Rasga a sombra do cahos, sem detença,
O vasto mar Antarctico procura:
Assim da noite vai sombria, e densa
Das tristes aves a caterva impura;
Melancolico o ar murmura, e sôa,
Quando em tôrno dos tumulos revôa.

17.

Em frente ao Cabo Austral, e opposta á terra,
Qu' a hum lado tem pacifico Oceano,
Onde vencendo a Natureza em guerra
Foi pelo estreito o invicto Lusitano:
Qu' insoffrido, do Tejo se desterra,
E o limite transpôz do esforço humano;
Jaz, entre muitas, pedregosa, inculta
Ilha, que em mão Britanna ind' hoje avulta.

18.

Satan rompendo do Tartareo assento
Vôa a pique do mar encapellado,
Co'o sopro expande o ar, produz o vento,
E as Náos faz aberrar do rumo achado:
Condensa a nevoa, tapa o Firmamento,
Qu' em tenebroso véo fica encerrado;
De horroroso vapôr hum manto escuro
De dia esconde o Sol, de noite o Arcturo.

19.

O Astronomo confuso ignora o rumo,
A sabor vai do vento a errante Armada;
Lança-se ao pego o carregado prumo,
Não toca o fundo a sonda dilatada:
Todo o horizonte circumscripto he fumo,
E tudo tapa a sombra carregada;
Como Queiroz no Polo em noite absorto
Julgou do dia o luminar já morto.

20.

Chegue embora co'os fulgidos Ethontes,
Onde em partes iguaes divide o dia,
Não vê nos apertados horizontes
O Luso mais que a nevoa escura, e fria;
Té que do mar tumultuoso em montes
Ao perto o vagalhão bramindo ouvia,
Qual quando açouta as costas arenosas,
Que estoirão nellas ondas espumosas.

21.

Cedendo aos surdos repelloens do vento
Fluctua em mar ignoto a Lusa Armada,
Té que subito o Sol no ethereo assento
Rompe, e se mostra a abobada azulada:
Eis orienta o nautico instrumento,
Que do Sol toma a altura, e mede a estrada
O Astronomo Alenquer, mas desconhece
O mar que corta, a terra que apparece.

22.

Cordilheiras de montes pedregosos
Ao longe vão mostrando a aerea fronte;
Daqui, d'alli por valles deleitosos
Aguas correndo vem da argentea fonte;
E quando a prumo o Sol os luminosos
Raios manda de luz ao horizonte,
A terra ignota descobrírão toda,
Que parece do mar banhada em roda.

23.

Celeste fogo, ou impeto sagrado,
Que em mim derrama enchentes d'harmonia,
Enthusiasmo fervido, abrasado,
Que aos Ceos levanta a livre fantasia;
Tu me sustenta o vôo accelerado,
Com que pinte os ardis, que o monstro urdia;
Quando, qual foi no Eden, perverso, o vejo
Deter a Armada undi-vaga do Tejo.

24.

Qual já fôra o Jardim delicioso
Habitação da humana creatura,
Antes que o pomo infausto, e luctuoso,
Do abysmo abrisse a porta á morte escura:
Tal se descobre desde o pego undoso,
Da estranha terra a magica pintura;
Que mostra em fertil chão, e azul da Esfera
Ser estação continua a Primavera.

25.

Batia preguiçoso o mar na area
Em leve espuma della s' escoava;
D'hum largo rio a crystallina vêa
Se mostra, e sem fragor no mar entrava:
Hum vergel inacesso á luz Febea
As incurvadas margens lhe assombrava,
Onde aves, que voando os ares fendem,
Entre as folhas co'o canto os ventos prendem.

26.

De toda a parte os livres horizontes
De auri-rosadas nuvens se guarnecem;
No longo fio de não vistos montes
(Painel soberbo!) os olhos desfalecem:
Rebentão-lhes da falda argenteas fontes,
Qu' os umbriferos valles humedecem;
Forma o matiz de peregrinas flôres
Ao longe hum só painel de immensas côres.

27.

O viço encantador dos campos era,
Qual do Ganges esmalta os ferteis prados,
Se intenso brilha o Sol, o ardor modera
Nos vapores da terra ao ar levados:
E se torna suavissima a atmosfera
Com perfumes de balsamo exhalados;
Tal a longinqua terra, que apparece,
Aos assombrados Lusos se offerece.

28.

Lanção logo hum batel nas ondas frias,
E Aventureiro intrepido Velloso
Quer explorar as solidoens sombrias,
Que pelas margens vem do rio undoso:
Não teme expôr da vida os frageis dias
Nos mais difficeis trances animoso;
Ao lado seu o interprete não falta,
Com elle explorador na terra salta.

29.

Não muitos passos dão na extensa area,
Eis-que s' embrenhão logo em selva escura,
Onde da clara alampada Febea
Entrava frôxamente a chamma pura:
De palmares umbriferos se arrea
Aquella estranha, lúgubre espessura;
Triste a copa dos Cedros corpulentos
Suturnos éccos reproduz dos ventos.

30.

Rompem n'hum valle ameno, e dilatado
Andando hum pouco os Lusos caminhantes,
Era de forma circular, fechado
Em roda está de Teixos verdejantes;
No mais remoto fundo hum levantado
Templo se vê de marmores brilhantes,
Qual levantara Egypcia architectura,
Por onde vai do Nilo a linfa impura.

31.

Quaes os que inda em ruinas lastimosas
As pedras mostrão onde foi Palmira,
Co'as inda em pé columnas magestosas,
Que o transportado viandante admira:
Quaes os que outr'ora em chammas luctuosas
De todo arder Persépolis já víra;
Tal aos olhos da Lusa companhia
A mole collossal aos Ceos s'erguia.

32.

Seis columnas o Portico sustentão,
Entre huma, e outra em pedestaes erguidas,
Bronzeas estatuas veem, que representão
Divindades Pagãs desconhecidas:
Que temor, e esperanças alimentão
Nas gentes d'Asia, em sombras envolvidas;
Enleados os Lusos se suspendem,
Nem de assombro, e de susto se defendem.

33.

Volve-se a tudo a vista, e se arrebata
No augusto Pántheon gigantesco, e tudo
Da fantasia o circulo dilata,
Tudo o qu' em tôrno se descobre he mudo:
De humanos pés se julga a terra intacta.
Eis de aspecto não barbaro, nem rudo
Subito hum Velho aos Lusos se apresenta,
Que mais a estranha maravilha augmenta.

34.

Trajado vem de negra vestidura,
Que desde o cóllo aos pés fluctua ondeada,
Tem rosto venerando, a côr escura,
Rugosa a frente, a barba dilatada:
A nobre, não vulgar, alta estatura
Do tempo ao peso traz, como acurvada;
Tem nas robustas mãos nodosa vara,
E apenas olha aos Lusitanos, pára.

35.

Não se perturba o generoso peito
Do Portuguez co'o vulto inopinado,
Co'a triste côr da veste, e turvo aspeito
D'hum modo estranho, livido, escarnado:
Rompe o Velho o silencio, e com respeito
Em doce tom de voz, grave, e pousado,
Quem sois, lhes diz, mortaes, que vejo, e admiro
Neste do Mundo incognito retiro?

36.

(D'Arabiga linguage o noto accento
Pasmão de ouvir) Nós somos, hum responde,
Desse Imperio, que o Sol do Firmamento
Na Europa ultimo vê, quando se esconde:
Pelos campos do tumido elemento
Buscando vimos os paizes, onde
Os homens veem rompendo a Alva luzente,
(Por mar téagora) incognito Oriente.

37.

Envoltos de continuo em manto escuro
De hum, como a noite, espesso nevoeiro,
Da vista nos fugio brilhante, e puro,
Baliza em Polo austral, vivo cruzeiro:
Té que o véo sepulchral medonho, impuro
Rompeo do Mundo avivador Luzeiro,
Esta, incognita a nós, terra tocámos,
E aqui dos homens a pégada achámos.

38.

Tu nos descobre que paiz he este,
Nem suspeitado de Europea gente,
Que terra he esta, que se enfeita, e veste
De alegre Primavera em Ceo clemente?
Se ha nella hum povo, que soccorros preste
A quem perdido vai no mar fervente,
Quem sejas tu, que machina prestante
He esta, que se eleva ao Ceo brilhante?

39.

Estais, lhes diz o Velho, em dilatada
Ilha, que cerca o Indico Oceano;
Dessa riqueza, e mérces abastada,
Por quem se afana tanto o peito humano:
He esta augusta machina sagrada
Dos Ceos, da terra, e mar ao Soberano;
E de outra vida em solida esperança,
De nossos Reis a cinza aqui descança.

40.

Alcaçar he da morte; eu consagrado
Seu Sacerdote sou neste profundo
Profetico silencio, e separado
Da estrepitosa confusão do Mundo:
Da eternidade nos umbraes lançado
A solidão me apraz; só me he jucundo
Da morte, e do sepulchro o pensamento,
Delle me animo, delle me sustento.

41.

Do tracto humano longe, e mui distante
Existo aqui da Côrte populosa;
Aqui tendes da morte dominante
O triste Imperio, a Séde luctuosa.
Sobe os degráos de marmore brilhante,
Co'os Lusos entra a porta sumptuosa,
E no recinto veem d'ambos os lados
Os mausoleos de pórfido lavrados.

42.

Sobre leoens de bronze alto s' erguião
Funestas urnas de inscripçoens coalhadas,
Em tôrno aureas alampadas, qu' ardião
Lhes espancão as sombras carregadas:
Com desusado assombro os nautas vião
Em duro jaspe effigies entalhadas
De Reis, qu' inda no rosto immobil, quedo
Inculcão magestade, inspirão medo.

43.

Bem no centro do Templo, e levantado
Mais que os outros hum túmulo se ostenta;
De mais soberbos symbolos ornado,
Cheio de assombro o Portuguez attenta:
De alabastro finissimo lavrado
Feminil rosto o busto representa;
E diz que illustre cinza alli s' encerra,
Se he nobre a cinza, que s' entrega á terra.

44.

Que despojos mortaes no seio occulta
(Velloso exclama) a triste sepultura,
Que entre os soberbos mausoleos avulta,
Mais na funebre pompa, e na escultura?
Este o poder dos seculos insulta
Troféo de amor, e tymbre da ternura,
(Lhe diz o Velho) e lúgubre desgosto
Mais lhe augmentava a pallidez do rosto.

45.

Aqui se esconde misera donzella,
(Torna em soluços) qu' a mesquinha sorte
Fez entre todas por extremo bella;
Dêo-lhe a belleza o Throno, e dèo-lhe a morte:
Fulgio sobre seu berço infausta estrella,
Do qu' hoje he nosso Rei, já foi consorte,
A mesma augusta mão, que a alçára tanto,
A quiz votar a sempiterno pranto.

46.

Desde a origem do Imperio he lei guardada,
Que esposa véda ao Regio Dominante,
Que ao Solio subir possa, e ser chamada
Sobre estes povos Arbitra, e Reinante:
Lindara tanto por seu mal amada,
Tanto soube prender-o incauto amante,
Que elle da lei fundamental se absolve,
Sentar no Throno a misera resolve.

47.

Chega o termo fatal; fausto, e grandeza
Se contemplava em tudo, em tudo havia;
Subio ao Throno, toda a Natureza
Vendo-a no Solio, he subito sombria:
Eu vi n'hum véo de funebre tristeza
Subitamente sepultar-se o dia;
Divisei tudo n'hum mortal desmaio,
E vi sem nuvens fuzilar hum raio.

48.

Muda de aspecto a misera, e s' espanta:
O Rei contempla o Ceo de fogo armado,
Qu' os raios vibra, porqu' a lei quebranta,
Que nega á Regia esposa o Regio estado:
Do Throno então tremendo se levanta,
Como da morte horrifica assaltado:
Mais se condensa a sombra escura, e fea,
O Ceo fuzila, a terra balancea.

49.

De tão medonha scena espavorido
Se lhe antolha rasgado eterno arcano,
Crê que o Ceo se applacava enfurecido
C'hum golpe, qual não déra hum Tigre Hircano:
Do fanatismo barbaro opprimido
Seu mesmo mal abraça o peito humano;
E surdo então da Natureza ao grito
Julgou que era virtude atroz delicto.

50.

Assim mudo, assim trémulo, e suspenso
Co'a malfadada esposa permanece;
Torna-se o véo da escuridão mais denso,
Rasgado de hum relampago aclarece;
Corre o lume sulfureo espaço immenso,
Cresta-lhe a Regia Clamyde, e fenece;
Elle a chamma fatal vendo apagada,
N'hum ponto arranca a fulminante espada.

51.

E clama: Eu puz no throno a formosura,
Qual nunca a Natureza a humanos dera;
Não foi cego capricho da ventura
Quem Lindara conduz do Solio á esfera:
Mas oiço a voz do Ceo na sombra escura,
Que me intima do Imperio a lei severa:
Sacrifique-se á lei de amor a chamma,
Que do Estado o dever mais alto clama.

52.

Eu sei cortar de amor o laço estreito,
E o que usava brandir somente em guerra
Duro ferro, no bello, e eburneo peito
(Tremeo de susto a Natureza) enterra:
Só ficão lirios no formoso aspeito,
E corre o sangue em borbotoens na terra;
E alçando o braço intrepido, e robusto
A frente exangue separou do busto.

53.

Do tremendo espectaculo da morte
Mudo se aparta o povo espavorido;
Entre as negras catastrofes da sorte
Não tereis outra igual por certo ouvido:
Em mágoa tão profunda, em dôr tão forte
Ind'anda o triste Principe envolvido;
Que junto deste mausoléo soberbo
Vem mil vezes chorar seu fado acerbo.

54.

Com tão barbara scena ambos os Lusos,
Sem saber onde estão, se olhão pasmados,
Os olhos volvem tremulos, confusos,
Pelos tristonhos túmulos sagrados;
Crêm que magica vara os tenha illusos;
O Sacerdote, que interpreta os Fados,
Vendo o assombro, que nelles se derrama,
Com profetica voz dest' arte exclama:

55.

Do horror em vós a imagem se divisa,
Ultrajada observando a Natureza,
Dest' arte o Fanatismo a tyrannisa,
E os brados seus indomito despresa.
Assim Despota altivo insulta, e piza
Ternura, amor, poder, sceptro, e grandeza;
E d'Asia, onde ides, os Imperios cheios
São destes quadros horridos, e feios.

56.

Este, onde estais, Imperio poderoso
Abrange quasi a fertil Taprobana,
Grande em commercio, em guerras he famoso,
De origem nobre, e de troféos se ufana:
Talvez que seja o berço glorioso,
Onde teve principio a especie humana,
Mas perdem-se os annaes, perde-se a Historia
Nesta, escondida em seculos, memoria.

57.

Antiga tradição de antiga gente,
De geraçoens em geraçoens mandada,
Nos diz que huma Nação desde o Occidente
Virá do mar cortando a vitrea estrada:
Hum povo, ao qual captiva inclina a frente
Asia posta em grilhoens, Asia domada;
Sois vós, nestes oraculos, o povo
Qu' ha de dar leis ao Mundo antigo, e novo.

58.

Nova lei se ha de ouvir nos climas, onde
O Indo, e Ganges retalhando a terra,
Dentro das ondas tumidas se esconde,
Mais que tributo ao mar, trazendo a guerra:
Virá grande Nação das partes, donde
A Europa posto o Sol se esconde, e encerra;
Com quantos golpes, e com força quanta
Quasi o Glóbo este povo opprime, e espanta!

59.

Vós qu' o ferro trajais, ao mar lançastes
O pesado grilhão nunca sentido;
Vós no escuro Occidente o Sol deixastes,
He este o vosso aspecto, este o vestido:
Vós co' a espada, qu' em guerra fulminastes,
Tendes de assombro a Europa, e Libia enchido:
A taes feitos vos tem por certo ó Fado
Desde a origem dos seculos guardado.

60.

Neste Templo he guardado o grande arcano,
Disse, e bronzeo ferrolho a hum cofre abria;
Delle hum lenço extrahio, que ao Lusitano
Estranhissimo quadro offerecia:
Quando, o Velho lhes diz, fòr do Oceano
Cortada a parte austral profunda, e fria
Por mui fortes Baroens de ferro armados,
Mudar-se-hão d'Asia de repente os Fados.

61.

Ide buscar a Còrte populosa,
Que não longe do rio á marge impende;
Alli tereis Piloto, que a espumosa,
Liquida estrada muitas vezes fende:
Larga enseada, placida, arenosa,
Alli dos ventos muitas Náos defende,
Té que aponte a monção doce, e tendente,
Qu' a Armada leve ás Terras d'Oriente.

62.

Os Lusos dous atonitos voltárão,
Na idèa immersos da funesta scena,
Deixando o estranho Templo atravessárão
Pela estrada espaçosa a selva amena:
Ao longe surta a Frota demandárão,
Já quando a noite placida, e serena
O véo de estrellas recamado abria,
E a Lua o rosto no horizonte erguia.

63.

Co' o mesmo assombro o Capitão famoso,
A maravilha annunciada escuta;
No peito a volve insomne, e cauteloso
Em quanto a fria sombra o Mundo enlucta:
Mal do Ganges assoma o Sol radioso
O som do bronze chama a resoluta
Nautica chusma; co' a maré já chea,
Sobe do rio a crystallina vea.

64.

Entre densos umbriferos Palmares,
Que pelas ribas ferteis verdejavão,
Orientaes habitaçoens aos ares
Com pompa erguer-se os nautas divisavão;
Os Pagodes dos Deoses tutelares
Coalhados de ouro o Sol reverberavão;
Quaes Armida fantasticos alçára
Co' a voz, e ao toque de encantada vara.

65.

Na maritima Carta em mar patente
Ilha tão grande o Astronomo buscava;
Nem de Pomponio, e Estrabo diligente
Nos immortaes escriptos a encontrava:
Mas a altura do Sol claro, e lusente,
A'quem do Tormentoso inda amostrava,
Assim confuso, vacillante, absorto,
Manda dar fundo ás Náos no ignoto porto.

66.

Lança a pesada sonda ás aguas frias,
Antes que o ferro lance ao fundo algoso,
Eis de immensos Catures, e Almadias
He subito coberto o rio undoso:
Nellas de carnes baças, e sombrias,
E mal tapadas de algodão lustroso,
Vem de incolas da terra immenso bando,
Com remo compassado o mar cortando.

67.

Por tudo attenta o cauteloso Gama,
Recea em tudo perfida cilada;
Com acenos a turba immensa chama,
Tendo da paz a senha despregada:
Chegão-se ás Náos, o interprete lhes clama
Com voz de todos subito escutada,
Que peregrino conhecer deseja,
Em qu' ignota porção do Glóbo esteja.

68.

Hum delles, que no porte parecia,
E curvo alfange, que lhe pende ao lado,
Habitador da Barbara Turquia,
Ou da Persia, ou d'Arabia alli levado,
Com brando riso, e mostras d'alegria,
Que o coração desmente refalsado,
Não longe estais, lhe diz, do Indico Imperio,
E haveis passado o Antartico hemisferio.

69.

Entrados sois na grande Taprobana,
Ilha opulenta, e terra afortunada;
Qu' ergue entre todas frente soberana,
Qual he rico o Catay, rica, abastada:
Do flagello cruel da guerra insana
Nunca ferida, nunca profanada;
De quantos dons, e bens a Asia se arrea,
Em muitos Reinos dividida, he chea.

70.

Seguro lhe affiança que podia
Cortar do rio a limpida corrente;
Que hum vasto ancoradouro encontraria,
Em que désse repouso ás Náos, e á gente:
Que do acceso diamante, e especiaria
Dalli tirava a Persia copia ingente,
E que altas Náos a Arabia alli mandava,
Em que as riquezas do Indostão levava.

71.

Qual prisioneiro em carcere abafado
De continua soturna obscuridade,
A duros cepos, e grilhoens atado,
Sem vèr jámais dos Ceos a immensidade:
Que se julga do túmulo arrancado,
Se lhe resôa a voz da liberdade;
Tal da tristeza ao seio d'alegria,
Julga o Luso passar, que o monstro ouvia.

72.

Dobra o joelho humilde, a voz levanta
Dos claros Ceos ao rutilante assento,
Hymnos entôa á Postestade Santa,
Qu' eleva o Throno alem do Firmamento:
Pois condoida de fadiga tanta
Cumpre do Luso o heroico ardimento,
Oh! mente dos mortaes, que abysmo escuro,
Te esconde sempre a scena do futuro!

73.

Senta hum povo no Throno ennobrecido
Com virtudes dos Reis por longos annos
Monstro feroz, que a terra humedecido
Tem com sangue de miseros humanos:
Cuidou quebrar hum jugo envilecido,
E attrahio sobre si raios, e damnos,
Trocada vendo subito a ventura,
Em captiveiro eterno, em sepultura.

74.

Em tanto os nautas mareando as vélas,
A favor da corrente os lenhos guião;
Fere a celeuma nautica as estrellas,
Da opposta marge os éccos respondião:
Tanto velejão mais quanto mais bellas
As scenas do horizonte apparecião,
Vasto espaço, por onde a vista gira,
Todo vapôr balsamico respira.

75.

Em quanto os olhos lédos se apascentão
No soberbo painel, sobre alto monte
Os Paços veem, que as cupulas ostentão
D'ouro, que enche de luz vasto horizonte:
Duros nautas então co' a voz se alentão,
O cabrestante geme; á terra em fronte
Manda dar fundo o Gama, a artilheria
Medonho som no mar reproduzia.

76.

Ferve na praia a turba alvoroçada
Que olha raivosa a força Lusitana;
Já feita em cinzas se figura a Armada,
Pasto do odio mortal, de inveja insana:
Em fogo mais voraz fica abrasada
Vendo a gloria, a que chega estirpe humana;
Que o largo mar surcando em leve pinho
D'hum a outro hemisferio abrio caminho.

77.

De toda a parte em ondas se derrama
De feio, estranho aspeito a chusma impia;
De atroz inveja, de rancor rebrama,
Quando os baixeis victoriosos via:
A vêr de perto o formidavel Gama
O Despota do mal, perfidia invia,
De hum Naire apropriou forma, e vestido,
Grave no porte, e rosto fementido.

78.

Toca co' a dextra mão o infido peito,
Inclina, usança Oriental, a frente
Té quasi á terra; imagem de respeito
Mostrava o Genio ao Capitão valente:
Perfidia todo, no estudado aspeito,
Levanta a voz harmonica, e eloquente,
Em tôrno os Lusos o cercavão todo,
Notando o gesto estranho, o traje, o modo.

79.

O Rei vos manda perguntar, se a guerra
Armados lhe trazeis, ou se amizade
Expedição tão portentosa encerra,
Do fundo mar correndo a immensidade:
Mas que se afflictos demandais a terra
Prompto he nella o soccorro á humanidade;
Que Rei tão justo, e da virtude amigo
Se apraz de dar aos miseros abrigo.

80.

Pára hum pouco, e lhe diz, que tambem vinhão
A'quelle porto as Náos d'Arabia ardente,
Que a elle, como a Emporio se encaminhão
As ricas producções do acceso Oriente:
Qu' alli de aromas preciosos tinhão,
E de aljofar do mar thesouro ingente;
Que á terra sem receio affouto desça,
E quanto diz co' a vista reconheça.

81.

O forte Gama hum pouco concentrado
Em si co' as vozes, que escutára, fica:
Vê que o tom brando, o gesto mesurado
Alguma cousa, que não sabe, indica:
Da espada ao punho hum tanto recostado
Com voz segura, e energica, replica;
Mandado eu sou do Rei da Lusa terra,
Que não rejeita a paz, nem teme a guerra.

82.

Deixei do Tejo a aurifera corrente,
E por mar já do Luso em Náos corrido,
Á ponta demandei da Libia ardente,
Termo do esforço Portuguez vencido:
Vi da arenosa Costa a adusta gente,
Clima a prumo do Sol sempre accendido,
E, contrastando horrisonas procellas,
Vi no hemisferio austral novas estrellas.

83.

Não longe de entestar co' o tormentoso
Cabo, ou baliza d'Africana terra
Hum repentino véo caliginoso,
O Sol da nossa vista, e os Ceos desterra:
Do vento sempre incerto, e sempre iroso
Ao sopro, de seu rumo a Armada aberra,
Té que do escuro nevoeiro, hum dia,
Vimos que a densa sombra o Sol rompia.

84.

Quando em copia maior de luz as fontes
Lanção mais vivo ardor sereno, e quedo,
Vimos o mar nos vastos horizontes
O ar purpureo, o Ceo tranquillo, e ledo;
Todo o panno largando, os altos montes
Se descobrem cobertos de arvoredo,
N'arêa meigo escorregando o pego
Dèo-nos de longe aos animos socego.

85.

Do maior Rei da Europa armi-potente,
A quem de Lysia o Throno o Ceo tem dado,
Descobridor das terras do Oriente,
De todo o Glóbo em roda eu sou mandado:
Levo o penhor da paz, não guerra á gente,
Que tanto mar de nós tem separado;
E, rematando o heroico desejo
Eu devo do Indostão tornar ao Tejo.

86.

Pois da India, que eu busco o Soberano,
Nesta terra não tem seu regio assento,
Pela inquieta estrada do Oceano,
A véla irei largar de novo ao vento:
Só Piloto desejo, affeito ao insano
Furor do indocil tumido elemento,
Que dirigindo o esforço á gente Lusa
Ao Malabar buscado as Náos conduza.

87.

Qual fica o lobo insomne, e carniceiro,
Que em noite tenebrosa, e carregada
De circumfuso espesso nevoeiro,
Busca assaltar pacifica manada:
Qu' escutando os latidos do rafeiro
Uivando foge á fraga alcantilada,
E, sentido do golpe, que fallece,
Novo assalto feroz medita, e tece.

88.

Ou qual tigre cruento, que rebrama
Da crua, e cega fome esporeado;
Que dos olhos despede a ardente chamma,
E se espoja no chão desesperado:
Tal o monstro ficou, e ao forte Gama
Torna com riso amargo, e simulado:
Tendes certo o Piloto, e nós o damos,
Porque a virtude heroica assaz presamos.

89.

E mais lhe diz, que retalhar a fria
Onda do mar tão prestes não quizesse,
Que digno gasalhado encontraria,
Se á Côrte hum pouco repousar viesse:
Onde á cançada gente em longa via
O refrigerio necessario désse,
Té que certa monção, propicio vento
Aplaine, espêlhe o liquido elemento.

90.

Mas quanto pode hum coração presago!
Se o mortal lhe ouve a voz, jámais se engana,
Sôa alli brado annunciador do estrago
Miseravel condão da estirpe humana!
Suspeita vil traição no ingenuo afago
Experto o Capitão; mas Lusitana
Não desmentida intrepidez despresa
Presagios vãos da fragil Natureza.

91.

Em seu valor heroico só firmado
Comsigo exclama o Conductor valente:
Não devo recear, pois tenho ao lado
Invencivel em guerra a Lusa gente!
Se o despido gentio, e desarmado
Vir fuzilar medonho o bronze ardente,
Qual de Açor foge a pomba espavorida,
Tremendo guardará na fuga a vida.

92.

Mas notando que o Naire desgostoso
Da prudente repulsa se partia,
Manda outra vez explorador Velloso,
A quem fiel interprete seguia:
Desce da grande Náo, do caudaloso
Rio a planice liquida varria;
Voga co' o remo compassado, e certo
De finas sedas o escaler coberto.

93.

Na terra entesta co' a dourada prôa
O baixel conduzindo os fortes Lusos,
Na praia a negra turba se apinhòa
Dos malignos espiritos confusos:
Prompto clamor universal resòa
No vasto campo, e montes circumfusos;
Das Náos, que atirão, fumo salitroso
Em rôlos pousa sobre o rio undoso.

94.

Quatro membrudos pagens sustentavão
Eburneo Palanquim nos hombros duros,
Sobre elle os Lusos dous se recostavão,
No jus de ingenuos hospedes seguros:
E já com passos rapidos entravão
Da populosa Côrte os altos muros;
E falso assombro o fementido povo
Mostrava ao quadro desusado, e novo.

95.

O Luso par seguro demandava
A habitação do Rei da infída gente,
Vasto, e triste edificio, que elevava,
Quasi entre as nuvens a soberba frente:
Em columnas de marmore formava
De Ordem Toscana Peristilo ingente,
Mas entre a pompa barbara, que admira,
Hum certo horror o domicilio inspira.

96.

Por magestosa escada a huma espaçosa
Sala os Lusos intrepidos subião,
Temeroso Ancião em sumptuosa
Aurea cadeira recostado vião:
Armados guardas, turba numerosa
Postos em ala, os lados lhe cobrião;
Tem larga, e negra chlamyde vestida,
D'aureo Diadema a testa guarnecida.

97.

Té junto ao Solio os passos adianta
O Portuguez dos Satrapas levado;
O fingido Monarcha se alevanta,
E lhe offerecêo a mão como assombrado:
Entre grandeza, e magestade tanta
O Luso se apresenta, e não turbado
Entre o Congresso, qu'em silencio fica,
As altas causas da mensage explica.

Fim do Canto V.

O ORIENTE.

CANTO VI.

1.

Em quanto o Luso falla, eis lá no ethereo
Throno, que he centro a tudo, o glorioso
Nobre brazão do Lusitano Imperio,
Que mais o dilatou no pego undoso;
O que abrio passo a incognito hemisferio,
Grilhoens lançando ao mar tumultuoso;
D'alma Patria a favor supplica o Eterno,
E se oppõe todo ao Despota do Inferno.

2.

Assim nos Ceos o terno Jeremias
Supplice exora a immensa Potestade,
Quando Lisias cruel com mãos impias
Quiz profanar do Templo a Sanctidade:
Que então alcança do Ancião dos dias
Aurea espada, qu' a gloria, a liberdade
Veio dar de Israel á afflicta gente,
Posta nas mãos do Macabeo valente.

3.

Tal fervoroso Henrique, attento agora
Desde o estellante assento ao Lusitano,
Vio, que do monstro, que o rancor devora,
Ia a sentir irreparavel damno;
E qu' a undi-vaga Armada vencedora
Das ondas, e escarceos do immenso Oceano,
Sem vèr o fim do heroico desejo,
Era roubada para sempre ao Tejo.

4.

Vendo urdidas tão perfidas ciladas
Aos que na terra barbara detidos,
Não descobrem as chammas ateadas,
Nas mãos dos Genios pela inveja unidos;
Vendo as possantes Náos quasi abrazadas,
Tantos trabalhos, tanto afan perdidos,
Sem que da grande acção, filha da gloria,
Ficasse ao Mundo ao menos a memoria;

5.

Vendo dest' arte o arrojo contrastado,
Que mais honrára o Lusitano peito,
O monumento á Fama levantado,
Como ligeira exhalação desfeito:
E para sempre incognito, ignorado,
O que he sem par na Historia, excelso feito;
Humilde á Essencia deprecou Superna,
Qu' os Ceos co' a voz firmou, co' a voz governa.

6.

Se vossa lei sagrada, e augusto nome
Vai ser ouvido no apartado Oriente,
Deixareis que Satan se vingue, e dome
Tanto valor na Lusitana gente?
Mandai que a Armada undi-vagante tome
O já perdido rumo em mar fervente;
Mandai, Senhor, que Lucifer não possa
Vedar a empreza, que somente he vossa.

7.

Quanto consegue a súpplica do Justo!
Ignotos aos mortaes prodigios obra!
Se humilde se aproxima ao throno augusto
Hum Deos irado á piedade dobra:
E quando o raio, a que precede o susto,
De mais terror os animos soçobra,
Afervorado exora, o auxilio desce,
O bem se expande, o mal desapparece.

8.

Parte.... disse o Senhor. N'hum só momento
Descia Henrique a soccorrer a Armada;
E sobre as azas rapidas do vento
Dos Mundos vem correndo a immensa estrada:
A cupula deixou do Firmamento,
Co' a terra entesta lúgubre, e pesada,
Os ermos foi buscar do austral Oceano,
Os nautas salva do imminente damno.

9.

Surgia então do palido regaço
Do enluctado Occidente a noite fria,
Pela immensa extensão do ethereo espaço
Dos aureos Astros o esquadrão rompia:
O somno lisongeiro em doce laço
Cançados olhos dos mortaes prendia;
Da Natureza dom, que o mal atalha,
Qu' em dòr acerba balsamos espalha.

10.

Do luminoso Alcaçar do Oriente,
Qu' he dado abrir-se, quando a rubra Aurora,
Do recatado berço auri-splendente,
Quasi annuncia a luz animadora;
Prompto hum sonho sahio, que ali-potente
Apôs si deixa a seta voadora;
Na mente ao Gama subito s'entranha,
E de celestes nectares o banha.

11.

Descobre, ou julga vêr forma tão bella,
Qual não pode traçar pincel humano,
Mais que mortal se lhe antolhava aquella,
Que vê baixar do Olimpo Soberano:
Com menos luz a matutina estrella
Víra surgir mil vezes do Oceano;
Eis que do centro da brilhante chamma,
Rompendo Henrique se amostrava ao Gama.

12.

Então clara, e visivel se apresenta
A imagem d'hum Barão robusto, e forte;
Que na dextra conserva, e inda sustenta
Ferro, que busca trepidante o Norte:
D'hum resplendor celestial se alenta
A vida que hora tem, que ignora a morte,
A Esfera ao lado traz, raro portento,
E hum mote diz: Benefico talento.

13.

Abre os olhos o Gama, e parecia,
Que d'esplendor em mares se engolfava;
A' clara forma os braços estendia,
Só transparentes luzes abraçava:
Como ligeira exhalação fugia,
Como ligeira exhalação tornava;
Entre suaves halitos, que exhala,
C'hum tom de voz celestial lhe falla.

14.

O' tu brazão de Lusitania, ó quanto
Da meta oriental tens aberrado!
Da cega habitação do eterno espanto
Contra ti sahio Lucifer armado:
A morte já te involve em negro manto,
Tem sobre ti seu braço levantado;
Se o fraco humano o Ceo não fortalece,
Do mal oppresso misero perece.

15.

Quem és tu que assim fallas, lhe dizia
Tremulo hum tanto o Capitão prudente
(Espantado da luz, que vence o dia,
Quando mais alto brilha o Sol ardente;)
E's acaso illusão da fantasia,
E sem que existas te produz a mente?
Não, (lhe diz huma voz, que as luzes fende,
E mais, e mais extatico o suspende.)

16.

O filho sou do Heroe, que o Luso Imperio
Fundou de novo, e resgatou do Hispano
Poder, qu' immensa affronta, e vituperio
Ameaçava ao nome Lusitano:
Agora habitador do assento ethereo,
Já livre das prisões do corpo humano,
Em que mortal tentei n'hum fragil pinho,
Abrir do mar o incognito caminho.

17.

Eu de thesouros immortaes seguro
Do Imperio alem dos astros levantado,
Vejo, se Deos o mostra, o que he futuro,
Como presente agora, e o que he passado:
Eu dos Justos no Reino eterno, e puro
O louro cinjo, que á virtude he dado;
Mas inda assim na possessão da gloria
N'alma a Patria conservo, e na memoria.

18.

Ditosos fiz com súpplicas seus passos,
Quando ao redor das praias Africanas
Foi proseguindo em descobrir espaços,
Onde arvorasse as Quinas Lusitanas:
Do civil tracto unindo em mutuos laços
Nações agrestes, gentes inhumanas;
Té que ousada transpôz a austral baliza,
Onde seu nome o Luso immortaliza.

19.

Proximo agora, ó forte Lusitano,
A te cingires da naval corôa,
Pelo até agora impervio, e intacto Oceano,
A' Europa, e Mundo abrindo a porta Eôa;
Da eterna luz no assento soberano
A voz do mal, que te ameaça, sôa;
Auxilios peço ao braço Sempiterno,
E venho as Furias açaimar do Inferno.

20.

Vi como Satanaz, que na sombria
Tartarea furna condemnado habita,
As Náos do rumo Oriental desvia,
E como a empresa malograr medita:
Vi como transformada a turba impia
A quem odio, e rancor, e inveja excita,
Como intenta, que a Armada aqui detida,
De voraz chamma seja consumida.

21.

Nos mal seguros campos do Oceano
Andas errado no boiante pinho,
Ha muito já do Inferno o atroz Tyranno
Te desviou do natural caminho:
Victima has sido do funesto engano,
Ao laço insidioso és já visinho;
Mas seguro respira, hum Deos peleja,
Por quem seu nome engrandecer deseja.

22.

A voz emmudeceo; eis se apodera
Subitamente hum extasis do Gama;
Levantar-se sentio quasi na esfera,
Onde o Sol, fixo centro, a luz derrama;
Dentro em seu peito hum claro reverbera
Lume ignoto aos mortaes, celeste chamma,
Com que d'hum golpe vê, que a terra nua
No turbilhão solar gira, e fluctua.

23.

Então lhe brada Henrique, ó Gama invicto,
Olha sem fausto, sem grandeza a Terra,
Dos vastos Ceos no campo indefinito,
Onde de Mundos multidão se encerra:
Oh! que pequeno glóbo, e circumscripto
He esse, onde ambição se abraza em guerra,
Entre milhoens de Sóes no espaço puro
Apenas se te antolha hum ponto escuro!

24.

Nesse mesquinho glóbo anda enganado,
Quem nelle da virtude o premio espera,
Que só lho pode dar, só tem guardado
Em si mesmo o Senhor, que no alto impera:
Só he nos Ceos o Justo coroado,
Onde a luz immortal lhe reverbera
No centro d'alma sempre, e onde segura
Tem sempiterna paz, e tem ventura.

25.

Então desce apressado, e menos vôa
Terrifico fulgor, que as nuvens fende,
Onde o trovão bramindo o ar atrôa;
Rapido vôo extatico suspende:
Ao ponto onde fulgura a tocha Eôa
D'alma luz sustentado a vista estende,
Mais que mortal o Gama observa, e marca,
Quanto n'Asia, e na Libia o mar abarca.

26.

Nesta vasta extensão, que desde o undoso
Tejo (Henrique lhe diz) se comprehende,
Té onde no Oriente o luminoso
Sol em seu berço fulgurando esplende;
Té onde alem do mar tempestuoso
Do glóbo a mór porção nova se estende;
Neste, que vês, espaço indefinito,
O nome se ouvirá do Luso invicto.

27.

Nome em terras incognitas gravado,
Que na vindoura geração tardia
Servirá de fanal ao que em cavado
Lenho os campos abrir de Thetis fria:
Até no Polo austral sempre abafado,
Co' as negras azas d'Estação sombria
Britanno nauta, absorto co' os prodigios
Do Luso esforço encontrará vestigios.

28.

A mesma inculta, e pedregosa terra,
A que aportado tens co' a forte Armada,
Onde em signaes pacificos a guerra
Te faz do Inferno a turba conjurada;
Não distante o futuro hum dia encerra,
Em qu' entre as ondas tumidas achada
Seja da Lusa venturosa antenna,
Que o nome lhe dará de Sancta Elena.

29.

Aqui, qual lá te finge a Grega idêa,
Hum mais ousado Prometheo blasfemo
Será ligado em rispida cadêa,
(Decreto eterno do Senhor Supremo)
Entre as alpestres rochas, que rodêa
O mar, deve esperar seu dia extremo,
A crua Serpe d'hum remorso eterno,
Antecipar-lhe n'alma o escuro Inferno.

30.

Entre todos os nautas o primeiro
(Nos mares o maior) em porto Hesperio
Armará lenho undi-vago, e ligeiro,
Com que circule o duplic• hemisferio:
Dentro d'alma abrangendo o Glóbo inteiro,
O Sceptro estenderá do Hispano Imperio;
Com desdouro, e baldão das Lusas Quinas
A estrada mostrará mais breve aos Chinas.

31.

Encontra audaz o estreito imaginado,
(Mór esforço talvez do peito humano)
Por elle rompe em campo dilatado,
Dito será pacifico Oceano;
Nelle o sepulchro lhe reserva o Fado;
E sem o Heroe sublime ao porto Hispano,
Vélas a Náo victoriosa solta,
Dando em tôrno do Glóbo inteira volta.

32.

Desde este ponto hum vasto Continente
Se estende, inda maior que antigo Mundo;
N'hum Pólo, e n'outro Pólo o encerra algente,
Ao Luso não impervio, hum mar profundo:
O que a fundar o Reino d'Oriente
Vier depois, Navegador segundo,
Arrebatado dos tufoens em guerra,
Nelle Imperio achará d'immensa terra.

33.

Então da Europa as bellicosas gentes,
Largando aos ares temeraria véla,
Virão pôr termo a Reinos florescentes
Co' as leis da Natureza inda singela:
Farão cahir nos Povos innocentes
Dos vicios sociaes cruel procella;
Ah! que eu vejo surgir do fundo abysmo
Co' a sacra fome d'ouro, o Fanatismo!!

34.

Do paternal asilo despojados
Proscriptos Incas, ferros arrastrando,
D'Ambição, da Sevicia ao carro atados,
Sem mais crime, que o ouro, eis vão rodando:
Nunca de sangue tigres abastados
Levão a tudo estrago miserando,
Quando ruinas, e terror derrama,
Então paz a hum deserto, Almagro chama.

35.

Doce Mãi Natureza consternada,
Lança hum véo neste quadro aborrecido;
Tu delle a vista aparta, observa a estrada,
De que Satan te afasta embravecido:
Olha a medonha face, alta escarpada
Do Promontorio, em nuvens involvido;
Nem he já esta, porqu' o Luso a pisa,
De ousados nautas ultima baliza.

36.

He dado a ti do pelago espumante
Outras transpôr barreiras diamantinas,
Do Cabo Prasso surgirás avante,
Té mostrar ao Indostão do Tejo as Quinas:
A Portugueza espada fulminante
Fará daqui tremer Japoens, e Chinas:
Mostrando tu primeiro á Europa absorta,
Pelo mar d'Oriente aberta a porta.

37.

Sou do centro da Gloria a ti mandado,
Qual conductor nas ondas tormentosas,
Abrir-te arduo caminho em vão tentado
De potentes Naçoens victoriosas:
Onde braço Europeo de força armado
Levou jámais falanges bellicosas;
Onde do Eterno o Divinal Conselho
Quer, que fulgure a tocha do Evangelho.

38.

Dobrando esse que vês alto imminente,
Medonho Cabo austral, tempestuoso
Extrema gradação da humana gente,
Verás o Cafre bruto, e temeroso:
Ao Norte costeando a Libia ardente,
Sempre a braços co' o mar turvo, e bramoso,
As largas vélas mareando em cheio,
D'hum largo rio surgirás no seio.

39.

Tal do Abarim na cima levantada
Foi patente a Moysés a extensa terra,
Em que a Nação remida, e resgatada,
Deve grande existir em paz, e em guerra:
Que desde aquella altura aos Ceos pegada,
Vio tudo, o que o horizonte immenso encerra;
Assim do Gama a vista descortina
Quanto lhe marca, e diz missão Divina.

40.

Aqui corre hum momento, e logo avante
Vai dar á terra o nome augusto, e sancto
Do innefavel natal do Eterno Infante,
Que encheo de gloria o Ceo, Satan d'espanto:
Logo entesta co' o rio amplo, espumante,
Que tanto corre, e se dilata tanto;
Terá nome dos Reis, que ethereo lume
Trouxe ao Portal do Palestino Idume.

41.

Olha o Cabo das rapidas correntes,
Que mal podem romper ferradas quilhas,
Acharás alem delle estranhas gentes,
A' culta Europa ignotas maravilhas:
Lageadas as ondas transparentes
Irás notando de diversas Ilhas;
Deixa Madagascar, deixa te fique
Cosida á terra, enférma Moçambique.

42.

Foge da Costa infesta, ó forte Gama,
Que já do mar á vencedora Armada
Aqui negras traiçoens o Inferno trama,
Acharás guerra em paz dissimulada:
Foge á chusma, que a lei professa, e ama,
Pelo Impostor n'Arabia promulgada;
Nunca deixes impune a gente imiga,
Que impressa guarda n'alma a injuria antiga.

43.

As Náos ao Norte luminoso aprôa,
Deixa da Costa o mar aparcelado;
Não te detenha aurifera Quilôa,
Onde o Mouro em traição te espera armado:
Ouve alli como a vaga estala, e sôa
No Recife de espumas coroado;
Se a carreira aos baixeis Mombaça atraza,
Tu dispára os canhoens, seu muro arraza.

44.

Irás então por mares socegados,
Com bafagem serena aos deleitosos
Campos de hum bosque umbrifero cerrados,
Onde se copão Ebanos lustrosos:
Campos, prodigios n'Africa, lavados
De argenteas agoas, zephyros mimosos,
Quaes finge em Tempe antiga Poesia,
Divino fogo em Grega fantasia.

45.

Eis de Melinde o Reino, onde innocente
Ancoragem terás franca, e segura,
Dos trabalhos do mar, fadiga ingente!
Na amiga terra descançar procura:
Hum Monarcha acharás sabio, e prudente,
Qu' hum piloto te dê, que a limpa, e pura
Planice irá cortando até que enteste
Co' os Malabares, cujo Imperio he este.

46.

Olha o rico paiz, que foi chamado
Indostão de seus Incolas ditosos;
Do Norte, e Sul está como encerrado
Entre espumantes rios caudalosos:
O Ganges fertilissimo de hum lado,
D'outro o Indo, baliza a Heroes famosos,
Vio nelle o Grego os estos do Oceano,
Té alli co' as Aguias penetrou Trajano.

47.

O Indo, que dá nome á terra, e fende
Do antigo Poro os Reinos sublimados,
Os vastos campos do Delly defende
Dos Povos do Mogol contr' elle armados:
Seu curso ao Reino de Cambaia estende,
E alli, rasgando os mares empolados,
Com tanta força vem na equorea vêa,
Que o fluxo do Oceano ao longe enfrêa.

48.

Da parte Oriental (se tanto abranges
Co' a vista em tanto espaço perturbada)
A turva immensa lympha enrola o Ganges,
Que he para os cegos incolas sagrada:
Aqui de Lysia ás inclitas falanges
De palmas grande messe está guardada;
Olha a carreira tumida, e violenta,
Como a furia do mar na Costa augmenta!

49.

O Indostão dividindo, eis vem correndo
A serra, como o Caucaso, espantosa,
Chama-se Gate o monte, aos Ceos erguendo
A immensa espadua turbida, e nimbosa:
Das escarpadas faldas vem rompendo
De muitos rios a torrente undosa,
Do Norte, e Sul nas opulentas Costas
Muitos Imperios, e Naçoens são postas.

50.

O Malabar Idolatra do lado
Occidental, que vês, habita, e mora,
Da sombra d'erro, e morte inda abafado,
Abominaveis Idolos adora:
O alfange vencedor d'Arabe ousado
Aqui já trouxe a lei dominadora;
Que estende as pontas do fatal crescente,
Pela Asia quasi toda, e Libia ardente.

51.

Do Malabar soberbo a Côrte he esta....
(Grande Cidade ao Gama se mostrava,
Qual no Tejo Ullyssêa, a excelsa testa
Nas inquietas aguas retratava)
Vio de mastros densissima floresta,
Que em seu tranquillo porto o mar coalhava;
Qual vio já Tyro, ou mercantil Fenicia,
E do Nilo na foz Canópo Egypcia.

52.

O adusto morador d'Oronte, e Nilo,
O que habita Suez seco, arenoso,
O que da lei d'Arabia inverte o estilo,
Da rica Persia morador ditoso:
Aqui se os mares corta, encontra asylo,
Commercio rico, e tracto vantajoso;
E quanto d'Oriente o mar navega
Aqui co' as Artes, e opulencia chega.

53.

Aqui de Banda a quente especiaria,
Que tanto a Europa bellicosa préza,
Louro metal, luzente pedraria,
De que se fez idolatra a Avareza:
Aqui vem quanto precioso cria,
Ou furta ao luxo cauta a Natureza;
Do Chim longinquo á torrida Ethyopia
Aqui se encontra com sobeja copia.

54.

Aqui dará principio o Luso Imperio
A' sua gloria, e portentoso augmento,
Daqui penetrará co' a fama ao ethereo
Dos aureos astros luminoso assento:
Será Senhor do Indico hemisferio.
A Europa absorta em tanto vencimento
Dirá, medindo a Lusa Monarchia,
= Sempre no Imperio Portuguez he dia. =

55.

De sublimes Heróes série ditosa
Eterna aqui fará de Lysia a gloria,
Qual nunca teve Menfis orgulhosa,
De quem nos resta apenas a memoria:
Se ao campo os chama a guerra sanguinosa,
Vejo marchar ant' elles a victoria,
E s' em Náos troão pelo mar profundo,
Seu nome com pavor repete o Mundo.

56.

Se vive em bronze e marmores Trajano,
E são na Historia os Scipioens famosos,
Inflexivel Catão, Curio, e Serrano,
E Augusto, e Julio, nomes gloriosos;
Excedidos serão do Lusitano
D'alta virtude em feitos portentosos;
Deos, que taes dons aos Lusos participa,
Delles o quadro n'alma te antecipa.

57.

Sobe agora comigo ao dilatado
Espaço ignoto dos mortaes, ó Gama,
E muito alem do circulo apartado,
A quem o Sol he centro, e a luz derrama:
Entra os umbraes do alcaçar consagrado
Pelas mãos da virtude á eterna Fama;
Lá da torpe lisonja a voz não sôa,
E só Justiça o merito corôa.

58.

Disse, e transpondo os ares pressuroso,
Mais qu' indocil cometa o espaço trilha,
Tão longe vai, que apenas luminoso,
Qual huma estrella, o Sol fulgura, e brilha:
Na região mais pura o magestoso
Templo se eleva, augusta maravilha!
Cujo sublime archetipo, ou modélo
Da essencia eterna se tirou do bello.

59.

D' aureas portas os gonzos não resoão,
Patente he sempre do edificio a entrada;
Aos que de ingenuos louros se corôão
Na vida, que á verdade he só votada:
Ledos a Estancia Divinal povôão,
Os que pizárão a tranquilla estrada
Das sociaes virtudes, e que a idade
Gastárão toda a bem da humanidade.

60.

D'hum lado, e d'outro em pedestaes firmadas,
Como apontando ao Portico eminente,
Duas estatuas s'erguem, que formadas
São de hum Pirópo lucido, esplendente:
De conhecidos symbolos cercadas,
Fortaleza, e Justiça observa a mente,
Huma em columnas solidas descança,
Outra equilibra imparcial balança.

61.

No fastigio do Portico elevado
Do Tempo o emblema está, qual tortuosa
Serpe co' o corpo em circulo formado,
Na boca esconde a cauda venenosa:
Como em ferreos grilhoens maniatado,
Debaixo hum monstro está, Furia espantosa!
Seu proprio seio lacerar forceja
A, só da morte, suplantada Inveja.

62.

No Horizonte infinito alta Figura
Da Fama ia rompendo, e sustentava
Retumbante clarim, c'huma luz pura
Pelas sombras dos seculos raiava:
O negro manto da Calumnia escura
Com fulgor ardentissimo rasgava,
Roubando ás ondas do lethal Cocyto
A virtude do Heróe, do Sabio o escripto.

63.

Cruzavão já do Alcaçar luminoso
O diamantino lumiar, patente
Todo se mostra o Templo portentoso,
A quem banha de luz perpetua enchente:
De incognito metal puro, e radioso
Bustos de Heróes com magestosa frente
Parecem respirar; cinge-lha o louro,
O nome tem na base aberto em ouro.

64.

Os que mostrárão aos mortaes a estrada
D'alma justiça alli resplandecião;
Os que co' a mente accesa, ás Musas dada,
Sobre as azas do canto aos Ceos subião:
Os que primeiro á terra fecundada
Com providente arado o sulco abrião,
Os qu' ousárão primeiro em fragil pinho
Tentar do mar o liquido caminho.

65.

Os que com braço armado, em justa guerra,
Usurpadores barbaros vencêrão;
Esses, que em sabias leis da patria terra
Estado, e nome, e gloria engrandecêrão:
O denso véo, que a Natureza encerra,
Com douto estudo, e com saber rompêrão,
Esses, que as sortes das Nações melhorão,
E, quaes são Numes, para os homens forão.

66.

Em soberanos extasis levado
O Gama observa maravilha tanta;
Tem-lhe de perto o coração tocado
Alta virtude, que os mortaes levanta:
Rompe o silencio; e diz, se immobil Fado
(D'hum Deos Eterno, Providencia Sancta)
Permittirá, que eu suba á companhia
Destes, (qu'ora descubro) Heróes, hum dia?

67.

Nesta estancia da Fama eterna, e pura,
Torna Henrique, lugar se te reserva,
Já vencida a Calumnia, e Inveja escura,
Em seus annaes teu nome se conserva:
Tu com façanhas immortaes procura
Tal premio merecer, e agora observa,
Quem sejão estes, que no eterno Templo,
Te dão da gloria, e da virtude exemplo.

68.

Este que vês de fluctuante manto,
De fulgidas estrellas recamado,
Que enche a todos os seculos d'espanto,
A quem saber universal foi dado:
He Salomão, que descortina quanto
A Natureza em si tinha encerrado;
Que tentou, conseguio com Regia frota
Achar de Ofir a incognita derrota.

69.

Por onde o povo as ondas Erythreas,
Solto da escravidão, passou triunfante
A pés enxutos humidas arêas,
Vendo suspenso o pélago espumante:
Sahio das altas Náos co' as vélas chêas,
Correndo a Costa d'Africa estuante;
E de lá pouco a pouco o mar abrindo
Co' as merces retornou do Idaspe, ou Indo.

70.

Vês a seu lado Hirão, que predomina
Da mercantil Fenicia o Reino undoso;
Que rompe ao pégo a vêa crystallina,
Immobil vendo hum astro luminoso:
No frio Norte ao Sul seu lenho inclina,
Rompe Herculea baliza, e o tormentoso
Mar affrontou. Talvez que a terra visse,
Qu' entre os Gregos Atlantide se disse.

71.

Lá vês do opposto lado o invicto, e forte
Machabeo, que a Nação Sancta defende;
Leva em lenhos undi-vagos a morte,
De Tyro o mar victorioso fende:
De Oligamber co' as Náos tentando a sorte
De incerto mar á Patria o Imperio estende;
Do barbaro inimigo as Náos vencidas
Tem no marmoreo túmulo esculpidas.

72.

Vês o busto sublime, que adornado
Está de estranhas palmas verdejantes,
Que co' a vista no Polo levantado
Parece que devassa astros brilhantes:
O magnetismo á nautica applicado
Por elle foi nas ondas espumantes;
Dando-me neste portentoso arcano
Chaves, que abrirão portas d'Oceano.

73.

O busto agora vê do Heroe prestante,
Douto inventor do nautico instrumento,
Que a carreira medindo ao Sol brilhante,
Do Polo ensina ao certo o apartamento:
Rara invenção! Ao nauta vacillante
Marca o rumo no liquido elemento;
Quasi no abysmo salva o lenho immerso,
Teve em Lysia tal dom principio, e berço.

74.

Esta te mostra o Ligure afamado,
Que a ser grande aprendeo no Tejo undoso,
Alli Piloto ouvio, e aos mares dado
Terras suppôz n'Occaso nebuloso:
Nem seria por elle hum Mundo achado,
Sem roteiro encontrar maravilhoso
D'hum Nauta Luso, a cujo nome a Historia,
Avára rouba de tal feito a gloria.

75.

Este o busto do Heróe, que o Lusitano
Salvou das garras do Leão rompente,
O que depois do vencedor Romano,
Maior guerra levára á Libia ardente:
Toma por armas Ceuta ao Mauritano,
O sulco abrio da messe florecente
Dos louros immortaes na illustre guerra,
Que pouco admira, ou desconhece a Terra.

76.

Grande até no silencio, ia passando
A estatua Henrique, que brilhando estava,
E huma luz fulgentissima espalhando,
D'hum louro mais distincto a fronte ornava:
Os olhos para o Ceo suspenso alçando,
Sobre armilar esfera a mão pousava;
Como em acção de quem dos Ceos descia
Dava a Henrique o compasso a Astronomia.

77.

Na base a imagem tem do ignoto Mundo,
Que as recatadas portas lhe franquêa,
E d'hum assombro extatico, e profundo
D'outro lado se via a Europa chêa:
N'huma figura o pélago iracundo
Seus mais escusos seios patentêa
Aos pés do grande Heróe; e o Glóbo mudo
Diz no silencio, que lhe deve tudo.

78.

A' luz celestial mais larga estrada
Abrio na terra o portentoso Infante;
E a bandeira da Fé foi levantada
Na mais remota plaga, e mais distante:
Não houve Nação barbara, ignorada,
Onde não penetrasse a luz brilhante
Do Commercio, das Artes, da Sciencia,
Que apura, e mais exalta a humana essencia.

79.

Observa os pedestaes já destinados
De Heroes aos bustos, que o futuro encerra,
Que por cima dos mares empolados
Irão levar seu nome aos fins da Terra:
Qu' a livres povos, por amor ligados,
A paz conduzirão, não luxo, ou guerra,
Com qu' em seu sangue a deslumbrada Europa,
Como herança perpetua, a espada ensopa.

80.

Alta base alli vê, nella gravado
O Promontorio austral, e o vasto ondeante
Oceano a seus pés, manso espelhado;
O Ceo sem nuvens, lucido, radiante:
(Cinzel Divino o pôde) encadeado
Eólo alli se vê tumultuante:
A Asia em figura, que os laureis enrama,
E escripto em letras de diamante = Ao Gama. =

81.

Este laço commum, que os Povos prende,
Que faz sentir as leis da humanidade;
Em que mais se dilata, e mais s'estende
O Imperio da Justiça, e da Verdade,
De quem principio tem, de quem depende
A perfeição da humana sociedade;
Neste arrojo feliz, neste portento
Teve seguro, e eterno fundamento.

82.

Entre os que dignos são de larga Historia,
Porque o mar temeroso avassallárão,
E a par de Magalhaens com honra, e gloria
Da sempiterna Fama o Templo entrárão;
E alli Troféos de perennal memoria,
Vencido o vasto Oceano, alevantárão,
Do grão Botelho o insolito denodo
Enche de assombros o Universo todo.

83.

Aqui já tem lugar, e apenas goza
Da luz vital no natalicio dia,
Já comettendo a empreza perigosa,
Ante a qual todo o esforço he cobardia:
Desde Cambaia armigera, orgulhosa
Té onde o Tejo ao mar tributo envia,
O Varão forte com pasmoso empenho,
Irá n'hum fragil pequenino lenho.

84.

Quando ás potentes armas, e ao famoso
Cunha inclinar o cóllo a entrada Dio
(Monumento perpetuo, e glorioso,
Nunca arrancado ao Luso Senhorio)
Quando a seus pés o Heróe victorioso
O Turco vir prostrado, e o Mouro frio,
N'alma revolve a insolita façanha,
Qual o Mundo até alli não vio tamanha.

85.

Qual te mostra, armará nadante faia,
Em que apenas affouto hum nauta ousára
Perder de vista n'hum momento a praia,
Ou pescador do Tejo a foz crusára:
Rompe os medonhos mares de Cambaia,
Que sem susto alta Náo jámais cortára,
Elle impavido a furia ao pégo affronta,
Toca na Libia ao Prasso a erguida ponta.

86.

Sempre em lucta co' o pélago indomado,
Do Cafre adusto pelos climas vôa;
Nem se aterra seu animo esforçado
Co' o turvo mar, que brame, e Ceo, que tôa:
Ao Cabo extremo de tufoens armado,
Quasi nas mãos da morte, eis volve a prôa;
Oppõe-se á morte pertinaz na empreza,
Surrio-se então de vê-lo a Natureza.

87.

Manda lhe seja lisongeiro o vento,
Que se lhe aplaine a superficie undosa,
Ou vencida do heroico ardimento,
Ou por se honrar da empreza alta, espantosa:
Ao tempo que he porvir, deste portento
Talvez pareça a fama mentirosa;
Mas neste Alcaçar vive a imagem sua,
Aqui já se eterniza, e perpetúa.

88.

Mas ah! Da Inveja a Serpe venenosa,
Mordendo humanos corações, prepara
Pesados ferros, lúgubre, horrorosa
Masmorra em premio desta acção preclara!
Quer que a memoria eterna, e gloriosa
Do feito immersa fique em sombra avara:
Mas de tanta desgraça o Heróe só tira
Nome, que d'astro em astro eterno gira!

89.

Olha a base da estatua a Heróe prestante,
Qu' inda Lysia ha de vêr, e o tempo encerra,
Portentoso Queiroz, pelo espumante
Pélago austral eis busca os fins da Terra:
Nem co' as cimerias sombras, e a nadante
Porção d'eterno gêlo, elle se aterra;
E só do clima incognito se afasta,
Quando lhe disse a Natureza = basta. =

90.

Lá tem de vêr seu nome ind' algum dia
Com inveja, e pavor nauta Britanno,
Que com denôdo, e nobre valentia
Tres vezes girará todo o Oceano:
Nem mais se avança pela plaga fria
Da meta alem do grande Lusitano;
Esta dos mares ultima baliza,
Co' o nome de Queiroz se immortaliza.

91.

Não mais a douta Grecia exalte, e cante
De Tifis o valôr, e o mar vencido;
Nem entre estrellas fulgidas levante
Argos ao Pólo nunca obscurecido:
Sirva o fragil baixel ao navegante
Cá d'entre os astros de fanal erguido,
E d'outros mares Cynosura seja
De gloria a Portugal, e ao Mundo inveja.

92.

Hão de volver-se os seculos; ao Mundo
Arrojados virão navegadores,
Que do Glóbo ao redor por mar profundo
Farão girar seus lenhos nadadores:
Nas vélas preso o vento furibundo
Serão d'hum Pólo, e d'outro exploradores,
Grandes todos serão por varios modos,
Os nautas Lusos obscurecem todos.

93.

Depois a voz hum pouco alevantando,
Dest' arte ao Gama extatico dizia,
Aqui veredas ingremes trilhando
D'alta virtude sobirás hum dia:
Será teu nome eterno, e venerando,
Em quanto dure a Lusa Monarchia,
Pois nesta acção prodigiosa vejo
A Terra toda submettida ao Tejo.

94.

De todo emmudeceo.... Qual luminosa
Ligeira exhalação, que os ares fende,
Que subitanea chamma pressurosa,
Fugitivo listão no espaço estende;
E na vasta extensão caliginosa
N'hum momento se apaga, e n'outro accende;
Tal a visão celestial fenece,
Quando o somno do Heróe se desvanece.

95.

Já derramava aljofares a Aurora,
Da negra noite a sombra afugentando,
Co' a matutina luz animadora,
Primeiro os Ceos Orientaes banhando;
Do bosque a turba aligera, e sonora
Seu hymno ao Creador vinha entoando;
Já não dubios na luz, na sombra os ares,
Se espelhão todos nos estensos mares.

Fim do Canto VI.

O ORIENTE.

CANTO VII.

1.

Rompe o Sol n'horizonte, e do cavado
Bronze já sôa horrisono estampido;
O marinheiro audaz mal acordado
Corre ao trabalho, e posto conhecido:
Inda em sublimes extasis levado,
E nas visoens celestiaes detido,
Ao som do bronze, que no ar rebrama,
Nautica turba convocava o Gama.

2.

Prestes á terra envia os mais valentes
Marinheiros, e intrepidos Soldados,
Que ás altas Náos conduzão diligentes,
A' ignota Côrte os Lusos enviados:
Assim mandou: nas ondas transparentes
Vão já vogando os remos alutados;
E, mal nas praias humidas tocavão,
A magestosa habitação buscavão.

3.

Quanto humanos sentidos lisongêa
De toda a parte aos Lusos se mostrava;
A terra he toda de opulencia chêa,
Com que d'Asia a grandeza arremedava:
Até na humilde condição plebea
A pompa Oriental se divisava;
Com tanto ardil diabolica potencia
A's cousas dèo fantastica apparencia.

4.

Da baça turba rodeados ião
Os Lusitanos nautas cuidadosos,
Quando aos soberbos porticos subião,
Pomposa entrada aos Paços sumptuosos:
Eis que os buscados companheiros vião
Dos imminentes males não cuidosos,
Tal de Gofredo o Cysne em voz subida
Pinta Rainaldo nos Jardins de Armida.

5.

Alas de verdes arvores sombrias,
Prados amenos, fontes deleitosas,
De aureo Palacio excelsas galerias,
Té das aves cançoens voluptuosas:
Mais doces noites, mais brilhantes dias,
Brando adejar das auras pressurosas;
Tudo fingido ao vago pensamento,
Que depois se desfaz qual sombra, ou vento.

6.

Mas apenas a voz do excelso Gama
Lhes foi dos nautas destemidos dada,
Com subitanea confusão se inflamma
Furores toda, a turba condemnada:
Prestes conduz devoradora chamma
Que em cinzas convertesse a forte Armada,
Signal funesto de imminente estrago,
Que lhe antevira Oraculo presago.

7.

Tinha já da fantastica Cidade
Transposto o invicto Luso os altos muros;
Eis improvisa estranha tempestade
Em negros véos involve os ares puros:
Não mais o Sol brilhou na immensidade,
Conglobando-se vão grupos escuros;
Das nuvens, que fluctuão, que se estendem,
Cujo seio horroroso os raios fendem.

8.

Nada continha os nautas esforçados,
Que atracar co' os baixeis promptos desejão;
Contra os medonhos vagalhoens cruzados
Co' a larga véla, e remo em vão pelejão:
Veem com pavor rochedos escarpados
Escondidos té alli, qu' ora negrejão;
Chegão ás Náos, mas quasi submergidos
Dos mares, e tufoens embravecidos.

9.

Na infernal confusão sem perder tino,
Seguro o invicto Gama então declara,
Qual impensado golpe, e qual destino,
A's Náos a furia de Satan prepara:
Mas que do Mundo o Creador Divino
Com paternal amor a empreza ampara,
Que he sua, e quer que a Gente Lusitana
A Cruz arvore alem da Taprobana.

10.

Bem como na tranquilla ingenua Aldèa,
De singelos Pastores habitada,
Se a labareda subita se atêa,
E lambe o colmo, de que está forrada;
Qu' o lavrador attonito recèa
Perder com doce lar pingue manada,
Com todos á porfia trabalhando,
Salva o que pode, as chammas apagando:

11.

Taes os nautas, apenas escutárão,
O que expozera o Capitão famoso,
Correndo, ás altas gavias atrepárão,
Dando hum bolço de véla ao vento iroso;
O rijo cabrestante outros voltárão,
Tirão com elle o ferro do arenoso
Fundo, e na próa subito o pendurão,
E o pouco panno com trabalho amurão.

12.

Poem n' Oriente a prôa, os abrasados
Temerosos canhoens nos ares soão;
Com bramidos das vagas misturados
As montanhas, a praia, o ar atroão:
Oh! magico portento! Os levantados
Muros, Palacios como nuvens voão,
Por entre a escuridão se mostra incerta
Somente a terra barbara, e deserta.

13.

Mas confusos, medonhos alaridos,
Que as carnes de pavor arripiavão,
Das enluctadas nuvens repetidos,
No mar distinctamente s'escutavão:
No abafado horizonte os accendidos,
Azues, sulfureos lumes serpeavão;
E o ar, que em negras sombras s'involvia,
Rouba por largo espaço a vista ao dia.

14.

Do fundo abysmo o Despota tremendo
Deixa a barbara terra accelerado;
Vio-se-lhe a immensa sombra o ar correndo,
Qual visto ao longe o Etna abraseado:
Vão-lhe da Inveja os Aspides mordendo
O coração, no mal sempre obstinado,
Sempre implacavel na infernal vingança,
Nos sempiternos carceres se lança.

15.

Tal co' o mesmo conjuro a Maga Armida
Cortando o ar no carro afogueado,
Aos alados Dragoens enfurecida
Marca co' a voz potente o trilho usado:
Conduzindo na rapida fugida
De magoa o coração despedaçado;
Vendo lhe escapa o pertendido amante,
Mal se lhe mostra o Escudo de diamante.

16.

Assim como nos vastos horizontes,
De mineraes exhalaçoens turvados,
Se mostrão nuvens, que parecem montes
Pelos ares diafanos levados:
Que apenas Febo aos rapidos Ethontes
Bate, nascendo, os freios inflammados,
A's vibraçoens da luz, fragil escudo,
Cede o negrume, e s' esvaece tudo:

17.

Tal, depois que desceo da etherea Côrte
O grande Arcanjo tutelar á Terra,
Dos Aquiloens a indomita cohorte
Dos transparentes ares se desterra:
Foge espantosa inexoravel Morte,
E nos abysmos infernaes s' encerra;
Delle sahir o Despota não ousa,
Na eterna base a Natureza pousa.

18.

Do berço Oriental, roseo aposento,
Vinte vezes sahíra o Sol radioso,
E declinando do sidereo assento,
Outras tantas buscara o pégo undoso:
Depois que de Satan frustrado o intento,
Ia a Armada varrendo o mar bramoso,
Sem qu' o douto Alenquer da terra Eôa
No certo rumo desviasse a prôa.

19.

Assim vão pelos campos procellosos
Só dos Focas undi-vagos cortados,
Vendo nos Ceos austraes menos radiosos
Em menos copia os Astros espalhados;
Inda da terra perfida medrosos
Crêm vêr em tôrno os monstros conjurados,
Quando longe ao romper d'Aurora hum monte
Se lhe antolhou no rubido horizonte.

20.

Tanto as vélas em cheio enfuna o vento,
E a Lusa Frota rapida rompia,
Tanto em pôpa levada, o salso argento,
Qu' alvos rôlos d'espuma a prôa erguia;
Raia o limbo do Sol no Firmamento,
Goza acordando a Natureza o dia,
Nocturna sombra universal desterra,
E doce aos nautas se mostrava a terra.

21.

Tres montanhas descobrem, cuja frente
Se vai por entre as nuvens escondendo,
Duro padrasto ás ondas imminente,
Da tormenta espantosa alvergue horrendo:
Na base estala o mar com furia ingente,
Em cachoens espumantes refervendo;
O Cabo austral o Astronomo conhece,
Onde a Libia ardentissima fenece.

22.

Esta, bradava o Gama, esta a baliza,
Qu' invencivel julgára o medo antigo,
Nem já de a contemplar se atemoriza,
Nella não teme horrifico perigo:
Mas aqui não se acaba, ou finaliza
O glorioso empenho, em que prosigo,
Pois já do turvo mar no immenso abysmo
Não será este o termo do heroismo.

23.

Acabou de fallar, e os esforçados
Nautas ás gavéas tremulos subião,
Da vacillante altura alvoroçados
A' terra estranha os olhos estendião:
Dos raios, e dos seculos lascados
Huns sobre os outros os penhascos vião;
Parece que alli diz a Natureza
Que se suspenda a humana fortaleza.

24.

Desde a origem dos seculos prescripto
Era o termo ao fatal denodo humano;
Nunca o pôde transpôr o indefinito
Soberbo Imperio do poder Romano:
Sempre alli tinha a Natureza dito,
« Dos homens não será todo o Oceano »
Mas suspenso o decreto então dizia,
« Dê-se o mar todo á Lusa Monarchia. »

25.

Mas do esforço mortal como affrontado,
Negras vagas o mar encapelando,
Com tanta furia espuma, e tão cavado,
Qu' as aereas nuvens açoutando:
De raios todo o Ceo se mostra armado,
Tufão caliginoso eis vem bramando,
Parece a Terra em triste parocismo,
Que se dissolve toda, e cahe no abysmo.

26.

Homem se sente o Gama, e desfalece,
(E aqui cobarde Magalhaens sería)
Vendo o ar que de nuvens se obscurece,
E em feia noite se converte o dia:
Não vem do acaso, não, o estrago tece
O implacavel Satan, que na sombria
Habitação da sempiterna morte,
D'Asia toda antevio mudada a sorte.

27.

Deixa o Reino do lucto, e sóbe á terra,
Qual rompe a chamma d'hum volcão de Java,
Quando com fumo espesso a luz desterra,
E as ondas correm de sulfurea lava:
Co' o diluvio de fogo, em que s'encerra
Do mal o Genio, o Ceo reverberava;
Depois com densa sombra o ar offusca,
E o tormentoso Promontorio busca.

28.

Nesses que vio Queiroz, mares coalhados
De geladas montanhas, que povôão
Do frio, e morte á região, levados
Alguns pedaços pelos mares sôão:
Agora não do vento arrebatados,
Porem do braço de Satan, já vôão
Do temeroso Cabo, o mar inundão
Todos, subitamente as Náos circundão.

29.

Assim Cook os vio já, quando a escondida
Terra, onde he só madrasta a Natureza
Buscava pertinaz, repouso, e vida
Sacrificando á gloria, ou á avareza:
O mar revolto, a esfera obscurecida
Via, e do eterno túmulo a tristeza;
A' mesma morte armada elle resiste,
E cégo vezes tres no empenho insiste.

30.

Fluctua o gêlo em montes; tempestade
A' Lusitana experiencia alhèa,
Apenas Magalhaens qu' a immensidade
Do frio Pólo austral vio delles chêa:
Como invisiveis vão na obscuridade
Daquella noite repentina e fèa;
Com a luz do relampago apparecem,
Logo na sombra subito esvaecem.

31.

Tão fechado, e tão denso era o negrume,
Que haver-se extincto o Sol lhe parecia;
Só da trisulca chamma o infausto lume
D'espaço a espaço a escuridão rompia:
Do intenso frio o penetrante gume
O uso aos membros tremulos tolhia,
E Satanaz da lúgubre tormenta
Mais co'a sombra infernal o horror aumenta.

32.

A noite veio, o tenebroso manto
Dèo mais pavor á cerração pezada,
Leva as nuvens o vento, e as rasga hum tanto,
E a Lua mostrão palida, ecclipsada:
O natural fenomeno d'espanto
A ignara gente encheo, grita assustada,
Cuidando vèr ao Mundo agonisante
Aproximar-se o derradeiro instante.

33.

Por entre a sombra ao lado do Oriente
Grito nos ares retumbou tremendo,
Entre a sulfurea luz d'hum raio ardente
Fantasma enorme foi apparecendo:
Quasi toca nos Ceos co' a altiva frente,
Inda os pés vai nas ondas escondendo;
Teve no Inferno o berço, e a séde impia
Em quasi todo o Glóbo, a Idolatria.

34.

Tal era o Monstro, e rodeado estava
D'abominaveis Templos, e de altares,
Nelles ardia, delles s'exhalava,
De sacrilego incenso o fumo aos ares:
Do Fanatismo o ferro alli sangrava
Até de humanas victimas milhares;
Apontava co' o braço a Furia immunda
A quanto o pégo oriental circunda.

35.

Com temerosa voz bradou; que intentas
Tu, que rompendo vas mares vedados?
Assim se affrontão lobregas tormentas,
Assim se mudão das Nações os Fados?
Delles as furias, e a vingança aumentas,
Tu provocas o raio aos Ceos irados,
Se a Ambição te conduz a estranha terra,
Nella acharás perpetuamente a guerra.

36.

Nas mãos o ferro da vingança trago,
Ou volve atraz, ou negra sepultura
D'Oceano irás ter no immenso lago,
Onde offendidas Leis vingue Natura:
Foge do golpe, e do espantoso estrago,
Em quanto em vida te mantem ventura,
E a espada não vibrar, que vingue o insulto
De dar a hum Mundo ignoto ignoto culto.

37.

Se acaso vens do Fanatismo armado
Dar soberanas leis ao vast' Oriente,
Mortal, desiste, qu' implacavel Fado
Abre n'Asia hum sepulchro a estranha gente:
Ah! nunca Imperio em lagrimas fundado
Pode firmar-se em base permanente,
Olha qu' á tua criminosa empreza
S' oppoem visivel toda a Natureza!

38.

Fui d'Asia sempre o Numen poderoso,
Vem do berço dos seculos meu culto,
Tenho altares no Indo Hidaspe undoso,
E desde o Ganges sacro ao China occulto:
Africa toda he minha, em portentoso,
Já visto em parte, novo Mundo avulto;
Suspende a que te cega audacia, e furia,
Evita o golpe vingador da injuria.

39.

Eis se dissolve em linguas coruscantes
De intenso fogo a colossal figura,
E as sulfureas centelhas fulgurantes
Dispersas vagão pela sombra escura:
Rangem da Terra os eixos vacilantes,
E no tremor universal, segura
Mal se pode suster; n'horror profundo
Parece abrir-se o túmulo do Mundo.

40.

Espavorido dos funestos brados
Aos Ceos o invicto Gama então clamava,
Que ruinas, Senhor, que acerbos Fados
Este espantoso Espectro annunciava!
Vejo montes de gêlo aos Ceos alçados,
Desusada tormenta os mares cava,
Não pode o peito humano ousado e forte
Assim luctar com prolongada morte.

41.

He crime as sombras desterrar do Mundo,
Ir plantar vossa Lei n'hum clima inculto?
Acaso he crime abrir no mar profundo
Caminho aos olhos Europeos occulto?
Tirar da Terra o Paganismo immundo,
E fazer que as Naçoens aos Ceos dem culto?
S'esta empreza he tão vossa, ó Deos eterno.
Pode acaso estorva-la o escuro Inferno?

42.

Ouvio no Empyreo o Padre omnipotente
O magnanimo Heróe; fez leve aceno,
Co' a cabeça immortal, eis de repente
Se mostra o mar tranquillo, o Ceo sereno:
A furia abonançou do Austro fremente,
E brando agita o ar Favonio ameno,
Desterra a Aurora as sombras horrorosas,
Ao dia a porta abrio co' as mãos de rosas.

43.

Massas de gêlo ao Pólo divergião,
Do Promontorio se descobre a fronte,
Quando os raios do Sol, que s'espargião,
Bordão de accesa purpura o horizonte:
As azuladas ondas se amacião,
Quando da luz as fere eterna fonte,
Voando as Náos, como ligeira seta,
Passão do humano atrevimento a meta.

44.

Temos, bradava o Gama, ó forte Gente,
Passado áquem do obstaculo temido,
O tão buscado Imperio d'Oriente,
Já vejo descoberto, e já vencido:
He obra só do braço omnipotente,
De nosso longo afan compadecido;
E abrindo opulentissimo thesouro,
A fronte nos cingio d'eterno louro.

45.

Inda qu' em tardos seculos a sorte
Venha offuscar de Portugal a gloria,
Nunca este feito denodado, e forte
Se apagará nas paginas da Historia:
Chega aos Imperios e Naçoens a morte,
Toda a grandeza he sombra transitoria,
Acabe Portugal, se este he seu Fado,
Não morre o timbre d'Oriente achado.

46.

Este padrão, que pôz a Natureza,
Como barreira ao tumido Oceano,
Vencido foi da rara fortaleza,
Que tanto exalsa o peito Lusitano:
Nós proseguimos na famosa empreza,
Perto estamos do fim, profundo arcano
A medonha visão me descobria,
He nossa a Asia, acaba a Idolatria.

47.

Disse; em pôpa correndo o mar talhava,
Que he já planicie tremula, e lustrosa;
Ao lado esquerdo a terra se encurvava,
N'huma bahia concava, espaçosa;
Repousada guarida ás Náos mostrava
Contra a furia do mar tumultuosa;
E, sem temor dos ventos inconstantes,
Aqui dão fundo os Lusos navegantes.

48.

D'alta gavea os ousados marinheiros,
A' terra ignota os olhos alongando,
Veem nos risonhos, ingremes oiteiros
D'altos cedros a côma ao vento ondeando:
O murmurio escutão de ribeiros,
Que vão por entre pedras serpeando;
Descobrem largo campo, e lhes parece
Que a terra a mão d'agricultor conhece.

49.

Qual no berço do dia, ènecantadora
He toda a creação, se apresentava;
A refulgente luz animadora
Do bosque a escuridão mais realçava:
E do regaço d'Africana Flora
Ao ar vapôr balsamico voava;
Painel inopinado, almo, e jocundo
Naquelle canto incognito do Mundo.

50.

Lédos saltavão na risonha terra
Os fortes Capitaens de ferro armados;
A cuja vista insolita se aterra
Turba immensa de Negros espantados:
Era-lhe ignota a espada, ignota a guerra,
Da luz somente natural levados;
Mas apenas hum Luso em paz lhe acena,
Seus discordantes animos serena.

51.

Apresenta alguns dons ao Povo escuro,
Que o Luso armado barbaro chamava;
Na ingenuidade natural seguro,
Riqueza não comprada apresentava:
Traz o fructo espontaneo, o leite puro,
Do manso armento, que no pasto andava;
Tanto de trato dobre, e engano, alheio,
Que ás choças leva os nautas sem receio.

52.

Doce era vêr errantes na espessura
Lanigeros rebanhos esparsidos,
Dos prados e vergeis louçã verdura
Lembra os campos do Tejo alli trazidos:
He da margem do Tejo a formosura,
Que mostrão climas tão desconhecidos,
E da innocencia o natural thesouro,
Faz lembrar mais que o Tejo, a idade d'ouro.

53.

Em vagarosos Bois vinhão sentadas,
Tão negras como os Ebanos, donzellas;
Vestião rudes pelles, e enastradas
As frontes trazem de gentís capellas:
Em doces sons, em vozes concertadas
Erguem cançoens, que parecião bellas;
Amor ao peito humano o canto inspira,
Contenta-se no bem, no mal suspira.

54.

Sem arte, e sem saber ditosa gente,
A quem só Natureza os bens derrama,
A quem ouro he metal indifferente,
Que da cubiça não desperta a chamma:
Co' o pão que pede ao campo he só contente,
He-lhe Nume ignorado a Gloria ou Fama;
Honra não busca em sanguinosa guerra,
Nem quer vèr mais qu' a natalicia terra.

55.

Nunca a mão do mortal calamitosa
Perturbe a doce paz que estais gozando;
Nunca cega ambição tumultuosa
A traga em curvo lenho o mar talhando:
Mas á scena cruel, scena espantosa
O Tempo o véo correo, medonho bando
De avarento Hollandez vos trouxe o ferro,
Dêo-vos na Patria o carcere, e desterro.

56.

Depois delle virá jugo Britanno,
Que vos traga mais dura infausta sorte,
E de todo correndo o vasto Oceano,
Estender sobre o Glóbo o braço forte:
E longe como estais do trato humano,
Leis de escravo ouvireis, e as leis da morte;
Vós perdereis, (fatal calamidade!)
A ingenua paz, a innata liberdade.

57.

Vale por certo mais rude ignorancia,
Qu' as Artes, que tão cego o luxo adora,
E natural rudez mais, que a arrogancia
Do sabio vão, qu' a Natureza ignora:
Ou do guerreiro a barbara jactancia,
Que ensopa em sangue a espada assoladora,
Quando qual Cesar vai do Mundo ao termo,
Não vale d'Hotentote a choça, o ermo.

58.

He mór ventura em bosques ignorados
Vêr correr, e acabar tranquilla vida,
Qu' ir imprimindo em campos assolados
De sangue humano a planta humedecida:
Qu' indomavel lançar grilhoens pezados
D'hum Pólo a outro á Terra submettida,
D' Imperio universal co' a imagem cego
Roubar ao Mundo attonito o socego.

59.

O negro monstro da sedenta Inveja,
Qu' o berço tem no Tartaro maldito,
Dos ermos nunca o morador bafeja,
Nem lá lhe escuta o pavoroso grito:
Ella atiça a ambição, e ella forceja
Em dar a Imperios termo indefinito,
Com ella da ventura o home' diverge,
Do erro, e mal no pélago se imerge.

60.

Jámais lisonja ao vicio enthronisado
Incensos queima nos agrestes lares:
Nem da inconstante sorte ao carro atado
Alli sente o mortal tristes pezares:
Nem da vingança ao monstro abominado
Se dá profano culto em vís altares;
Ouve-se ao perto a voz da Natureza,
He só feliz pacifica rudeza.

61.

Emtanto o forte Gama na espessura,
Volvendo altas idèas, divagava,
Comparando dos campos a ventura
Co' as tormentosas ondas, que cortava:
Ao tranquillo Hotentote em vão procura
Pelo Oriente, que buscando andava,
Qu' o Povo inculto mostra por aceno,
Que só conhece seu natal terreno.

62.

Sôa o bronze á partida, e logo ordena,
Qu' em terra tão feliz fossem deixados
Dous, que de cá tão longe á extrema pena
Justo imperio da lei tem condemnados:
Já pendem soltos da breada antenna,
Ao rijo vento os pannos desfraldados:
Nos altos topes flamulas ondeão,
Prestes todos em pôpa as Náos mareão.

63.

Era Alva já nos Ceos; da fertil terra
Com bafagem serena o mar talhando
A poderosa Armada se desterra,
A nautica celeuma ao ar levando:
Mas repentinamente o vento em guerra
Vem pavorosas nuvens ajuntando;
Brame com tal furor, qu' outra desgraça,
Em mór tormenta os nautas ameaça.

64.

Entumecido, e fervido rebenta
O mar sobre os cachopos escondidos,
Vôa sonora lúgubre tormenta
Nas azas dos tufoens embravecidos:
O Ceo s'esconde, a cerração se augmenta,
Parece ao som dos lúgubres bramidos,
Que toda a terrea machina se abala,
E o laço, qu' une a Natureza, estala.

65.

Ferrado todo o panno entre estridentes
Vagas fluctua a combatida Armada,
Até que o vento as azas inclementes
Hum pouco equilibrou, e alevantada
Ponta se vio do Cabo das correntes,
Nunca de lenhos Europeos dobrada;
Tanto alli refluia onda espumante,
Que as fortes Náos não davão por d'avante.

66.

Nem torna atraz, nem teme o Lusitano
Ir proseguindo n' arriscada empreza,
He verde, e todo espuma o vast' Oceano,
E dos tufoens insolita a braveza:
Tanto em bolina amura o solto panno,
E tanta emprega o Astronomo destreza,
Que áquem deixando o Cabo procelloso
Abica a larga ſoz d'hum rio undoso.

67.

Oh! Lusitana audacia! Em debil lenho
Desde o Tejo se lança a ignoto Mundo!
Nem Romana soberba, ou Grego engenho
Conheceo ser tão vasto o mar profundo!
O Gama insiste no arriscado empenho
A braços vai co' o pélago iracundo;
Inda que aos Ceos que vio, e ondas que corta
Se lhe antolhasse a Natureza morta!

68.

Aos quebrantados nautas se offerece
Scena até alli não vista de alegria,
Multidão de Pirógas apparece,
Que as inquietas ondas dividia:
Na distancia em que vem se reconhece,
Qu' he gente baça, e navegar sabia,
Foteados na frente erguem turbantes,
A' Maura usança roupas ondeantes.

69.

Pela Arabiga lingua perguntava
O Interprete fiel á estranha gente,
D'aquella terra o nome, e que distava
D'aquelle ponto o clima do Oriente?
Alegre a chusma dos baixeis bradava
Em voz delle entendida, e tão contente,
Fica com o fausto auspicio o invicto Gama,
Que Bons Signaes ao rio ignoto chama.

70.

Daqui largando a véla ao fresco vento,
Os animados nautas demandavão,
Pela campina azul do salso argento,
Altas torres, que ao Norte se amostravão:
Mas a Satan no imperio do tormento
Antigos odios mais desesperavão;
Ferve o veneno da vingança antiga,
Qu' alto lhe brada, que no mal prosiga.

71.

Estragos volve em si, mortes respira,
Manda sahir do Bárathro abrasado
A Suspeita, a Calumnia, a Inveja, a Ira,
Qu' a terra tem d'estragos alagado:
Rompe a turba Infernal, e chega, e inspira
Receio, e susto a hum povo socegado;
E lhe faz crer, que he barbaro inimigo,
Quem do mar vem cortado, e busca abrigo.

72.

Se á pestilente Moçambique chega
Cançado o Luso de tão longa via,
Asilo a terra barbara lhe nega,
Cilada encontra, engano, aleivosia:
Se pelo mar incognito navega,
Mui perto vai das mãos da morte impia;
Quanto mais animoso a empreza arrostra,
Mais odio, mais rancor Satan lhe mostra.

73.

Mas do Eterno Motor he sempre attenta
Paternal Providencia vigilante;
A hum leve aceno a rigida tormenta
Dissipa, ou prende em laços de diamante:
Suspende a terra oscilação violenta,
O bravo mar depoem furia espumante;
As azas cerra o Vento, e a Natureza
Conhece a Eterna mão, que os Mundos péza.

74.

Ião rompendo o mar, quando a serena
Doce luz da manhã dourava os montes,
Quando a Aurora desmaia, e o Sol acena
Bater a redea aos fulgidos Ethontes:
Eis qu' hum Gageiro da elevada antenna
Lançando a vista aos claros horizontes,
Clama que ao longe terra levantada
Se lhe antolhava de vergeis coalhada.

75.

Desde qu' a frota o Tejo saudoso
Tinha, as vélas largando, abandonado,
Tão soberbo painel grato, e formoso
Nunca foi de seus olhos esperado:
Não longe do Equador pelo arenoso
Ethiopico seio hum rematado
Quadro de Lysia veem, tanta belleza
Capricho foi da sabia Natureza.

76.

Já vão perto da terra, entre os copados
Frescos palmares, e jardins viçosos,
Veem soberbos palacios levantados,
E, quaes na Europa, muros alterosos:
D'estranhas scenas taes como espantados
Cortão com todo o panno os espumosos
Rôlos do turvo mar, e quando aprôão
A' barra, os ares co' os canhoens atrôão.

77.

Eis sahem do porto as curvas Almadias
De cabaias finissimas toldadas;
Dividindo a compasso as ondas frias,
Vem buscando sem susto as Náos pairadas:
Não são de pelles baças, e sombrias,
Quaes vírão já nas regioens passadas;
As gentes que alli veem suspensas ficão,
E pela lingua Arabiga se explicão.

78.

Com pacifica senha o forte Gama,
Do destrissimo Interprete mostrada,
A não barbara gente a bordo chama,
Que não mui longe está da forte Armada:
Apenas vio cessar sulfurea flamma
Contente sóbe ás Náos já não turvada;
Contempla absorta a peregrina gente,
Qual nunca víra alli surgir d'Oriente.

79.

Era Melinde; á terra foi mandado
Cunha, depois alli victorioso;
Assim com fausto agouro ordena o Fado
Tudo o que exalsa o feito portentoso;
Em triunfo da turba era levado,
Assim penetra Alcaçar magestoso;
Ao Rei, que espera em tapisada sala
Com despejo, e repouso assim lhe falla.

80.

O Conductor da Lusitana gente,
Que ha longo tempo dividindo os mares,
Os climas busca do apartado Oriente,
Onde tem Côrte o Rei dos Malabares:
Mandado do Monarcha alto, e potente
Primeiro a vêr os Melindanos lares,
Em vosso porto vos demanda abrigo,
E, se á paz dais valor, vos chama amigo.

81.

Contente o Rei seus braços estendia
Ao nauta Portuguez, que assim fallava,
Nas faces o prazer se lhe espargia,
E doce paz aos olhos lhe assomava:
Prestes seu proprio filho ao Gama envia,
E as Náos subitamente demandava;
O Rei, sem que lho vede ultima idade,
Por vêr de perto as Náos, deixa a Cidade.

82.

Desce logo aos bateis prudente o Gama,
Nelles aguarda o Principe excellente;
D'hum lado, e d'outro com prazer exclama
O Luso nauta, a Melindana gente:
O medonho canhão no ar rebrama;
Rasga enrolado fumo a chamma ardente,
Repercute-se o som nos altos montes,
Cinzenta nuvem tolda os horizontes.

83.

Quanto he doce sem crime a humanidade!
O Gama, e Regio moço se abraçárão
Da singela sympathica amizade,
As espontaneas chammas se exhalárão:
Só vozes da innocencia, e da verdade
D'ambas as bôcas subito soárão;
Tanta candura o barbaro apresenta,
Qu' ir vêr a terra amiga o Gama intenta.

84.

Por toda a parte a voadora Fama
Penetrou pressurosa, annunciando,
A fausta vinda do esforçado Gama,
Já mui perto da praia o mar cortando:
De alegres vivas todo o ar rebrama,
Vem correndo do povo immenso bando:
Trancido o velho Rei de amor sobejo
Quer receber na terra o Heróe do Tejo.

85.

Entre os braços o acolhe; ambos sentados
O Gama seu poder, seu fausto ostenta,
Os Mouros, que conduz ao ferro atados
Ao Rei, gostosa dadiva, apresenta:
Mas do ferreo arcabuz, lanças, treçados
Mais se apraz o Monarcha, e se contenta;
De assombro o povo he mudo, e se suspende,
E n'hum circulo immenso ao Gama impende.

86.

Rompe o silencio o circunspecto Gama
Com voz segura, e face magestosa;
Grão Monarcha, lhe diz, teu nome, e fama
Não se encerra na Libia erma, estuosa:
Chega onde raia a matutina chamma,
Aonde a noite surge tenebrosa;
E, se em teu Reino celebrado o vejo,
O ouvi primeiro no ceruleo Tejo.

87.

Se tu prézas acaso a fama, e gloria,
Que vão apôs os feitos sublimados,
E contra quem nem vida transitoria
Terá poder, nem seculos pezados:
E que ao sublime Alcaçar da Memoria
Vão nas azas do tempo a ser gravados;
Verás, Senhor, que nesta acção s'encerra,
Quanto grande até aqui tem visto a Terra.

88.

Talvez não veja mais, e isto me obriga
Impavido a deixar meu patrio ninho;
Dando as vélas á barbara, inimiga
Furia do vento, e mar n'hum fragil pinho:
Manda-me a Patria, e basta, que prosiga
D'arduas virtudes ingreme caminho,
Serve de escudo a Patria a hum peito forte,
Com elle arrisca a vida, affronta a morte.

89.

Da mais occidental, e extrema praia,
Onde termina a Europa bellicosa,
E bate o mar d'Atlante, onde desmaia
Do Sol n'occaso a tocha luminosa:
Grande Rei me mandou, que em curva faia
Cercasse affouto a Africa estuosa,
Que engolfado no Antartico hemisferio
Por mar mostrasse á Europa Indico Imperio.

90.

Levados a sabor da instavel sorte,
Os campos d'Oceano ao Sul cortámos,
Da vista se nos foi brilhante o Norte,
Quando áquem do Equador nos engolfámos:
Nem hum passo sem vêr o aspecto á morte
Pelas ceruleas ondas avançámos;
Vimos o Inferno conjurado em guerra,
Vimos sustos no mar, traiçoens na terra.

91.

Do tufão supportando a furia immensa,
Que traz no escuro seio a tempestade,
Em subito negrume, em nevoa densa
Dos Ceos azues nos rouba a claridade:
Ora climas passando, onde a doença
Abre a porta fatal da Eternidade,
Ora soffrendo o mar turvo, e revolto,
E longo tempo o Pólo em sombra envolto.

92.

Chegámos a dobrar o austral limite,
Que pôz a Natureza a Libia ardente,
Onde Senhor do Imperio de Anfitrite
Ergue Padroens o Luso armi-potente:
Não basta á Patria, que este exemplo imite,
As portas devo abrir do acceso Oriente,
E deixando vencido o mar profundo,
Fazer vêr aos mortaes mais largo o Mundo.

93.

Em Mombaça encontrei duro inimigo,
Astuto engano, e barbara cilada,
Mas sentio logo os golpes do castigo,
Provando o fio á Lusitana espada:
D'hum naufragio em certissimo perigo,
Errou sem tino a fluctuante Armada,
Mas contrastando hum mar tempestuoso,
Vim no teu Reino abrigo achar ditoso.

94.

Se esta nunca de Heróes tentada empreza,
Qu' a especie humana deixa ennobrecida,
Se tanto amor da Patria, e fortaleza,
Digno o julgas de estima alta, e subida:
Sendo propicio á gente Portugueza,
Terás a fronte de laureis cingida,
Quando a derrota trabalhosa finde,
Co' o prompto auxilio da Real Melinde.

95.

Hum piloto nos dá, que haja cortado
Do remoto Indostão ceruleos mares,
Qu' o rumo vá marcando em vão buscado,
Qu' as Náos conduza aos ricos Malabares:
Assim teu nome deixarás gravado,
D'alto Templo da Gloria nos altares;
Em perpetuo commercio, e paz sincera
Co' o Monarcha serás, que ao Tejo impera.

96.

Fallou dest' arte o Heróe, e o Rei que ouvia
As façanhas do illustre Aventureiro,
De vêr, absorto, a inclita ousadia
De dar quasi huma volta ao Glóbo inteiro:
A alta fama da Lusa Monarchia
(Lhe torna o Rei singelo, e verdadeiro)
Os seus triunfos, seus troféos ignotos,
Não são da Libia aos angulos remotos.

97.

Nesta Côrte, Senhor, foi recebido
Hum varão como vós, no aspeito, e traje,
Desde esse Reino occidental trazido,
Por longes terras, e aspera viage:
Do Luso Throno, ao Mundo tão temido,
Por muitas vezes me pintava a image,
Em meu peito excitou nobre desejo
De alliançar-me com os Heróes do Tejo.

98.

Hoje que amiga, e próvida ventura
Vos trouxe ao Reino meu, firme alliança
O Melindano Rei vos assegura,
Em paz sincera, ingenua confiança;
Em vossa dextra armi-potente a jura,
E nunca o tempo lhe trará mudança;
Nada meu Sceptro, meu poder recusa,
Piloto vos darei, que as Náos conduza.

99.

Agora hum pouco do trabalho insano
Vós deveis repousar antes que a praia
Demandeis do Indostão pelo Oceano,
De tão longo caminho ultima raia:
E pois começa o Sol do Soberano
Assento a declinar, e a luz desmaia,
Vamos, n'huma tranquilla, ingenua mesa,
Dar co' o sustento força á Natureza.

100.

Disse, e o Gama conduz pelos dourados
Soberbos Paços aos Jardins viçosos,
De crystalinas fontes rociados,
Entre os fios dos Ebanos umbrosos:
A'quelle clima fervido são dados,
Na culta Europa lenhos preciosos;
Pois alli caprichosa a Natureza
Com mais pompa se mostra, e mais belleza.

101.

De todo o Sol nos mares d'Occidente
Tinha escondido a face luminosa,
Quando o Monarcha, e peregrina gente
Entrado havia pela selva umbrosa:
E debaixo d'hum Cedro alto, e frondente
Preparada se erguia a sumptuosa
Regia mesa de opiparos manjares,
Que recendião nos serenos ares.

102.

Sobre molles cochins nos esmaltados
Tapetes de mil flores se assentárão
Os fortes Argonautas fatigados
Do sempre incerto mar, com quem lidárão:
Em preciosos calices dourados
Das altas Palmas o licor libárão,
Que alli suppria os pampanos virentes,
Que Bromio nega ás regioens ardentes.

103.

Desde que as sombras lúgubres cahírão
De cima das montanhas, e que a Terra
Em negro manto s'envolveo, fulgírão
Os fanaes, com que a sombra se desterra:
Luminosos faroes se repartírão
Pelo ameno vergel, que em tòrno cerra
Alta cebe de alegres Cynamomos,
De flôr cobertos, que lhe suppre os pomos.

104.

Desde o Tejo até alli tão grata scena
Vista não foi da Lusa Companhia,
A estiva noite tépida, e serena,
De mil astros bordado o manto abria:
De luzes rodeada a selva amena
Quasi escusava a Alampada do dia,
A's verdes folhas brando movimento
Dava no ar equilibrado o vento.

Fim do Canto VII.

O ORIENTE.

CANTO VIII.

1.

JA' das soberbas mesas removião
Attentos Pagens pannos preciosos,
Com fausto, e pompa oriental ardião
De toda a parte sándalos cheirosos:
Pelo gramineo leito inda jazião
Os Lusitanos nautas valorosos;
Quando volvendo o rosto ao forte Gama
De Melinde ó Monarcha assim lhe exclama:

2.

Feliz navegador, que tens domado
A furia d'Oceano embravecida,
A quem parece que se humilha o Fado,
E a cujos passos vai Fortuna unida:
Pois tem Lusa Nação tão forte brado
Feito soar, por armas tão temida,
Qu' enche co' a fama de seu nome a Terra,
Se a paz concede, se fulmina em guerra.

3.

Antes que ao solto vento o leve panno
Desfiras outra vez n'azul estrada,
E vás seguro achar pelo Oceano
A terra Oriental té aqui buscada:
Se em memoria a retens, do Lusitano
Reino me conta a origem sublimada;
Quaes tenhão sido os Reis da illustre gente,
Qu' avassalla dest' arte o mar fremente.

4.

Como immerso em si mesmo o Heróe famoso
Vastas ideas n'alma revolvia;
Dubio hum pouco parece, e em magestoso
Accento finalmente assim rompia:
Do grande Reino o quadro portentoso
Estrangeiro pincel traçar devia,
Descrever seus brazoens a estranhos toca,
Qu' he suspeito o louvor na propria bôca.

5.

Mas sabe, ó Rei, que em clima afortunado,
Onde jámais a Primavera cessa,
E o que ao Norte he baliza ao Sol dourado,
Do acceso Cancro o circulo atravessa:
No mais occidental, e extremo lado,
Onde a Europa termina, e o mar começa,
Jaz, sem muita extensão, do Luso a Terra,
Sempre grande na paz, maior na guerra.

6.

Patria, e berço de Heróes, que a decantada
Soberba Roma triunfal temia,
Quando em ruinas de Naçoens sentada,
Do Glóbo o Imperio Universal regia:
Mas a traição dos fortes detestada
Abrio o passo a ferrea tyrannia;
Entrega os pulsos aos grilhoens de Roma,
E escrava vil por seculos a doma.

7.

Da Potencia Latina o duro Imperio,
Qu' o grão sceptro empunhou de ferro, ou d'ouro,
Qu' as Aguias fez voar pelo hemisferio
Do Araxe ao Reino occidental do Mouro:
Sente o que déra aos Povos vituperio,
D'escravo, e tambem vil, sente o desdouro;
Desfez-se em cinzas o fatal colosso,
E entrega a hum jugo barbaro o pescoço.

8.

Do Pólo aquilonar, onde agrilhôa
Perpetuo Inverno em gêlo a esteril terra,
Medonha nuvem de Guerreiros vôa,
Que trazem por divisa a morte, e a guerra:
A' voz do raio universal, que sôa,
A grande Aguia do Tibre as azas cerra,
E a cerviz, que não fòra ao jugo affeita
Do feroz Alarico as leis acceita.

9.

Hérulos, Hunos, Gepidas, e os duros
Longobardos crueis, e ás armas dados,
Vão lançando da Europa aos climas puros,
Por mil victorias, os grilhoens pesados:
Eis apôs elles Arabes escuros,
Vem do guerreiro fanatismo armados;
Das margens do Erythreo rompendo ao Nilo,
Nova lei dão na Europa, e novo estilo.

10.

Do Wandalo, e do Godo o poderoso
Sceptro, por justa lei do ceo sereno,
Se acurva ao jugo duro, e vergonhoso,
Qu' a mão lhe impoem de astuto Sarraceno:
Té já correndo vai victorioso
Do Tejo, e Betis pelo campo ameno,
E a grei de Christo triste, e fugitiva,
Na propria Patria se chorou captiva.

11.

Mas na Asturia guerreira, e montanhosa
Vive Pelaio de vingança armado;
E a Arabiga falange bellicosa
Vai repellindo ao Douro arrebatado:
O Hispanico Leão livre, orgulhosa
Juba sacode em Throno restaurado,
Mas o Tejo inda então corre captivo,
E as plantas beija ao Sarraceno altivo.

12.

Do Ceo lhe lança a vista hum Deos clemente,
Quebra as forças da Maura crueldade,
Vai d'hum guerreiro intrepido na frente,
Que desprega os pendoens da liberdade:
Tinha ensaiado o braço armi-potente
Da Palestina na maior Cidade;
E ganhando n'Oronte eterno louro,
Vem palmas immortaes colher no Douro.

13.

Este o famoso Heróe, que procedia
(Como he fama entre nós) dos esforçados
Illustres Reis da bellicosa Ungria,
Nunca d'armas do Tibre avassallados:
Este o tronco Real, donde a mão pia
D'hum Deos conserva, e guardará sagrados
Ramos, que eterno o Lusitano Imperio
Tenhão com gloria em duplice hemisferio.

14.

Era Henrique seu nome, e vai co'a espada
D'huma em outra victoria ávante abrindo
Para seu Throno independente a estrada,
Alem do Douro as Hostes repellindo:
Affonso he filho seu, da conquistada
Terra com forte exercito sahindo,
Sobre as ruinas da inimiga gente,
Funda (inda existe) o Throno independente.

15.

Qual em Zára o Leão, qu' o gado assola,
Batendo a longa cauda, e espessa juba,
Os Touros ferocissimos degola,
E só d'hum golpe intrepido os derruba:
Dest' arte o Mauro arnez, e o elmo abolla
Invencivel Affonso, e ao som da tuba
Marchando ante ell' vai sempre a victoria,
Cesar excede na grandeza, e gloria.

16.

De Palmas forma Imperial Corôa,
Victorioso proseguindo a guerra,
Sitia, assalta, escala, entra Lisboa,
Qu' hoje Côrte, e será brazão da Terra:
Por onde a fama de seu nome sôa,
Os Agarenos Campioens atterra;
Onde em sanguinea lide enrista a lança,
Novos triunfos immortaes alcança.

17.

Do Luso Imperio o fundador á morte
Cede, e se murchão no sepulchro os louros;
Mas deixa o solio independente, e forte,
Na firme base d'armas, e thesouros:
Sancho igual no valor, e igual na sorte,
Igual assombro aos seculos vindouros,
Quando a primeira vez a espada estrêa
Coalha do Tejo em sangue a argentea arêa.

18.

Mui cedo o fecha o túmulo, e transmitte
O valor a seu filho, ás armas dado;
E porque Affonso o genitor imite,
Os terminos dilata ao Reino herdado:
Quer que o Real exemplo o Povo excite,
Sustem, brandindo a lança, o curvo arado,
Qu' em base hum Rei mui firme se assegura,
Se ennobrecer proficua Agricultura.

19.

Outro Sancho reinou, que cede ao peso
Do Sceptro então temido, e bellicoso,
Nas cadêas d'amor se arrastra preso,
Jugo suave, jugo indecoroso:
Dêo Amor á Discordia o facho acceso,
Eis em tumulto o Reino venturoso;
Somente a furia das facçoens socega,
Quando ao terceiro Affonso o Sceptro entrega.

20.

Mal as redeas sustem, sanguinea espada
Forte embebe no peito á Maura gente,
O Algarve doma, terra afortunada,
Mãi de Heróes, a quem cede o mar fremente:
Teve aqui fonte a idêa sublimada
De buscar n'Oceano o acceso Oriente,
Onde Real espirito profundo
O Tejo ao Mundo dêo, e ao Tejo o Mundo.

21.

O Sceptro deixa a hum filho afortunado,
Que Diniz se chamou, e a Lusa terra
No Throno hum sabio vio, e hum pai sentado,
Qu' a sombra da ignorancia em fim desterra:
Ao bem dos Povos seus, e á gloria dado,
Ama as artes da paz, ama as da guerra;
Templos consagra a Deos, reforça os muros,
Contra as falanges do Invasor seguros.

22.

Leoens gerão leoens, e as aguias gerão
Aguias, que, o vôo alçando ao Ceo lusente,
Co' a vista os raios fervidos tolerão,
E alem do imperio vão do raio ardente:
Taes d'esforçados Reis filhos nascêrão,
Quasi sempre no Tejo armi-potente;
Tal do grande Diniz vem bravo, e forte
Rival Affonso do feroz Mavorte.

23.

Qual dentro em seio igni-vomo d'hum monte
Se espande, e rarefaz sulfurea chamma,
Que da negra Cratéra n'horizonte,
S' espalha o fumo, a lava se derrama:
Tal ind' antes que ao Solio se remonte,
Conter guerreiro fogo, em que se inflamma,
Mal pode Affonso, e pela Lusa terra
Derrama incendios de discordia, e guerra.

24.

Mas apenas do Reino as redeas toma,
Na frente d'esquadroens de ferro armado,
Da Libia as hostes orgulhosas doma,
Com sangue engrossa as ondas do Salado;
Modesto Heróe, qual vira outr' ora Roma,
No qu' enrama de louro humilde arado,
Do inimigo não quer, com raro exemplo,
Mais que os Pendoens, que consagrou n'hum Templo.

25.

De palmas triunfaes morreo cingido,
A hum filho o throno excelso em paz deixando,
Da Justiça nas leis foi tão temido,
Quanto nas leis de amor suave, e brando:
Este foi Pedro, hum Idolo querido,
Lhe foi roubado por destino infando,
Terrivel scena, e miseranda he esta,
Nem mais cruel a Historia a manifesta.

26.

Amava Pedro a Ignez, crua fereza,
Contra a mesquinha huns monstros alardeão;
Cobrio de lucto o rosto a Natureza,
Onde foi morta os campos a pranteão:
Para a vingança da infeliz belleza
Nas mesmas mãos de Pedro o raio ateão,
Nem dos impios co' o sangue a dòr antiga
Se lhe abranda no peito, ou se mitiga.

27.

He victima infeliz da morte irada,
E trocou-se-lhe o Solio em sepultura,
Cobre os despojos lapida pesada,
Entre elles vive amor, vive a ternura:
He já cinza, e por Pedro alevantada,
No Throno Soberana o Povo a jura,
Prova de amor no Mundo unica, ou rara,
Cinza lhe inspira amor, cinza lhe he cara.

28.

Eis succede Fernando ao rigoroso
Pai, sentindo como elle amor tyranno,
Qu' armado vem d'hum rosto tão formoso,
Que delle fica escravo hum Soberano:
Quando expira vacilla duvidoso
O Sceptro, que herdar quiz Monarcha Hispano;
Novo Cesar surgio, co' a invicta espada
Corta os grilhoens da Patria avassallada.

29.

O forte Heróe do Campo Marathonio,
Qu' o Persiano exercito retalha;
O susto d'Asia, o raio Macedonio,
Qu' as campinas de Arbella em sangue coalha;
Esse que em Accio ao desditoso Antonio,
Disputa o Mundo n'huma só batalha,
Não ganhárão por certo o nome, e gloria,
Qu' ao Rei dos Lusos dera huma victoria.

30.

Cobrem-se em tôrno os campos dilatados
De falanges armigeras, valentes;
Hispanos esquadroens marchão formados,
De multi-formes Povos differentes:
Deixão, passando, os montes aplainados,
Seccão, bebendo, as rapidas correntes;
E já chegava o estrago, e vinha a guerra
Ao coração da Lusitana terra.

31.

Dêo signal pavoroso a Marcia tuba,
João na dextra sopesando a lança,
Qual sanhudo leão, que eriça a juba,
Por entre os fortes esquadroens avança:
Qual raio acceso cahe, fere, e derruba,
Eternos louros na victoria alcança;
Co' a fama de seu nome o Mundo atrôa,
A Patria he livre, e cinge-lhe a Corôa.

32.

Os ganhados confins transpôz primeiro;
Deixa Lysia segura, e sulca os mares,
O habitador de Abylla derradeiro
Acoça, humilha nos paternos lares:
Elle n'Africa adusta ao verdadeiro
Culto do Ente immortal levanta altares;
Ceuta, conquista gloriosa he sua,
Que tanto assusta de Bysancio a lua.

33.

Nunca, depois dos Campioens Romanos,
Ou feroz Genserico, a gente armada
Da Europa fôra aos Campos Tingitanos,
Ou teve a adusta Libia ao jugo atada;
Nella somente os fortes Lusitanos,
(Gente ás emprezas immortaes fadada)
Das Mauras lanças sempre vencedora,
Em praças muitas seus pendoens arvora.

34.

Deixa o Heróe successor, qu' alta sciencia
Até no meio das conquistas ama;
He Duarte seu nome; a sapiencia
Em seu amor celestial o inflamma:
Presando sempre a nautica excellencia,
Busca de Libia nas conquistas fama;
Em quanto nas campinas de Ampelusa
Vai seu filho arvorar bandeira Lusa.

35.

He este o quinto Affonso, os altos muros
Entra de Arsila em fervida batalha;
E os Bastioens de Tangere seguros
De sangue Ismaelita inunda, e coalha;
Sobre os jaspes Numídicos mais puros
Alli triunfador seu nome entalha;
Alli se diz Getulico, Africano,
Qual dèo Carthago o nome a Heróe Romano.

36.

Espalma, esquipa lenhos atrevidos,
Que mais, e mais avante Africa explorão;
Entre Naçoens, e Povos não sabidos,
Das Santas Quinas os Padroens arvorão:
Em tufoens, e tormentas envolvidos,
Té quasi ao Cabo austral triunfantes forão;
Dando seu nome a terras nunca vistas,
E a lei dos Ceos a barbaras conquistas.

37.

Outro João reinou, diz-se o segundo,
A frente acima dos Heróes levanta;
Cujo nome immortal ind' hoje ao Mundo
Imaginosa Poesia canta:
Descobrimentos pelo mar profundo
Fez com tanto valor, com força tanta,
Qu' áquem do Cabo já passado agora,
Seus estandartes triunfaes arvora.

38.

Elle o primeiro Rei, que este espantoso
Cabo mandou dobrar com lenho ovante;
Elle o primeiro Rei, que o mar undoso
Vio sujeito a seu Sceptro triunfante;
Elle da Aurora o berço luminoso
Ia quasi a tocar; não quiz qu' avante
Na empreza fosse, a deshumana morte,
Quasi em flôr corta a vida a Heróe tão forte:

39.

Reina agora Manoel, qu' o sancto, e justo
Deos ao throno chamou da herdada terra;
Nem Julio foi mais forte, ou sabio Augusto,
Nem mais feliz o Macedonio em guerra:
Enche co' as armas Africa de susto,
E só co' os brados de seu nome a atterra;
Este bem digno de mandar só era,
Se a Europa hum throno só, e hum Rei quizera.

40.

Este vem coroar os começados
Empenhos de seus Pais, e os procellosos
Mares manda cortar nos encurvados
Lenhos, que vês soberbos, e alterosos:
Trago comigo Heróes, que huns novos Fados
Vem conduzindo aos Reinos poderosos,
Onde desponta a Aurora, e o Sol envia
Primeiro raio luminoso ao dia.

41.

He tão grande o poder do Sceptro d'ouro,
Que rege Manoel na Lusa terra,
Que não somente o teme adusto Mouro,
Mas dispensa na Europa a paz, e a guerra:
Busca na Asia colher mais nobre hum louro;
E tenta a porta abrir, que o mar lhe cerra;
Entre immortaes troféos, com que s'exalta,
Só este á gloria de seu nome falta.

42.

Só porque isto intentou lhe são devidos
Mais que aos Titos, aos Cesares, e Augustos,
Que vírão Povos a seus pés vencidos,
Os Arcos, as Pyramides, os Bustos:
Não vem da morte exercitos seguidos
A seu mando lançar grilhoens injustos,
De hum livre Povo quer a liberdade,
Commercio, e paz em candida amizade.

43.

Vive do Povo generoso amado
De tal arte este Rei, que o peito forte,
Qual rompente Leão fero, indomado,
Expoem, porque elle o manda, ao ferro, á morte;
Porque elle o quiz no pélago empolado,
Sem pavor vou tentando a instavel sorte,
Entre os tufoens do vento irado, e solto,
Nunca do Sol ao berço as costas volto.

44.

Vè magnanimo Principe, se amada
Merece ser por ti tão nobre gente,
Que do mar truculento a incerta estrada
Affronta por seu Rei léda, e contente:
E se te apraz a fama dilatada
Vèr de teu nome em climas d'Occidente,
Terás tão grande Rei, por certo, amigo,
Se a empreza ajudas, que no mar prosigo.

45.

Disse o forte Argonauta, e transportado
O Melindano Velho lhe lançava
Ao cóllo os braços de prazer banhado,
Que doce pranto aos olhos lhe mandava:
Oh! muitas vezes bemaventurado,
Lhe diz com voz, que a espaços se truncava,
O momento, em que alegre, e absorto vejo,
Dentro em Melinde o morador do Tejo!

46.

Felizes cans, e idade venturosa,
Eu me aproximo ao túmulo contente,
Não se me antolha a sombra luctuosa,
Depois que abraço a Lusitana gente!
Vós astros, que descobre a noite umbrosa,
Vós que a gloria cantais do Omnipotente,
Desse, d'onde luzis, sidéreo assento,
Ouvi, firmai meu sancto juramento!

47.

Quanto se estende o Imperio Melindano,
Qu' a seu Sceptro obedece, e leis acceita,
Ao grão poder do Solio Lusitano,
Armas, thesouros, quanto tem, sujeita:
Em primeiro penhor do Soberano
Constante laço d'amizade estreita,
Hum Piloto tereis sabio, e prudente,
Qu' as Náos conduza em rumo d'Oriente.

48.

Pois vai no meio da carreira escura
A noite em carro de Ebano sentada;
E n'abóbada azul, brilhante, e pura,
Já corre obliqua a lua prateada:
Do somno no regaço, e na doçura,
Restaurador da vida trabalhada,
Podeis ir repousar, Varão prestante,
Té que a chamar-vos torne o Sol radiante.

49.

Ouve-se a voz de applauso, e de alegria,
Quando do Rei contente acompanhado
O forte Gama dos vergeis sahia,
Em demanda das Náos no mar salgado:
Por lei, que a empreza insolita regia,
Ficar na terra estranha lhe he vedado;
Antes que a Armada undi-vaga co' a pròa
Não vá tocar na região Eôa.

50.

Aos baixeis se encaminha, a lympha fria
Dos compassados remos he cortada;
Dos espelhados mares reflectia
A fròxa luz da Lua prateada:
O ar em tôrno todo se cobria
D'huma nuvem de fumo, que exhalada
Sahe do ferreo canhão, e os pavorosos
Eccos imitão os trovoens ruidosos.

51.

Dos aureos berços do purpureo Oriente
Inda dubia a manhã seu rosto alçava,
Já nos Zambúcos de Melinde a gente,
A vêr os Lusos Campeoens vogava:
O Rei buscando o Capitão valente,
Em dourada Almadia á Náo chegava,
Onde o Luso Pendão já sôlto ao vento,
Fluctua, e toca ufano o salso argento.

52.

Subia o Rei dos seus acompanhado
Com pompa nobre, e porte magestoso,
Contempla a grande Náo como espantado,
Tactea, observa o bronze estrepitoso;
Robusto Velho traz comsigo ao lado
D'olhar severo, aspecto cauteloso,
He Moálem, que prático sulcára
O Golfão, que da Libia a Asia separa.

53.

Dos annos já curvado, a penteada
Barba em ondas ao peito lhe descia;
Na cabeça huma gorra foteada
De Nação Guzarate o descobria:
A liquida carreira dilatada
Do mar não visto de Europêo sabia;
A' prática juntando engenho agudo,
Co'a cultura, e co'a luz d'Arabe estudo.

54.

Em quanto espera encejo, e aguarda o vento
(Naquelles climas de monção tendente)
Manda elevar soberbo monumento
O forte Gama aos mares imminente:
Como troféo de nautico ardimento,
Alli ficou mostrando á estranha gente,
Em duradoras paginas d'Historia,
Do poder Lusitano a immensa gloria.

55.

Aos mares sobranceiro se alevanta
O marmoreo Padrão: victorioso
Dos Evos permanece; inda supplanta
Em Melinde o poder do Tempo iroso:
Nem Grega, ou Lacia Musa isto decanta,
Gloria tal só foi dada ao Tejo undoso;
Nem foi maior troféo do Tibre ufano,
O consagrado ao nome de Trajano.

56.

Já da remota plaga d'Occidente
Soprava o fresco vento, que encrespando
A superficie azul do mar luzente
Sacode o panno socegado, e brando:
Ao signal conhecido a Lusa gente
O vai das lizas vergas desfraldando,
Co' o ferreo peso o cabrestante geme,
Dirige experto o Guzarate o leme.

57.

Ao pavoroso som da Artilheria
A nautica celeuma se mistura,
Em negro rôlo o fumo ao ar subia
Tapando a luz ao Sol brilhante, e pura:
Da reconcava, agreste penedia
Se repercute o écco, o mar murmura;
Incha as vélas o vento; a chusma exulta,
E fica a terra n'horizonte occulta.

58.

Manda o Piloto Arabio, e n'Oriente
Experto punha a prôa recurvada,
A agua, rompida da Européa gente,
Refervia em cachoens, como affrontada:
Fez-lhe hum aceno o Ser Omnipotente,
Foi continua planicie a azul estrada;
Nem mais o vento ao resonante pégo
Ousou turvar o natural socego.

59.

Dos Astros, e dos Soes a magestosa
Scena á noite tranquilla os véos corria,
Pela campina liquida espumosa
Derramava (não triste) a sombra fria:
A dura chusma insomne, e cuidadosa
Enche os quartos da próvida vigia,
E repousando o Capitão valente,
Trégoas hum pouco faz co' a lide ingente.

60.

Eis o desperta repentina chamma,
Qu' a grão distancia os ares esclarece:
E tantos raios fulgidos derrama,
Qu' hum mais brilhante Sol nascer parece;
Do centro do clarão, que arde, e se inflamma,
Ao valente Argonauta se offerece
Do grande Henrique a imagem, que baixava
Dos Ceos, inda outra vez, e assim bradava.

61.

Venho, Henrique lhe diz, ó Lusitano,
Do Motor sempiterno a ti mandado,
Hoje, que á meta do poder humano
Tens, por gloria da Patria, em fim chegado:
E da Fama no Alcaçar Soberano,
Com taes feitos teu nome eternisado;
Neste dia, que mostra á Europa absorta,
A hum Quinto, e mór Imperio aberta a porta.

62.

A' luz primeira do nascente dia
Verás do Gate a cima levantada,
Do Malabar a rica Monarchia,
Pela extensa marinha dilatada:
Onde ha de ser a torpe Idolatria
Na presença da Cruz anniquillada,
Marcado instante pelo Rei Celeste,
Desde a origem dos seculos he este.

63.

De ignoradas Naçoens a fortaleza,
E os Reis dos mares nunca avassallados,
Do rude estado, e barbara fereza,
(A Providencia o quer) serão tirados:
E da nodoa, que avilta a Natureza,
Nas aguas salutiferas lavados;
Nos Templos, onde o erro hoje se adora,
(Tu mesmo inda o verás) a Cruz se arvora.

64.

Começão de brotar frondosos louros,
Qu' hão de cingir co' os ramos verdejantes
Heróes, que a terra assombrarão vindouros,
Qu' o Tejo á India enviará triunfantes:
Egypcios, Persas, Arabes, e Mouros
Verão sem brilho as luas arrogantes;
Fará tremer do Bosforo o Tyranno
Claro pregão do nome Lusitano.

65.

Em base eterna firme se levanta
Desd' hoje no Indostão do Tejo a gloria,
Qu' ha de offuscar com maravilhas quanta
Fama ha de Heróes na lisongeira Historia;
Toda aqui s'esvaece, e se quebranta,
A de Alexandre posthuma memoria,
Aguia Latina, que assombrára a terra,
Suspende o vôo altivo, as azas cerra.

66.

Aureos risonhos seculos se avanção:
As mãos d'Eterna Sancta Providencia
Rios de nectar pela terra lanção,
Que enchem Lysia de força, e de opulencia:
Seus filhos immortaes no Hydaspe alcanção
Troféos de nóbre, e militar potencia;
Onde da luz Solar o Imperio esplende,
Lá chega o Sceptro Luso, e lá se estende.

67.

Eia surge, pois rompe a luz serena,
Qu'a Aurora traz de perolas toucada,
Verás os montes assombrando a amena
De Calecut palmifera enseada:
Manda as vélas tomar na liza antenna,
Qu'ao termo chegas da penosa estrada;
Hum Deos vos fez dos mares vencedores;
Sejão-lhe dados perennaes louvores.

68.

Qual foge a nuvem, que dissipa o vento,
Se esvaece a visão, e inda enleado
O Gama a vista estende ao Firmamento,
E o vê da luz Oriental banhado:
Assoma a Aurora, o madido elemento
Descobre em tôrno placido, espelhado,
Prestes nos rôxos, limpos horizontes
Descobre ao longe alcantilados montes.

69.

Sobre a tolda o Piloto diligente
Vem contemplar os circunfusos ares,
Eis subito bradou ledo, e contente,
Vejo de perto os Indianos lares!
Alvoroçada a valerosa gente,
Subito ao bordo acode; os vitreos mares
Vio que já perto as ondas enrolavão,
E sobre a arêa mansos se quebravão.

70.

Do seio então do pélago espumante
(Assim se mostra aos Nautas) a inflammada
Face surgio do Sol: pouco distante
Era da terra a Lusitana Armada:
Instantanea soou no mar ondeante
Voz d'hum pranto piedoso acompanhada,
Que nas mansões celestiaes resôa,
Hum Deos a acceita, hum Deos a galardôa.

71.

Subitaneo fragor no centro escuro
Da terra então se ouvio, despedaçárão
Vivas chammas centraes seu laço duro,
Com que as bases do Glóbo se abalárão:
Sobre o nutante Gate, e mal seguro,
As levantadas rochas estalárão;
Desde o seio Erythreo, da China aos mares,
Tremem Pagodes, Idolos, Altares.

72.

Continuo lume, qu' em tributo paga,
Com rito impuro o torpe Mahometa,
Sem vento, ou sopro subito se apaga,
Ante o sepulchro do fallaz Profeta:
Subito o mar correndo, o mar alaga
Na grãa Melispar a fadada meta,
Momento ha tantos seculos prescripto,
Em que finde impia lei, profano rito.

73.

Eis prodigio maior, no dilatado
Dos Ceos espaço Oriental fulgura,
Repentino hum clarão; nelle gravado
Era o signal d'eterna, alma ventura:
Qual Constantino o vio no campo armado,
Que de Maxencio o estrago lhe assegura;
Tal aos olhos dos Lusos se offerece,
Immobil brilha, immobil resplendece.

74.

Encurvando o joelho o invicto Gama
Para os Ceos humilhado as mãos levanta;
Oh! Creador do Mundo, o nauta exclama,
Sejais bemdito em maravilha tanta!
Vossa dextra immortal mil bens derrama,
Ella vence o perigo, o mal supplanta,
Vós o mostrais, he vossa est' ardua empreza,
Entre as Naçoens só dada á Portugueza.

75.

Vós confirmai o insolito portento
Que vos dignastes operar agora;
Como fizestes no feliz momento,
De dar hum Reino a Lysia vencedora:
Quando em Ourique illustre vencimento
Affonso alcança; a Cruz dominadora,
Qu' então se lhe amostrou do assento ethereo,
Segura ao Tejo universal Imperio.

76.

Seguio-se á voz o pranto: eis branca arêa
Da extensa Costa proxima se via;
De possantes baixeis coalhada, e chêa,
Vasta, abrigada, concava Bahia;
As largas vélas subito marêa
O Nauta Guzarate, e a lympha fria
Cortando ao som do bronze estrepitoso,
Lança o pezado ferro ao pégo undoso.

Fim do Canto VIII.

O ORIENTE.

CANTO IX.

1.

Pendente já das ancoras a Armada
Os montes atroou co' a Artilheria ;
Que com sulfurea luz , com carregada
Nuvem d'espesso fumo as Náos cobria :
A maritima chusma alvoroçada
Com festiva celeuma os Ceos feria ;
D'espanto , e susto possuido o Povo ,
Concorre ao quadro inopinado , e novo.

2.

As peregrinas Náos considerando ,
Quaes não víra até alli nos patrios mares ,
Acode á curva praia immenso bando
Dos sumptuosos , ricos Malabares :
Os ouvidos atonitos tapando ,
Se a sulfurea explosão rasgava os ares ;
Como espantado fica ; e fica absorto ,
De muito longe contemplando o porto.

3.

Nunca n'hum debil lenho a escura gente
Víra a luz, qu' o relampago imitava;
Dispersa foge, se repete o ingente
Estampido, que os montes abalava:
O Capitão magnanimo, e prudente
A' terra o Nauta Moalem mandava;
Que ao mixto povo extatico assegura,
Qu' era hum signal de paz sincera, e pura.

4.

Hum ligeiro escaler logo he lançado
Da grande Náo nas ondas transparentes,
De robustos mancebos esquipado,
Rompe a compasso as cérulas correntes:
Toca nas praias humidas; cercado
Subito foi das assombradas gentes;
Qu' atraz, de novo hum pouco se retirão,
Quando Europeos em ferro envoltos vírão.

5.

O Velho Gozarate acena, e brada
A' circunfusa turba, que fugia,
Qu' aguardasse sem susto a alli chegada
Gente, que só commercio, e paz trazia:
Qu' inda que venha assim de ferro armada,
Não vem trazer á India a guerra impia;
Com taes vozes então menos medrosa
Avidos olhos volve á praia undosa.

6.

Eis dentre o povo hum só, que se arreava
D'alto turbante, e trages Mauritanos;
Que na voz, e nos gestos se amostrava,
Incola ser dos Campos Tingitanos:
Mais do que os outros enleado estava,
Vendo de perto os nautas Lusitanos,
Hum grande grito atonito levanta,
Té alli de assombro preso na garganta.

7.

O' gente, ó gente invicta, a quem Natura
Não longe pôz de Orão, meu patrio ninho,
Que poderoso acaso, ou que ventura
Por mar intacto vos abrio caminho?
Não temestes eterna sepultura,
O pélago affrontando em fragil pinho?
Agora vejo com terror profundo,
Que ao valor Portuguez he pouco o Mundo!

8.

Das campinas do Tejo affugentastes
Do grão Profeta a grei com braço armado;
Quando invenciveis pela Lybia entrastes,
Tremeo Bysancio da victoria ao brado:
Quando de Ceuta os muros arrasastes,
Foi pouco a vosso Imperio o mar salgado,
E, se ha terra, onde esconde o Sol seu rosto,
Espero as Quinas no hemisferio opposto.

9.

Socega hum tanto, e conta que trazido
Fòra da Patria alli pelo arenoso
Estreito de Suez ao suspendido
De seu Profeta túmulo famoso:
Qu' era acceito ao Monarcha, e seu valido,
Entre os illustres Naires poderoso;
Qu' inda que o ferro Portuguez provára,
Sempre as virtudes de tal gente amára.

10.

Então pedio, que subito o levassem
Da Empreza ao Conductor, que ao longe estava;
Que lhes diria quanto desejassem
Saber do grande Imperio, a que aportava:
Qu' em sua fé tranquillos repousassem,
Qu' a si mesmo em refens se lhe entregava;
A's Náos mui prestes se conduz o Mouro,
Do fim da empreza venturoso agouro.

11.

Nos ligeiros Catures vão distantes
Apôs o Mouro os Indios perturbados;
Baços de carnes, feios de semblantes,
Trajando roupas de algodoens listados:
Pasmão das altas Náos; dos fulminantes
Canhoens, se os tocão fogem de assustados,
Em tanto o Ismaelita se adianta,
E ante o Gama, chegando, a voz levanta.

12.

Patente a todos foi quanto dizia,
Porque claro fallava a lingua Hispana,
Prazer mui grande, vivida alegria,
Ouvir tal lingua alem da Taprobana;
Prudente o Gama, e cauteloso envia
Paulo co' o Mouro á Côrte Soberana;
Dêo-se-lhe hum rico alfange, e n'hum momento
As ondas vão cortando ao salso argento.

13.

Saltão na praia, subito seguidos
Forão de espessa multidão tamanha,
Que os Lusos nautas vão como opprimidos,
E a custo rompem pela gente estranha:
São dos Naires ao Paço conduzidos,
Té onde a turba absorta os acompanha:
Entrão dos vastos porticos a guarda,
E nada em vê-los o Monarcha tarda.

14.

Mancebo era o Monarcha, e lhe cingia
Toda a frente hum subtil sendal precioso,
Oriental brilhante pedraria
Coalha a veste, que traja o corpo airoso:
De hum bracelete o braço se atavia,
Que lhe abrocha hum rubim fino, e radioso;
Do Reino hum Grande, que da esquerda estava,
A mastigar o Bétele lhe dava.

15.

Longas alas de Naires se observavão,
Tinhão na cinta o criz, na dextra a lança,
Dos hombros nús o escudo penduravão,
A frente núa, Oriental usança:
A' Camilha do Rei se aproximavão
O Portuguez, e o Mouro; ao chão se lança
Este, e a dextra inclinado ao peito applica,
E a mensagem do Luso assim lhe explica.

16.

Vós grão Monarcha, que excedeis em gloria
Quantos reinar tem visto Indiana terra,
Vós que ao lado levais preza a victoria,
Se os altos feitos cometteis da guerra:
Que accrescentais os timbres á memoria
De Perimal, qu' o Paraiso encerra;
A quem Bramá, Senhor do assento Ethereo
Grande tem feito, e singular no Imperio.

17.

Sabei, Senhor, que o Principe potente
Da mais forte Nação, que os campos ára
Da bellicosa Europa, e que o lusente
Sol, quando morre, n'Oceano aclara;
Ouvio de vossa fama o brado ingente,
Que só do Glóbo nos limites pára;
Com mais que humano esforço abrindo os mares,
Amigo busca o Rei dos Malabares.

18.

Com ancia, com prazer vem procurando
Vossa alliança aquelle Lusitano,
Qu' espantosos perigos affrontando,
Rompeo quasi de todo o immenso Oceano:
Das tormentas o solio atraz deixando,
A baliza transpôz d'esforço humano;
Passando d'outro ao Indico hemisferio,
Alliado vem ser de vosso Imperio.

19.

Não vem dos inimigos combatido
Buscar soccorros no longinquo Oriente,
Nunca nos trances marciaes vencido,
Foi do Hibero Leão, bravo, e rompente:
Feroz Leão de horrissono rugido,
Que nos lançou da Hiberia armi-potente;
Ora, que aos golpes da fulminea espada,
Se fez Senhor do Betis, e Granada.

20.

Sem medo inda o não digo, o denodado
Luso Heróe tenho visto em dura guerra,
Qual raio, que despede hum Ceo nublado,
Assim cahio na Tingitana terra:
Nas muralhas de Ceuta o levantado
Pendão de Lysia ondea, e a Libia aterra;
Nas muralhas de Arsila hum Soberano
Monarcha adquire o nome de Africano.

21.

Busca tanto poder vossa amizade
O grande Capitão, que o mar vencêra,
O vento insano, a negra tempestade,
Para fallar-vos, vosso aceno espera:
Julga suprema lei vossa vontade,
Este o mandado, que seu Rei lhe déra,
E quer com plena, ingenua confiança
Bases firmar de solida alliança.

22.

Disse o Mouro fiel, e o Rei Indiano
Ao Luso mensageiro os braços dava,
Julga mais que mortal, quem do Oceano
Vence a immensa estensão, e a furia brava:
Quer vêr de perto o grande Lusitano,
E o conhecido Mouro ás Náos mandava;
Ouvir o Nuncio portentoso espera,
Quando o seguinte Sol brilhar na Esfera.

23.

Vai demandando a fluctuante Armada,
O lédo Ismaelita, e já da fria
Noite se dilatou sombra pezada,
E de estrellas bordado o véo se abria:
Repousa, e dorme a turba fatigada,
E quasi insomne o Gama aguarda o dia;
Em que ostentando a gloria Portugueza
Imponha ultimo sello á honrosa empreza.

24.

Já começava de assomar a Aurora,
Donde o Ganges revolve a lympha impura;
Zefyro amante da Indiana Flora
Seus assopros balsamicos apura:
O Sol ardente d'horizonte fóra
Se anticipa a romper, sobe, e fulgura,
O Gama as armas formidaveis veste,
O' sorte d'Asia, teu momento he este!

25.

Quantos tiveste já Conquistadores!
Vejo-os romper do portentoso Egypto,
Rompem do Tybre duros Vencedores,
Seu ferreo immenso Imperio em ti medito!
Mais fortes vais sentir dominadores,
De outras victorias ouvirás o grito;
Com quanto sangue, e lagrimas eu vejo
Alçar-se o throno, que te vem do Tejo!

26.

Sobre ò batido arnez se cinge a espada,
Qu' ha de os fios provar no acceso Oriente,
Pesado murrião, ferrea celada
Com brancas plumas lhe assombrava a frente:
(Nella a coròa naval será firmada,
Assombro, inveja da vindoura gente;)
A forte cinta a banda lhe guarnece,
Qu' em aureas franjas fluctuando desce.

27.

Entra assim no batel, que acobertado
Ia de seda, e de bordados pannos,
E vão do Heróe victorioso ao lado,
Em nobre assento os Nautas Lusitanos:
Voga a chusma co' o remo, e está coalhado
Todo o mar de Catures Indianos;
Em quanto o bronze horrisono dispára,
Geme o baixel roçando, e em terra vára.

28.

Firma o Gama seus pés na ardente arêa
(Cego acaso não foi; mas Soberano,
Eterno aceno) a terra balancêa,
Sem vento se entumece o vasto Oceano:
De nuvens n'hum momento o ar se arrêa,
Portentosos signaes de eterno arcano,
Com que patente fez Motor Divino,
D'Asia a quéda fatal, d'Asia o destino.

29.

Sente vastos Imperios abalados,
Qu' entregão aos grilhoens pulsos trementes;
Torres voando ao ar, muros entrados,
D'Albuquerque nas mãos raios ardentes:
E vê boiando corpos destroncados,
Do proprio sangue em tepidas enchentes;
O quadro vendo dest' horror profundo,
Se enlucta a Natureza, e treme o Mundo.

30.

Com pompa Oriental aguarda o Gama
Illustre Catual, que o Rei lhe envia;
Innumeravel turba (á voz da fama)
De Malabares subito acodia:
Na atonita Cidade se derrama
D'assombro huma torrente, e de alegria,
E sentimento de pavor lhe excita
Das Náos o bronze, que os trovoens imita.

31.

A Pandarane o Gama he conduzido,
Lugar delicioso, onde habitava
O grande Rei n'hum Paço guarnecido
De umbrifero Palmar, que o Sol vedava:
Era alii denso o ar, repercutido
Delle o calor, a terra então queimava,
Mas he doce o vapor, nelle respira
Estranho aroma Zefyro, que gira.

32.

A's nuvens sóbe barbara structura,
A que dão vastos porticos entrada;
De collossal Egypcia architectura,
Qual o Nilo inda vê, s'ergue a fachada:
Entrava o Gama, a vista na escultura
Das portas lhe ficou como enleada,
Vendo em douto lavor, que alli não falta
Quanto Grecia encarece, e o Tibre exalta.

33.

O Macedonio Heróe se lhe apresenta,
Que as Hostes rompe do infeliz Dario,
Que seu Imperio violento augmenta,
Pondo á Persia, e Cambaia hum jugo impio:
Co' braço levantado os seus alenta,
A proseguir no injusto Senhorio;
No rosto se lhe vê pezar profundo
De vêr pequeno o conhecido Mundo.

34.

Em fogoso ginete ajaezado
Hum Varão d'outro lado apparecia;
Romano o gesto: n'hum pendão dourado
Volantes Aguias por brazão trazia:
Detestando os grilhoens como indignado
O Tigris turbulento atraz volvia,
Do claro Hydaspes na ribeira assoma,
Baliza eterna do poder de Roma.

35.

Qual dos Heróes Demócratas o injusto
Julio oppressor; e victima da morte,
Que de Alexandre descobrindo o busto,
Lhe inveja em tenra idade a gloria, e sorte:
Levado de outro espirito mais justo,
Pára hu' momento o Gama invicto, e forte,
Do Luso brio se lhe espande a chamma,
Ergue o braço, olha os seus, e assim lhe exclama.

36.

Lusitanos fieis, nest' ardua empreza
Vêde té onde as armas penetrárão
D'Argiva, e da Romana alta grandeza,
Onde chegámos nós, tambem chegárão:
De seu valor, de sua fortaleza,
As memorias aqui se eternisárão;
Da gloria hum mesmo circulo nos cerra,
No mar iguaes em força, iguaes em terra.

37.

Mais quizera dizer.... a turba ingente
Dos recatados Bramenes chegava;
Quasi levado o Capitão valente
Entre as ondas do Povo o Paço entrava:
Chega onde o Samorim sobre eminente
Throno, assombrado de hum docel estava;
Turva-se emtanto, observa com respeito,
As armas, e o Varão de estranho aspeito.

38.

A virtude, este diz, mais que a corôa,
Que te adereça a magestosa frente,
Grande Monarcha, e poderoso, sôa
No Luso Imperio, e climas d'Occidente:
Meu Rei me manda, que descubra a Eôa
Terra, onde tens teu Throno alto, e potente;
Oppôz-se tudo, a Natureza, os mares,
Tudo venci, descubro os Malabares;

39.

As vélas desfraldei no Tejo ao vento,
Dos mares vim cortando a immensa estrada,
E vezes mil no tumido elemento
Eu tive quasi submergida a Armada:
De hum Anjo, vindo do Celeste assento,
Foi contra as furias Infernaes guardada;
Pois nesta illustre portentosa empreza
Mais obra hum Deos, que humana fortaleza.

40.

Grande se fez o Imperio Lusitano
Por feitos de armas altos, e subidos;
Agora estende o Sceptro Soberano
Nos vastos mares, quasi submettidos:
Nem buscamos corôa, ou premio humano,
Debaixo destes Ceos desconhecidos;
He nosso intento dilatar sem guerra
A lei Divina, e revelada á Terra.

41.

De hum Rei somos vassallos, que aprecia
Mais esta lei, que a Terra avassallada,
Ella he seu mór brazão, por ella envia,
Abrir do largo mar a incerta estrada:
Esta verdade eterna te annuncia
A Carta, que verás co' a mão firmada
Do mesmo Rei.... O Samorim contente
Das mãos a toma ao Capitão valente.

42.

Pelos vastos saloens, pelos dourados
Tectos se escuta alegre murmurio;
Ficão co' a Lusa voz como espantados,
Cheios de assombro o Arabe, o Gentio:
Sôa hum surdo rumor, qual em tufados
Cedros produz o vento humido, e frio;
E brada o Rei, que conhecer deseja
Lei, que aos homens dos Ceos mandada seja.

43.

Sim, lhe responde o Gama, he lei gravada
Em nossos coraçoens, e em nossa mente;
Depois escripta foi, e aos homens dada,
Por mão de Deos Eterno, Omnipotente:
Foi no volver dos tempos revelada,
De hum modo Divinal á humana gente;
E ao mover-se dos seculos a roda,
Seguida ind' ha de ser da Terra toda.

44.

Na perenne fluxão da Eternidade
Nos diz, que hum Deos, espirito increado
Em si mesmo existia (á humanidade
Nunca entrar neste pélago foi dado)
Manda co' a voz de immensa potestade,
Qu' exista o Mundo, subito he formado;
O tempo então começa, objecto ignóto
Dá-se á materia inerte impulso, e móto.

45.

Então se estende o Ceo, se coalha a Terra,
Mas coberta do mar tempestuoso,
De toda a parte a inunda, e toda encerra,
No escuro seio, o abysmo tenebroso:
Divino assopro a confusão desterra;
A hum lado foge o pélago espumoso,
Sècca a terra apparece, e nella he tudo
Informe, e rude, solitario, e mudo.

46.

Em quanto neste véo medonho, escuro,
O Mundo inda imperfeito anda envolvido;
Hum com outro Elemento em choque duro
Anda em terrivel confusão batido:
Faça-se a luz, diz Deos, brilhante, e puro
Corpo de luz he subito espargido;
Visivel fez o Mundo; he precursora
A luz no Mundo da primeira Aurora.

47.

Deste immenso clarão se forma hum dia,
Que tem doce manhã, tarde saudosa;
Com promptas vibraçoens subito enchia
Toda a extensão dos Ceos caliginosa:
Pelo ondéante abysmo se espargia,
Delle a noite fugio feia, espantosa,
Pela primeira vez se vio jocundo
O vasto quadro do nascente Mundo.

48.

Então se mostra o claro Firmamento,
Qual crystalina cúpula brilhante;
Deos co' a voz immortal n'hum só momento
As aguas separou do mar estuante:
Equilibrou-as pelo ethereo assento,
Nellas se ensopa a nuvem fluctuante;
Qu' enchendo o seio aos montes cavernosos,
Origem presta aos rios caudalosos.

49.

Novo Decreto do Immortal s'escuta,
Depois que as aguas liquidas sepára,
Quando de todo a pavorosa lucta
Dos Elementos discordantes pára:
A Terra então se mostra arida, enxuta,
E, no espaço, que nella o mar deixára,
Sobre o immenso nivel nos horizontes,
Surgem sombrios, pedregosos montes.

50.

Do Eterno a dextra, variando as scenas
O terreo Glóbo de arvores povôa,
E pelas folhas vividas, e amenas
Primeiro sôpro dos Favonios vôa:
Vastas campinas ferteis, e serenas
Com halito vivifico abençôa;
O campo se alegrou, e os prados rirão,
D'esmalte verde todos se cobrirão.

51.

Nesta infancia do Mundo a Primavera,
Dos Ceos em nuvem rósea então baixando,
Com rorejantes viraçoens modera,
Igneo, terreo vapôr: Zefyro brando
Dos circumfusos ares se apodera,
Com doce sôpro as plantas animando;
Abre o seio da Rosa, e d'Açucena,
Com seu perfume em tôrno o ar serena.

52.

Surge o proximo instante, as luminosas
Constellaçoens o Firmamento arreão:
Nas solidoens do Espaço as tão pasmosas
Ordens d'immensos turbilhoens ondeão:
Claros Astros com leis maravilhosas
Nelles se agitão, nelles se encadeão,
E se descem hum pouco, ou se remontão
As variadas Estaçoens apontão.

53.

Disse ao Sol = Apparece = A frente envolta
Prestes mostrou, rompendo em nuvens d'ouro;
Das brilhantes prisoens emerge, e solta
D'huma luz inexhausta almo thesouro:
Hum Satellite rompe, e a Terra escolta,
E volve o disco variante, e louro;
Na incerta face, e na carreira sua,
Inda he mysterio indecifrado a Lua.

54.

Mais nobres seres no seguinte instante
Forma a suprema voz, logo he cortado
Fundo seio do mar pelo nadante
De mudos peixes esquadrão cerrado:
Vai na frente arrojando alta, espumante
Columna d'agua Leviathan pesado;
Por morada lhe assigna ambos os Pólos,
Onde o mar volve congelados rolos.

55.

Maravilha maior, maior portento
Então manifestou segundo dia,
Das campinas do liquido elemento,
Das aves todo o exercito rompia:
O instincto escuta, as azas n'hum momento
Pelos ares diafanos batia;
Os campos busca, as arvores povôa,
Ao Creador Eterno hymnos entôa.

56.

Na muda escuridão da noite umbrosa,
Quando segunda vez se sepultava
Do Sol o rosto na planicie undosa,
E a Lua a frente n'horizonte alçava:
Do Rouxinol a voz harmoniosa,
Se nos diz, que o silencio quebrantava,
Da Natureza, que de assombro chêa,
Foi menos triste a noite, e menos fêa.

57.

Eis hum novo prodigio, eis maravilha
Inda maior da Eterna Potestade;
Apparece na terra, e a terra trilha
De hum novo Ser a infinda variedade:
São brutos animaes, assoma, e brilha
Nelles a luz d'immensa magestade,
De Automatos se he numero infinito,
Nelles, que existe hum Deos, s'escuta o grito.

58.

Quadrupedante turba, o Elefante
Em vasta mole, ou corpulencia excede,
Entre os brutos pacifico gigante,
Nenhum bruto com elle as forças mede:
Eis o Leão magnanimo, arrogante,
Fogo dos olhos, e pavôr despede;
Ruge, atrôa o deserto em Zára, e Barca,
Entre as feras he Despota Monarcha.

59.

Vence os mais na carreira accelerada
O generoso, fervido ginete,
Parece que lhe apraz gloria ganhada,
Que ao vencedor na lide se promette:
Esvoaçá-lhe a clina ao vento dada,
Se ás falanges contrarias arremette,
Lanção-lhe a bôca espuma, os olhos fogo,
Se a trombeta o convida ao Marcio Jogo.

60.

Mas inda falta Augusto Soberano,
Cujo alto imperio seja a Natureza;
Inda falta na Terra hum ser humano,
E nelle a imagem da immortal belleza:
Hum ser, que affronte na existencia o damno,
Qu' ao corpo traz do tempo a ligeireza;
Hum ser, que o Eterno Artifice conheça,
Lhe acclame a gloria, humilde lhe obedeça.

61.

O Sempiterno Auctor nas mãos tomando
Da terra huma porção forma o prestante
Simulacro mortal, que o venerando
Rosto alevanta ao Polo scintilante:
Abertos olhos para os Ceos voltando,
Com sôpro Divinal, vivificante,
Faz que a terrena machina se anime,
E n'alma hum germen immortal lhe imprime.

62.

Homem, lhe diz o Eterno, a teu imperio
Entrego o vasto mar, entrego a terra,
E quantos seres duplice hemisferio
Dentro em seus largos terminos encerra:
Terás futura Patria em Solio ethereo,
A teu arbitrio embridarás a guerra
Das rebeldes paixoens; em doce calma
Poderás ter os movimentos d'alma.

63.

Pela mão o conduz ao Paço augusto
De tal Monarcha digno, hum deleitoso
Vergel, onde o mortal tranquillo, e justo,
Unido ha de viver a hum par formoso:
De amor gozando, e de prazer sem susto,
Existe o Rei da creação ditoso;
Seguindo a lei de original Justiça,
Refrea, e dóma a fervida cobiça.

64.

Foi pois só producção do Omnipotente
Toda a prestante machina do Mundo,
A Terra productora, o Ceo lusente,
E o circumfuso pélago profundo:
Quanto invisivel he, quanto he presente
Teve o ser de seu halito fecundo,
Elle he centro de hum circulo infinito,
Centro inmudavel, centro incircumscripto.

65.

Nem sempiterno he tudo, ou produzido
Foi pelo Acaso, que n'hum vacuo eterno
Os vagabundos átomos unido
Tinha sem leis de Architector superno,
Nem pela vasta machina espargido
Principio agitador he fogo interno;
Creou Deos co'a palavra os Ceos, e a Terra,
Eis verdade, que hypotheses desterra.

66.

D'hum Deos foi producção, e imagem sua
O primeiro mortal; sempre constante
Na propria especie a si se perpetúa,
E he dèste Glóbo augusto dominante:
Pouco esteve do crime a terra núa,
Ergueo a mão sacrilega, arrogante,
E, audaz, descarregando o golpe extremo,
Quiz ser igual ao Creador Supremo.

67.

Ferreas portas do abysmo abre o peccado,
Sahe dos eternos carceres a morte,
A Natureza he sua, e traz ao lado
Dos males todos a fatal cohorte:
O Rei da Creação sente o pesado
Jugo de escravo vil, muda-lhe a sorte,
Em nunca enxutas lagrimas o riso,
Fugio-lhe a paz, fechou-se o Paraiso.

68.

Desce hum Anjo da abóbada azulada,
Igneo alfange brandindo, e do viçoso,
Recatado Jardim defende a entrada
Da humana estirpe ao Pai já desditoso:
Co'a triste esposa malaventurada
Confuso vai fugindo, e temeroso,
Dentro dos bosques lúgubres s'encerra,
Pede o pão com trabalho á indocil terra.

69.

Rompem-lhe ardentes lagrimas dos olhos
Suor na terra sem cessar derrama,
Ella lhe torna rispidos abrolhos,
E desfecha-lhe o Ceo trisulca chamma:
Té alli tranquillo o mar, pelos escolhos,
A vez primeira turbido rebrama;
Oscilla o Glóbo espavorido, e logo
Abrem-se os montes, e rebenta o fogo.

70.

Perdeo risonho aspecto a Natureza,
E nos Astros, no Sol claro, e brilhante
Diminuida a luz, pousou tristeza,
Foi todo o espaço azul menos radiante:
Fugio do campo original belleza:
Foi mais turva a cecem, menos fragrante;
Turba-se a ordem da mundana esfera,
A gradação das Estaçoens s'altera.

71.

A humana geração se augmenta, e cresce,
E o mesquinho mortal desatinado,
Duro, e soberbo á lei desobedece,
Que lhe havia no peito hum Deos gravado:
Dos Ceos o raio da vingança desce;
Do crime universal desafiado,
Encontra apenas o Motor Augusto,
Entre tantos sacrilegos hum justo.

72.

O sobrolho abaixou tôrvo, iracundo,
E as bases fez tremer do ethereo assento;
Toda vacilla a machina do Mundo,
Quando esta voz se ouvio no Firmamento,
Aos homens darei fim.... grande, e profundo
Seu Decreto cumprio; n'hum só momento,
O Orbe conjurou n'alta vingança,
E as mãos ao raio estrepitoso lança.

73.

A humana habitação té alli segura
Nos proprios eixos se abalou nutante;
Rasgou-se aos mares a garganta escura,
Fecha-se em sombra a abobada estellante,
Coberta ficou logo a terra impura
De turvas aguas do Oceano ondeante;
Tanto immersa se vê no abysmo fundo,
Qu' inda ao cahos tornar parece o Mundo.

74.

Sancta familia se recolhe emtanto
N'hum concavo baixel prodigioso;
Mais se condensa o tenebroso manto
Da noite aos éccos do trovão ruidoso:
Enchem-se os homens de profundo espanto,
Do mar ouvindo o ronco estrepitoso;
Vendo bramir no campo ondas estranhas
Fogem, tremendo, ás ingremes montanhas.

75.

Cresce, e se enrola o mar entumecido,
Rasga o raio continuo os turvos ares;
Vôa o negro tufão desconhecido,
Qualquer regato he rio, os rios mares:
Aboião já no pégo embravecido,
De gélidos cadaveres milhares;
He tudo confusão, e he tudo estrago,
Tudo perece no infinito lago.

76.

Nos altos montes rochas escarpadas,
Onde nunca jámais nuvens subírão,
Das espumosas vagas assaltadas,
No interminavel pélago cahírão:
Do Glóbo todo as bases reforçadas
Co' os vingativos golpes se alluírão;
Dêo nos Pólos a Terra horrendo estalo,
Inda mostra, inclinada, antigo abalo.

77.

O lenho guardador da especie humana
Pelo Oceano universal fluctua;
Assoberba do vento a furia insana,
E a guerra dos tufoens, medonha, e crua:
Omnipotencia eterna, e soberana,
Nem assim mesmo esquece a imagem sua;
Em quanto vinga justiceira o crime,
Do naufragio infinito a especie exime.

78.

Bradou do assento sempiterno.... Basta....
O mar lhe escuta a voz, e espavorido
Já das montanhas ingremes se afasta,
Fica nos ares o tufão detido:
Emtanto o lenho os vortices contrasta,
Corre, fluctua, e toca no subido
Alto monte Ararat, e alli descança,
Do triste Mundo naufrago a esperança.

79.

Os rochedos do Caucaso escalvados
Começão de surgir, e as nuvens vôão,
Menos densas nos ares dilatados,
E os ares menos os tufoens atrôão:
Do immenso Tauro, e Gate levantados
De todo as aguas tumidas escôão,
Hum vento abrazador sopra, e recresce,
O mar o termo original conhece.

80.

A Terra appareceo triste, e mudada
Da superficie a regular figura,
De secundarios montes povoada,
Já não conserva antiga formosura:
Do ar a massa immensa, e dilatada
Já não he tão diáfana, e tão pura,
Ilhas surgem nos liquidos espaços,
Que são do Glóbo, que estalou, pedaços.

81.

A' voz do Eterno subito apparece
Curvo listão de rutilantes côres
Nos orvalhados ares resplendece,
Então se apagão raios vingadores:
Mais, e mais clara luz se augmenta, e cresce;
Dardeja o Sol os naturaes ardores;
E a terra, onde de todo o mar escôa,
Da estirpe humana logo se povôa.

82.

Pela benção de Deos multiplicados
Forão logo os mortaes, Naçoens surgírão;
Cá dentro d'Asia Imperios sublimados
Com magestade, com poder subírão:
Na Europa, e Libia povos abastados
A renovada Terra possuírão;
Mas cegueira mortal! Com feio insulto
Nega ao Supremo Dominante o Culto.

83.

Nos conselhos da Eterna Omnipotencia
Estava antes dos tempos decretado,
Alevantar o Imperio da innocencia
Nas ruinas da morte, e do peccado:
Hum só Povo escolhido a Providencia,
De todas as Naçoens traz separado;
Delle ha de vir Libertador Superno,
Qu' o throno ha de abalar do escuro Inferno.

84.

Do turvo Nilo na fervente arêa
Esta Nação prodigiosa cresce,
De antigo pai nascido na Caldea,
Por tradição constante, hum Deos conhece:
Messe de Justos sazonada, e chêa
Alli se multiplica, alli florece,
E co' a esperança, que no peito encerra,
Supporta a escravidão na estranha terra.

85.

Aos Ceos envia lugubres gemidos,
Qu' envoltos vão no pranto fervoroso;
Forão no Solio do Immortal ouvidos:
E o povo arranca ao jugo vergonhoso:
Entre prodigios nunca repetidos
As margens deixa em fim do Nilo undoso;
Seus grilhoens affrontosos despedaça,
De escravo vil a Soberano passa.

86.

E tal Libertador Deos lhe prepara,
Que he quasi hum Deos nos Divinaes portentos;
Sustem nas mãos prodigiosa vara,
Com que domina os mesmos elementos;
Com ella o raio estrepitoso pára,
Solta com ella os sibilantes ventos;
Com ella o Sol aponta, o Sol reverte,
Se o Nilo toca em sangue se converte.

87.

Porem do Egypto o barbaro Tyranno
Ao Povo nega a doce liberdade;
Ouve o Decreto eterno, oppoem-lhe insano
A dura pertinacia, atroz maldade:
Só quando indocil sente extremo damno,
Dos filhos seus na vasta mortandade,
Como esmagado do celeste braço,
Nem assim mesmo desatava o laço.

88.

Antes de novo indomito resiste,
E mais se oppoem do Eterno ao mandamento;
Então o Egypto he ermo infausto, e triste
E o Nilo se estagnou sem movimento:
Mais o blasfemo incredulo persiste,
E contra os justos Ceos mostra ardimento;
Quasi no abysmo os raios não recêa,
E mais engrossa a barbara cadêa.

89.

Então do eterno solio o Eterno exclama
Ao Vice Deos Moysés: Corre apressado
Largas enchentes de pavor derrama
No coração do Despota obstinado,
Desde o cahos profundo as sombras chama,
Qu' o claro disco ao Sol deixem toldado;
Seja o continuo horror d'estranha noite
Do sacrilego audaz sanguineo açoute.

90.

As mãos apalpão sombra taciturna,
Não surge, não se vê no Egypto o dia,
Brilha ao resto do Mundo a luz diurna,
Tudo he noite no Egypto espessa, e fria:
Dentre as trévas então da eterna furna
A dura morte horrifica sahia,
Nas mãos a fouce traz, que o Mundo assola,
Milhoens de primogenitos degola.

91.

Destes frios cadaveres coalhado
Mostra o Nilo espectaculo tristonho,
E Faraó do golpe amedrontado
Cede ao flagello horrifico, e medonho:
Sobre o throno Real o espectro alçado
Da negra morte se lhe mostra em sonho,
Então brada a Moysés, teu Povo leva,
Suspende a espada truculenta, e seva.

92.

Ao som da tuba, que rebomba, immenso
Moysés ajunta exercito potente;
Já piza de Ramesse o campo extenso,
E qual marchára hum Deos, lhe vai na frente:
O Egypto em tanto atonito, e suspenso,
Do flagello mortal mil golpes sente;
E os escravos Hebreos té alli de rojo
Da terra opíma exultão co' o despojo.

93.

Formão-se em grosso batalhão cerrado,
Que faz, marchando, vacillar a terra;
Buscão da Persia o mar aparcelado,
Onde o golfo Erythreo se estreita, e encerra:
Inda o Tyranno perfido, indignado,
Declara ao povo libertado a guerra;
Eis ordena, e conduz falange infesta,
Vingar a injuria da Nação protesta.

94.

Deos emtanto do Povo os passos guia,
Ou venha a noite lúgubre, e pezada,
Ou no rôxo horizonte assome o dia,
Elle lhe manda assignalar a estrada:
Se acceso Sol flamigero rompia,
O ar toldava nuvem condensada;
Se abria os negros véos a noite, he logo
A mesma nuvem convertida em fogo.

95.

Ia a Nação já proxima ás ribeiras
Do pélago Erythreo tumultuante,
Eis volta a vista, e tremulas bandeiras
Vê do Egypcio esquadrão, que marcha ovante:
O mar lhe oppunha as humidas barreiras,
E tem na espalda o exercito arrogante;
Dos lados todos se offerece a morte,
Mais que inimiga, miseranda sorte.

96.

Que teme o Povo?... (o Sempiterno brada
Desde os Ceos a Moysés) meu braço armado
Pode nas ondas franquear-lhe a estrada;
Se o mar me escuta, ficará parado:
Toda a planicie liquida rasgada,
Eis se transforma em muro levantado,
D'hum Cabo, e d'outro aberta onda Erythrea,
Mostra no fundo a rubicunda arêa.

97.

Desce hum Anjo do Empyreo ethereo, e puro,
Leva as nuvens diante, e o revoltoso
Egypto envolve de vapor escuro,
De hum condensado véo caliginoso:
Vaguêa em densa tréva o Povo impuro,
Tudo o que vio foi noite; e o luminoso
Clarão celeste todo o Povo abarca,
O trilho ignoto, e milagroso marca.

98.

Pizando o leito ao mar Moysés erguia
Com mão segura a vara portentosa;
D'aqui, d'alli suspenso o mar sentia
Do Ser Eterno a voz imperiosa:
E contra as leis universaes subia
Pelo estranhado espaço onda espumosa;
Da sôlta vaga os impetos recêa
O Povo, e pára na espraiada arêa.

99.

Ousado Campião primeiro avança
Sem temer d'agua a liquida muralha;
Nas mãos alçada leva a ferrea lança,
O ginete arremeça, e o campo talha:
Na multidão tão subita mudança
Do moço o esforço fez, que o leito coalha
Do fugitivo mar com sua planta,
Passa, e n'Arabia seus pendoens levanta.

100.

Apenas Faraó co' a vista abrange,
Que o Povo a riba Oriental ganhava,
E que á frente da bellica falange
De fogo huma columna o ar rasgava:
Ergue orgulhoso o recurvado alfange,
E aos seus dest' arte impavido bradava;
Esta a luz ha de ser, que marque a estrada,
Segui comigo a turba rebellada.

101.

Eis pela vasta liquida abertura
Já começão d'entrar carros falcados,
Marcha o potente exercito, e procura
Colhêr n' opposta marge os libertados:
Mas repentina o cobre a sombra escura,
Correm do mar os vortices parados;
Pela Divina mão, no abysmo fundo
O Egypto fica, e se lhe esconde o Mundo.

102.

Da parte opposta o grito da victoria
Pelos alegres esquadroens ressôa ;
Deste prodigio insolito a memoria
De bôca em bôca pelos Povos vôa :
Ao Supremo Senhor de eterna gloria
Moysés, Vate primeiro, hymnos entôa ;
A tal milagre, e maravilha tanta
Em versos immortaes troféos levanta.

103.

Das ondas vencedor, entre espantosos
Ermos d'ardente Arabia o Povo avança ;
Alpestres montes sêccos, pedregosos
He tudo quanto ao longe a vista alcança :
Nos estuantes campos arenosos
Já de marchar o exercito se cança ;
Assiduo Sol a prumo abrasa, e fere,
Sem que a nuvem volante o ardor modere.

104.

Acha-se apenas salitrosa, impúra
Lympha, dos mesmos animaes deixada ;
A turba contra os Ceos clama, e murmura,
Das eternas promessas deslembrada :
Toca Moysés co' a vara a penha dura,
Como sensivel á fatal pancada,
Agua rompendo borbulhante, e fria,
A sêde ao Povo atonito sacia.

105.

Do Ceo sem nuvens o Manná s'espalha,
Dos arraiaes em tôrno o campo extenso,
Como de orvalho nitido, se coalha
Manjar celeste, saboroso, immenso:
A' despiedada morte o passo atalha,
Reproduz o favor nunca suspenso
D'hum Deos compadecido a mão Divina,
Té se avistar a fertil Palestina.

106.

Porque á falta do provido sustento,
Já nos corpos a força se consome,
E prematuro triste monumento
Abre em tão vastas solidoens a fome;
E a voz Moysés erguia ao Firmamento,
Prompto invocando do Senhor o nome;
Por isso á voz de Deos, que se enternece,
Este alimento milagroso desce.

107.

Mas o soberbo Amalecita armado
Em numeroso exercito corria,
Ataca o Povo inerme, e fatigado,
E ferro atroz no peito lhe embebia:
Ao campo sobranceiro em levantado
Cabeço as mãos aos Ceos Moysés erguia,
Em quanto a Deos á piedade excita,
He derrotado o torpe Ismaelita.

108.

Da machina do Mundo o Auctor Superno
Ao Povo quer dar lei Sancta, e Divina,
Visivel alliança, e pacto externo,
Qu' desde a Terra ao Ceo a estrada ensina:
Desce elle mesmo de seu throno eterno,
As esferas suspende, os Ceos inclina,
Sobre espantosas nuvens se encaminha,
Ant' elle a morte aterradora vinha.

109.

Celeste voz com magestade chama
Por seu nome a Moysés; eis n'hum momento
Nas cavidades do Sinai rebrama
Trovão, que atrôa o vasto Firmamento:
Incessante fulgura a etherea flamma,
Oscilla a terra, e ruge o mar violento;
A forte voz da estrepitosa tuba,
O Povo de pavor no chão derruba.

110.

Abafa a nevoa o limpido Horizonte,
(Profunda escuridão, noite espantosa!)
Rompe do cume do convulso monte,
Como em diluvio a chamma luminosa:
Espavorido o Sol retira a fronte,
Suspende o mar a furia tormentosa,
Moysés por nuvens conglobadas entra,
Nellas se occulta, nellas se concentra.

111.

De roda o Povo está como assombrado,
Ouvindo as vozes do trovão ruidoso;
Todo o monte de sombra está cercado,
Como he do Eterno o throno magestoso:
Só da Divina voz se escuta o brado,
Profundo, augusto, sancto, e poderoso;
A Nação toda espavorida sente,
Inda que ignoto á vista, hum Deos presente.

112.

Alli de jaspe em laminas escripta,
Moysés recebe a lei, que Deos dictára;
Com sapiencia incognita, infinita,
Tudo em preceitos dez manda, e declara:
Tudo o que a pura Natureza dicta,
Converge, e brilha alli com luz mais clara;
Por elles a razão segura busca
Primitivo esplendor, que o crime offusca.

113.

Dez os preceitos são da Lei sagrada,
Que entre dous pontos unicos s'encerrão;
Dos feios vicios a falange armada,
De nós com força triunfal desterrão:
Da senda da virtude alta, elevada
Nunca com elles os mortaes aberrão;
De Deos no eterno amor nos encadeão,
Da immensa gloria os porticos franqueão.

114.

A nevoa foge, o resplendor se occulta,
Despido o monte aos olhos apparece;
A face de Moysés com fogo avulta,
Quando dos picos escarpados desce:
N'hum mar profundo d'alegria exulta
A escolhida Nação, que hum Deos conhece;
De incircuncisos sem temer a guerra,
Segura corre á promettida terra.

115.

A levantado monte a mão Divina
Leva o Legislador, co' a vista alcança
Quanto se estende a fertil Palestina,
Possessão milagrosa, eterna herança,
Que Deos ao Povo liberal destina:
Alli teve seu túmulo, e descança
O Santo Conductor, e inda até agora,
Onde o sepulchro esteja o Mundo ignora.

116.

Então do forte exercito na frente,
De victòria em victoria caminhando,
Se acclama Josué, justo, e valente,
E se lhe entrega universal commando;
Leva das tubas co' o clangor somente
A' cidade inimiga estrago infando;
Aonde quer que triunfante chega
Tudo á morte, á ruina, ao fogo entrega.

117.

Extensos campos, montes levantados,
Já nas fronteiras da fadada terra,
S'enchem d'immensos esquadroens armados,
Qu' ao Povo triunfal declarão guerra:
Quasi infinito exercito dos lados
Todas as hostes de Israel encerra;
Ergue o grão Josué potente braço,
Abre-lhe o Ceo para a victoria o passo.

118.

A tamanho triunfo he pouco hum dia,
E já quasi de todo o Sol lusente
Na rotante carroça ao mar descia;
E da montanha ás hostes imminente,
Sombra mais densa horizontal cahia;
Exora então dest' arte o Omnipotente,
Senhor, fazei parar nesta ardua empreza
A inalteravel lei da Natureza.

119.

Novo milagre, nova maravilha
Encheo de vivo assombro a terra toda,
Retrocedendo o Sol, fulgura, e brilha,
Pára dos tempos a incessante roda:
Ao mortal, que se abate, e que se humilha
O Soberano Artifice accommoda,
Da vasta creação plano profundo:
Nunca hum dia maior surgio no Mundo!

120.

Co' a derrota total o Heróe termina
A sanguinosa, fervida batalha;
E toda envolta a barbara campina
De inimigos cadaveres se coalha:
Ao portento maior da mão Divina
Padroens em bronze sempiterno entalha;
E o Sol do feito estavel testemunha
Seguindo o usado moto, então se punha.

121.

Assim caminha o Conductor valente,
Entre immortaes laureis ao promettido
Imperio glorioso, alto, e potente,
Hoje no Mundo errante, e dividido:
Já do Jordão tocava a grossa enchente,
Subito pára o rio entumecido;
E a mão, qu' outr' ora abríra agua Erythrea,
Rasga do rio a crystallina vea.

122.

Leva na frente o Cofre d'Aliança,
Onde a sagrada lei se deposita;
Entre sublimes canticos avança,
Do Povo a multidão vasta, infinita:
E com milagres se apossou da herança,
Desde a origem dos seculos prescripta;
O grande Imperio ás Tribus se reparte,
Da lei se arvora o inclito estandarte.

123.

O Popular Imperio em Monarchia
Foi co' volver dos tempos transformado,
Cresceo na guerra, e paz; na margem fria
Foi do Eufrates captivo, e libertado:
Entre mil dias se assignala hum dia,
Em que lhe seja hum Redemptor mandado;
Qu' o crime humano com seu sangue apague,
E o monstro do peccado aos pés esmague.

124.

Este comsigo traz do ethereo assento
Aos captivos mortaes nova alliança;
Abre as portas do eterno Firmamento,
Ao crime hum ferreo jugo, e á morte lança;
Volve-se ao tempo a roda, eis o momento,
Por quem bradou Profetica esperança;
Ouve, ó Monarcha, e vê que hum Deos Celeste
D'humana carne se circumda, e veste.

Fim do Canto IX.

O ORIENTE.

CANTO X.

1.

Foi aos vindouros seculos distantes
Promettido este arcano entre cerrados
Negrumes do Sinai; foi por constantes
Imagens dicto em extasis sagrados:
E Profeticas chammas fulgurantes,
Rompendo do futuro os véos pezados,
Sustinhão sempre a vivida esperança
De hum pacto Divinal, nova alliança.

2.

Vate inspirado a quatro Monarchias
A successiva duração lhes marca;
A grande scena de futuros dias
Co' a vista perspicaz descobre, e abarca:
Dos profundos segredos as sombrias
Cortinas rasga ao pavido Monarcha,
Tanta luz recebeo do immenso, eterno
Sacrario augusto do Senhor Superno.

3.

Seus olhos, tardos seculos correndo,
Espantosas catastrofes encárão;
Reinos, que vão surgindo, e vão crescendo,
Té que dos tempos no sepuchro párão:
Enigmas taes ant'elle apparecendo
Vão, que os dias por vir somente aclárão;
E, se entre as sombras a alma lhe esmorece,
Dos Ceos a luz para illustra-lo desce.

4.

Em sobrehumanos raptos levantado
Dos mares vio sahir tôrva Leôa,
Que deixa o Mundo de pavôr cortado,
Se o bramido espantoso o ar atrôa:
Do turvo Oronte ao Ganges dilatado
Com azas d'Aguia pelo espaço vôa;
Tal he Nabuco, que as Naçoens aterra,
Se horrenda sahe de Babylonia a guerra.

5.

Do mesmo largo mar rasgando o seio,
Com tres ordens de dentes defendido,
Sahe monstro informe, atroz, sanhudo, e feio,
E do Glóbo aos confins manda o rugido:
He este Cyro, que da Persia veio,
Já de Babel arraza o' muro erguido,
Firma, dilata sobre a cinza fria
De Assyrio Imperio nova Monarchia.

6.

Por toda a parte assolação derrama;
Com sangue os rios a corrente estendem;
Enche-se a Terra de seu nome, e fama,
A seus bramidos as Naçoens se rendem:
E quaes aos golpes da trisulca chamma,
Se abatem cedros, marmores se fendem,
Taes a seus golpes, timidos, convulsos
Reinos aos ferros dão seu cóllo, e pulsos.

7.

Outro surge dos rôlos espumantes
Do pélago profundo, enorme, ingente
Monstro mais fero, que os que víra d'antes,
Tem d'hum veloz Leopardo o corpo, e frente:
Em quatro se divide, e ventilantes
Azas desprega ao ar, puro, e luzente;
De pavor emmudece ant' elle a Terra,
Nem lhe farta a ambição quanto ella encerra.

8.

Este o raio fatal forjado em Péla
Alexandre se diz, co' a altiva planta
Naçoens esmaga, Povos atropella,
E no Hydaspes veloz pendoens levanta:
A Suza, a Tyro, á Babylonia, Arbella,
A' Asia co' a espada vencedora espanta,
Corta-lhe a morte os triunfantes passos,
Surgem Reinos do seu feito em pedaços.

9.

Rompe das mesmas ondas horroroso,
E mais fero animal, traz ferreos dentes,
Sobre a terra com impeto espantoso,
Vôa, e desprega as azas estridentes:
Grande, forte, terrivel, poderoso,
Tantos escravos tem, quantas as gentes;
O Glóbo quasi conquistado geme,
E da Besta espantosa á vista treme.

10.

Tal foi o emblema do Romano Imperio:
Toda com sangue derramado alaga
A triste face ao cognito Hemisferio,
Qual tormenta no Estio a mésse estraga;
Foi das Naçoens affronta, e vituperio,
A quem livre cerviz co' a planta esmaga;
Aguia sangrenta aos Reis o throno empolga,
E co' a carnagem dos Monarchas folga.

11.

Assim descobre o Vate altos arcanos,
Que em seus Decretos o Immortal encerra,
Té que o maior dos Principes Romanos
Publique a paz universal á Terra:
Foi então, que entre os miseros humanos,
Findou do crime primitivo a guerra,
Marca, contando os desejados dias,
E nelles nasce o Divinal Messias.

12.

Prescripto pelos Ceos chega o momento
Nas margens do Jordão profetizado;
Dos Sacros Vates no sublime accento
Eis o grão véo dos seculos rasgado:
Inclina os Ceos, e deixa o Firmamento,
A gloria, e doce paz desce a seu lado;
De eterna luz, do pélago profundo
Claro dia immortal se mostra ao Mundo.

13.

Do côllo arremeçou servil cadêa,
A libertada terra enxuga o pranto,
E do orvalho do Ceo fecunda, e chêa,
Veste de gloria, e liberdade o manto:
Foge ao cahos a morte horrenda, e fêa;
E a bondade de hum Déos resplende tanto,
Que a progenie de Adão dura, inimiga,
Dos grilhoens arrancou da culpa antiga.

14.

Eis o mysterio incognito do Eterno,
O Filho, a mesma Divinal Substancia,
Para vencer, morrendo, a morte, o Inferno,
Desce da immensa, e gloriosa estancia:
Do Ser mortal, e do Senhor Superno
Une com laço incognito a distancia,
Gerado no esplendor celeste, e sancto,
Veste da humana natureza o manto.

15.

De pura Virgem nasce: os Ceos contentes
Afugentão, brilhando, a sombra fria;
Rompem no espaço estrellas refulgentes,
Que a noite mudão no clarão do dia:
Cá dos Reinos d'Aurora os Sapientes
Vão adorar o filho de Maria;
O Ceo c'hum Astro subitaneo exulta,
E, o berço vai mostrar, que hum Deos occulta.

16.

Firma as bases da Solida Alliança
Entre os homens, e Deos Omnipotente
Triunfos immortaes do Inferno alcança,
Quando da antiga serpe esmaga a frente:
Do mar c'huma palavra a furia amança,
Que nelle a mão do Creador presente,
E de graças n'hum pélago profundo
Os homens salva, e regenera o Mundo.

17.

Para todos he luz, verdade, e vida,
Mil verdades do Ceo revela, ensina,
Todos á lei celestial convida,
Abrindo escola de immortal doutrina:
Em voz nunca dos seculos ouvida,
Os mysterios expõe com luz Divina,
A sapiencia em ondas se derrama,
Accende em todos da virtude a chamma.

18.

Em milagres Moysés tão longe excede,
Quanto excede a hum mortal a Divindade,
De seus prodigios a grandeza mede
Por infinita eterna Potestade:
Hum Divino fulgor de si despede,
Se ergue a seu rosto o véo da humanidade;
Quando entre sombras lúgubres, e frias,
No Thabor descobrio, que era o Messias.

19.

A seu aceno a Morte obediente
Seus vassallos, e victimas entrega;
Da horrenda tempestade a furia ingente,
Se a voz lhe escuta, subito socega:
Se o quebrantado misero doente
Ao negro umbral da sepultura chega,
De suas vestes o contacto basta,
A enfermidade subito se afasta.

20.

Mostra-se eterno Auctor, por quem formada
Foi c'hum aceno a machina do Mundo,
Com sua voz omnipotente o Nada
De tudo se tornou berço fecundo:
Com sua voz na cupula azulada
Ficou fixo, esplendente o Sol jocundo:
E traz co'o moto da Celeste Esfera
O Estio, o Outono, o Inverno, a Primavera.

21.

Em suas mãos o provido sustento,
Se elle quer, se transforma, augmenta, e cresce,
Qual no deserto o fez, d'outro alimento
As circumstantes turbas abastece:
Da morte á estancia, triste monumento,
Como Senhor Omnipotente desce;
E, mal o assôpro avivador derrama,
Dos sepulchros á vida as cinzas chama.

22.

Se os tristes ais, se o pranto enternecido
Da inconsolavel viuvez escuta,
De tão ferventes lagrimas movido;
Oh! Que prodigio insolito executa!
« Eia suspende o lúgubre gemido »
Exclama á triste mãi, que a dôr enlucta,
Co' o poder, com que ao barro a vital aura
Déra, os vitaes espiritos restaura.

23.

O pavoroso imperio do peccado,
Que ferreo jugo impunha á humana gente,
De todo foi no Mundo anniquilado,
Aos golpes de seu braço omnipotente:
Fica de todo Satanaz ligado
Em cepos, e grilhoens de fogo ardente,
Da crua morte a força se quebranta,
Da graça, e vida o throno se levanta.

24.

Da mente humana as sombras afugenta,
Rompe com luz reconditos arcanos,
Com sapiencia próvida alimenta,
Dados ao erro, os miseros humanos:
O fado extremo de Israel lamenta,
De perto vendo aproximar-se os annos,
Qu' eterna assolação, total ruina,
Devem trazer á escrava Palestina.

25.

Profetisando rasga os véos escuros
Do tempo, que he porvir, e á cinza fria,
Reduzidos promette os altos muros,
Defeza, e gloria da Cidade impia;
Serão dispersos os Hebreos perjuros,
Lhes diz, não tarda o pavoroso dia,
Em que desfira do orgulhoso Tibre
Aguia, que traga a morte, e os raios vibre.

26.

Da Latina potencia ao miserando
Jugo os tristes Hebreos vão submettidos;
Qual vai de escravos vís mesquinho bando,
Entre as Naçoens idolatras vendidos:
A captiveiro horrifico, e nefando,
Entre os povos da terra reduzidos;
Por permissão de hum Deos alta, e Divina,
Nunca entrarão na escrava Palestina.

27.

Digno objecto de assombro! Inda proscripta
A existente Nação se vê na Terra;
Vai coberta de opprobrio, inda infinita
Ira d'hum Deos, que he vingador, a aterra:
Dos povos todos, onde está, maldita,
Tem no despreso universal a guerra;
Do Sacerdocio despojada, e Templo,
He d'eterna vingança eterno exemplo.

28.

Assim se mostra aos homens o Messias,
De soberana luz acompanhado;
Assim cumprindo antigas Profecias,
Reproduz da innocencia antigo estado:
Mas vem raiando os promettidos dias,
Em que devem ter fim morte, e peccado;
Em que o tremendo augusto sacrificio,
Torne aos homens, ao Mundo, hum Deos propicio.

29.

De Deos o Filho Soberano, e forte
Os fechados umbraes da eternidade
Abre com mão potente, e abraça a morte,
Torna de escrava livre a humanidade:
Dos homens se mudou contraria sorte;
Foge da terra antiga iniquidade,
Com sangue Divinal se lava o crime,
O homem da ferrea escravidão s'exime.

30.

Qual vem da mão Sacerdotal trazido
Cordeiro ao sacro altar, manso, innocente,
Tal á morte affrontosa he conduzido
Mudo o Filho de Deos, e obediente:
Vai d'hum duro patibulo opprimido;
Leva d'espinhos coroada a frente,
Como se fosse réo rebelde, e infame,
Mandão, que o sangue justo alli derrame.

31.

Sobre o alto do Golgota encravado,
Na Sacrosancta Cruz se mostra ao Mundo;
Eis que no Ceo se observa desdobrado,
D'hum repentino eclypse o véo profundo:
Talvez fugisse o Sol, como espantado,
O mar sem vento brame furibundo;
Os rochedos durissimos estalão;
Da Terra os pólos tremulos se abalão.

32.

De magoa dèo signaes a Natureza,
Quando entre sombras lúgubres expira
Aquelle, que de pompa, e de belleza
Do Mundo o quadro universal vestira:
A Terra toda he lucto, o Ceo tristeza,
Conduz hum Anjo a morte, e diz que fira;
Chegou prompta, e ferio, e o sangue corre,
Ao peito inclina a frente, exclama, e morre.

33.

Do ai! supremo aos éccos o potente
Ferreo Imperio cahio do escuro Inferno;
Da colera divina o raio ardente,
Vibrado contra o Mundo apaga o Eterno:
Libertada se alegra a humana gente,
Fechão-se os alçapoens do horrendo Averno;
Dos afflictos mortaes se muda a sorte,
Ficando aberto o Ceo, vencida a morte.

34.

Apenas do sepulchro ao seio escuro
Descêra o Redemptor, range, e se abala,
O terreo Glóbo solido, e seguro,
Quasi que o eixo equilibrado estala:
Qual se sente tremer, se o fumo impuro
Cinzas, e chammas o Vesuvio exhala,
Tres dias descançou, depois reassume,
Já não mortal, seu corpo o Eterno Nume.

35.

Sahe da sombra do túmulo triunfante,
Dos Divinos troféos acompanhado;
Cerca-o dos Anjos o esquadrão brilhante,
E fecha a porta o Tartaro abrasado:
Rojando vão nos laços de diamante,
Captivos a seus pés Morte, e Peccado;
De torrentes de graça a Terra inunda,
E nella hum culto sempiterno funda.

36.

Das trevas sepulchraes resplende a Gloria
D'hum Deos Libertador, que enfrea a Morte;
D'hum Deos, que do Peccado obtem victoria,
E muda dos mortaes a infausta sorte:
Do crime extingue a lúgubre memoria,
Faz da Divina essencia o homem consorte,
Conduz os justos por celeste estrada
De eternos bens á esplendida morada.

37.

A hum monte sobe, as nuvens resplendecem
Condensadas em throno portentoso;
De Arcanjos mil milhoens do Empyreo descem,
Do Rei da Gloria exercito formoso:
Bem como Sóes aos olhos esclarecem,
He mais que hum Sol seu rosto luminoso;
E as estrellas deixando em luz absortas,
Dos Ceos Monarcha lhes franquèa as portas.

38.

Erguendo o braço os homens abençôa,
Já sobre o throno fulgurante alçado,
A paz á Terra deixa, aos Astros vôa,
E á direita do Pai ficou sentado:
Seu nome emtanto pelos Povos sôa,
He desde as margens do Jordão levado
Aos terminos do Glóbo, e mares, donde
O Sol nos apparece, o Sol se esconde.

39.

Fez da conquista sua emprego a Terra,
Não conduzindo exercitos potentes,
Qu' auctor não pode ser da infausta guerra,
Quem dos Ceos annuncia a paz ás gentes:
A lei se intima, que no seio encerra
Moral celeste, ignota aos sapientes,
De cujas linguas, e facundas penas,
Inda era então theatro a antiga Athenas.

40.

Não erão grandes, nem guerreiros erão,
Os que a Lei vão prégar dos Ceos mandada;
São pequenos, incognitos, enchêrão
De luz a Terra atonita, assombrada:
Grandes Sabios do Mundo emmudecêrão,
Do honesto, e justo se descobre a estrada,
E a Cruz ludibrio dos mortaes outr'ora,
Dos Reis na frente triunfal se arvora.

41.

Debalde hum monstro Déspota de Roma
Apparece de ferro, e sangue armado,
Quando o clarão de luz no Tibre assoma,
Por homens Anjos para alli levado:
Furor, que o Glóbo tyrannisa, e doma,
Por mais que esforço humano he supplantado;
E os Martyres, que em sangue a terra alagão,
Da morte nascem, della se propagão.

42.

Roma de extinctos Martyres se alastra,
Tenra donzella candida, e mimosa
Ao medonho patibulo se arrastra,
Não perde o viço no seu rosto a rosa:
De louros immortaes a frente enastra,
Não lhe poem medo a morte pavorosa;
Nem gemidos, nem ais lhe exhala a bôca,
E a vida pelos Ceos contente troca.

43.

Cansão por fim crueis perseguidores,
Cahio desfeita em cinza a Idolatria,
A Fé tem culto, e Deos adoradores,
Quaes lh'os não déra a vã Filosofia:
E do Evangelho os immortaes fulgores
N' Occaso observa, o n'Oriente o dia,
Nem tem Roma no Imperio hum Povo inculto,
Que viva ao lume da verdade occulto.

44.

E neste espaço do Romano Imperio
Fulgurou do Evangelho a tocha ardente,
Rompe a sombra do Arctico Hemisferio,
Té onde he povoado o Pólo algente:
Ao mais profundo, incognito mysterio,
Faz de si mesma sacrificio a mente;
E o fragil coração, que o crime afaga,
Das soberbas paixoens o orgulho esmaga.

45.

Desde as praias da Syria ás procellosas
Ondas do immenso Atlantico Oceano,
Onde eleva as bandeiras gloriosas
O triunfal Monarcha Lusitano:
Do Christianismo as hostes portentosas,
Sem armas chegão, sem poder humano;
Conquistas, que dos Reis são nobre herança,
E Deos sobre seu throno as vistas lança.

46.

A Providencia fez nobre instrumento,
Com qu' estenda no Mundo a Lei sagrada;
Dêo-lhe seguro, eterno fundamento,
Abrio-lhe da grandeza, e gloria a estrada:
Teve no berço seu grande incremento,
Pôz-lhe nas mãos victoriosa espada,
No impuro sangue de Ismael se tinge,
Vence, e na frente o Diadema cinge.

47.

Desce o Senhor do Ceo, e se amostrava
A Affonso Rei primeiro, elle o conforta,
Com Divina presença lhe deixava
A mente em luz celestial absorta:
Então fortalecido aos seus bradava,
Para o triunfo hum Deos nos abre a porta;
He elle o nosso escudo, a nossa gloria;
Tem já sido, e será nossa a victoria!

48.

Não vos assuste multidão tamanha
De insano orgulho, de furor armada;
Cubra potente exercito a campanha,
Mais do que a vista alcança dilatada:
Não he tal gente para nós estranha,
Mostre-se embora barbara, indomada,
Se he numerosa, e forte a turba impia,
Com menos braços Gedeão vencia.

49.

Deos, que cercou de immarcesciveis louros
Do Rei primeiro a soberana frente,
Sobre as ruinas dos vencidos Mouros,
Lhe quiz firmar o throno armi-potente:
O que em armas crescêo, cresce em thesouros,
Entre as Naçoens da Europa independente,
Só quer que seu brazão, seu timbre seja
Mais dilatar os terminos da Igreja.

50.

Quando o primeiro Affonso em paz descança,
Sancho seu filho, successor glorioso,
Do pai triunfador recebe a herança,
Sempre, qual elle foi, victorioso:
Cinge a fulminea espada, enrista a lança,
No campo, que humedece o Tejo undoso;
As Agarenas hostes desbarata,
E quanto estende o Reino, a Fé dilata.

51.

Outro Affonso da gloria a estrada piza,
Nas conquistas da Fé seu braço emprega;
Exalça o throno, o nome immortaliza,
E todo ás guerras do Senhor s'entrega:
Da grandeza mortal toca a baliza,
Por louros, e troféos á morte chega;
Sancho seu filho em piedade brilha,
A mesma estrada gloriosa trilha.

52.

Ludibrio foi da caprichosa Sorte,
Qu' ora ao cume da gloria os Reis levanta;
Ora no pó da desventura, e morte,
Com braço soberbissimo os supplanta:
Sancho na guerra, e desventura forte
A Terra toda co' a virtude espanta;
Grande no Solio, grande na desgraça,
Sagrada imagem da virtude abraça.

53.

Terceiro Affonso, valoroso, ardente
No seio, qual Vesuvio, o fogo encerra;
Desembainha a lamina fulgente,
De todo as Hostes de Ismael desterra:
Nos Templos do Senhor omnipotente,
Deposita o troféo ganhado em guerra,
No regaço da paz seus dias fecha
A fortuna a Diniz, e Imperio deixa.

54.

He este o Pai da Patria, este levanta
Pelos confins do Imperio hum monumento
A' lei, que Deos nos dèo Divina, e Sancta,
Qu' he dos thronos estavel fundamento:
Ajuntou-lhe o Senhor riqueza quanta
Já déra a Salomão; novo portento!
Mais se dilata a gloria do Evangelho,
Deste bom Rei co' as armas, e conselho.

55.

Do Reino o quarto Affonso as rédeas toma,
Foi na guerra feroz, bravo, e temido;
Immensas forças Agarenas doma,
Deixando hum rio em sangue convertido:
Mais generoso que os Heróes de Roma,
Dos despojos do Exercito vencido;
Não quiz mais, que os Pendoens, co' a dextra pura,
No Templo da Victoria elle os pendura.

56.

Segue a mesma vereda o forte, o justo
Pedro, de esforço, e de justiça armado,
Com braço imparcial firme, e robusto
Decepa o cóllo ao vicio rebellado:
E se de Amor se curva ao jugo injusto,
Em triunfo conduz virtude ao lado;
A' lei dos Ceos a Magestade humilha,
A Fé se dilatou, e a Igreja brilha.

57.

Ao Solio que deixou sobio Fernando,
Se he menos forte, menos valoroso,
Toma dos Lusos o supremo mando,
Entre os Reis do Universo o mais famoso:
João, qual raio a nuvem espedaçando,
Pelas ondas voou do pégo undoso;
Conduz em forte Armada a força Lusa,
E d'armas cobre os campos d'Ampelusa.

58.

Nas muralhas de Ceuta a Cruz arvora,
Do braço Portuguez sublime empreza!
Na Libia a Cruz se exalta, a Cruz se adora,
Nada mais busca a gloria Portugueza:
De hum Deos eterno a mão reguladora
Guia seus passos, dá-lhe a fortaleza,
Se a seu potente Sceptro ajunta Imperios,
Quer que lhes leve a crença dos mysterios.

59.

Estreitos os confins do antigo Mundo,
Julgou da minha Patria o zelo ardente,
E a clausura romper do mar profundo,
Primeiro intenta com denodo ingente:
E contrastando o vento furibundo,
Devassar manda o pélago fervente;
Seu terreno natal perde de vista,
Manda-lhe o Ceo, que no trabalho insista.

60.

As praias explorou d'Africa adusta,
Do mar d'Atlante tumido banhadas;
Eleva a Lei, que ouviste eterna, e justa,
D'ardente Zona ás gentes abrazadas:
Não se serve da força, ou mão robusta,
Para as deixar de ferro ao jugo atadas,
Detesta os laços da servil cadêa,
Só quer que a voz do Ceo s'escute, e crêa.

61.

Duarte isto buscou, e o quiz seu filho,
O magnanimo Affonso, o bellicoso,
Que proseguindo dos Heróes no trilho,
De Arzilla o muro entrou victorioso:
Com mais vivo clarão, mais alto brilho,
Entre todos os Principes famoso;
O segundo João se exalta, e cobre,
Quanto mais terras n'Africa descobre.

62.

Espalma, esquipa os Lenhos nadadores,
Com mór poder d'ousados navegantes;
Debaixo do Equador soffrendo ardores,
Ignotas ondas cortão resonantes:
Da Fé derramão vivos resplendores,
Tanto da Europa armigera distantes,
Qu' áquem do Cabo austral padroens levantão,
Em frente d'Asia os estandartes plantão.

63.

Não poderão mais longe os empolados
Rôlos do mar vencer, volvendo a prôa,
A' foz do Tejo tornão fatigados,
Deixando inda não vista a terra Eôa:
Mas o Rei que nos manda, os começados
Triunfos no Oceano aperfeiçôa,
Quer do Immortal o incognito conselho,
S'escute n'Asia a tuba do Evangelho.

64.

Oppunha o mar debalde a furia insana,
De ousado se taxava o illustre feito;
O que se antolha excesso á força humana,
Mais estimula o Lusitano peito:
Quanto espaço ha do Tejo á Taprobana,
Ao Portuguez se mostra hum campo estreito,
Sabe que hum Deos o manda, hum Deos o acolhe,
E nunca as azas, que desprega, encolhe.

65.

Em vão quizera, ó Principe famoso,
Expôr-te os trances, que passado tenho,
Quadro medonho, horrifico, espantoso,
Cuja pintura excede humano engenho:
Do mal se oppôz o Genio revoltoso,
Quasi dos mares soçobrado venho;
Mas quem olha ao laurel, que Deos promette,
Co'a mesma morte impavido arremette.

66.

A's convulsas Naçoens na sombra escura,
Que aguardavão de balde a luz do dia,
Esta, vinda dos Ceos brilhante, e pura,
Do Luso povo pelas mãos se envia:
Perto estive de eterna sepultura,
Do Oceano rompendo a incerta via,
E dando volta ao pélago profundo,
Ao Tejo em fim surgi n'opposto Mundo.

67.

Deve cumprir-se o Oraculo Sagrado,
Que no Volume Divinal s'encerra,
Da Fé se escutará sonoro brado,
Donde o Jordão fluctua aos fins da Terra:
Chega o momento ha seculos marcado,
Fulgura o dia, a sombra se desterra,
N'hum Polo, e n'outro Antarctico, e Calisto,
A lei s'escute, e se conheça Christo.

68.

Ao teu remoto povo, ao mais distante,
Alem do qual nenhum se reconheça,
Quer do Universo o Eterno Dominante,
Qu'a luz do Christianismo resplendeça:
Quer que ao Glóbo, em delictos naufragante,
De paz serena hum dia lhe amanheça;
Qu'os Reis imperem ao clarão do lume,
Qu'ao Mundo trouxe em seu Natal o Nume.

69.

Com profundo respeito escuta ao Gama
Quanto lhe diz d'hum Deos Omnipotente,
Absorto o Samorim: celeste chamma,
Como calar-lhe n'alma observa, e sente:
Entre nós, lhe tornou, não dubia fama
Nos publica os troféos da Lusa gente;
Admiro a sancta Lei, quero a alliança,
Tu da fadiga hum pouco aqui descança.

70.

Do throno se levanta: aureo aposento
No magestoso Alcaçar se adornára,
Digno do Heróe, que o tumido elemento,
Da foz do Tejo ao Malabar cortára:
Com Regia pompa, e Regio acatamento
Aqui foi repousar; e em nada avára
De ricos dons, gentilica grandeza,
Acolhe, e serve a gente Portugueza.

71.

E vai tambem no leito magestoso
(Do que escutára o Rei como assombrado)
No regaço do somno achar repouso,
Em tantas maravilhas enleado:
Ia no carro d'ebano orvalhoso
A Lua já descendo ao mar salgado;
O ar escuro, e rarefeito deixa,
O Rei socega hum tanto, e os olhos fecha.

72.

Eis que dos Ceos o sempiterno arcano,
Entre huma viva luz se lhe amostrava,
Vê do extremo Occidente o vasto Oceano,
Qu' a Lysia d' ondas, e troféos cercava:
Vê das margens erguer-se hum mais que humano,
Feminil vulto, que a cabeça alçava,
Com grave gesto ao luminoso assento,
Fixando os pés no liquido elemento.

73.

Sobre huma nuvem para o Sol nascente
(Nuvem da côr do Ceo, se aponta o dia)
Vôa, rompendo o ar co' a rosea frente,
Fugindo ant' ella vai nevoa sombria:
Quanto mais se aproxima, he mais ardente
A luz celeste, que do rosto envia,
E quando a vê pousar na Indiana terra,
Vê que de todo a noite se desterra.

74.

Descobre a paz no fulgido semblante,
Nos olhos, e na voz só vê doçura;
Se força armada se lhe poem diante,
A vê mudar de aspecto, e de figura:
C' huma pancada só do pé triunfante,
Faz abalar de susto a terra dura;
O Inferno se alvorota, ardendo em ira,
Em damno seu debalde se conspira.

75.

Bem como o Glóbo vacillando estala,
Da concentrada força sacudido,
De hum Polo a outro tremulo se abala,
Com suturno trovão reproduzido:
Ou como quando o vortice se exhala,
Do fumo, e fogo nos Volcoens detido;
Qu' ao medonho estridor, que a Terra estruge,
O mar se empóla, e foge, e torna, e ruge;

76.

Assim se antolha ao Rei, que o Gate inclina
O dorso alpestre: atonito, assombrado;
Precipitar-se em queda repentina
Observa os Templos do Indostão mudado:
Via altares em cinzas, e em ruina,
E o culto via aos Idolos negado;
Quando a Matrona de seu rosto puro,
Co' a luz aclara a Terra, e abysmo escuro.

77.

Vio cahir dos Pagodes as fachadas;
Os Perystilos orgulhosos jazem;
As eminentes cupulas douradas,
Quaes as nuvens nos ares, se desfazem:
Monstruosas imagens transformadas
Em pó, como ludibrio, os ventos trazem;
De espectros negro bando em tôrno gira,
E de infernal indignação suspira.

78.

Entre medonhas nuvens luctuosas
Envolto observa Satanaz, que freme;
Do rosto espalha sombras horrorosas,
De cega raiva, e susto horrendo treme:
Dos olhos vibra chammas, e amargosas
(Se o pranto he delle) lagrimas espreme,
Quando a Matrona com poder superno
Mandava abrir os alçapoens do Inferno.

79.

Subito o seio se divide á Terra,
Vorage' immensa então se patentêa,
Nenhuma luz as sombras lhe desterra,
Da escuridão da morte a estancia he chèa:
He vasto Imperio da cruenta guerra;
Onde o Peccado estragos alardêa;
Todo o infinito carcere referve
D'eterno fogo, que aos tormentos serve.

80.

E quantos restos no Indostão jazião
Dos sacrilegos Templos arrazados,
Que as labaredas rubidas lambião,
Forão do Inferno subito tragados:
Fechão-se as portas, com fragor rugião
Ferreos gonzos, com impeto abalados;
Com pranto ao golpe os reprobos respondem,
E pelas sombras eternaes s'escondem.

81.

Como em carroça triunfal levada,
Vio depois que a Matrona ao Ganges ia;
Que a Terra deixa em nectares banhada,
Té donde aponta, e donde nasce o dia:
Vio que a gente, que á sombra está sentada,
Da escura morte alegre resurgia;
Qu' a vida a todos, e que a paz se dava,
Se a lei, vinda dos Ceos, se annunciava.

82.

Vio, té raiar na recatada China,
Huma angelica luz resplendecente;
Vio que o Japão remoto o cóllo inclina,
E abraça a Lei d'hum Deos omnipotente:
Vio qu' ás Ilhas do mar missão Divina
Era levada pela Lusa gente;
Que da verdade espalha almos fulgores,
E o chão tapiza de celestes flores.

83.

Qu' o vicio se proscreve immundo, e feio,
Qu' era adorada a imagem da virtude;
E se lhe encosta no materno seio
Gente escrava até alli, barbara, e rude:
Qu' a sancta Lei, que d'Occidente veio,
Suavemente seus costumes mude;
Sem derramar o sangue em dura guerra,
Vio que se apura, e se renova a Terra.

84.

Fulgente Cruz nos ares se lhe mostra,
A cuja vista o Bárathro s'espanta;
Vê que a Nação mais barbara se prostra,
Se entre incenso Sabeo s'ergue, e levanta:
Qu' os tormentos crueis, que a morte arrostra,
E dos Tyrannos o furor quebranta;
Quem na frente a recebe, e quem do abysmo
Por ella surge no immortal baptismo.

85.

A Matrona em fim vio mãi carinhosa,
Que os Povos d'Asia ternamente abraça;
Em fraterna união sancta, e ditosa,
Os homens todos como irmãos enlaça:
Mandando soccorrer com mão piedosa
Aos que gemem na fome, e na desgraça;
Fazendo-os crer, que a vida he crua guerra,
Que só he Patria o Ceo, desterro a Terra.

86.

Vio finalmente que os Christãos vencião
Indomitas paixoens tumultuosas,
Qu' os Monarchas humildes submettião
A' santa Lei corôas poderosas:
Qu' os mesmos rios para traz volvião
A' sua voz: das sombras luctuosas
Qu' os cadaveres sahem, que a luz respirão,
Que dos horrores sepulchraes se tirão.

87.

Prodigios taes extatico, assustado
O Rei passar por entre as sombras via;
Mas eis maior portento: o Ceo tocado
De huma luz ardentissima se abria:
E repentinamente o Sol dourado
Do roseo berço matinal s'erguia;
Os aureos astros no esplendor encerra,
D'estranhas luzes enche o Espaço, a Terra.

88.

Do mais alto do ethereo Firmamento,
Abobada azulada, augusta, immensa,
Lhe parece baixar Divino accento,
Qu' a alma lhe deixa de prazer suspensa:
Da Terra lhe levanta o pensamento
Nova contemplação, profunda, intensa;
Sente-se entrar em extase, em transporte,
Pelos umbraes da Sempiterna Côrte.

89.

Vê (que estranho espectaculo!) os sagrados
Exercitos d'hum Deos Omnipotente;
Escuta os Hymnos bemaventurados,
Qu' entôa o Côro aligero, esplendente!
Vê d'ouro fino os thronos levantados
Em tanta copia pela Côrte ingente;
Que de estrellas a noite he menos chêa,
Menos são do Oceano os grãos d'arêa.

90.

Nelles os justos vio, sidereo manto
Dos hombros lhes cahia, e tem segura
Nas mãos Harpa Divina acorde ao canto,
Qual nunca ouvíra humana creatura:
Ignota lhes he a dôr, ignoto o pranto,
Dia perpetuo tem sem noite escura;
Para o solio immortal todos se inclinão,
De hum Deos são servos, sobre os Reis dominão.

91.

Passando as portas do Celeste assento,
Em carro triunfal auri-radiante,
A Matrona observou, que acatamento
Dos côros eternaes recebe ovante:
Como troféo de illustre vencimento
Lhe foi posto na mão pendão triunfante;
De estrellas se corôa, o Inferno insulta,
Entre esplendores immortaes se occulta.

92.

Tal a mão do Immortal mostrava outr'ora
(Rompendo o arcano Divinal, profundo)
D'hum Vate á vista a Fé dominadora,
Que enche de luz celestial o Mundo:
Da verdade o pendão triunfante arvora
Sobre as ruinas do peccado immundo;
Quando dos Ceos Jerusalem descia,
E aos Ceos os muros de alabastro erguia.

93.

Qual o Vate ficou, fica o Monarcha,
Sem que o véo rasgue atonito, enleado;
Nem vê co' os olhos, nem co' a mente abarca,
Qual deva ser do Imperio, e d'Asia o fado:
Mas tudo lhe assignala, e tudo marca
O antigo culto Idolatra mudado,
Outros templos descobre, outros altares,
E a Cruz humilde levantada aos ares.

94.

Descobre pelo mar nadantes faias,
Que contrastando os ventos procellosos,
Vem demandar as dilatadas praias
De seu Imperio com Varões famosos:
Estes buscando d'Asia ultimas raias,
Onde primeiro os fogos luminosos
Derrama o Sol, e com poder superno,
Os Ceos abrindo, ferrolhando o Inferno.

95.

Foge emtanto a visão: do Ganges fora
(Sendo já posta a prateada Lua)
O raio assoma da punicea Aurora,
A noite ao termo occidental recua:
Abre os olhos: a scena encantadora
Se lhe produz na mente, e perpetua;
E da Matrona o angelico semblante,
E o novo Imperio se lhe poem diante.

Fim do Canto X.

O ORIENTE.

CANTO XI.

1.

Na mente emtanto turbulenta, e cega
Volve o monstro Infernal passados damnos;
E na idea fatal já mais socega,
De se vingar dos miseros humanos:
Hum novo ardil medita, e prompto o emprega,
Qu' estorve a empreza aos fortes Lusitanos;
Co' a vista desde o throno o Inferno gira,
Qu' o fogo atêa da implacavel ira.

2.

Do fundo abysmo chama a macilenta
Inveja atroz, que morde, e dilacera
O proprio seio, em males se sustenta,
Nem no sepulchro os impetos modera:
Da mesma escuridão chama a cruenta
Venenosa Calumnia, horrenda, e fera;
Cortão as regioens do pranto eterno,
De mais horror enchendo o escuro Inferno.

3.

Vós (lhes bradou das sombras o Tyranno)
Me seguistes fieis com braço armado,
Naquella empreza, e feito soberano,
Ao qual nos altos Ceos se oppoz meu Fado:
Não me contrasta hum Anjo! Hum fraco humano
Contra mim se rebella, e mostra ousado:
A guerra me declara; a Cruz se arvora
No que era Imperio meu, berço da Aurora.

4.

Antolhão-se-me em cinza as refulgentes
A mim, e a vós estatuas consagradas;
E nas mãos de inimigos insolentes,
Vejo-as lançar ás chammas abrasadas:
Apressai-vos, livrai-me incautas gentes
Das vís cadêas, que lhes são forjadas;
Vós sois meu braço, e força, em vós espero,
Ide o golpe frustrar medonho, e fero.

5.

Disse; as Furias crueis se equilibravão
No ar; que assombra o Bárathro profundo;
Negras serpes a fronte lhes toucavão
Parte menor de seu cabello immundo:
D' immundas bôcas mortes exhalavão,
Seu halito corrupto enlucta o Mundo;
Do Sol, que as vio sahir do Abysmo escuro,
O clarão se affroxou brilhante, e puro.

6.

Negro parece pelos turvos ares
Da clara Lua o rosto prateado,
Se a prumo já dos Indianos lares
Roção do Gate o cume levantado:
Ouvem-se em tôrno rebramindo os mares,
Qual do trovão continuo, o horrendo brado:
A Terra as sente, espavorida geme,
Como do centro sacodida treme.

7.

Do Malabar a Côrte ao longe vírão,
Dos diafanos ares eminentes;
Como no Inferno se surri, surrírão,
Libradas vão nas azas pestilentes:
Da espessa grenha da cabeça tirão
Co' as mãos cruentas lividas serpentes,
Qu' arremeçadas na mesquinha terra,
Soprando promptas vão discordia, e guerra.

8.

Os fortes Lusos a Calumnia espia,
Venenosos farpoens prompta arremeça,
De vís enganos a caterva impia
Na rude plebe de lavrar começa:
Sagaz se occulta do clarão do dia,
E lhe apraz envolver-se em sombra espessa;
Veste com as roupas da verdade o engano,
Mostra inimigo o forte Lusitano.

9.

De ambiguas córes mascarando a frente,
De aspecto muda, e muda de figura;
Com mais afinco d'Agarena gente
Envenenar o coração procura:
Lembra-lhe o damno antigo, e cautamente
O rancor, nunca extincto, accende, e apura;
E abafada dos seculos a chamma
Rompe mais viva, e prompta se derrama.

10.

Vêde, n'alma lhe diz, os inimigos,
Que vossos pais, e estirpe despojárão
Dos lares seus pacificos, e antigos,
E alem do mar na Libia os acoçárão;
Não vos lembrais das mortes, dos castigos,
Qu'á Ceuta, Arzilla, e Tangere levárão?
São os mesmos indomitos, e bravos,
Qu'aos Povos vem lançar grilhoens de escravos.

11.

Tem de Numidia os campos assolado,
Alardeando estragos, e ruinas;
Não couberão na terra, o mar salgado
Cede, e se humilha ás triunfantes Quinas:
Os Tigres açaimai com braço armado;
Rompei, despedaçai prisoens indignas;
Frenetica ambição, torpe avareza
Tem por bases somente a louca empreza.

12.

A ruina do Luso assim medita
O Mouro sempre infesto, e cavilloso,
A varia plebe, e discordante excita
Contra o feito immortal, sublime, honroso:
A negra Inveja os coraçoens irrita
Do torpe Jogue, e Naire cauteloso,
Que dos illustres Campeoens murmurão,
E deshumanos, em seu mal conjurão.

13.

Clamão dest'arte ao Rei; como consentes
Do abençoado Pirimal na terra
Estas de ferro, e fogo armadas gentes,
Que tem no proprio rosto expressa a guerra?
Não de alliança idéas innocentes,
De tantas armas o apparato encerra;
Ah! Não se affrontão desta sorte os mares,
Por vêr somente o Rei dos Malabares.

14.

Assim de Ceuta os muros levantados,
Assim de Arzilla as torres escalárão,
Do mar transpondo os terminos vedados,
Assim grilhoens ao Senegal lançárão;
Da infausta fome d'ouro esporeados,
Do Zaire immenso pela foz entrárão,
E por fartar de gloria o vão desejo,
Querem dar n'Oriente as leis do Tejo.

15.

Dest' arte a negra Furia derramando,
Seus venenos mortiferos inspira
Ao mal experto Rei, voluvel, brando,
Sustos, receios, sobresaltos, ira:
Mas d'outro lado o feito memorando
Da grão viagem perigosa admira;
Turva-se o peito, o espirito s'enlêa,
De pensamento em pensamento ondêa.

16.

Os Agarenos perfidos, traidores
Com vil ciume os barbaros excitão,
Cresce o receio, dobrão-se os clamores,
Que os innocentes animos irritão:
O Fanatismo atroz vomita horrores,
Guerra, exterminio os Bramenes meditão,
Em conselho infernal decidem logo,
Os Lusos acabar com ferro, e fogo.

17.

Da visão portentosa inda lembrado,
Ouvido o Rei não dava á voz impia;
Tanto conserva o animo elevado,
Que abominava torpe aleivosia:
A consultar oraculo sagrado
Dos Jogues todos o maior envia,
Quer dos Ceos escutar quem seja a gente,
Qu' abrio no mar caminho ao vast' Oriente.

18.

Junto a Panane havia hum denso, e escuro
Antigo bosque d'arvores copadas;
Intactas forão sempre ao ferro duro,
Do tempo velocissimo acatadas:
Com gentilico rito, e culto impuro
Erão do Inferno ao Despota sagradas,
Nellas nem aves agoureiras pousão,
Nem revoar-lhes junto os Manes ousão.

19.

Os verdenegros teixos corpulentos
Cruzão daqui, dalli, troncos annosos;
Cedros, que ondeão co' o soprar dos ventos,
Alli dilatão ramos pavorosos:
Melancolicos timbres, e ornamentos
Do sepulchro os cyprestes luctuosos
Tanta tristeza dão na selva escura,
Qu' inda he menor o horror da sepultura.

20.

Neste medonho asilo hum levantado
Antigo Templo está, que aos Tutelares,
Genio do escuro abysmo, he consagrado,
Aqui tem culto, sacerdote, altares:
Aqui Satan mil vezes declarado
Tinha do Imperio as sortes, e os azares,
Quando ao Jogue, que á luz foge, e s'esconde,
O consultado oraculo responde.

21.

Escassa luz apenas descobria
A funda escuridão, a cuja entrada
O mais seguro coração tremia,
E ficava do rosto a côr mudada:
Nunca alli penetrou clarão do dia,
Nem foi de todo a sombra desterrada;
No subterraneo o Jogue entra, e s'occulta,
Quando do Inferno o Despota consulta.

22.

Depois que no conjuro o invoca, e chama,
O peito a humana victima traspassa;
Em tôrno o sangue fervido derrama,
Que recolhe primeiro em ferrea taça:
A' triste luz da moribunda flamma
Os dessangrados membros despedaça;
No altar os queima, (horrivel offerenda!)
Antes que a voz de Lucifer entenda.

23.

Já nos atrios fatidicos entrava
O macerado Jogue, a escura testa
D'hum sendal preciosissimo cercava:
Tinha a vista sinistra, a côr funesta:
Com descarnada mão, toda ensopava,
Na victima infeliz a espada infesta:
Os membros despedaça, o Inferno invoca,
O altar co'o sangue abominando toca.

24.

Do Caucaso na cima aeria, e fria,
Qual retumba o trovão rouco, e ruidoso,
Se o raio espedaçou nuvem sombria,
E vem rompendo o ar caliginoso:
Tal na medonha abobada se ouvia
Rabramar hum clamor surdo, horroroso;
Sente o Jogue o signal, cahindo em terra
A negra fronte inclina, e os olhos cerra.

25.

Então lhe manda o Samorim que ouvisse
A recondita voz do immobil Fado;
Que o subterraneo pavoroso abrisse,
Do povo aos olhos, e dos Reis vedado:
Que de novo no altar sangue espargisse,
Com que he do Inferno Lucifer chamado;
Que ouvir-lhe faça o oraculo recluso,
Que a sorte exponha do potente Luso.

26.

Então tres vezes por Satan bradava
O Sacerdote tremulo, e curvado;
Eis do Inferno o Tyranno se amostrava,
Do conjuro sacrilego obrigado:
Com voz medonha exclama: Oh! Gente escrava,
Oh! Rei mesquinho, oh! Reino malfadado,
Que me quereis, se a sorte iniqua, e cega,
Para acabar-vos n'hum momento chega!

27.

Incautos acolheis barbara gente,
Que jura a golpes de sanguinea espada,
Vêr curvada a cerviz do adusto Oriente,
E a ferreo jugo Portuguez atada?
Ao jugo soberbissimo, insolente,
Em que geme tod'Africa humilhada;
De Imperio universal tanto o desejo
Pode, pois vemos n'Asia armas do Tejo!

28.

Grilhoens, algemas, guerras sanguinosas,
Impias Náos profanando impervios mares,
Com sulfureas bombardas pavorosas,
Virão trazer a escravos Malabares:
E, vós, fugindo, em cinzas lastimosas
Vossos Templos vereis, vossos altares,
Dar-vos-hão novas leis, e Imperio novo
Com ferreo Sceptro governando o Povo.

29.

Quanto o soberbo mar correndo abrange,
No potente Indostão co'a lympha fria;
Quanto ha do Arabio seio á foz do Gange,
E desde o Gange aos thalamos do dia:
Desta gente a feroz, impia falange,
Temendo a sanha, e impavida ousadia
As Leis acceitará, depondo a Corôa,
Aos pés de huns monstros, Despotas em Gôa.

30.

Quantos, rasgando o tumido Oceano,
Apoz este hão de vir de ferro armados!...
Hum vem ao raio igual na força, e damno,
Cahir de Ormuz nos muros levantados!
Leão sanhudo, barbaro tyranno,
Qual nunca vírão seculos passados;
Apenas solta horrisono rugido,
Treme da Arabia, e Persia o throno erguido!

31.

Vem de Giddá correndo aos fortes muros
De Malaca, e pendoens alli levanta,
Fórça valentes Jáos, qu' em ferros duros
Venhão humildes a beijar-lhe a planta:
Nem no berço d'Aurora estão seguros
Opulentos Japões com força tanta,
Huma pancada do bastão somente
Os Thronos faz tremer do acceso Oriente.

32.

Debalde a Lua de Bysancio armada,
Coalhando os mares de Galés possantes,
Intenta repellir furia indomada
Das Lusitanas armas triunfantes:
Lá vai pizando da victoria a estrada,
Faz a Lua eclipsar, piza os turbantes,
E protesta mudar! (profano insulto!)
Ao Nilo o proprio leito, a Méca o culto.

33.

A morte o vence só, mas na fereza
Iguaes monstros já vem, e o senhorio
Da orgulhosa bandeira Portugueza,
Até se extende á torreada Dio:
Nunca domada Lusa fortaleza
Transpoem as metas do sagrado rio;
Nunca as armas da Europa o Ganges vírão,
Só de Lysia os leoens nellas rugírão.

34.

Oh! Desgraçadas infelizes gentes!
Se vossas leis amais, se a Patria antiga,
Opponde a força aos males imminentes,
Tudo em tão justa defensão vos liga!
Despedaçai tão barbaras correntes,
Que a Natureza a tanto vos obriga;
Destes Tigres crueis se livre o Mundo; . . .
Disse; e cahio no Bárathro profundo;

35.

A alampada se apaga, os levantados
Tectos da escura Estancia retumbando
Ficárão co' o trovão dos tristes brados,
Que derradeiros déra o monstro infando:
Logo de negros corvos infamados
Nos ares revoava immundo bando;
Repete-lhe o grasnido a selva escura,
Turva-se a luz do Sol brilhante, e pura.

36.

Confuso o Rei ficava, e esmorecido,
Co' a voz medonha do Tartareo Nume;
Crê já no peito timido embebido
Da invicta espada Lusitana o gume:
Cuida escutar horrisono estampido
Do canhão, que vomita a morte, e o lume;
Comsigo mesmo em porfiada luta,
N'alma observa a Matrona, e a voz lhe escuta.

37.

Attende ao Jogue, e quer que demorada
Fosse, com vãos pretextos, e apparentes
Da proposta alliança a forte Armada,
Projecta a perda dos Heróes valentes:
Prestes espera na monção chegada
D'arenosa Suez barbaras gentes;
Qu' em altos Galeoens, sulcando os mares,
Salvem d'affronta os Indianos lares.

38.

Mas a Celeste Guarda, que vigia,
E de continuo escuda os Lusitanos,
Dos Ceos baixando prompta lhe annuncia
O mal, que instava, os imminentes damnos:
Fiel Ismaelita observa, espia
Os intentados perfidos enganos;
Quanto Infernal Calumnia, e Inveja trama,
Declara ingenuo ao vigilante Gama.

39.

Não se perturba o Capitão valente,
Na fortaleza heroica sustentado,
Busca os Regios alcaçares somente,
Do natural valor acompanhado:
Severo ao Rei declara, que a tendente
Moção lhe aplana o pélago indomado;
Que lhe cumpre tornar-se á Lusa terra,
Jurando a paz, ou declarando a guerra.

40.

Resposta ambigua o Rei tornava ao Gama,
Com qu' indignado, e fero ás Náos voltava,
Prudentes Nautas a conselho chama,
A quem do que arreceia indicios dava:
Subitaneo furor se expande, e inflamma
Na Lusitana marinhagem brava,
Prompta os canhoens, e corajosa assesta,
As fortes Náos marêa em linha infesta.

41.

Mas o prudente Capitão modera
Justo furor dos Lusos indignados,
Só mais doce, e propicio o vento espera,
E turvos mares menos empolados:
Dos Brámenes a turba iniqua, e fera
Temia os Nautas de vingança armados,
Assustado antevia o mal vindouro,
Do ferro Portuguez cortado o Mouro.

42.

Existencia mortal, caro te custa
Á clara fama, o nome sublimado!
Opposta sempre tens fortuna injusta,
E sempre foi teu merito invejado!
Cinge-te, ó forte Gama, a fronte augusta
Louro, em fadigas sempre grangeado;
Subiste, he certo, ao templo da Memoria,
Mas fragosa encontraste a estrada á Gloria!

43.

Pende da antenna desfraldado o panno,
Que batido dos Zefyros ondêa;
Co' as ancoras a pique o Lusitano
Ia romper de novo a equorea vêa:
Nem mal seguros campos d'Oceano,
Nem dura guerra dos tufoens recêa;
Indo mostrar da Europa á gente absorta,
Pelo mar d'Oriente aberta a porta.

44.

Eis que enfunadas vélas apontavão
No horizonte da vitrea, incerta estrada;
E pelos livres ares ondeavão
Pendoens, que indicão poderosa Armada:
Já fluctuantes torreoens entravão
Na foz da extensa concava enseada;
Quando da terra em longas Almadias
Os Mouros vem cortando as ondas frias.

45.

Era o feroz Timoja, que assustava
(Potente Rei de Onor) o pégo undoso,
Bravo Leão das ondas se chamava,
Em conflictos navaes já tão famoso;
Desde o golfo Cambaico infestava
Quantas costas batia o mar furioso;
O Mouro nelle espera, e o Rei confia,
Qu' ao fim lhe leve a torpe aleivosia.

46.

Alterosos baixeis conduz, possantes
Em combate naval, e guarnecidos
De Arabios feros, Turcos arrogantes,
Dos Povos todos do Indostão temidos:
Quatro se vião Juncos fluctuantes,
Com grossos cabos, com arpeos unidos,
No aspecto horrendo, na grandeza sua
Parecem Torre, que no mar fluctua.

47.

Batidos troão barbaros tambores,
Rebomba o som nos mares dilatados;
Repercutem-se os vivos resplendores
Do claro Sol nos murrioens dourados:
Pelo bordo dos lenhos nadadores,
Muitos se mostrão barbaros armados;
O mar das quilhas retalhado geme,
E co' a grita confusa empóla, e treme.

48.

Prestes estava alvoroçada a gente
Por desfraldar o panno ao leve vento,
E os baixeis aproando n'Occidente,
Tornar-se em fim de tanto apartamento:
Novo transe fatal, perigo ingente
Lhe traz o monstro do infernal tormento,
Mas ao raio cruel, que o Mundo opprime,
Deos na carreira os impetos reprime.

49.

Ferventes olhos para os Ceos erguia,
Não perturbado o Gama, e assim bradava,
Soccorrei-nos, Senhor! e hum Deos o ouvia,
Dos Ceos o auxilio subito baixava:
Para o combate então se apercebia,
E já victoria os louros lhe enastrava;
Cinge-lhe a frente a vecejante rama,
Abre-se a estrada do renome, e fama.

50.

De rija malha, e de pavez armado,
Em ferreo capacete esconde a frente;
C'hum montante nas mãos duro, e pezado,
Bradava o Gama á Lusitana Gente:
Seguro está de gesto, e socegado,
A' vista do perigo o Heróe valente;
Daquelles torreoens nos chama a Gloria,
Nunca fugio dos Lusos a victoria.

51.

Se o valor immortal da estirpe Lusa
Não tivesse da Terra o Glóbo enchido;
Se não víra nos campos de Ampelusa
Hum monumento sempiterno erguido;
Com que tudo qu' exalta antiga Musa
Demonstra ser dos Lusos excedido;
Neste trance arriscado esmorecêra,
E a tanta força desigual cedêra.

52.

Com vosco franqueei passo tremendo,
Qu' invencivel se antolha a braço humano;
Peito a peito co' as ondas combatendo,
Puz eternos grilhoens ao vasto Oceano:
Vem contra nós agora a frente erguendo,
Não toda a Natureza, hum Mouro insano,
Ao nosso Imperio n'Asia, ao fado, á sorte,
Dai começo feliz, victoria, ou morte.

53.

Os mesmos inda sois, que generosos
Vos apartastes da nativa terra,
Que sem temer os mares tormentosos,
Co' os elementos sustentastes guerra:
Mésse de palmas, louros gloriosos
Naquelle armado torreão s'encerra;
N'Asia nos tema o barbaro Gentio,
Sinta do Tejo a força, e senhorio.

54.

Ponde ante vós o sacro juramento,
Dado nas mãos do Rei, junto aos altares,
Antes que as vélas desferisse ao vento,
Para sulcar com vosco ignotos mares:
Deos o quiz acceitar no ethereo assento,
Elle nos trouxe aos Indianos lares;
Quem nos promette Imperio em mar, e em terra,
Victoriosos nos fará na guerra.

55.

Quanto possa o valor sinto, e conheço
Em peito Portuguez, sei que a victoria
Soube sempre comprar de sangue a preço,
Mais que a vida lhe apraz, renome, e gloria:
Opponha-se a Fortuna, ou Fado avêsso,
Co' a vista fixa em posthuma memoria,
Sempre o perigo denodado affronta,
E por troféos aos astros se remonta.

56.

Os olhos sobre nós tem posto o Mundo,
Que taxou de atrevida a illustre empreza,
Se a furia se venceo do mar profundo,
Contraste-se hoje a Maura fortaleza:
Conheça n' Oriente o Mouro immundo,
Qual vio na Libia a gente Portugueza,
Combatei com denodo; eu vou seguro,
Qu' a peito Portuguez corage he muro.

57.

Acabou de fallar; e em tôrno sôa
Já de illustre triunfo o brado ingente:
Dos Ceos parece que a victoria vôa,
E traz a palma ao vencedor valente:
Aos Lusos vem trazer naval corôa,
Fausto presagio do vencid' Oriente,
Prestes range a carreta, e roda, e estala
Guerreira grita o mar, e a terra abala.

58.

Sereno estava o ar, e o Firmamento,
D'hum véo ceruleo, de aurea luz banhado,
Novo prodigio, subito portento
Do Luso augmenta o animo esforçado:
Sem nuvens vê cahir do ethereo assento
Orvalho como aljôfares formado;
Os fortes Nautas cobre, e as náos somente,
De luminosas pérolas a enchente.

59.

Não era, não, na doce madrugada
O que a fabula diz, pranto d'Aurora,
Que do abrasado Sirio, á flôr crestada,
O aveludado calice vigóra:
Desceo, desceo d'abobada azulada
Espargido da mão reguladora;
Que com signaes, á humana sapiencia
Visivel torna eterna Providencia.

60.

Manda o Gama investir co' a fluctuante
Torre, que o mar azul correndo talha
A Portugueza marinhage óvante,
Sedenta vôa á fervida batalha:
E com tranquillo, intrepido semblante
Já pelos postos marciaes s'espalha;
Ferreos canhoens igni-vomos borneão,
Rangem as náos, as ondas balanceão.

61.

Como ao sôpro dos ventos sibillantes
Se desfazem as nuvens, que juntára
Pelo bojo dos ares inconstantes
Turvo, negro vapôr, que aos Ceos se alçára:
Assim de Onor os Mouros arrogantes,
Mal Lusa frota undi-vaga dispára,
Em torpe fuga timidos s'espalhão,
Ou victimas da morte os mares coalhão.

62.

Sobranceiros á praia os Malabares
Olhão com susto o negro, ennovelado
Salitroso vapôr, que tolda o ares,
De hum medonho relampago rasgado:
Cuidão que infesto Nume abraze os mares,
Qu' estale, ou caia o Ceo despedaçado;
Que soltas dos grilhoens do fogo eterno
As Furias rompão do medonho Inferno.

63.

Entre sangue, entre corpos destroncados,
Feroz Timoja anima os que afrôxavão,
Que, do estranho fragor como assustados,
Sem tino o rosto para traz voltavão:
Como Leoens os Lusos indomados
Co' a fluctuante machina atracavão;
Cala-se o fogo dos canhoens, e a espada
Vai ser no sangue barbaro banhada.

64.

Apoz o Capitão corre Velloso,
Logo o forte Pacheco, e Cunha ousado;
Logo todo o esquadrão victorioso,
Affeito a vêr o Mouro em campo armado:
O sangue corre fervido, espumoso
Do cobarde Gentio, ou Naire irado;
Qu' ou se lança no pélago fervente,
Ou curva á espada vencedora a frente.

65.

Quantas, hum tempo, lides sanguinosas
O Mundo ind' ha de vêr nos mesmos mares,
Quando em náos mais possantes, e alterosas
Vier ultimo estrago aos Malabares!
Virão correr Armadas espantosas,
Desde as Torres d'Ormuz do China aos Lares;
Erguendo o nome Portuguez aos astros,
Os Albuquerques, Ataides, Castros.

66.

Assim vio Accio na passada idade
Em vasto mar a lide sanguinosa,
Onde do amante apoz sem magestade
Tudo perdeo Cleopatra formosa:
Quando do Imperio a inteira potestade
Concede a Augusto a sorte caprichosa;
Tal Asia observa o glorioso ensaio,
No Indico mar do Lusitano raio.

67.

O' Gente Portugueza honrada, e forte
(Se exterminar os homens tem valia!)
Tu, primeira no mar tentaste a sorte
Desse infernal acaso, a artilheria:
Não basta o ferro só, nas mãos da morte,
Como rival do raio inda devia
Teu braço apparecer, levando a guerra
Ao mar, como se fosse estreita a terra!

68.

Quaes costumão cahir das fluctuantes
Nuvens no Inverno glóbos congelados,
Taes das Lusas espadas coruscantes
Os golpes cahem nos Mouros aterrados:
Tem já no sangue envoltos os turbantes,
E dão, morrendo, lastimosos brados;
Ao lado a morte vai do invicto Gama,
Em tudo espanto universal derrama.

69.

Todo fogo, e vingança a vista estende
Onde a refrega he crua, e mais accesa;
Tal das nuvens o açor, que os ares fende,
Se precipita, demandando a preza:
Nem a vulgares Campioens attende,
Só Timoja procura, os mais despreza;
Como a Tancredo s' offerece Argante,
Assim Timoja se lhe pôz diante.

70.

Turquesco alfange esgrime, e denodado,
Affeito á guerra intrepido o vibrava,
Em nobre sangue Portuguez banhado,
Com militar exemplo os seus mandava:
De todo o cobre escudo sobraçado
Plumagem rica o elmo lhe assombrava;
Veste (não qual gentio inerte, e imbelle)
D'hum tigre mosqueado a hirsuta pelle.

71.

Qual Massilio Leão, que vem ferido
Do Mouro Caçador co' a lança dura,
Qu' a cauda bate, e grenha, enfurecido,
Entre milhares o aggressor procura;
Tal corre o Gama forte, e destemido,
De vis Arabios pela turba escura;
Pula-lhe o sangue, a raiva lhe recrece,
Quando o soberbo Campião conhece.

72.

Aprende, ó fero, a conhecer a espada
(Lhe diz, parando, o Capitão valente)
Vê como d'honra ao grito provocada
Até agora venceo n'Africa ardente:
Foi eleita do Ceo, do Ceo mandada,
Mudar o Fado ao lucido Oriente;
E, pois despreza a paz, e accende a guerra,
No mar a sinta, e sentirá na terra.

73.

Disse, e de ponta o fere, elle turbado
A esta, áquella parte, eis nuta ancioso,
Qual aos golpes do rigido machado
Ferido, antes que cáia, o Freixo annoso:
Tenta esgrimir a Cimitarra irado,
Porem da morte o manto luctuoso
O cobre; o sangue em borbotoens derrama,
Expira, blasfemando, aos pés do Gama.

74.

Jaz, e morto inda assusta; espavorida
A turba foge ao ferro Lusitano;
Cuida comprar com vilipendio a vida,
A's ondas salta do fremente Oceano:
Foi n'hum momento a machina comida
Do fogo insaciavel de Vulcano;
A nautica falange vencedora,
Da victoria o troféo contente arvora.

75.

Vinha estendendo a noite o manto escuro,
De safiras celestes recamado,
Chamando ao somno placido, e seguro
Ao Lusitano lidador cançado:
Eis se avista no espaço immenso, e puro
Subitamente o rosto afogueado
Do excentrico Cometa, a dilatada
Cauda mostra em feição d'aguda espada.

76.

Pelas ignotas solidoens remonta
Ao ponto vertical do Ceo luzente;
Marcando sempre co' a sanguinea ponta
Da rubra espada os Reinos d'Oriente:
As regioens occidentaes aponta
Com menos tôrva, e carregada frente;
Na vasta creação quadro injocundo,
Que nunca vio sem sobresalto o Mundo.

77.

Em quanto pelo espaço ia alongando
Avista o povo timido da terra,
Com doloroso pranto lastimando
O triste ensaio da intentada guerra:
Rompe o silencio hum Jogue, alto gritando
Com triste voz, que os animos aterra;
O mais seguro coração se abala,
Quando dest' arte aos Ceos aponta, e falla.

78.

Eis o momento, diz, fatal, e escripto
N'hum livro, aos olhos dos mortaes vedado;
He este o golpe, que te está prescripto
Pela immudavel lei d' immobil Fado:
Ao Tejo armi-potente, ao Tejo invicto
Deve prostrar-se o Malabar domado;
De teu Reino a catastrofe se chega,
D'estranha gente ao jugo o cóllo entrega.

79.

Vê nos ares a espada coruscante,
Da miseranda escravidão presaga;
Observa hum rio rapido, espumante
De rubro sangue, que o Oriente alaga:
Já corta o mar em lenho fluctuante
Heróe, qu' a frente triunfal lhe esmaga;
Descubro cinzas, solidoens, ruinas,
E sobre tudo tremolando as Quinas.

80.

Subito hum denso véo d'horror profundo
Cobre dos Ceos a cupula azulada;
Rouba-se á vista dos mortaes o Mundo,
Sem astros fica a noite carregada:
Mostra subita luz raio iracundo,
Mas logo fica escuridão pezada;
Fere o Jogue espantado: a altiva Côrte
Ficou coberta do terror da morte.

81.

Tanto Satan se mostra embravecido,
Que ceva n'hum Gentio a raiva impia;
Foge o negro vapôr esvaecido
Do corpo nada ha mais, que a cinza fria:
Já de todo nos Ceos de luz cingido
Começa de assomar sereno o dia;
O Monarcha tremendo ás Náos despede
Hum Catual, que a paz supplíca, e pede.

82.

Em ligeiro Paráo desenrolado
Leva branco pendão; e a azul corrente
Cortando vai com remo compassado,
Em demanda das Náos d'estranha gente:
No conto d'huma lança recostado
Ao bordo chega o Capitão valente;
Com gesto grave, e magestoso ordena,
Que suba o Naire, que do mar lhe acena.

83.

Subindo, a frente inclina, e logo alçando
A voz hum pouco trémula, dizia,
Ouve, Grande Senhor, com gesto brando,
O que a dizer-te o Samorim te envia:
Do Monarcha de Onor, delicto infando,
Do peito dobre a torpe aleivosia
Tem por certo o teu animo offendido,
Mas dá-se a paz mil vezes ao vencido.

84.

De Perimal o filho em ti respeita
Viva imagem d'hum Rei da Lusa terra,
E, como base de alliança, acceita
Mutuo auxilio na paz, mutuo na guerra:
Baixo temor, e perfida suspeita
De seu ingenuo coração desterra,
Do que singelo affirma, e te protesta
Não duvideis, Senhor, que a prova he esta.

85.

Co' a frente humilde, e curva lhe offerece
Aureo cofre riquissimo cravado
De opálos, e rubins, que resplendece,
Qual brilha em Ceo nocturno astro elevado:
Aos Lusitanos olhos apparece
O primeiro tributo, que humilhado
Aos pés do Rei do Tejo armi-potente
Manda, Vassallo, o descobert' Oriente.

86.

Dentro delle o Diploma ao Gama entrega,
No Arabigo idioma concebido,
A' bòca o Naire humildemente o chega,
Com rosto ingenuo timido, encolhido:
No glorioso monumento pega,
Que punha o sello ao feito esclarecido;
Ouvindo em tòrno a Lusa companhia,
Com magestade ao Naire respondia.

87.

Vai, dize ao Samorim, que a taes thesouros
Dá grão valôr o Portuguez Soldado;
Mas qu' inda présa mais virentes louros,
Que lhe viste enastrar de ferro armado:
Que bem conhece cavilosos Mouros,
Qu' o fim por que se affronta o mar salgado,
He por servir o Ceo, que approva a empreza,
Não desejo da gloria, ou da riqueza.

88.

Co' o poderoso Rei dos Malabares
Hoje começa a paz firme, e segura;
E da publica fé sobre os altares
Hoje a palavra Portugueza a jura:
Tu, retorna tranquillo aos patrios lares,
Qu' eu vou tentar no pélago a ventura;
Té conduzir do Tejo á azul corrente
Certo o signal do descoberto Oriente.

89.

Desd' este fausto, memorando dia
Nova face a tomar começa a Terra;
E firma n'Asia a Lusa Monarchia
Seu throno, florecente em paz, e em guerra:
Vejo que a feia, e torpe Idolatria
Destes barbaros climas se desterra;
Pois determina o Divinal Conselho,
Qu' escute a India a tuba do Evangelho.

Fim do Canto XI.

O ORIENTE.

CANTO XII.

1.

Estendeo finalmente a noite umbrosa
Ultima o véo de estrellas recamado;
A nautica falange bellicosa
Ao somno entrega o corpo fatigado:
Sabendo já que a estrada perigosa
Deve ir cortar do pélago indomado;
Mal venha a Aurora matutina, e fria
Co' as roseas mãos abrindo a porta ao dia.

2.

Da refrega naval barbara, e dura
O triunfante Gama descançava;
E ao meio da carreira a noite escura
No rorejante coche então chegava:
Mas na estancia do pranto, e desventura
Da sombra eterna o Déspota bramava;
No perturbado espirito medita
Nova vingança atroz, vasta, infinita.

3.

Tem nas prisoens do somno o Heróe ligado
O corpo, em quanto o espirito vigia;
Eis se lhe antolha Espectro desusado,
Que d'entre as sombras lúgubres rompia:
Co' o medonho espectaculo excitado,
O Gama hum pouco trepidante enfia,
Grande de membros se lhe mostra, e grande
Clarão de fogo de seu rosto espande.

4.

Toda contempla a lúgubre figura,
Que de hum guerreiro indomito parece;
Negro veste hum arnez, negra armadura,
Plumagem negra o murrião guarnece:
Magestosa, e soberba, inda que impura
De sangue, a negra clámyde lhe desce
Do cóllo; e tem na mão no ar levantada
De ferrea guarnição fulminea espada.

5.

Tão nova scena ao Capitão valente
Do lasso corpo o somno lhe desterra;
Ergue-se, empunha a lamina fulgente,
A fronte augusta na viseira encerra:
E brada desta sorte: ó Sombra ingente,
Quem és, que armada me declaras guerra?
Porque fugindo do clarão diurno,
Da noite vens envolta em véo soturno?

6.

Não, lhe responde a Sombra, ó Lusitano,
Não me deves temer, não venho armado,
Qual já me víra a Terra., Soberano,
Dar-lhe huma nova Lei, dar-lhe outro Fado:
Fui mortal como tu, composto humano,
Sempre em armas envolto, á guerra dado;
E Sombra núa até depois da morte,
Guardo aspecto d'hum Rei, e armas d'hum forte.

7.

Vês de Alexandre, ó Luso, a alma elevada,
Qu' aos immortaes alcaçares da Gloria
Abrio por armas, e valôr a estrada,
De meu nome fatal vive a memoria;
A meu soberbo carro eu trouxe atada
De Naçoens em Naçoens sempre a victoria,
E nos estragos da sanguinea guerra,
Deixei muda de medo, e assombro a Terra.

8.

Em pouco a herança paternal contando,
Fui de Reinos, e Imperios destroçados
Hum quasi Reino universal formando,
Aos Monarchas lancei grilhoens pesados:
Os foros das Naçoens atropelando,
Louros cingi de sangue borrifados,
E vi no Hydaspe, com pezar profundo,
Qu' era á minha ambição pequeno hum Mundo.

9.

Depois de quantos seculos tu pizas
Esta, que lava o Indo, immensa terra,
Mais do que eu fiz, tu rompes as balizas,
Em que intacto Oceano o glóbo encerra:
Aqui teu nome, e fama immortalizas,
Só n'hum ensaio de sanguinea guerra
Do Potente Indostão o Imperio abalas,
E quasi os meus troféos n'hum golpe igualas.

10.

Que sublime theatro o eterno Fado,
O' magnanimo Heróe, te patentêa!
Tu podes penetrar com braço armado,
Onde o berço tem posto a luz Febêa:
Podes levar teu nome sublimado
Pelos Reinos, que banha onda Erythrêa;
Podes cingir os louros da victoria,
Subir comigo ao Templo da Memoria.

11.

Mesquinho, e tão pequeno esqueça o Tejo,
A quem n'Asia ser pode independente,
Na Plaga Oriental campo sobejo
Te dá de gloria o Fado omnipotente:
Rasgão-se as sombras do futuro, e vejo,
Qu' aureo Sceptro t'entrega o acceso Oriente,
Que tudo a teu Imperio a frente inclina,
Qu' as raias tocas da soberba China.

12.

Pegús, Narsingas, Tartaros, Mogores,
Indomadas Naçoens, teu jugo acceitão;
De tua espada aos golpes vencedores,
Todas se acurvão, todas se sujeitão:
Té do Japão remotos moradores
Teus preceitos, e sabias leis respeitão,
Deixa de ser Vassallo, ó Lusitano,
Sê tu n'Asia qual fui, qual foi Trajano.

13.

Vê que nome immortal, quasi divino,
Por armas, por victorias afamado,
Deixára n'Asia o grande Saladino,
Como inda dura deste nome o brado:
Talvez, talvez recondito Destinò,
Inda a gloria maior te haja elevado;
Dêo-te Imperio do mar sem sangue, ou guerra,
Fica, e serás Dominador na Terra.

14.

Não volvas mais ao Tejo, que presado
Talvez não haja o inclito ardimento;
Com que o giro immensissimo formado
Do Glóbo tens no tumido elemento:
D'hum golpe viste hum Reino subjugado;
E's vencedor, e vê se o pensamento
Dous tão oppostos terminos te abarca,
No Tejo ser Vassallo, aqui Monarcha!

15.

Cede á voz do Destino.... e se esvaece
A grande Sombra, e subito s'esconde,
E dos olhos do Heróe desapparece,
Que perturbado ignora o como, e aonde:
Levanta a voz, a voz lhe desfalece;
Chama o negro Fantasma, e não responde;
E na rebelde, na execranda idêa,
Hum pouco se suspende, e titubêa.

16.

Da ingenita ambição do peito humano,
Pasto fatal, prestigio lastimoso,
Quantas vezes á gloria immenso damno
Tu tens feito de Heróe victorioso!
Assim de Roma ao Déspota tyranno
Do Mundo o sceptro se antolhou glorioso,
Quando, ao passar do Rúbicon soberbo,
Trouxe ao Mundo opprimido hum fado acerbo!

17.

Assim vimos frenetico, illudido,
Inda alem do Boristhenes gelado
Heróe d'immensas legioens seguido,
Em seus grilhoens querendo o Glóbo atado:
Sobre as azas d'orgulho aos Ceos subido,
Foi do throno fatal precipitado;
Em pena da ambição desfeito em guerra,
Deixar exemplo memorando á Terra.

18.

Porem mais pode, que a mortal grandeza,
N'hum peito Portuguez fidelidade,
Do invicto Gama a invicta fortaleza
Vence, e suffoca os gritos da vaidade:
A illustre gloria de tamanha empreza
Julga maior, que a Regia Potestade;
Deos, que abraçado co' a virtude o via,
O premio ao grande Heróe no auxilio envia.

19.

Na terrivel visão caliginosa
Inda absorto, e suspenso o Luso estava;
Dentro d'alma assombrada, e não medrosa,
Contra a funesta suggestão luctava:
Eis que huma aerea nuvem luminosa
A seus despertos olhos se amostrava;
E vio logo romper do seio occulto
Hum novo, estranho, magestoso vulto.

20.

Os pés descalços tinha, a vestidura,
Como em manchas de sangue, assignalada;
Dos olhos tinha a luz serena, e pura,
Qual neve a barba, intonsa, e dilatada:
Traz hum livro nas mãos, traz a cintura
D'hum asperrimo cingulo apertada,
Calva a frente, rugosa, austero, e grave,
O portamento tinha, a voz suave.

21.

O silencio se quebra; hum doce accento
Lhe escuta o grande Heróe, como enleado;
Não te conturbes, diz, do Firmamento
Sou do Motôr Supremo a ti mandado:
Dar nova força, e sobrehumano alento
A teu constante espirito tentado;
Pois decretou dos Ceos o Arbitro augusto,
Acrisolar nas tentaçoens o Justo.

22.

Quem és tu, que me bradas, (lhe dizia
Mal seguro inda o Gama) és por ventura
Nova illusão da vaga fantasia,
Filha da horrenda noite, ou sombra escura?
Não, Fantasma não sou, que a ti me envia,
O que impera dos Ceos na estancia pura;
Eu me chamo Thomé, no Empyreo moro,
Servo d'hum Deos, que eternamente adoro.

23.

A Lei Celestial, que tira o Mundo
Do pavoroso abysmo do peccado,
O sacrificio á Terra, e Ceos jocundo,
Que a Justiça applacou d'hum Deos irado,
Aqui préguei; em túmulo profundo
Aqui ficou meu corpo em pó tornado,
Em quanto sôlta das prisoens minh' alma
No Empyreo empunha do martyrio a palma.

24.

De novo a luz celestial se atêa,
Qu' então brilhou no profanado Oriente;
Da Idolatria abominavel, fèa
Se precipita o Imperio prepotente:
Mésse de Justos sasonada, e chêa,
Aqui prepara a mão do Omnipotente;
Para cumprir o sempiterno arcano,
Tem destinado o Povo Lusitano.

25.

Eis outra vez da Cruz s'ergue o estandarte,
Nestes do Paganismo infestos ares;
Onde no berço o Sol fulgor reparte,
Vêr-se-hão da universal Igreja altares:
E desde lá correndo á extrema parte,
Qu' inda escondem no seio ignotos mares;
Executor do Divinal conselho,
O Luso arvora a tócha do Evangelho.

26.

Mais que outr' ora a Israel, Reino exaltado,
Hum Deos ao Povo Portuguez destina,
De estranhos Povos, e Naçoens formado,
Onde não foi voando Aguia Latina:
Esse, que viste Espectro abominado,
Obra foi só da tentação malina,
Pois soube resistir teu peito nobre,
Verás arcanos, que o Senhor descobre.

27.

Disse; e comsigo em extasi elevava
Pelos espaços fluidos o Gama;
As socegadas regioens pizava,
Ind' alem d'onde o raio arde, e se inflamma:
O milagroso vôo equilibrava
O Conductor Celeste, e assim lhe exclama,
A prumo estamos sobre o rubro seio,
Por onde o Povo do Senhor já veio.

28.

Aqui começa Imperio ennobrecido
Do Luso: observa Ormuz, que senhorea
Quanto d'hum lado, e d'outro entumecido
Da Persia o vasto mar lava, e tornêa:
Co' os passados troféos desvanecido,
Inda de antigos titulos se arrêa,
Soberba Persia, nunca ao jugo affeita,
Paga tributo ao Tejo, as Leis lhe acceita.

29.

Ao mesmo jugo a Arabia o cóllo entrega,
A Arabia em guerra sempre ás armas dada,
E que d'Alcides ás columnas chega,
Co' a grande força Sarracena armada:
Se hum pouco Bassorá resiste, e nega
Aos Lusitanos Campeoens a entrada,
Seu braço poderoso a arraza; e abate
Co' o mesmo golpe a mercantil Mascate.

30.

Cede Giddá guerreira; a extensa praia,
Qu' hum bolso forma de grandeza tanta,
Agora attento observa, olha Cambaia,
Qu' a fronte soberbissima levanta:
Ao vêr os Lusos esquadroens desmaia,
Humilde ao vencedor já beija a planta;
Mais que Alexandre, hum Luso em sangue a alaga,
E de Badur potente o orgulho esmaga.

31.

Olha do Hydaspe a aurifera ribeira,
Onde o mesmo Alexandre altivo, iroso
A hastea cravou da triunfal bandeira,
Quando fez alto exercito medroso:
Esta a baliza á marcha derradeira,
Do vencedor de Poro; onde o estrondoso
Raio de Macedonia estala, e pára,
Rompe de Lysia a gloria alta, e preclara.

32.

De Tamorlão, de Saladino os brados
Apenas nestas praias s'escutárão,
Nunca da Europa exercitos armados
Em tão remotos climas penetrárão:
Até aqui, rodeando os empolados
Mares, os Lusos os Pendoens alçárão;
Prodigio he este, que na humana Historia
Igual não teve, nem terá na gloria.

33.

Surrate, Baçaim, e a torreada
Chaul franquêa ao vencedor as portas,
Ficão ao lampejar da Lusa espada
Aguerridas Naçoens d'espanto absortas:
Nem tu d'alta Bysancio, ó força armada,
O passo ás armas vencedoras cortas;
Tu soccorres Cambaia, he toda estrago,
De cinzas hum montão, de sangue hum lago.

34.

Na extensa praia entradas, e rendidas
Olha immensas Cidades abrazadas;
As torres de Coulão são demolidas,
Onor, Dabul, Baticalá tomadas:
De Coulete as muralhas abatidas,
Em cinza Cangranor, Bripur tornadas;
Já sobre os muros da soberba Gôa
A alada serpe Lusitana vôa.

35.

A opulenta Cochim, do Luso amiga,
Do Malabar Emporio alem divisa;
Aqui furia Mahometica inimiga
O raio Luso abate, e pulverisa:
Em seu tranquillo porto as Náos abriga,
E com sincera paz se immortalisa;
Aqui terá principio, e fundamento
Do throno Oriental sublime assento.

36.

Cabo pyramidal d'alem correndo
Vê, dos antigos Comorí chamado;
D'hum lado, e d'outro lado o mar fervendo,
Alli rompe furioso ao Sul nublado:
Com medonho estridor, impeto horrendo,
Retarda ás Náos o passo accelerado,
Mas dos Heróes do Tejo o esforço, e arte
Daqui vão d'Oriente á extrema parte.

37.

A rica Taprobana eleva a fronte,
Opposta ao Cabo pelo mar cercada;
Recende em tôrno o rubido horizonte,
Do vapôr da Canella alli plantada:
Olha no meio aos Ceos alçar-se hum monte,
Onde se diz, que a planta assignalada
Fôra do antigo Adão; na sombra densa
Dos incolas existe a incerta crença.

38.

Esta que vês ao Malabar opposta
Terra d'alem, Coromandel se chama;
Dita será da Pescaria a Costa,
Que de tão nétas perolas se afama:
Olhando ao berço oriental he posta
Alem Meliapor, d'antiga fama;
De meu corpo o despojo alli se guarda,
O dia, em que ressurja, extremo aguarda.

39.

Vê do Pegú riquissima, opulenta
Como se extende a grande Monarchia;
No seio de seus montes se alimenta,
E multiplica ardente pedraria:
Olha o Reino Orixá, onde a pimenta
Como em tributo o Povo ao Tejo envia;
E a terra de Sião tão vasta, e chêa,
Que de Imperio com titulos se arrêa.

40.

Depois de Travancor lá vai cortando
Turvo Ganges as floridas campinas;
Na larga foz s'espraia, então mais brando,
Lá se mistura ás ondas crystallinas:
Vêr-se-hão nestas ribeiras tremolando,
Entre excelsos troféos, as Lusas Quinas;
Aqui brota fecunda, aqui recresce
De palmas marciaes gloriosa mésse.

41.

Olha o soberbo Emporio alto, eminente,
Sobre alicerces d'ouro alevantado,
Opulenta Malaca do Oriente
Brasão, com sangue Portuguez comprado:
Nunca aqui penetrou da Europa a gente,
Mas Affonso magnanimo, esforçado,
Em armas, em Politica profundo,
Mostra Malaca Portugueza ao Mundo.

42.

Nunca até aqui nem Gregos, nem Romanos
Co' as triunfantes armas penetrárão;
Nunca do Polo os Povos inhumanos,
Cobrindo a Europa, e Libia, aqui chegárão:
De Gengiskan triunfos soberanos,
A'quem do Ganges turbido, parárão;
Mas os Pendoens do Lusitano Imperio
Vão deste rio aos termos do Hemisferio.

43.

Cabo até agora ignoto, o Singapura,
Virão dobrar do Tejo os navegantes;
Em tufão rijo, em tempestade escura,
Nos mares surgirão não vistos d'antes:
Onde primeiro a luz serena, e pura
Esparge a Aurora, chegarão triunfantes;
Irão, que assombro! as Lusitanas Quinas
Alem dos Reinos dos astutos Chinas.

44.

Volve os olhos á incognita enseada
De Aynão, por onde estala o mar fervente;
Olha ondear bandeira despregada,
Nas fortes mãos da Lusitana gente:
Olha as portas da China, olha afamada
Macáo, que exalsa mercantil a frente;
Mas nem neste limite inda s'encerra
O Reino Portuguez, que inda ha mais terra.

45.

Correndo o Norte, e Sul do acceso Oriente,
Quaes ligeiros relampagos fogosos,
Inda estreito limite o Continente
Será n'Asia a seus feitos portentosos:
Nas Ilhas, que circunda azul Tridente,
De conquista erguerão troféos gloriosos;
Sunda, Borneo, Timor, Ternate, e Java
Dão aos Lusos grilhoens a planta escrava.

46.

Neste que vês interminavel pego
Os Lusos girarão navegadores;
Nelle guardão pacifico socego
Sôlta tormenta, e ventos rugidores:
De seus trabalhos, e fadiga, emprego
Das Ilhas darão nome aos moradores,
Verão depois o Bátavo, o Britanno
Nelles escripto o nome Lusitano.

47.

Olha de muitas opulentas Ilhas
Do Glóbo nos confins Reinos formados;
Nem forão vistas de nadantes quilhas,
Nem d'antigos Geografos marcados:
Testemunhas de tantas maravilhas
Hão de ser Portuguezes denodados;
Nestes Reinos Japoens, e extrema terra,
Ha de ter gloria o Christianismo, e guerra.

48.

Olha agora do Glóbo a parte ingente,
Inda da Europa aos olhos escondida;
Onde inda Joven Natureza a gente
Traz nas barbaras sombras envolvida:
Nesta grande porção cortando a algente
Vitrea estrada, dos ventos combatida,
Para que abranja duplice hemisferio,
Se ha de estender o Lusitano Imperio.

49.

Vê rompendo de altissimas montanhas
Hum rio, feito hum mar, que busca os mares;
D'hum lado, e d'outro barbaras, estranhas
Girão muitas Naçoens sem Patria, e lares:
E se tanta extensão co' a vista apanhas,
Debaixo do Equador corre milhares
De estadios, e só perde a fama, e nome,
Quando no mar immenso as aguas some.

50.

Será chamado o turbido Orelhana:
Vê outro além dos Tropicos correndo;
Quasi igual em riqueza: immensa, e plana
Campina vem cortando, em si trazendo
O feudo d'outros mil: da Lusitana
Gente será cortado: ao pego horrendo
Chegando já, na foz se abre, e dilata,
E nome insigne lhe darão da Prata.

51.

Não vês enormes montes levantados
Alem das nuvens pelo espaço extenso?
Espantosos volcoens afogueados
Arrojão fogo, e fumo escuro, e denso:
Daquelles picos turbidos, nublados
Hum, e outr' Oceano observa immenso:
Desde aqui ás Atlanticas campinas
Terão Imperio Portuguezas Quinas.

52.

Talvez maior que a Europa! Em throno d'ouro,
Como sentada a mesma Natureza,
Descobrindo o recondito thesouro,
Força ao Tejo dará, brilho, e riqueza:
O que não tarda, seculo vindouro,
De Lysia vendo a collossal grandeza,
Dirá, levado em extasis profundo,
Eis quasi todo Portuguez o Mundo.

53.

Qual em seu centro existe o Sol luzente,
De luz enchendo o vasto Firmamento,
A immensos glóbos em distancia ingente
Attrahe, regula, outorga o movimento:
Assim Lysia na Europa armi-potente
Do grande Imperio seu tem firme assento:
De lá n'Asia, e na Libia, e opposta parte,
Armas, forças, e leis dicta, e reparte.

54.

Como se fosse estreito, inda apoucado
No Glóbo seu Imperio, as escondidas
Terras do Polo Antartico gelado
Irá tocar co' as quilhas atrevidas:
Mais que dado a mortal, Queiroz ousado
Irá romper as Regioens mettidas
Dentro do seio de perpetuo Inverno,
Nellas deixando impresso hum nome eterno.

55.

Tão sublimes brasoens serão ganhados
Com força invicta por Heróes prestantes,
Quaes víra o Tibre em seculos passados,
Entre os grandes Demócratas reinantes:
Seus nomes immortaes serão gravados
Em bronze eterno, solidos diamantes;
He Deos quem te revela, ó Lusitano,
Este, qu' inda o futuro encerra, arcano.

56.

O primeiro entre os raios soberanos,
D'huma gloria sem par te mostro, ó Gama,
Talvez qu' outro maior entre os humanos,
Não vejas nos annaes d'antiga fama:
Affouto irá correr dous Oceanos,
Seu glorioso Domador se acclama;
Como rival do Sol em mar profundo,
Em leve pinho circulando o Mundo.

57.

No quadro dos Heróes não he primeiro,
Que vio no Marcio jogo Indica terra;
Inda que o sente intrepido guerreiro
Aurea Malaca em sanguinosa guerra:
Toca do esforço o termo derradeiro,
Que da vida no circulo s'encerra,
Quando comette a portentosa empreza,
Que mais honrou té agora a Natureza.

58.

Magalhães immortal! Nunca tamanha
Idêa entrou no pensamento humano!
Girará tudo quanto lava, e banha,
No terreo Glóbo o tumido Oceano:
Sendo esta ousada, insolita façanha
O mór brasão do nome Lusitano;
Concebe o grande Heróe n'alma segura,
Toda do Glóbo a fisica estructura!

59.

Une a grande valôr, sciencia, estudo
Do humano domicilio, e rodeado
Primeiro o tem co' pensamento agudo,
Marca-lhe o giro immenso, e dilatado:
Os mares vence, a tempestade, tudo,
E certo encontra Estreito imaginado
Em vasto mar; por elle desemboca,
E aos Reis a méta promettida toca.

60.

Digno de nome eterno, e permanente
Entre immortaes Baroens, que a Terra admira,
Se tornará no descoberto Oriente
Esse, que segue o que teu lenho abrira:
Tanto s'ha de engolfar no mar fervente,
Que pelas praias ignoradas gira
Da terra vasta, que ha de ser hum dia
Base, e Padrasto á Lusa Monarchia.

61.

O sempiterno braço então rasgava
Denso véo, que o futuro esconde ao Mundo;
Mostra-se ao Gama Heróe, que destroçava
Em sanguinosa lide o Mouro immundo:
Qu' ora as hostes na terra afugentava,
Ora as Náos envestia em mar profundo;
Era Pacheco igual a Belisario
Nos bens, e males do Destino vario.

62.

Entre nuvens de hum Nova destemido
A excelsa imagem vio, que o louro enrama;
Dêo-lhe Fortuna hum berço escurecido,
Porem virtude lhe eternisa a fama:
Ilhas encontra em mar desconhecido;
Leva ás Mauras Gallés sulfurea chamma;
Corre as praias da Libia, e d'Oriente,
Na força, e golpe, e giro he raio ardente.

63.

Este ha de ter Pyramides erguidas,
Lhe diz o Sancto, pelas mãos da Gloria,
Onde se vejão das Naçoens vencidas
Os ganhados troféos d'alta memoria:
Abalroadas Náos, Fustas rendidas,
Ante o sublime Heróe vôa a victoria;
Grande, illustre se fez, e a si só deve
O nome eterno, que entre Heróes obteve.

64.

De mais famosos Scipioens em guerra
Os bustos vê d'Almeidas, que inundados
Os campos deixão da Indiana terra,
Do seu sangue, e do barbaro coalhados:
Mas ah! Que estranho túmulo os encerra!
Entre Cafres brutaes sentem seus fados;
A' Patria não virão, que terna os ama,
Mas seu nome immortal conserva a Fama.

65.

Para dar novo alento ao debil canto
Desce, Harmonia, do celeste assento,
Eu, com teus sons Angelicos, levanto
Sobre as azas de fogo o pensamento:
Eu só comtigo me aventuro a tanto,
A meu estro tu dás força, ardimento:
Em teus acordes sons d'Epica tuba,
Farei que aos astros Albuquerque suba.

66.

Ao Gama se amostrava em fortaleza
Bravo Leão no mar, solta hum rugido,
Eis se curva á bandeira Portugueza
A força toda do Indostão vencido:
Sempre terrivel he, nas garras preza
Leva a victoria, impavido, e temido,
E pelos campos, que assolados trilha,
Povos, Thronos, Naçoens supplanta, humilha.

67.

Este, o Sancto lhe diz, as bellicosas
Turmas, que o Turco indomito apparelha,
Ha de vencer nas ondas procellosas,
A quem dará com sangue a côr vermelha:
Do Cabo Guardafú co' as alterosas
Prôas, correndo irá, viva centelha,
Sobre os muros de Ormuz, que entra, e que arraza,
Os Turcos, Persas, Arabes abraza.

68.

Qual Aguia os vôos soltará; nos muros
Irá cahir de aurifera Maláca;
Achens ferozes, e Bintoens perjuros
Com subita peleja affronta, ataca:
Nem Malaios da furia estão seguros,
Mil canhoens lhe hão de ser barreira fraca;
Levanta immensa torre, e nella arvora
Pendão, que assusta os thalamos d'Aurora.

69.

Qual corre o Araxes turvo, que abatendo
A ponte, que desdenha, o campo alaga,
E a carreira veloz jámais detendo,
Tudo quanto se oppoem derruba, e estraga:
Tal irá de Malaca o Heróe rompendo,
Quando ao duro Sabaio a fronte esmaga;
De eternos louros cingirá corôa,
Quando o throno de Lysia assenta em Gôa.

70.

Não lembre mais o nome pavoroso
Do sanhudo Leão, que eriça a côma,
Qu' o Helesponto passou victorioso,
E a prostituta Babylonia dôma:
Não lembre mais o meteoro iroso,
Que em cadêas servis sepulta Roma;
Ambos vence Albuquerque em nome, em gloria,
E só lhe falta, o que queria, a Historia.

71.

Inda qu' em tardos seculos a Terra,
Tenha de vêr a gloria Portugueza,
Offuscada de todo em paz, e em guerra,
De todo extincta a honra, e fortaleza;
Tal força d'Albuquerque o nome encerra,
Tanto no Mundo se respeita, e présa,
Que entre fataes, politicas ruinas,
Salva a gloria de Lysia, e salva as Quinas.

72.

Vê depois o magnanimo Soares,
De Gangeticas Palmas guarnecido;
D'altas Náos vai coalhando os turvos mares,
Dos Heróes do Oriente o mais temido:
De todo anniquilou dos Malabares
O throno antigo, Imperio engrandecido;
Ao grão poder da espada Lusitana
Sujeita, e vence a rica Taprobana.

73.

Vê sobre o Indo Hydaspe o grão Sequeira,
Que verdadeiro Heróe se manifesta;
Vai do Arabigo mar pela ribeira,
Assolando do Turco a Armada infesta:
Alevantando triunfal bandeira,
Dos Lusitanos esquadroens á testa;
Chega ao paiz do Ethyope inimigo,
Encontra de Candace o Reino antigo.

74.

Hão de vir dous intrepidos Menezes,
Hum de louros em Ceuta coroado,
Este com força arvorará tres vezes
D'Ormuz nas Torres o pendão sagrado:
Outro rompendo os rigidos pavezes,
Vencerá todo o Malabar armado;
Taes Palmas colherá nos verdes annos,
Que nome eterno alcance aos Lusitanos.

75.

Co' a mesma fama o intrepido São Paio
Virá d' louros d' Africa cingido;
A cujos pés o perfido Sabaio
Os pulsos aos grilhoens dará vencido:
Qual se teme no golpe acceso raio,
Nos muros de Dabul será temido;
Mas quanto o louro na victoria busca,
Com funesta ambição seu nome offusca.

76.

Do grande Mascarenhas o semblante
Vem respirando sanguinosa guerra;
E quando erguer a espada fulminante,
Malaca a frente inclinará na terra:
Voando pelo pélago espumante,
Bintão com duro assédio opprime, e cerra;
Assaltos amiuda, e não descança,
Té que na porta encrave a ferrea lança.

77.

Apoz elle huma luz fulgente raia,
Como estrella n'hum Ceo nocturno, e frio;
Este a cerviz da perfida Cambaia
Ha de esmagar na torreada Dio:
Alli d'ouvir-lhe a voz treme, e desmaia
O Turco, o Persa, o Arabe, o Gentio;
Terá túmulo eterno em mar profundo,
Mas deixa o nome sempiterno ao Mundo.

78.

Se mil vezes de premio a sorte priva
Heróe, que a Fama dilatou na Terra;
Se inveja torpe, cega, e vingativa
Tem co'a virtude interminavel guerra:
Posteridade seu renome aviva,
E a nevoa da calumnia em fim desterra;
Do Heróe já cinza em fria sepultura,
Surge em perpetua luz gloria mais pura.

79.

De grande coração, de aspeito augusto
Noronha vê, que as armas triunfantes
Ao monte irá levando, onde hum Deos justo
Baixou da gloria em chammas coruscantes:
Erguendo o braço intrepido, e robusto,
Na entrada Dio humilhará Turbantes;
Da bombarda ao rebombo os mares gemem,
Chega o écco a Bysancio, as portas tremem.

80.

Virá feroz hum Sousa, que traslado
Absorto o Povo chamará de Marte;
E chegará de fogo, e ferro armado
A erguer em Dio o bellico estandarte:
Se os Vulcaneos canhoens dispara irado,
De Onor arrasa immenso baluarte,
Se ao Indo a foz em Náos de novo corta,
Abre Cambaia ao vencedor a porta.

81.

O Luso portentoso, o invicto Castro
Apoz elle virá, e a Fama entôa
Hymnos ao grande Heróe, que de alabastro
Estatuas lhe ha de erguer a terra Eôa:
De Curio segue, de Fabricio o rastro,
Acaba pobre, e triunfante em Gôa;
Em quanto o Ceo sereno habita, e piza,
Aurea penna seu nome immortaliza.

82.

A imagem vê depois de Constantino,
De Real sangue, e d'alma generosa,
E sobraçando escudo diamantino,
Converte em cinza Armada poderosa:
Do fero Achem no campo crystallino,
Sem suspender a mão victoriosa,
Té que os soberbos Turcos affugente,
E de palmas n'hum throno a paz assente.

83.

Sublime vulto ao Gama então mostrava;
De suas Palmas o circunda o Ganges,
Co' a fulminante espada affugentava
Do Mogor fero as barbaras falanges:
Das muralhas de Ormuz a occulta Java,
Vai repellindo Arabigos alfanges;
Era o grande Ataide: o Luso Imperio
N'Asia salvou de affronta, e vituperio.

84.

Entre outros muitos brilhará fulgente
Do sublime Furtado a valentia;
Co' as armas chegará no acceso Oriente
Aos fulgurantes thalamos do dia:
Maluco vencerá, que o cravo ardente,
E metal louro nas montanhas cria;
Ignoto mar correndo alem dos Chinas,
Mostrará aos Japoens triunfantes Quinas.

85.

Mas eis que novo assombro, e novo espanto,
Entre tantos Heróes, se mostra ao Gama;
Sublime vulto, e roçagante manto,
Em ondas desde os hombros se derrama:
Este, o Sancto lhe diz, que sobe tanto,
Entre os maiores, que celebra a Fama,
Pouco em Lysia avultou, mas alto assoma,
Entre quantos ao Mundo ostenta Roma.

86.

Do ser humano timbre verdadeiro,
A quem honra, a quem gloria immortalisa,
Esforçado, e magnanimo Ribeiro,
Qu' hum Throno ennobreceo, e hum Throno piza:
Em seu Busto se lia aureo letreiro,
Qu' entre luz fulgurante se devisa:
„Toca o fastigio da maior grandeza
„Quem hum Throno Real deixa, e despreza.

87.

Pois aos olhos de hum Deos omnipotente
Nada ignoto se mostra, e nada escuro;
Ante seu Solio existe o que he presente,
O que he passado, o que será futuro:
Elle te mostra, em luz resplendecente,
O Templo da Memoria eterno, e puro;
Onde a tantos Heróes se guarda assento,
Que vença a lei de Estygio esquecimento.

88.

Em sempiternos Pórfidos gravadas,
As illustres acçoens lá se devisão;
De nobre sangue Palmas rociadas,
Com que os fracos mortaes se divinisão:
Vôa, lhe diz o Sancto; as levantadas
Abóbadas dos Ceos ambos já pizão;
Entre o fulgor, que os olhos deslumbrava,
O Templo eterno o Gama contemplava.

89.

Aqui virão, lhe diz, deixando a Terra,
Os Lusos immortaes viver hum dia;
Tu entre elles famoso em paz, e em guerra,
Terás na gloria eterna companhia:
Entre muitos, que o Templo immenso encerra,
Modesto Solio hum pouco reluzia;
Tinha na base fulgida esculpida,
Ligeira penna de laureis cingida.

90.

Tão famosos Heróes o Soberano
Senhor, lhe diz o Apostolo, destina
Para estender o Imperio Lusitano
Das bòcas do Mar Rôxo ao Mar da China:
Nesta empreza sublime o esforço humano
Sustentado será por mão divina;
Voando á vossa frente Anjo da Guerra,
Vosso o Mar será todo, e quasi a Terra.

91.

Atraz se hão de volver as estridentes
Settas, que rompem d'arcos encurvados;
Os corpos de inimigos combatentes
Das proprias settas se acharão varados:
As duras costas voltarão trementes,
Do Luso á vista, os Arabes armados;
Vereis no Ceo gravada a Cruz triunfante,
Que firme torne o Imperio vacillante.

92.

Segunda vez rompendo o turvo Oceano,
O sentirás tremer, como assustado,
Quando á potente voz do Soberano,
Já não descobridor, fores chamado:
Será desfeito o exercito Ottomano,
Qual d'Amalec outr'ora o Reino armado;
Quando, entre as nuvens rarefeitas, veja,
Que por vós junto a Dio hum Deos peleja.

93.

He isto o que reserva alto Destino
Do Luso antigo á portentosa gente,
Escripto existe em livro diamantino,
Qu' o sello tem d'hum Deos omnipotente:
Irás seguro ao Tejo crystallino,
Descoberto deixando o ignot' Oriente;
E teu nome nas paginas da Historia,
Será da especie humana o timbre, e gloria.

94.

Dize ao Grande Manoel, que aos arrogantes
Turcos venha abater cega ousadia;
Que de Suez nos Lenhos fluctuantes
Virão cortando o mar por larga via:
Qu' o duro bronze, as pélas sibilantes
Mande do Tejo contra a turba impia,
Qu' á dura, e justa guerra os seus exhorte,
A' sua frente hão de ir terror, e morte.

95.

Qu' ao Senhor dos exercitos somente
De seus triunfos attribua a gloria,
Só elle he Deos, só elle omnipotente,
D'elle desce o valôr, desce a victoria:
Só elle guarda o premio permanente,
Por que se troca a vida transitoria;
Conserva com firmeza hum throno augusto,
Se o Monarcha em poder, e em leis fôr justo.

96.

Abala o crime excelsas Monarchias,
Transfere a estranhos Sceptros gloriosos;
Cobre em lutos de morte, e cinzas frias
Os Latinos troféos victoriosos:
No volume do Tempo apontão dias,
Em que estes d'Asia Emporios orgulhosos
Sintão novo poder, novos Senhores,
Nos muros lhe hão d'erguer d'Hollanda as côres.

97.

Nos areaes da Mauritania ardente,
Onde os Lusos Pendoens s'erguem triunfantes,
A gloria Portugueza alta, esplendente
Se eclipsa aos pés de Arabicos turbantes:
Alli se acaba hum Rei grande, e potente,
Correm de sangue rios espumantes;
De Lysia o brilho nelles se sepulta,
N'Africa, e n'Asia nunca mais avulta.

98.

Quaes ao de Roma Imperio dilatado,
Marchão Povos belligeros do Norte,
Té dar no Capitolio avassallado
A lei da escravidão, e a lei da morte:
Tal Hispano Leão, de ferro armado,
Correo, mudou da Lusitania a sorte;
As portas abre ao vencedor Lisboa,
Curva-se a Sceptro estranho, estranha C'rôa.

99.

Ficão sem força as inclitas virtudes,
Com que já se elevou grandeza tanta,
Opprimida em grilhoens ferreos, e rudes
Ha de Lysia arrastrar captiva planta:
Taes dos humanos são vicissitudes;
Mas Portugal do túmulo levanta
A frente, e arroja alhêa potestade,
Recobra, e ganha antiga liberdade.

100.

Na Europa crescerá; mas se consome
Na terra Oriental, outro Albuquerque
Não virá, que d'Aurora os Povos dome,
E Asia de Náos victoriosas cerque:
E que gloria immortal, que excelso nome,
Com cem batalhas sanguinosas merque;
Até do Throno o Tejo se despoja,
Quando ao Mundo hum Tyranno o Inferno arroja.

101.

Quanto na Terra os Portuguezes podem!
Sahem do novo túmulo, e co' a espada
Da herdada independencia ao grito acodem,
Varrem, qual pó ligeiro, a astucia armada:
D'hum golpe o jugo perfido sacodem,
Mostra-se em nova luz gloria eclipsada;
A Europa livre dos grilhoens, que teve,
A paz, a liberdade ao Tejo deve.

102.

Quando obscuro mortal, do Inferno aborto,
Mais que revolto mar, feio, iracundo,
Deixar em lucto, em lagrimas absorto,
Como deixára Saladino o Mundo:
Até negando da esperança o porto
Aos homens neste pélago profundo;
Qual vil escrava sopeando a Terra,
Em cavilosa paz, e injusta guerra;

103.

Vêr-se-hão no Tejo acçoens, quaes víra Dio,
Seguro o Luso esforço entre ruinas,
Como o ha de vèr no Ganges o Gentio,
Verá na Europa o Franco alçar-se as Quinas:
Ha de curvar seu cóllo ao Senhorio,
Qu' inda tem de assustar Japoens, e Chinas;
Quando co' a ponta de invencivel lança
Tocar nas portas da soberba França.

104.

Tanta gloria terá quando espargidos
Nos campos, onde já vencêra os Mouros,
Os novos Hunos vir enfurecidos,
Buscar por armas, e por sangue os louros:
Em quantas lides ficarão vencidos!!
Verão com pasmo os seculos vindouros,
Que nunca impune provocára a Terra
Os Lusitanos Campeoens em guerra.

105.

Deos os escuta, Deos os abençôa,
E lhes sustenta os peitos bellicosos;
N'Asia os verá dominadores Gôa,
Serão na Europa grandes, e famosos:
C'hum braço n'Occidente, outro n'Eôa
Plaga berço do Sol tão gloriosos
Timbres hão de alcançar d'humana gloria,
Quaes ao Mundo não mostra antiga Historia.

106.

E pois a Lusa geração da terra,
Que o Sol nascendo vê, será senhora,
Sendo adorada em paz, temida em guerra,
De lá do Tejo aos thálamos d'Aurora;
Vencendo quanto ostenta, e quanto encerra
Em seus Annaes a Fama aduladora;
E o que grandes Naçoens, grande fizerem;
E vêr ao Mundo extasiado derem;

107.

Com teu exemplo exclama, que esquecida
Nunca lhe seja da virtude a estrada,
Expondo, e dando pela gloria a vida;
Qu'hum Deos nas mãos lhe firme a invicta espada:
Seja na Europa, e n'Africa temida,
Qual ha de ser pel'Asia avassallada;
Qu'intactos guarde em seculos vindouros
Estes, que hoje ganhaste, eternos louros.

108.

Já tens constante, e intrepido corrido
A mór parte do mar tempestuoso;
Estremados Heróes tens excedido,
Qu'á Patria derão nome alto, e famoso:
Serás na Terra sempre conhecido,
Pelo que ultímas Feito portentoso,
Até que extincto o Sol almo, e jocundo,
Deixe no eclypse sempiterno o Mundo.

109.

Pois recompensa vil, baixa, e terrena
Não te guiou na perigosa estrada,
Tão clara, illustre acção mais de huma penna,
Melhor que em bronze, deixará gravada:
Assim dos Mundos o Motor o ordena,
E da Gloria aos Alcaçares levada,
Lysia o Mundo verá pasmado, e mudo
Por fortes armas, e por douto estudo.

110.

Quando mais alta prova a Lusa gente
A' Europa der de insolito heroismo,
De louros coroada erguendo a frente,
Que quiz perfidia sepultar no abysmo;
E salvando da Patria a gloria ingente,
Quasi levada a extremo parocismo;
Teu nome em novo Canto alto, e subido
Será do Glóbo nos confins ouvido.

111.

Sombras são estas, portentoso Gama,
Em que se perde humano entendimento;
Onde só, se lhe apraz, sua luz derrama,
Quem pôz seu Throno alem do Firmamento:
Que só co' a voz do nada os entes chama,
E tem do Mundo o eterno regimento;
Rasgada a sombra, que o futuro enluta,
Lysia ha de vêr o que tua alma escuta.

112.

Absorto deixa o Gama; e aos Ceos subia
Em luz envolto o Apostolo elevado;
Concentrando-se em si n'alma volvia
O tão profundo oraculo sagrado:
Surgio emtanto n'horizonte o dia,
Pelos Decretos eternaes marcado;
E veio encher de gloria a Lusa gente,
Co' o mar vencido, e descoberto ORIENTE.

Fim do XII e ultimo Canto.

Hoje Sabbado 17 do mez de Junho de 1826, depois de nove annos de assidua applicação, e estudo no aperfeiçoamento, e correcção deste Poema, para sua segunda publicação, ficou concluido com a ultima lima. Para constar na Posteridade, sendo este Autographo depositado na Bibliotheca do Real Mosteiro de Alcobaça, pela minha mão escripto, o assigno, e firmo.

José Agostinho de Macedo.

Nós abaixo assignados, Monges da Congregação de S. Bernardo, attestamos, e, sendo necessario, com Juramento, em como nos foi entregue este livro do = Oriente = de 12 Cantos, por seu Auctor = José Agostinho de Macedo = escripto de sua propria letra, que perfeitamente conhecemos, a fim de ser depositado, e conservado entre os Manuscriptos da Bibliotheca de Alcobaça. Desterro em Lisboa 20 de Julho de 1826.

Fr. Joaquim da Cruz,
Procurador Geral da Congregação de S. Bernardo
em Lisboa.

Fr. Antonio de Mesquita,
Vice-Procurador Geral.

Fr. Alvaro Vahia,
Secretario da Congregação de S. Bernardo.

Certifico que a letra do livro precedente, intitulado = O Oriente = he do Padre José Agostinho de Macedo, e bem assim he delle o assignado, que se lhe segue, bem como o são as dos Reverendissimos, que retrò assignão, e attestão. Lisboa 21 de Julho de 1826. = Em testemunho de verdade. = Lugar do signal público. = Luiz Heduwiges Teixeira Machado.

FIM.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS.

Canto III.

Oitavas	*Versos*	*Erros*	*Emendas*
11	8	estrago..........	aggravo
80	6	e o detido	e detido
		Canto IV.	
3	3	parecião	parecia
		Canto V.	
2	3	e abate..........	e se abate
		Canto VI.	
6	5	que a Armada undivagante	que a undivagant'Armada
		Canto VII.	
7	6	escuros;.........	escuros
25	4	Qu'as aereas.....	Qu' ia as aereas
28	3	á região.........	a região
51	5	puro,...........	puro
		Canto VIII.	
16	4	Qu' hoje Côrte....	Qu' hoje he Côrte
		Canto IX.	
21	1	amizade.........	amizade;
37	7	respeito, ...	respeito
56	6	quebrantava,.....	quebrantava
		Canto X.	
55	6	vencido;	vencido
94	5	Estes buscando ...	Que vão buscando
		Canto XI.	
20	2 e 3	Tutelares, Genio do escuro	Tutelares Genios d'escuro abysmo
29	7	depondo a Corôa,	depondo a Cr'ôa,

Oitavas	*Versos*	*Erros*	*Emendas*
39	6	Moção	Monção
45	5	Cambaico infestava	Cambaic' ell' infestava
50	6 e 7	....	(................)
70	5	sobraçado	embraçado
76	4	Ao	O
		Canto XII.	
82	3	E sobraçando ...	E embraçando
Idem	4 e 5	Armada poderosa;	Armada poderosa